

Memória Histórica da
Faculdade de Medicina
do Terreiro de Jesus
(1943-1995)

Rodolfo Teixeira



**MEMÓRIA HISTÓRICA DA
FACULDADE DE MEDICINA
DO TERREIRO DE JESUS
(1943-1995)**



Largo do Terreiro de Jesus (Salvador/Bahia) - Faculdade de Medicina

Rodolfo Teixeira

MEMÓRIA HISTÓRICA DA
FACULDADE DE MEDICINA
DO TERREIRO DE JESUS
(1943-1995)

Capa: Pintura de Diógenes Rebouças

3ª edição
EDUFBA
Salvador
2001

Universidade Federal da Bahia

Reitor

Dora Leal Rocha

Vice Reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia M. Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninó El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Capa e projeto gráfico

Gabriela Nascimento

1ª Reimpressão: 2013

Teixeira, Rodolfo

Memória histórica da faculdade de medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)/ Rodolfo Teixeira; capa de Diógenes Rebouças. 3ª. ed. - Salvador: EDUFBA, 2001.

288 p.; il.;

ISBN 85-232-0240-4

1. - Medicina - Bahia - História 2. - Faculdade de Medicina - Bahia - Memória. I. - Título

CDU - 61:091(813.8)

CDD - 610.814.2

Sumário

Prefácio do Prof. Thomas Cruz **9**

Prefácio à 3ª edição **11**

Motivos. Agradecimentos **15**

Prólogo **21**

I

Diretrizes-Conceitos **27**

Preâmbulo **29**

Memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia **31**

Fontes que alimentaram a busca realizada pelo autor **37**

II

Questionamentos e Razões: O Enigma da Faculdade de Medicina **43**

Por quê? **45**

Como responder a esses questionamentos **46**

A Faculdade de Medicina e os seus professores **56**

As universidades européias e a sua influência **62**

Fundações estrangeiras **65**

Reflexões sobre a qualidade do professor **67**

O meio e suas características **69**

O povo e as etnias **71**

Afinal, não há enigma algum **80**

III

Cinquenta e Dois Anos de História (1943-1995) **81**

Quase tudo se transformou **83**

1808-1995 **83**

1943-1995 **87**

1943 - Salvador: Faculdade de Medicina **91**

IV

Anos de Transição **93**

1ª Fase (1943-1946) **95**

Influências externas **96**

Perfil da Faculdade na época **97**

Como se fazia o ensino **104**

O ciclo básico **108**

O ciclo clínico **110**

Clínica cirúrgica **114**

Visão crítica do ensino **117**

2ª Fase (1947-1950) **121**

V

Os Melhores Anos **131**

2º período (1951-1964) **133**

O melhor momento **136**

O ciclo básico **138**

O ciclo clínico **140**

A pesquisa **148**

Sombras ameaçadoras **149**

VI

Anos de Obscurantismo e Omissão **153**

3º período (1964-1982) **155**

O ano de 1968 **158**

O ensino e as reformas **164**

Raízes da reforma **167**

A reforma universitária **171**

Como se fez a reforma universitária na Faculdade de Medicina da Bahia **174**

Reflexões **187**

O Hospital de ensino **203**

Ideias sobre a reforma universitária **208**

VII

Os Novos Tempos **215**

1980-1995 **217**

A crise no mundo moderno **220**

A medicina e seus atuais caminhos **224**

A Universidade Federal da Bahia e a Faculdade de Medicina **228**

VIII

No Limiar do Terceiro Milênio **243**

Tudo passa **245**

Conclusão **249**

Obras Consultadas **251**

Anexo 1 **263**

Anexo 2 **264**

Anexo 3 **266**

Anexo 4 **276**

Esta publicação, escrita com esmero e carinho especiais, é um depoimento de personagem e autor, o testemunho de uma época, mas é, sobretudo, uma profunda e eloquente declaração de amor.

Não é apenas a memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, de 1943 a 1995, cujo preparo sugeri à congregação da escola médica primaz do Brasil, enquanto seu diretor, em um dia de inspirada reunião. A escolha, para escrevê-la, do nome de um de seus mais lídimos e dedicados representantes, foi um momento de felicidade, vez que o prognóstico do empreendimento, que era um desafio, passou a se afigurar extremamente favorável.

Mas o que vamos avidamente ler, de uma só assentada, superou as expectativas. Não é o frio resumo de mais de meio século da existência recente da idolatrada Faculdade de Medicina da Bahia, hoje da Universidade Federal da Bahia. É o expressivo relato de alguém que viveu intensamente, relevante e produtiva parte de sua existência na Faculdade e que recorda os acontecimentos, atos e fatos, enxergados com clareza através de uma ótica participativa.

Quem vivencia de perto e envolvidamente as dificuldades e desditas de uma instituição como a nossa, aprende a amá-la ainda mais e mais se orgulha de seus feitos gloriosos e se dispõe a ser o arauto de suas realizações.

Este livro preenche uma lacuna, se constitui em uma ponte de há muito necessária entre o passado e o presente e é um incentivo para o futuro. É uma mensagem a um só tempo realista e otimista do hoje sobre o ontem, visando o amanhã.

O professor Rodolfo dos Santos Teixeira, autor e personagem, é, além de cuidadoso e apaixonado relator destes vividos comentários e anotações, um dos heróis desta jornada. Um de seus líderes, um de seus operários, um soldado. Chefe e companheiro, estímulo e exemplo. Faz parte de um rol muito especial – ele é um daqueles que pode escrever, com propriedade e autoridade, páginas definitivas da saga desta casa e desta gente, pode redigir o sumário de um momento de transição, de altos e baixos, sempre porém mais altos do que baixos, apesar dos óbices, dos empecilhos, das barreiras.

A FAMED prossegue, pujante, impávida e bela, vetusta e tradicional, mas cada vez mais jovem porque sempre renovada, não só por novos professores, mas pela chama que se mantém acesa e brilhante dos seus segmentos docente, discente e técnico-administrativo. Ela vai escrevendo sua história através de quem pode fazê-lo com segurança e eficiência, com discernimento e paixão, com a dureza necessária e a merecida ternura.

Obrigado, professor Rodolfo Teixeira, por deixar meu nome e meu verbo figurarem no mural desta bela obra que é seu livro, a biografia de uma era importante destes quase 190 anos. Permita que o faça meu também, como de todos que sincera e verdadeiramente veneram nosso colégio médico. Melhor presente vosmecê não teria dado à sua escola-mater, além de seu desempenho, do que este que oferece agora.

Thomaz Cruz

Diretor da Faculdade de Medicina (1992-1995)

Prefácio à 3ª edição

A edição anterior deste livro aconteceu em um momento que já se distancia no tempo.

Na época atendeu à intenção do autor, que, ao escrevê-lo, quis, com simplicidade e sem atavios, reverenciar a Instituição a que servira durante quase meio século.

Registrou também – e estas foram suas principais intenções – duas situações muito especiais: a aposentadoria que o afastava da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, a sua casa e o seu refúgio de muitos anos; e a deferência do Conselho Universitário em conceder-lhe um honroso título, o maior da sua carreira docente.

O mundo de hoje não é mais o mesmo de quando findou, em 1995, o período que lhe coube refletir e fixar o texto que compõe o livro editado.

Novas concepções e técnicas deram à Medicina um passo diferente e bem mais ágil na sua caminhada secular, conquanto, já naquele ano, fosse acelerado.

Hoje, decorridos seis anos desde quando se concretizou a primeira edição deste livro, a Medicina praticada e a Medicina ensinada seguiram, inexoravelmente, a esteira deste desenho.

E há de ser sempre assim. A ânsia dos homens é caminhar sem descanso e ascender às ambições dos sonhos que povoam o seu espírito, das quais não pode jamais se negar em atender. É o seu destino.

Quanto à Faculdade, os acontecimentos que preencheram este tempo – 1943/1995, modificaram-na nos seus princípios e na sua imagem. Não poderia ser diferente disso, pois teria mesmo que se ajustar à força irrecorrível da evolução.

Contudo, determinadas mudanças foram chocantes e desequilibraram-na fortemente.

Entre todas, claramente, se delinea o desgaste das lideranças intelectuais, representadas por muitos dos seus professores, diluídas, descaracterizadas e banalizadas. Sem elas, a condição de professor de Medicina na Bahia passou a não ter atrativos e significados maiores, desviando e desencantando vocações. E nem a criação dos cursos de pós-graduação, iniciativa sadia e merecedora de sinceros aplausos, foi o suficiente para encontrar o equilíbrio e a estabilidade que pudessem acompanhar os avanços havidos no mundo e mesmo em muitas regiões do país.

A Instituição perdeu espaço. O seu Hospital-Escola passou a ocupar posição secundária em relação a de outros hospitais da Cidade. Transferiram-se, em escala indevida, os centros de evolução de conhecimentos e de realizações da prática médica, do núcleo onde verdadeiramente deveriam ser moldados – a universidade, para a iniciativa particular ou com outras designações, cujo objetivo principal não era o da formação de gerações elitizadas ou da pesquisa em busca de informações novas da nossa nosologia.

Cada um de nós vive o que é próprio do seu tempo. Nem sempre é aconselhável voltar as vistas e contemplar as jornadas passadas, embora sem esquecê-las, para evitar comparações, inúteis e cansativas, com o presente.

Nem tão pouco competir com os que chegam, donos da fortaleza das manhãs claras da juventude, que, por sua vez, terão em suas vidas, também, algum dia, de contemplar as sombras do entardecer.

Já não me ouvem os jovens estudantes com quem acostumei-me, ano a ano, aos encontros amenos e sadios nas salas de aula, nas enfermarias, nos corredores dos hospitais.

Não perdi a fé e nem perdi a vontade de participar do espaço que decidi ser aquele que deveria compor o meu destino. Não me arrependo de tê-lo feito.

Penso, agora, nas razões daqueles que conduzem as entidades médicas mais representativas da minha terra, que tanto me alegraram em patrocinar a nova edição deste livro:

Dr. Roque Andrade

Presidente da Associação Bahiana de Medicina

Dr. Antônio Carlos Aleixo Sepúlveda

Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia

Dr. Alfredo Boa Sorte Júnior

Presidente do Sindicato dos Médicos do Estado da Bahia

Dr. Jadelson Andrade

Vice-Presidente Leste-Nordeste da Associação Médica Brasileira

Dr. Walney França Machado

Presidente da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Bahia

Dra. Maria Thereza de Medeiros Pacheco

Presidente da Academia de Medicina da Bahia

Dr. Ildo Simões Ramos

Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

Dr. Raimundo Nonato Gouveia

Presidente do Instituto Brasileiro da História da Medicina

Dr. Augusto Holmer

Presidente do Clube dos Médicos

O gesto generoso que tiveram, reconhecimento, é certo, representa a fraternidade e o entendimento de valores que ambos, eles e eu, construímos ao longo de um caminho vivido.

Unem-nos os mesmos motivos: o respeito à ciência que procuramos servir e o amor à velha e querida Escola - Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus.

Motivos.

Agradecimentos.



A presente edição da *Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)* é a segunda.

A primeira, restrita a uns poucos volumes, teve como objetivo principal marcar a aposentadoria compulsória do seu autor e, ao mesmo tempo, cumprir uma tarefa que lhe fora destinada pela Congregação da Faculdade de Medicina, seguindo a orientação do seu diretor, na época o professor Thomaz Cruz.

Teve o inestimável apoio da “Brazilian Journal of Infectious Diseases”, órgão oficial da Sociedade Brasileira de Infectologia. Essa edição, lançada em 1997, foi realizada pela Editora Contexto, através de D. Luciana Bastianelli, responsável pela composição gráfica do trabalho.

Esta nova edição representa, simbolicamente, um outro momento maior na vida acadêmica do autor desta Memória Histórica da Faculdade de Medicina. É que o Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia acolheu o seu nome para receber o título de “Professor Emérito” da Universidade Federal da Bahia, que fora, para ele, pleiteado pela Congregação da Faculdade de Medicina.

Após tomar conhecimento da comunicação que recebeu sobre a honrosa concessão do título, o Professor, alvo de tão distinto gesto, procurou o Magnífico Reitor, Professor Heonir Rocha, para agradecer a ele e ao Conselho Universitário. Na ocasião, ficou acordada a possibilidade de editar esta Memória Histórica, o que agora se concretiza.

Não é pequena a lista dos que contribuíram com o seu trabalho e a sua confiança no esforço que se fez para relembrar os dias que compuseram a



história da Faculdade de Medicina da Bahia, em um período tão rico de importantes acontecimentos.

Foram muitos e valiosos.

Agradeço.

Ao atual diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, o professor José Antônio de Almeida Souza, cujo mandato, embora iniciado além dos limites fixados para esta pesquisa, sempre manifestou, com entusiasmo, o seu estímulo decidido para que este trabalho alcançasse o fim pretendido. Isto reafirma o seu propósito obstinado em reverenciar e amparar as tradições da Escola de Medicina do Terreiro de Jesus.

Ao professor Roberto José da Silva Badaró, um amigo dileto, capaz e fiel.

À D. Maria da Graça Augusto da Silva que tem sido, ao longo de muitos anos, preciosa companheira de trabalho. Nesta, como em outras vezes, sempre foi constante e eficiente na busca de documentos, na ordenação e na revisão do texto.

Ao professor Constantino Vilarinho e à professora Myriam Augusto da Silva Vilarinho, pelo paciente empenho em analisar o texto e aconselhar-me em dúvidas e dificuldades.

À D. Eurydice Pires de Sant'Anna, competente bibliotecária, cujo nome em sua área profissional é dos mais considerados em nosso meio, a quem devo muito, hoje e no passado.

Ao Hospital Português da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência Dezesseis de Setembro, que, através do Centro de Estudos Prof. Egas Moniz, contribuiu expressivamente para que se levasse a bom termo este trabalho.

À D. Raimunda Cristina Batista de Souza pelos serviços de digitação.

Aos funcionários da Faculdade de Medicina da Bahia pela colaboração que prestaram no acesso a documentos do acervo histórico da Instituição.

À D. Luciana Bastianelli, responsável pela composição gráfica da primeira edição deste livro.

Agradeço e aplaudo a excelência do trabalho gráfico realizado pela Editora da Universidade Federal da Bahia, em particular à sua diretora, D. Flávia M. Garcia Rosa.



“O fim para que os homens inventaram os livros
foi para conservar a memória das coisas passadas
contra a tirania do tempo e contra o esquecimento,
que ainda é maior tirano”.

*Sermão de Nossa Senhora da Penha de França, pregado em
Lisboa no ano de 1652.
Padre Antônio Vieira*

“Uma casa tem muita vez as suas relíquias, da tris-
teza que passou,
da felicidade que se perdeu.”

*Relíquias de Casa Velha
Machado de Assis*



*A*s palavras se acomodam com elegância,
harmonia e sentimento. Nasceram de penas ilustres
e maiores. Foram as que o autor desta memória
encontrou mais apropriadas para meditar as
reminiscências, reunidas ao longo dos anos; dos
anos que viveu abrigado sob o seu teto generoso; e
dos anos em que os livros, os registros e as
testemunhas confiáveis deram-lhe a conhecer
os caminhos da história da Faculdade de
Medicina da Bahia.

Prólogo



A Faculdade

Tudo começou onde, nos primórdios dos tempos coloniais, os padres da Companhia de Jesus levantaram o primeiro núcleo de educação na Nova Terra. O Colégio dos Jesuítas, plantado no Terreiro de Jesus, foi o berço da Faculdade de Medicina da Bahia. Um privilégio especial, um favor singular do destino.

A nova instituição teria que assumir um compromisso com esta boa fortuna, com o qual deveria se apegar, de tal forma que não lhe seria possível mais desobrigar-se dele em qualquer momento da sua vida, fossem quais fossem as circunstâncias.

Embora não esquecendo o prestígio do seu passado, o Colégio da Companhia de Jesus, transmutado, em parte, no Hospital Real Militar, abrigou a Escola de Chirurgia da Bahia, modesta e simples, mal começando a viver, lá pelos idos de 1808.

Durante breve período, o ensino que se fazia da medicina nos seus primeiros e inseguros passos, afastou-se do Terreiro de Jesus. É que a Academia Médico-Chirúrgica, criada pela Carta Régia de dezembro de 1815 e que sucedeu à Escola de Chirurgia da Bahia, transferiu-se para o Hospital da Santa Casa, um pouco além, na rua da Misericórdia. Não demorou muito e voltou ao Terreiro de Jesus em outubro de 1832, agora, definitivamente, para ficar sob a égide de um nome lendário: o da Faculdade de Medicina da Bahia. Lá permaneceu até 1969, quando uma impensada e injustificada providência administrativa obrigou-a a



se deslocar para o vale do Canela, onde lhe foi imposta uma esdrúxula edificação, como a sua sede.

Ah! O velho prédio impregnado por relíquias centenárias é indissociável do quadro que se descortina das suas sacadas e das janelas das suas salas. Bem em frente, a ilha de Itaparica, tendo de permeio as águas tranquilas e azuis, onde perpassam serenas as velas das embarcações. Ao entardecer “tímido, o olhar do sol bóia de vaga em vaga”¹ a procura de repouso, aconchegando-se atrás da linha do horizonte, que a própria ilha desenha. Ao longe, o suave perfil da península de Itapagipe, em que se destaca, mística e milagrosa, a colina de Nosso Senhor do Bonfim. A vista se volta para o outro lado e se depara com a ponta de Santo Antônio, na entrada da barra, enfeitada por uma mimosa igrejinha, que completa um cenário de ternura e de sonhos, e que tantas histórias tem a contar. Embaixo, as encostas verdejantes, “*o verde ninho murmuroso debruçado sobre as ondas de eterna poesia.*”² E o telhado do casario, movimentado e rico, da Cidade Baixa.

O vocábulo “velho”, que aqui aparece, não deve ser tomado no sentido depreciativo de imprestável, sem serventia e em desuso. O que se quer é realçar, em um gesto respeitoso e afável, são as linhas de uma instituição que ainda hoje estão bem vivas, tendo a seu favor a saga de um passado valioso de quase dois séculos, incrustado no mais íntimo das gerações que lá viveram.

As casas presenciaram o empenho dos homens que deram vida à Escola Médica da Bahia. As suas paredes guardam as lembranças do que se passou, das coisas mais simples às mais grandiosas, do trivial aos momentos maiores. Algumas já não existem mais, vencidas pelo tempo. Outras, continuam, mas sem as suas características primitivas, desfiguradas e gastas. Ao lado delas, de construção mais recente, prédios que ainda não encontraram a autenticidade conferida pelos anos.

A Maternidade Climério de Oliveira é um outro símbolo da Faculdade de Medicina. Diante dela, reverentes, se curvam, em um gesto de gratidão, gerações de médicos que lá aprenderam guiados por mestres ilustres a

¹ Arthur de Sales “Ocaso no mar”

² Ruy Barbosa



Obstetrícia; e por cidadãos da comunidade da Bahia, sobretudo a gente simples, que tanto se valeu do seu desvelo e da sua competência.

O Ambulatório Augusto Vianna, construído em uma área adquirida pela Faculdade com seus próprios recursos, é um momento especial na vida da velha escola. Significou muito, porque reuniu esperanças que deveriam se concretizar na construção do Hospital das Clínicas. Em seu lugar, hoje, existe o Palácio da Reitoria.

Com o tempo, já no fim do século XIX, a Faculdade encontrou guarida para os seus serviços médico-cirúrgicos no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, o Hospital Santa Isabel, na época recém-inaugurado, no largo de Nazaré. Neste local permaneceu até 1948, quando foi construído o Hospital das Clínicas, hoje, Hospital Universitário Prof. Edgard Santos.

O Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, nos seus primeiros anos de funcionamento, é o símbolo de um período de fausto na vida da Escola. Materializou muitos sonhos. Produziu em plano superior um trabalho de méritos que mereceu o reconhecimento da comunidade.

Os Acontecimentos

Os acontecimentos, antes de tudo, dependem da ação, da inteligência e da vontade dos homens. Quem se dispuser a analisar e a compreender o que se passou em um certo momento e em um determinado local, há de se ocupar, primeiro que tudo com os homens que lá viviam, quais as suas raízes, o que faziam e o que pensavam. Esta reflexão conduziu o esforço que se fez para conceber o texto da memória redigida; e compreender o que nela está registrado. Um passado rico, um presente incerto, um futuro pleno de esperanças.

Fala-se, hoje, em globalização, na grande e única aldeia em que se transformou o mundo, como uma novidade excepcional. Bem pensado, porém, o fato é que a globalização que se propala sempre existiu. Apenas, os acontecimentos gerados em alguma parte do universo, sejam eles quais tenham sido – políticos, econômicos, sociais ou outros – repercutem sempre em todos os recantos, mais lentamente antes, bem mais rápido nos tempos



atuais. É que outrora não existiam os recursos da comunicação fácil, quase instantânea, a moderna cibernética – estes, sim, novidades inquestionáveis – que deram uma outra face à história contemporânea.

Cada vez mais rapidamente, quase uma vertigem, todos os povos e todas as regiões do mundo se entrelaçam e se interdependem. Mesmo os mais ricos e poderosos não estão a salvo dos povos colocados na outra face da moeda, pobres e fracos, mas com capacidade, paradoxalmente, de influir e de ameaçar a estabilidade dos que vivem abastados e seguros, pois se apossam, conhecendo-os detalhadamente, dos seus poderes e das suas fraquezas. É como se fossem as peças de uma cadeia, dispostas de tal forma que, quando a primeira é deslocada, todas as demais, sucessivamente, solidárias, acompanham este movimento.

O mundo, os continentes, os países, os estados, as comunidades, os homens e as instituições que organizaram, cada qual vivendo o seu papel, produzindo mútuas influências em todos os sentidos, frequentemente amplas e profundas, formam um bloco indivisível. Nesse contexto, forçosamente, a Faculdade de Medicina da Bahia deve ocupar o seu pequenino espaço, como, de resto, acontece com todas as organizações semelhantes. Convém dizer, assim, que esteve sempre subordinada ao que aconteceu em todos os tempos da sua existência, nas esferas superiores a ela.

De um certo modo, ao se considerar o período entremeadado entre os anos de 1943 a 1995, sinto estar respaldado e tranquilo em abordá-lo. Primeiro, pelas reflexões que fiz. E, depois, porque tenho plena consciência dos acontecidos nesse meio século da vida da Faculdade de Medicina da Bahia.

É que acompanhei e participei de muitos dos fatos ocorridos. Conheci quase todos os professores que constituíram o seu corpo docente, ao longo desses anos. Convivi com os diretores que administraram a instituição. Fiz parte de conselhos e colegiados, principalmente da Congregação. Vivi em cada um dos seus espaços, nas suas sedes, nos seus hospitais de ensino. Sempre fui um sincero interessado no seu destino. Dessa forma, participei, no último meio século, da sua história e contribuí com uma pequena parcela do meu trabalho para dignificá-la.

Reconheço, como redator desta obra, que a memória não está completa; muitos fatos deixaram de ser registrados – o que não foi intencional – já

que não os conheci em profundidade. Além disso, não pretendi esgotar o assunto e, em nenhum momento, cogitei atingir a quem quer que fosse. Bem ao contrário. Sempre procurei encontrar as melhores características das pessoas que figuram no texto. Registrei os acontecimentos tal como me pareceu mais correto.

Ao redigir esta **Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia do Terreiro de Jesus (1943-1995)**, confidencio que aceitei a tarefa com íntima e sincera satisfação. É que ela significou uma oportunidade singular que me permitiu registrar as impressões acumuladas ao longo de todos esses anos, a minha vida acadêmica, iniciada quando assomei à porta do templo como jovem estudante, e que agora chega a seu termo, no momento preciso em que dela me despeço, obedecendo a uma contingência sem recusa.

Rodolfo dos Santos Teixeira



I

Diretrizes – Conceitos



Preâmbulo. Tarefa difícil, mas necessária. O especial significado de um longo e rico período em acontecimentos. Propósitos que motivaram o autor. Fundamentos e objetivos das memórias históricas. Os compromissos de um memorialista. Prioridades a serem observadas.

Memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia. Seus autores. As que se perderam e as que ainda estão preservadas. Menções especiais. As observações mais frequentes, propostas de reforma do ensino médico.

Fontes que alimentaram a busca realizada pelo autor. Critérios. O testemunho do memorialista. Entrevistas. Arquivos: o que se perdeu e o que ainda existe. A biblioteca da Faculdade, o incêndio de 1905. Outras fontes: periódicos de organizações médicas e da imprensa leiga. A Gazeta Médica da Bahia. Pronunciamentos de autoridades. Livros que tratam de assuntos pertinentes à medicina na Bahia.

Diretrizes - Conceitos



Preâmbulo

Escrever a **Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia do Terreiro de Jesus (1943-1995)** foi uma tarefa plena de dificuldades e trabalho, mas, absolutamente, necessária. Afinal, buscou-se fazer o relato dos acontecimentos ocorridos em pouco mais de meio século.

O historiador que se ponha a ordenar e a refletir o destino da Faculdade de Medicina da Bahia, desde os seus primórdios até os dias de hoje, terá amplas razões de considerar os últimos 52 anos de fundamental significação, talvez mesmo, os de maior importância na vida da instituição.

É que se sucederam nesses anos tais e tantos avanços, mudanças estruturais, em profundidade e extensão, dos modelos e das concepções, que o mundo daquela época quase não é reconhecido mais, quando a vista se volta e repassa as reminiscências acumuladas. A medicina e o seu ensino seguiram no bojo dessas transformações.

Os mais bem informados de há 50 anos atrás não seriam capazes, sequer, de imaginar o que é a medicina de hoje. Quase tudo mudou, conservando-se, porém, os princípios milenares que fizeram dessa profissão uma arte inigualável.

O redator desta memória está perfeitamente consciente da sua responsabilidade em contribuir para ajudar a compreensão, agora e no futuro, dos fatos que formaram e conduziram o destino desta instituição de ensino médico, de indiscutível importância na história da medicina no



Brasil, em um período tão rico de mudanças profundas. Ao ter assumido o encargo que lhe foi confiado pela Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, procurou, da melhor maneira, refletir com isenção e analisar a documentação que pôde reunir.

As conclusões a que chegou refletem o seu pensamento e ao formulá-las se empenhou em observar cuidados especiais, tais como: fugir dos questionamentos menores; procurar compreender o comportamento dos indivíduos que participaram dos acontecimentos, desde que reconhecidas a sua boa fé e a correção dos seus propósitos; evitar que sentimentos subjetivos pudessem interferir sobre o juízo verdadeiro que procurou fazer dos fatos apreciados nas suas pesquisas e meditações; reconhecer que os acontecimentos que motivaram as suas observações e conclusões poderão ser interpretados de outra forma por pesquisadores igualmente honestos e sinceros.

Cabe lembrar que de há muito não se vem observando um preceito, instituído em 1854: redigir, anualmente, a Memória Histórica da Faculdade. Considerou o autor que esta é uma maneira de não esquecer um precioso patrimônio de cultura reunido por gerações de professores e de médicos.

A memória histórica de uma instituição é o registro dos fatos que construíram a sua vida. Dos seus momentos maiores e agudos e da sucessão das ocorrências repetidas e habituais, o seu cotidiano. A memória histórica, todavia, não se resume na simplicidade dos relatórios ou de outros documentos oriundos das funções administrativas. Vai além. Deve buscar as origens e as razões que inspiraram e geraram as forças de onde, afinal, resultaram os acontecidos. Esforça-se por entender e interpretar, em reunir e ordenar experiências, projetá-las no futuro, em benefício das decisões que se renovam sempre e que acabam orientando os destinos de pessoas e coletividades.

Reconhecem-se, assim, dois aspectos básicos: o primeiro é o relato dos eventos que o narrador presenciou ou de que participou, ou que lhes foram contados por testemunhas confiáveis, ou, ainda, de que tomou conhecimento através de documentos a que teve acesso. É uma função quase mecânica, a qual requer, apenas, a fidelidade e a correção dos registros. O segundo depende do juízo crítico dos fatos; é da responsabilidade única do autor, do seu arbítrio e da sua interpretação.



A memória histórica não é um esforço sem consequências e tão pouco representa um confronto com a modernidade equilibrada e construtiva. Não é um obstáculo ao progresso, não retroage, bem ao contrário, a ele se associa com a experiência vivida, prevenindo as iniciativas aligeiradas, fantasias perigosas, capazes de confundir e inverter conceitos. Ao memorialista não convém limitar o seu trabalho, em fixar o que ocorreu no período que lhe coube analisar.

Cumprir lembrar que nada na vida subsiste isoladamente, sem relacionamentos ou dependências com o que se passou e passa no organismo social, nas imposições econômicas e políticas, nas determinações da universalidade da história e na lembrança de ser o homem, necessariamente, solidário permanente com o meio físico e social em que viveu e vive os seus dias. O memorialista não deve esquecer a importância daqueles que sublimaram ideais, conceberam ideias e que trabalharam muitas vezes anonimamente. Afinal, foram os homens com este perfil que montaram o caleidoscópio da história que vai ser contada, atenta ao *modus vivendi* deles. Esta é a razão do empenho, que se admitiu como prioridade, de fixar no texto, perfis de professores, desde que se oferecessem as oportunidades, adequando-os às situações que serviram como exemplos.

Memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia

A reforma do ensino de 1854 impôs à Congregação da Faculdade de Medicina a obrigação de indicar, anualmente, um professor para redigir a Memória Histórica do ano seguinte. Nela deveriam constar não só as ocorrências mais importantes, como também os comentários que o autor julgasse pertinentes. Esta norma foi obedecida sem interrupção até 1915, quando a sequência se interrompeu. Em 1924, redigiu-se novamente uma outra memória, descontinuando-se a série, durante oito anos, época em que apareceu a última deste século, em 1942. É de interesse lembrar os autores dessas memórias, relacionados, devidamente, no anexo I.

Uma vez apresentados à Congregação e aprovados, os textos deveriam ficar guardados na biblioteca da Faculdade de Medicina. A última vez em



que se determinou a obrigatoriedade da redação anual da memória histórica foi no Regimento Interno da Faculdade de Medicina no ano de 1948, no capítulo 2, artigo 94, item T, que continuou a recomendar a eleição, na última reunião da Congregação em dezembro, do redator da memória histórica do ano subsequente. Não há, contudo, em documentos posteriores, a supressão desta recomendação.

Foram redigidas 64 memórias históricas. Encontram-se, devidamente encadernadas e arquivadas no Memorial de Medicina, no Terreiro de Jesus, 36, o que equivale a 56,2% do total. Eis a relação delas:

1855	1871	1902
1857	1873	1903
1858	1877	1904
1859	1878	1906
1861	1879	1907
1862	1882	1908
1864	1883	1909
1865	1885	1910
1866	1892	1911
1867	1893	1914
1869	1895	1915
1870	1924	1942

Documentos preservados e disponíveis no *Memorial de Medicina*, Terreiro de Jesus.

Não se tem notícias de 28 delas - 43,8%, correspondentes aos seguintes anos:

1854	1875	1888	1898
1856	1876	1889	1899
1860	1880	1890	1900
1863	1881	1891	1901
1868	1884	1894	1906
1872	1886	1896	1912
1874	1887	1897	1913



Todas foram apresentadas à Congregação e aprovadas, à exceção de três delas:

- . a de 1862, de Domingos Rodrigues Seixas;
- . a de 1874, de Domingos Carlos da Silva;
- . e a de 1896, de Raimundo Nina Rodrigues.

A primeira e a terceira por terem os autores discordado da Congregação na interpretação de fatos e de conceitos aparecidos no texto. Domingos Rodrigues Seixas reviu o seu trabalho, e voltou a apresentá-lo resumidamente, e a Congregação aceitou nova versão; porém, na época, o autor publicou, às suas custas, o manuscrito inicial.

Algumas mereceram destaques especiais:

O trabalho de Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, relativo ao ano de 1924, está entre os mais completos. O autor não se limitou ao que lhe cabia narrar. Estendeu a sua análise à própria história da Faculdade, com fino equilíbrio, senso crítico, sem o traço negativista manifestado, em outras oportunidades, por vários memorialistas; erudito sem exageros; respeitoso e afetuoso pela instituição a que servia. É de qualidade superior pela correção do estilo e pela soma de informações que reuniu.

Malaquias Álvares dos Santos foi o autor da primeira, em 1854. Deve ser realçado o seu trabalho pela fidelidade com que descreveu os primeiros anos da Faculdade, detalhando o estilo dos professores, as características das atividades do novo Instituto de Ensino Médico na Bahia, que procurava, então, se aprumar.

Devem ser ressaltados, igualmente valiosos, os trabalhos de José Olympio de Azevedo (1883), Luiz Anselmo da Fonseca (1891), Alfredo Britto (1900) e Antônio Pacífico Pereira (1882).

Entre as que se perderam lamenta-se, pelo prestígio e potencial intelectual dos seus autores, a falta das memórias, escritas em 1880 (Virgílio Clímaco Damazio) e em 1890 (Manoel Victorino Pereira). A de 1880, definitivamente perdida; a de Manoel Victorino Pereira, contudo, apareceu no relatório do Ministro do Interior da República no ano de 1892 e assim foi, em parte, preservada.



Prof. Manoel José Estrela



Prof. Antônio José Alves



Prof. Virgílio Damásio



Prof. Luiz Anselmo da Fonseca



Frequentemente, os redatores das memórias apontaram falhas nos programas de ensino e deficiências de meios, tais como: a inadequação das enfermarias, a ausência ou precariedade de laboratórios apropriados; o imobilismo, a repetição de aulas teóricas sem que os professores buscassem atualizá-las; as faltas dos lentes no atendimento das suas obrigações durante períodos consideráveis; o ensino através do discurso, sem o exemplo da prática e da ação nas enfermarias, ambulatórios e laboratórios; as dificuldades de relacionamento entre os docentes propiciando ocorrências de situações dúbias e decisões discutíveis; e o modesto espírito de pesquisa. A reforma do ensino, tal como era praticado na época na Faculdade de Medicina, foi sugerida, com frequência, pelos redatores das memórias.

Todos esses desvios apareceram de modo contundente na memória histórica do ano de 1896, da autoria de Nina Rodrigues, o que motivou a sua rejeição definitiva pela Congregação. Todavia, ela é uma das mais citadas, não só em razão da notoriedade do autor, como também pelo tom de protesto e de alerta e pela necessidade de cobrar a falta de ambição em pesquisar no trabalho dos homens que compunham o corpo docente da Escola Médica da Bahia.

A crônica dos acontecimentos relativos ao ano de 1942, da autoria de Eduardo Sá de Oliveira, tem um interesse especial: consigna os dados biográficos de vários professores da Faculdade, que se perderiam, provavelmente, não fôra o trabalho deste memorialista.

Os que se interessarem pelas amenidades da história, poderão encontrar motivos que os atendam ao ler algumas crônicas, como por exemplo, a de Antônio José Alves (1857), nada mais, nada menos, do que o pai do poeta condoreiro – Antônio de Castro Alves.

Essas crônicas significam material indispensável a quem se propõe a compreender a história da Faculdade de Medicina da Bahia. Os registros, consequência das obrigações rotineiras, que periodicamente se faziam na vida da instituição (relatórios, atas, etc.) são também importantes, mas, nunca as substituirão. É que faltam, nessas anotações, o sentido crítico e as ilações consequentes, as quais, naturalmente, resultam da personalidade e da visão daqueles que redigem o texto histórico.



Prof. Antônio Pacífico Pereira



Prof. José Alves de Melo



Prof. Domingos Alves de Melo



Prof. Manoel Vitorino Pereira

Fontes que alimentaram a busca realizada pelo autor



O esforço inicial de quem aceita o encargo de escrever a crônica da vida de uma instituição consiste em reunir dados confiáveis, base do texto que pretende produzir. O passo seguinte é ajuizar as informações obtidas, procurando encontrar nelas a percepção verdadeira do que ocorreu, as razões, as consequências, o paralelo entre épocas que já se foram e as que estão por vir.

As lembranças do historiador que testemunhou ou mesmo participou dos acontecimentos é um amplo arquivo, possivelmente a sua fonte mais confiável. É certo que o memorialista corre o risco do impacto de influências, muitas vezes não percebidas e não controladas, dos sentimentos subjetivos, que podem modificar a visão imparcial, necessária à correta compreensão dos fatos.

Advertido, assim, o redator deste trabalho buscou, primeiro, subsídios nas suas meditações e reminiscências que se acumularam desde 1946, quando se tornou aluno da Faculdade de Medicina, até o ano presente, sem interrupções no seu interesse e cuidado. Considere-se que foram 52 anos.

A juventude e a madureza se impregnaram, igualmente, do mesmo respeito à Escola Médica do Terreiro de Jesus. As impetuosas visões da juventude, próprias desta quadra da vida, quando olhadas ao longe, na distância dos tempos, acabaram por adquirir formas definitivas e prudentes. O passar dos anos permitiu-lhe a ordenação, sem pressa, das suas reflexões, em que o equilíbrio dos julgamentos é o resultado mais apreciado.

Em várias oportunidades escreveu; em outras, apresentou-as em reuniões; também fixou suas impressões, observações e juízos, em assentamentos particulares, os quais, contudo, não vieram à lume; seguidas vezes, emitiu opiniões sobre o que se passou e o que se passava com a Faculdade de Medicina da Bahia, deixando sempre clara a sua preocupação, face às ameaças, ao destino dela, que surgiram ao longo dos anos. Depois, e em sequência, procurou se inteirar das impressões de quem viveu de perto a Faculdade de Medicina da Bahia, no período de 1943 a 1995.

Entrevistou professores, velhos conhecedores dos detalhes, da intimidade dos acontecimentos, das características de personagens do tempo, das verdades



Prof. Alfredo Britto



Prof. Augusto César Viana



Prof. Egas Moniz



Prof. Manoel Pirajá da Silva



nunca reveladas, conhecidas, apenas, de uns poucos. Ouviu, em alongadas conversas, Álvaro Rubim de Pinho, Edgard Pires da Veiga, Jayme Martins Vianna, Fernando Ribeiro Filgueiras, José Simões da Silva Júnior, Alcildio Barreto, José Moreira Ferreira, entre outros.

Os arquivos da Faculdade de Medicina foram e, obrigatoriamente, teriam que ser consultados: atas da Congregação, relatórios anuais de diretores da Faculdade, registros referentes a concursos, teses, formaturas e outros tantos. Não é difícil perceber a riqueza deste material e a sua contribuição, se por acaso, algum dia, for aproveitado, para o conhecimento de certos momentos da história da instituição.

Convém que se esclareça que parte deste acervo não foi encontrado, seja por desorganização, ou, simplesmente, desaparecimento. Alega-se, como uma das razões importantes, a transferência da sede da Faculdade do Terreiro de Jesus, primeiro, por volta do início da década dos anos 1970, para as precárias instalações do prédio da Clínica Tisiológica e, depois, para o caricato edifício que lhe foi destinado.

E, se mais não aconteceu, há de se agradecer a criação do Memorial de Medicina no reitorado de Macêdo Costa, quando, abnegados, a exemplo de Maria José Rabello de Freitas, desenvolveram atividades que preservaram parte do acervo, naquele tempo, desativando-se e destruindo-se.

Ainda é possível encontrar documentos preciosos, que também poderão ter o mesmo destino, se não forem poupados por providências imediatas. O acervo da Biblioteca da Faculdade poderia ser, também, uma inestimável fonte de informações, se não tivesse sido arruinado por absoluto descaso.

Deve-se recordar o incêndio do prédio da Faculdade do Terreiro de Jesus, em 1905, responsável pelo desaparecimento de documentos valiosos que retratavam a história da Instituição nos anos anteriores ao trágico evento. Não se sabe, hoje, quais foram, mas é fácil compreender que foram muitos.

Procurou o autor desta memória subsídios para o seu trabalho em periódicos da responsabilidade de organizações médicas (tais como o **Jornal da Associação Bahiana de Medicina**, **Jornal do Conselho Regional de Medicina** e da **Revista Médica da Bahia**) e da imprensa leiga; reportagens, pronunciamentos de diretores da Faculdade de Medicina, de reitores, de autoridades de vários Ministérios – Cultura, Saúde, Educação – de políticos,



Prof. Clementino Fraga



Prof. Oscar Freire

de professores ilustres, de médicos e de leigos – recordações, promessas, lamentos – eis tudo.

A **Gazeta Médica da Bahia** é uma fonte sadia e venerável, sempre consultada e sempre esclarecedora; referência obrigatória a quem se dispõe a aceitar encargos semelhantes aos que desafiam, agora, o autor deste trabalho. Acolheu-a todas as vezes que a ela recorreu e sempre acrescentou novas informações, bem além das que buscava.

Livros editados, ao longo desses anos, abordaram o tema e as dificuldades por que passava a Escola Médica do Terreiro de Jesus. Penas ilustres, moveram-se e comoveram-se, face ao desenrolar de muitos episódios que as deixavam perplexas. Alertavam, muitas vezes, em tom de denúncia, a sociedade e mesmo, além, a própria história, convocando os cronistas do futuro a refletir sobre os acontecidos.

O livro de Octávio Torres **Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina (1808-1946)**, editado na data da fundação da Universidade Federal da Bahia, é particularmente interessante. Tão ao gosto do autor, minúcias, pesquisas em arquivos, documentos fotográficos, apreciações de fatos e de pessoas aparecem no livro.

Embora não tendo acesso a ele, porque, presume-se, não existirem mais exemplares, mas conhecendo através de citações o seu conteúdo, vale mencionar o trabalho de Antônio Pacífico Pereira **Memórias sobre a Medicina na Bahia**.

O material que serviu ao autor foi constituído por quatro grandes livros, encontrados nos arquivos da Faculdade de Medicina. Neles estão registrados atas, matrículas, diplomas, relatórios, etc. referentes aos primeiros anos da Faculdade.

É oportuno destacar outros documentos consultados que esclareceram e interpretaram a reforma do ensino médico da década de 1960. A pesquisa também se estendeu a livros de alguns ramos do conhecimento, que se interdependem com a medicina, facultando a percepção real do período enfocado.





Congregação reunida em fins do século XIX



Congregação 1917



Congregação reunida em 1982

II

Questionamentos e Razões: O Enigma da Faculdade de Medicina



Por quê? O enigma baiano e o enigma da Faculdade de Medicina. Por que a Faculdade de Medicina foi como foi e é como é? As circunstâncias favoráveis, inteligências destacadas, trabalho dedicado, potência intelectual, civismo, esclarecimentos de aspectos da patologia regional.

Como responder a estes questionamentos.

Aspectos administrativos. Paralelo entre as escolas médicas da Bahia e do Rio de Janeiro, o norte e o sul. Aspectos políticos: no plano federal e no plano estadual, no Império e na República. A política local, a política partidária. O populismo dos anos 1980. Amador Neghme Rodriguez. O movimento revolucionário de 1964. Expectativas da juventude. Os verdadeiros objetivos do ensino. O administrador da Faculdade e as suas limitações. O homem, o meio e o tempo. O homem como elemento propulsor, insubstituível na sociedade.

O professor. As escolas de pensamento.

A Faculdade de Medicina e os seus professores.

A origem dos professores: poucos estrangeiros: José Soares de Castro, Manoel Henriques de Piva e Jônatas Abbott. Nascidos em outros estados.

Professores que construíram a sua formação na Bahia. Alicio Peltier de Queiroz, César Augusto de Araújo e João José de Almeida Seabra. Os que frequentaram universidades estrangeiras.

José Silveira e Fernando Freire de Carvalho Luz. Formação em outras cidades do Brasil, o Instituto Oswaldo Cruz. As “viagens de estudo”: Edgard Rêgo dos Santos, José Adeodato de Souza, Antonio Pacífico Pereira.



As universidades europeias e a sua influência.
Coimbra e Lisboa: Antônio Ferreira França e José Lino Coutinho. As universidades francesas: Paris e Montpellier. As universidades belgas: Lausanne e Bruxelas. A universidade de Edinburgo.

Fundações estrangeiras.
Fundações americanas: Fundação Rockfeller. Eduardo Lins Ferreira de Araújo. Fundação Kellog. Instituto de Saúde dos Estados Unidos. Universidades de Cornell e Pensilvânia.

Reflexões sobre a qualidade do professor. O predomínio do ensino teórico. Os primeiros tempos. A precariedade dos ambientes de ensino. As intenções da reforma Bom Retiro. Influência da Escola Tropicalista da Bahia. A reforma Leonardo de Carvalho. O início do século XX. Os progressos dos anos 1950 e 1960. A reforma universitária na década de 1970.

O meio e suas características. O meio onde nasceu e floresceu a Faculdade de Medicina. A cidade do Salvador. A Bahia de Todos os Santos. O comércio. Aspectos da economia.

O povo e as etnias. Os três troncos raciais. Suas características e sua representatividade entre os docentes da Faculdade de Medicina. A Congregação e a Sala dos Lentes. Juliano Moreira. Salustiano Ferreira Souto. Paralelo entre o comportamento das populações em diferentes regiões do país. Perfil da sociedade baiana. As elites e a “gente do povo”. O colonizador e o senhor de engenho: não faziam, mandavam. Repercussões sobre o ensino médico. A Faculdade e os acontecimentos históricos do seu tempo.

Afinal, não há enigma algum.

Questionamentos e Razões: O Enigma da Faculdade de Medicina da Bahia



Por quê?

Pinto de Aguiar, economista renomado, foi quem concebeu a expressão: “o enigma bahiano”. Usou-a para exprimir a perplexidade que o envolveu, ao sentir a desproporção de valores: as promissoras possibilidades da terra baiana e o retardo do seu desenvolvimento socioeconômico.

É aceitável estabelecer o paralelo desta situação com o caso particular da Faculdade de Medicina. Por quê? Por que a Faculdade de Medicina da Bahia foi como foi e é como é? Por quê?

Embora em várias ocasiões tivesse a seu favor circunstâncias favoráveis; embora possuísse em todas as fases de sua vida inteligências destacadas e vontades leais a lhe desejar o melhor; embora desenvolvesse os seus misteres em espaços ricos de motivos a lhe estimular a pesquisa, a procura de coisas novas – por que não se destacou mais, por que não produziu mais, por que não libertou toda sua presumida potência intelectual, frequentemente contida ou desviada para outros interesses? Por quê?

Por que a Faculdade de Medicina da Bahia conseguiu produzir, durante quase dois séculos, gerações de médicos, de que todas as regiões do Brasil se beneficiaram do seu labor dedicado e da sua competência respeitável? Por que esses homens foram capazes de competir e vencer em ambientes adversos mais favorecidos e mais afamados?

Por que, apesar de tudo, esclareceram alguns aspectos de patologia regional, através de trabalhos científicos reconhecidos na literatura nacional e estrangeira como de qualidade superior? Por que e como não ficaram indiferentes aos



momentos maiores e mais difíceis vividos pela sociedade baiana e brasileira, participando no atendimento às populações e na análise dos aspectos epidemiológicos e clínicos, características das epidemias e das endemias que ocorreram em nosso meio, tais como: a febre amarela, a peste, a varíola, a AIDS, a esquistossomose, a doença de Chagas, a leishmaniose e tantas outras?

Da mesma forma não se esquivou nas ocasiões em que a sua ação de civismo se fez necessária:

– na guerra do Paraguai, quando professores e estudantes se deslocaram para os longínquos campos de luta;

– no episódio de Canudos, quando transformou as suas salas de aula em enfermarias e recolheu feridos, enviou assistentes e alunos que socorreram o sofrimento dos que participaram da tragédia fratricida, que se desenrolou nos sertões da Bahia;

– no apoio ao movimento Constitucionalista de 1932 (poucos registros, se é que existem, da prisão, na penitenciária do Estado da Bahia, de seus professores e alunos);

– no gesto de solidariedade e ação, quando da intervenção do Brasil na segunda guerra mundial, através do movimento criado e liderado por professores e alunos da Faculdade – a “Legião dos Médicos para a Vitória”.

Tudo isso construiu o orgulho e a gratidão daqueles que, sob a sua orientação, foram conduzidos no aprendizado da medicina e da cidadania.

Como responder a estes questionamentos

As razões capazes de responder a estes variados questionamentos são múltiplas. Não se pretende analisá-las em profundidade – ainda porque isso estaria além da obrigação do redator desta memória; acredita-se, porém, ser oportuno considerá-las, embora brevemente, para que se sintam, assim, os fundamentos e a evolução do caminho percorrido pela instituição nesses últimos 52 anos.

Em princípio, convém considerar a necessidade de abordar de maneira clara e didática o tema, selecionando os tópicos mais significativos:

a) Aspectos administrativos e políticos. O ensino médico no Brasil floresceu primeiro na Bahia, como é sabido. Resultou de um momento político.



Gazeta Médica da Bahia
Volume I - 1866/1867



Fundadores da Gazeta Médica da Bahia: no alto à esquerda, Pacífico Pereira;
no alto à direita, Virgílio Damásio; no centro à esquerda, Silva Lima; no centro à direita, Paterson; abaixo à esquerda, Pires Caldas; abaixo à direita, Wucherer.



Pressionada por uma vontade maior, a Corte Portuguesa deslocou-se para o Brasil e em janeiro de 1808 aportou na Bahia. Na sua breve passagem por aqui, entre outras providências mais significativas, alargou os horizontes da economia do país, abrindo os portos do Brasil ao livre comércio e, o que interessa mais de perto ao tema que está sendo cuidado, fundou na Bahia a primeira escola médica do Brasil. Circunstância excepcional. Não só pelo fato em si, mas porque foi quebrado um princípio tradicionalmente imposto à colônia, que tolhera, desde o início e durante três séculos, deliberadamente, as iniciativas do pensamento e da cultura.

No Rio de Janeiro, a seguir, criou a segunda escola médica do país. E, então, iniciou-se um processo que, sem interrupção, alcançou os dias atuais. Situada no centro de decisão, a corte do rei de Portugal e do Império do Brasil, primeiro, e, depois, a Capital da República, surgiram circunstâncias que beneficiaram, nitidamente, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Verbas, facilidades administrativas, influências políticas, intercâmbios com centros médicos avançados e o que se possa imaginar mais, tornaram desigual a situação entre as duas faculdades. Com o passar do tempo e o aparecimento de novas escolas médicas no sudeste do país, sobretudo em São Paulo, esta desigualdade de tratamento se acentuou.

Brasília não modificou a situação da Bahia, mas de um certo modo dificultou as demais escolas, as quais, principalmente as do sudeste, ainda assim, continuaram bem mais aquinhoadas. Administradores de prestígio e de visão, em algumas oportunidades, modificaram este quadro em favor da Faculdade de Medicina da Bahia.

Quando, agora, se considera a política e aqueles que a exerceram e exercem representando a Bahia no plano federal, registram-se situações singulares. Em postos altos da administração federal passaram vários médicos, alguns professores da Faculdade. Meditando-se imparcialmente sobre o comportamento deles, é possível deduzir que, apesar de algumas reconhecidas exceções, os problemas e as dificuldades da Faculdade de Medicina quase sempre deixaram de ser considerados e atendidos devidamente, posto que ultrapassados seguidas vezes por interesses e prioridades outras, mesmo reconhecendo-se a instituição como um patrimônio cultural do povo baiano.



Isso, porém, não é novo. O passado reuniu exemplos semelhantes. A elite política talentosa, que representou a Bahia no Império e na República, embora, com frequência, influenciando decididamente na administração central, não favoreceu a Faculdade, como seria de esperar; pelo menos não se encontram na pesquisa bibliográfica que se fez, elementos que contrariem esta impressão.

Figuras reverenciadas e merecidamente respeitadas – João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe e José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, que presidiram o Conselho do Império e ministérios vários; personalidades influentes, Ruy Barbosa e Manoel Victorino Pereira, por exemplo, grandes expoentes do período republicano e vários nomes de importância indiscutível no cenário do Brasil contemporâneo – em alguns momentos responsáveis pela condução do destino do país, nem sempre tiveram na lembrança a Faculdade de Medicina como poderiam fazê-lo, respeitadas todas as regras éticas.

O caso de José Joaquim Seabra é diferente. Embora relutante no início, atendeu, sensibilizado, ao telegrama que lhe enviou Alfredo Britto no momento agudo do incêndio da Faculdade, providenciando recursos, o que permitiu o início imediato dos trabalhos de reconstrução. É oportuno lembrar a correta posição do ministro Seabra e do governo que representava, quando se rememora e se coteja com o que vem se desenrolando na atualidade.

É do domínio de todos que um novo drama se abateu sobre a Faculdade, há mais de um quarto de século, com a quase totalidade das edificações da sua verdadeira sede, no Terreiro de Jesus, arruinadas. O tempo corre cheio de ansiedades e esperanças vãs, pelo menos até os dias de hoje. O que se fez de 1905 a 1908 não se conseguiu repetir em um período bem mais longo – 1966-1995.

Reflexões parecidas caberiam quando se considera a política e os políticos no plano estadual. As manobras de políticos de prestígio e de autoridades governamentais, em todos os tempos, influíram em assuntos administrativos da Faculdade. Em várias oportunidades decidiram a indicação de diretores; nomearam apaniguados, nem sempre os mais capazes; interferiram nas bancas de concursos. Lembre-se, no particular, a destituição de Alfredo



Britto do cargo de diretor da Faculdade de Medicina e a sua substituição por Augusto Vianna. Alfredo Britto concluía um brilhante trabalho na reconstrução do prédio do Terreiro de Jesus, após o incêndio de 1905. A inauguração estava à vista quando lhe comunicaram, sem maiores explicações, que ele não era mais o diretor. Houve quem presumisse que o dedo da política teria feito a sua parte. Contudo, em todos esses exemplos, as interferências ficaram restritas ao âmbito da Faculdade e não se tem notícias que elas servissem de apoio à política partidária.

Nas últimas três décadas, porém, este perfil se modificou. Em consequência do movimento revolucionário de 1964, as universidades brasileiras sofreram estreita vigilância dos chamados “órgãos de inteligência” da administração central do país. Repercutiu tal vigilância sobre as estruturas administrativas e de pessoal das unidades universitárias. Tudo isso em nome do que, então, se denominou de “segurança nacional”.

É fácil compreender as profundas implicações de tais medidas no ensino, na hierarquia funcional e administrativa, e, sobretudo, na valorização do professor e dos serviços estruturados que dirigiam ou até mesmo criaram, onde se produzia, em muitos deles, apreciável trabalho. Afastaram-se professores ainda em plena capacidade de produção. Extinguiram-se unidades docentes sem justificativas reais. E, até hoje, serenas reflexões não esclareceram as razões disso, a não ser que se aceitem tais medidas como a expressão da vontade, política ou não, em modificar a ordem das coisas, embora sem considerar a natureza e a consequência desses propósitos.

No início dos anos 1980 este quadro se modificou. O progressivo desgaste da situação até então vigente, levada à exaustão, liberou ansios e vinditas e criou caminhos novos, radicais e opostos. No entanto, este movimento se afigurava maior e mais amplo, situando-se bem além dos limites das universidades, por si só acanhadas para contê-los. As suas origens se identificavam com as novas condições sociais, culturais e políticas do mundo contemporâneo, que seguiam o seu curso: floresciam vivamente, fascinando a mocidade e açulando ambições nem sempre coincidentes com os interesses das instituições de ensino.

Grupos pressionando politicamente de dentro da própria universidade ou a ela estranhos, passaram a exercer fortes influências, transtornando



a hierarquia universitária docente e administrativa, abrindo espaços para elementos mais jovens, uns – muitas vezes sem a maturidade ou a competência necessárias, embora convencidos de possuí-las – e outros orientados por ambições nem sempre legítimas, considerando-se os reais objetivos universitários.

As características das universidades sul-americanas de então foram resumidas por um educador médico chileno, de alta respeitabilidade – Amador Neghme Rodriguez – em quatro palavras, todas se iniciando com a letra “P”: politizadas, precárias, populosas e profissionalizantes.

Em realidade, este modo de definir aquela época está próximo da verdade. As universidades sofreram a infiltração de políticos ou elementos outros representando ideologias, disputas e confrontos alheios a ela – tudo isso desfavorecendo o clima espiritual compatível com a criação intelectual, o planejamento do ensino e da pesquisa e a reflexão ponderada dos problemas universitários genuínos.

De outro lado, o apoio esperado, as instalações, os laboratórios, o material para o ensino e a pesquisa, a remuneração condizente do professor e do pessoal administrativo, enfim, tudo que poderia apoiar a estrutura básica quase que desapareceu, caracterizando a precariedade dos meios vigentes.

O apoio às massas de jovens, sempre crescentes, que batiam às portas da universidade, originou um dilema: não atendê-las, frustrando justos ideais; atendê-las, aceitando responsabilidades sem os meios necessários. Além de populosas, ineficientes.

Criou-se uma expectativa perigosa e ilusória. Concluída a formação na universidade, e em grande número, os jovens eram lançados ao mercado de trabalho, e, naturalmente, compelidos a disputar espaços; cedo se percebeu o quanto isso originou de dificuldades para a sociedade, de desgaste para o conceito da instituição que os formou e, por fim, as penas impostas a uma juventude desavisada exposta às exigências profissionais para as quais não estava preparada.

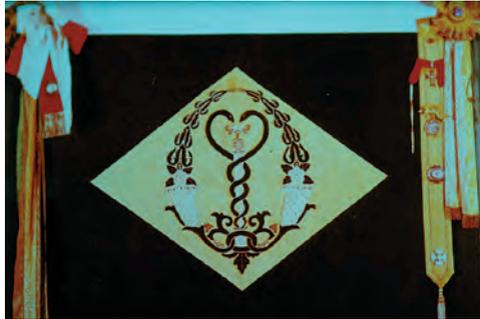
A Faculdade de Medicina da Bahia sofreu de frente o impacto dessas transformações. Eclodiram, por aqui, movimentos, justificados, ou não, enquadrados em uma síndrome, a exemplo do que propôs Neghme, composta de



Visão externa do Anfiteatro Alfredo Brito (1930)



Visão interna do Anfiteatro Alfredo Brito (1930)



Bandeira da Faculdade de Medicina da Bahia



Sala dos Lentes



Salão Nobre



denominações agrupadas pelo sufixo “ismo”: corporativismo, assembleísmo, grevismo, politicismo, ativismo e populismo.

Esta síndrome desenhou o perfil de uma época, que se alonga e ainda está presente nos dias vividos hoje, responsável em grande parte pela quadra negativa a que se assiste. Fique claro, porém, que estas reflexões não significam negar o acesso que devem ter todos, igualmente, inclusive os professores e funcionários administrativos, de buscarem, livremente, seus direitos legítimos.

Contudo, é necessário que se tenha sempre na mente a certeza da existência de obrigações mais abrangentes: os verdadeiros objetivos de uma instituição de ensino e que dizem respeito aos interesses superiores da sociedade como um todo. No caso especial da medicina, esta observação é mais pertinente ainda, porque o ensino se faz de parceria íntima com a assistência às populações desamparadas e empobrecidas das comunidades, nas enfermarias e ambulatórios dos hospitais, onde atuam os seus docentes e discentes.

1964-1980: dois polos. Pontos extremos de um movimento pendular, que deslocou os verdadeiros objetivos da Faculdade, de um polo a outro, radicalmente opostos, coloridos por paixões e interesses frequentemente duvidosos e alheios aos princípios universitários de onde resultaram de um certo modo, o desequilíbrio da vida da instituição.

A liberdade de ação do administrador da Faculdade e dos órgãos que o apoiam, teria que ser abalada nos seus fundamentos e direitos, o que realmente aconteceu. As funções e prerrogativas do diretor, da Congregação, e do Conselho Departamental foram sendo, aos poucos, limitadas. A direção da Faculdade deixou, na prática, de influenciar e decidir, significativamente, sobre assuntos vitais.

O redator desta memória viveu experiências que comprovam esta impressão. Exerceu cargos de direção na Faculdade de Medicina e em várias oportunidades observou que a continuidade de providências relacionadas com os interesses legítimos da instituição, se perdeu em intrincados e inexplicados caminhos de uma estrutura administrativa, nos seus métodos e nas suas intenções.

De passagem, podem ser lembrados:

– a construção do ambulatório anexo ao Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, arrastada por mais de três anos, embora com a respectiva



verba à mão e os projetos estruturais e arquitetônicos concluídos;

– o drama constrangedor das edificações arruinadas da sede da Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus, em torno do qual muitas promessas e providências foram propaladas, mas que nunca chegaram a se materializar.

– a efetivação na prática de dispositivo regulamentar e do maior interesse para a comunidade docente, qual a realização de concursos, particularmente os de professor titular, que jamais se concretizaram, embora existam normas estabelecidas por uma comissão especialmente criada pela própria administração central da Universidade;

– o aumento inadmissível no número de estudantes que a cada ano ingressam Faculdade, muito além da capacidade de ensino da instituição;

– e tantos outros exemplos.

Essas distorções não podem ser da responsabilidade plena da Universidade Federal da Bahia, à qual se subordina a Faculdade de Medicina. É que, acima dela, está uma força decididamente maior e absoluta, o Ministério da Educação, que passou todo esse período indeciso e confuso em seus projetos, permissivo à pressão de interesses variados e acossado por uma economia vacilante e insuficiente.

Nesta cadeia de responsabilidades é possível encontrar uma explicação mais abrangente: a sociedade do tempo presente em desequilíbrio e algo perplexa.

b) O homem, o meio e o tempo. O homem é a inteligência e a força das organizações que se propõem a atender aos interesses verdadeiros da sociedade. Sem ele, sem a sua vontade e decisão, deixariam de existir o impulso criador, o espírito de renovação, a inquietação e os anseios próprios de quem busca coisas novas e elevadas. Todavia, o homem cumpre o seu destino de parceria com os elementos que o rodeiam – as contingências sociais e culturais, as imposições da economia, o perfil antropológico das populações, os aspectos geofisiográficos do ecossistema de que participa – com os quais, necessariamente, deve se harmonizar e se adaptar. O homem e o meio em que vive sentem as influências das transformações impostas pelo tempo e pelo imprevisível da história, das quais não conseguem escapar.



O professor é o ponto de convergência das razões maiores de um instituto de ensino. Neste, tudo mais o secunda e trabalha para tornar possível o seu ministério. Dele e à sua volta nascem as ideias, organizam-se os modelos, estimulam-se vontades, emergem vocações ainda adormecidas, agrupam-se e equilibram-se os inspirados por propósitos idênticos.

O professor transmite conhecimentos independentes, muitas vezes, das cogitações do cotidiano. Mais que tudo, porém, forma consciências e caracteres, pelo exemplo da sua conduta e da sua personalidade, identificadas, ambas, através do empenho em alcançar valores especiais e sólidos. Constrói modelos, que se projetam adiante, no futuro, desdobrando-se e multiplicando-se ao longo da vida de sucessivas gerações.

Constituem-se, assim, as escolas de pensamentos e de ação. Passageiras, muitas, porém umas poucas permanecem o suficiente para induzir comportamentos especiais que podem favorecer a existência, no seu sentido amplo, dos homens e de todas as outras criaturas.

A Faculdade de Medicina da Bahia e os seus professores

A Faculdade de Medicina da Bahia, em todas as épocas, contou com a fidelidade, em grande parte, dos seus professores. Existiu, sempre, uma atmosfera de respeito e de realização pessoal por parte de quem atingia a condição de professor de medicina na primeira escola médica do país. Contudo, em todos os tempos, foram eles, os professores, que se constituíram e se constituem ainda, nas quadras favoráveis ou nos momentos de sombras, o patrimônio verdadeiro, no seu tempo, do instituto de formação a que pertencem. Isso, certamente, ajudou a qualificar a Faculdade de Medicina com a meritória auréola das suas tradições.

Deve ocorrer, de início, a quem procura definir e compreender o professor da Faculdade de Medicina da Bahia, a necessidade de pensar a sua origem, como foram e como são; e a maneira como se formaram para bem atender às necessidades docentes.

Nascidos na Bahia, quase todos; porém, alguns de seus professores, foram oriundos de Portugal. Isso aconteceu na fase inicial da vida da



instituição. Contudo, a partir das lutas pela Independência do Brasil, a participação de portugueses no corpo docente da Faculdade diminuiu e, por fim, se extinguiu. Mencionam-se, no particular, José Soares de Castro, um dos primeiros, e Manoel Joaquim Henriques de Paiva, sobre quem Spix e Martius, que o conheceu quando da sua passagem pela Bahia em 1809, fazem referências elogiosas às suas qualidades de médico, botânico e químico.

De outros países, lembra-se, apenas, o nome de Jônatas Abbott, inglês, londrino, professor de Anatomia, de apreciável produção didática e administrativa. Publicou vários livros de Anatomia, era versado em literatura e em arte. Traduziu com especial cuidado e gosto apurado o “Tartufo” de Molière e escreveu um drama e duas baladas. Organizou uma coleção de quadros (391 ao todo) devidamente catalogados em publicação feita por volta do ano de 1933 por Pirajá da Silva. O cronista interessado, como é do seu dever, curioso, interroga-se: qual teria sido o destino do Museu Anatômico e dos quadros da Galeria Abbott? Dirigiu a Faculdade de Medicina (vice-diretor e diretor eventualmente) e organizou um respeitável gabinete de Anatomia.

Vários professores nasceram em outros estados, sobretudo os do Nordeste do Brasil. Raymundo Nina Rodrigues, maranhense, dos mais operosos mestres que teve a Faculdade de Medicina. Antônio Bezerra Rodrigues Lopes, também do Maranhão, farmacologista de reconhecido conceito. Fortunato Augusto da Silva, paraibano, cirurgião ortopédico. Antonio Pacheco Mendes, cearense do Aracati, professor de Cirurgia. Manoel Ladislau Aranha Dantas, Josino Correia Cotias e José Rodrigues da Costa Dória, sergipanos. Estácio Luiz Valente de Lima, alagoano. Álvaro Rubim de Pinho, amazonense. Aristides Novis, mato-grossense, Heonir de Jesus Pereira da Rocha, piauiense, Antônio Carlos Gama Freitas, neurologista, oriundo de São Paulo, Aluizio Rosa Prata, tropicalista, mineiro de Uberaba e Túlio Miraglia, histologista, de São Paulo.

Todos, à exceção dos três últimos, fizeram o seu curso médico na Faculdade de Medicina da Bahia. Praticamente, não existem exemplos de professores da Faculdade de Medicina que tenham se graduado em outra escola do país, ressalvados os três mencionados acima. De quando em



quando, alguns, inicialmente, cursaram a Faculdade do Rio de Janeiro e depois prosseguiram na Bahia ou vice-versa.

A vocação e as oportunidades é que criaram as condições de acesso ao magistério. Alguns iniciaram a sua caminhada e atingiram a cátedra, no próprio ambiente, a Bahia, onde se graduaram. Por essa ou aquela razão, antes de ascenderem às respectivas cátedras, conquistadas pelos seus méritos reconhecidos, não encontraram oportunidades de participar, durante a sua formação, de atividades em centros médicos reconhecidamente mais evoluídos. Não é difícil o registro de exemplos. Assim é que, entre muitos exemplos, aparecem os nomes de Alício Peltier de Queiroz, Cézar Augusto de Araújo e João José de Almeida Seabra, indiscutivelmente todos de alto conceito. É bem verdade que não lhes faltaram orientadores qualificados em sua terra natal.

Alício Peltier de Queiroz vem de um sólido tronco: José Adeodato de Souza, um pioneiro de alto valor da Ginecologia brasileira. Alício foi seu seguidor autêntico. Chegou à posição mais elevada da carreira docente, partindo de atividades extenuantes de uma clínica, que exercia, devotadamente, na cidade de Itabuna, admirado e aplaudido, aparentemente isolado dos núcleos médicos mais avançados. Formou seguidores de valor, pesquisou aspectos da patologia regional ligados à sua especialidade, ensinou e inspirou a muitos jovens, estudantes e médicos, afirmativas hoje incontestes do significado do seu trabalho.

Cézar Augusto de Araújo teve a seu favor uma origem do mesmo quilate: Clementino da Rocha Fraga Jr., sobre quem muito já se disse, embora, ainda, não o bastante, pelo que significou como paradigma para a medicina no Brasil. Não foram poucos os seus discípulos de escol: Cézar de Araújo, um dos maiores. Não conheço quem o tenha ultrapassado em bondade, erudição e competência, cultura humanística e médica superior. O seu trabalho teve amplas repercussões sociais, praticando a clínica, ensinando e atendendo com devoção a causa do tuberculoso. Criou o Hospital Santa Terezinha, corretamente estruturado; nele se abrigavam em torno de 300 pacientes, assistidos com os recursos mais aprimorados para a época. Formou uma escola médica, no Hospital Santa Terezinha, nos dispensários, na cátedra e com o exemplo da medicina que praticava, tão próprio da sua personalidade



e do seu espírito. De tal modo que, se perguntarem a algum observador atento qual teria sido, entre muitas, a maior qualidade de César de Araújo, certamente responderia que a sua capacidade de aglutinar vocações, transmudadas em discípulos fiéis.

João José de Almeida Seabra se situa no mesmo plano. O que não se percebe nele é a filiação, na Bahia, à uma escola de pensamentos que lhe tivesse proporcionado, como aconteceu com os outros dois, o amparo de uma liderança intelectual e de um modelo. Tudo o que fez e foi se deve a um talento raro e à ansiedade incontida de aprender, o que ampliou o seu mundo intelectual, bem além dos problemas médicos que ensinava. Faltaram-lhe oportunidades que moldassem e apoiassem as suas qualidades inatas.

Não é difícil citar outros nomes cuja origem se assemelha a dos professores citados: Adriano de Azevêdo Pondé, Jorge Valente, Fernando São Paulo, Fernando Visco Didier, lembrados assim ao sabor do momento, da mesma forma que outros, de iguais merecimentos e que deveriam ser mencionados também.

São frequentes os exemplos parecidos, o que pode significar não ser absolutamente necessário, ao menos no início, e reconhecidas as dificuldades locais, para quem pretende seguir a carreira do magistério, o deslocamento prematuro para outros centros mais bem aquinhoados. Melhor seria se tivessem, antes de tudo, amadurecido, seguros dos seus propósitos, personalidade definida, conhecimento das características do meio onde, ao regressarem, deveriam trabalhar.

Muitos não se adaptam, frustram-se, reclamam, explicam o “não fazer” porque lhes faltam estas ou aquelas condições, com as quais se habituaram nas universidades onde obtiveram os conhecimentos. Enovelam-se em dificuldades, o que era rotina lá se transforma, aqui, em obstáculos. Desanimam e alguns acabam desistindo, voltam-se para outras obrigações médicas ou simplesmente econômicas, desencantados, esquecidos dos projetos e dos sonhos. Esforço, tempo e recursos perdidos. Não se pretende, certamente, negar a validade de uma formação em ambiente de nível superior. O que se está alertando é a oportunidade de fazê-lo, na ocasião precisa.



Outros professores seguiram orientações diferentes, tais como: José Silveira e Fernando Freire de Carvalho Luz, os quais, antes de se especializarem em universidades estrangeiras, viveram as condições locais, conhecendo, assim, as deficiências e as dificuldades que iriam enfrentar, quando concluídos os estágios que realizaram.

A passagem pelas universidades da Alemanha marcou, indelevelmente, o comportamento docente e profissional de José Silveira. À metodologia, à planificação, à disciplina, à seriedade que caracterizava os centros onde estagiou e os mestres com quem aprendeu, se aliaram à uma personalidade privilegiada, consciente e segura que definiram José Silveira como uma das afirmativas maiores da medicina do nosso tempo na Bahia. É justo acrescentar, como ele próprio, em vários escritos, declarou, a influência em sua formação de Antônio do Prado Valladares, professor ilustre da Faculdade de Medicina da Bahia.

Fernando Freire de Carvalho Luz cumpriu longo período de estágio nos Estados Unidos no início da década de 1940, bem antes de se tornar professor universitário. Quando alcançou a cátedra de Cirurgia, a comunidade médica já reconhecia o seu valor e a sua apreciável contribuição em modernizar a cirurgia na Bahia, através da introdução de novas técnicas e de materiais modernos, ainda desconhecidos em Salvador. Um espírito disciplinado, operoso e de uma lisura indiscutível.

A busca de condições necessárias que atendessem à desejada meta se fez também em centros médicos e universitários do Brasil. São Paulo foi um dos mais procurados. A contribuição que prestou na formação dos que lá chegaram, através do seu Hospital de Clínicas, de algumas das suas cadeiras básicas (Parasitologia, Microbiologia, Fisiologia, Clínica Médica, sobretudo) de institutos que cuidavam particularmente de certas especialidades (o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, por exemplo) foi e continua a ser de significativa valia.

Augusto da Silveira Mascarenhas é um bom exemplo. Discípulo de Jairo Ramos, da Escola Paulista de Medicina, voltou à Bahia quando já tinha reunido todas as condições que lhe permitiram alcançar posições destacadas na carreira docente.



Assim, também, no Rio de Janeiro, embora em menor parcela, mencionando-se, particularmente, o Instituto Oswaldo Cruz e o Hospital dos Servidores do Estado.

As “viagens de estudo” estiveram em voga durante muito tempo. Patrocinadas, algumas, com verbas oficiais, frequentemente oferecidas como prêmio para os professores e mesmo discentes que se destacavam; outras, financiadas pelo próprio interessado. Bem ilustrativas do significado e proveito dessas “viagens de estudo” são os relatos de tais visitas.

Edgard Rêgo dos Santos esteve na Europa em 1922, quando visitou instituições de ensino e hospitais franceses e alemães. As observações que fez, inteligentes, cuidadosas, e com acentuado espírito crítico, dão-nos a visão do que era a prática da cirurgia em países europeus, principalmente naqueles onde esteve. Os nomes mais expressivos e os hospitais mais afamados se tornaram fontes de reparos e aplausos para um observador perspicaz. As suas observações escritas em um estilo agradável e preciso exprimem, claramente, a medicina e os professores, expoentes, na época, nos seus países, referências e modelos propalados na Bahia. Percebeu que, apesar de tudo, enfrentavam dificuldades e deficiências, frequentemente semelhantes às que conhecia em sua terra, com as quais convivera e que teria de continuar este convívio quando do seu regresso. Edgard Santos apreendeu, em particular, o “modus” da cultura alemã. Aflora em sua vida esta experiência, que acentuou e orientou suas características inatas e dominantes.

José Adeodato de Souza esteve na Europa em 1907. Antônio Pacífico Pereira, em 1876. O registro das observações que ambos produziram refletem o quanto essas “viagens de estudo” influenciaram suas ideias e visão sobre problemas de ensino e de pesquisa.

Particularmente, no que se refere a Antônio Pacífico Pereira, impressionaram a cultura e a disciplina germânica. Causou-lhe desalento o cotejo com o que lá existia e funcionava, naturalmente, a imponência e a organização dos institutos alemães, com o que se tinha e o que se fazia na Bahia, com as suas estruturas precárias, com a indiferença dos órgãos governamentais, com a limitada repercussão, nas comunidades, do trabalho das escolas de ensino superior. Isto foi pensado e escrito há mais de um século; e ainda hoje, pouco se modificou.



Quanto a José Adeodato de Souza basta, para ajuizá-lo, ter em mãos a sua Propedêutica Ginecológica. Lá estão as linhas de um espírito disciplinado, claro ao expor, culto e experimentado. É certo que alguns compêndios já haviam sido editados no Brasil sobre o tema. Nenhum o suplantou e ainda nos dias de hoje tem o seu espaço, apesar de todos os progressos.

“Saber e saber ensinar são cousas diferentes. O mérito de um professor, como tal, não está somente no que sabe, mas, também, muito especialmente, no que ensina e na maneira porque ensina o que sabe: aí está a principal dificuldade.”

Completa-se o juízo que se deve fazer de José Adeodato de Souza, lendo a dedicatória que fez ao seu filho – “aspirante ao doutorado em Medicina”. Não se pode dizer, em realidade, o que teria significado a viagem à Europa em um terreno tão magnânimo e fecundo.

As universidades européias e a sua influência

Em épocas mais recuadas, as universidades europeias exerceram influência quase que absoluta na formação dos professores da Faculdade de Medicina da Bahia, assim como em todo o movimento intelectual brasileiro.

Antes de 1822, quando ocorreu a Independência do Brasil, os que procuravam aprender ou melhorar os seus conhecimentos se orientavam para as universidades e hospitais portugueses, particularmente as universidades de Coimbra e de Lisboa.

Foi assim com Antônio Ferreira França, o “Francinha”, personagem lendária e bondosa de quem J. F. Xavier Sigaud definiu com precisão: “espírito filosófico, caráter original, indivíduo excêntrico.” Marcou o seu tempo com a extensão da sua cultura de humanidades, (matemático, filólogo, filósofo), que, certamente, suplantou as suas habilidades e conhecimentos médicos. Formou-se em medicina em Coimbra e, quando regressou, foi indicado para professor de Patologia Interna, Higiene e Terapêutica na Escola Médico-Chirúrgica da Bahia. Contudo, foi muito mais político e legislador do que médico e professor de medicina. Viveu longos períodos na Corte Imperial, como médico do próprio Imperador e deputado. Propôs a criação de uma universidade no Rio de Janeiro,



o direito das mulheres a se habilitarem ao exercício da medicina, a concessão da liberdade aos nascidos de ventre escravo, a extinção da pena de morte – e outros tantos projetos. Compreende-se e até se justifica, face à extensão de suas ideias e realizações, que não lhe tivesse sido possível ensinar medicina.

Aliás, as ausências dos professores nas salas de aula e nas enfermarias de ensino não foram e nem são casos excepcionais. Abalam-se e desviam-se os propósitos e os programas docentes. Ao invés de aceitarem as responsabilidades assumidas, atraem-lhes interesses múltiplos, entre os quais predominam o exercício da política partidária e as ambições econômicas como objetivos principais e absolutos.

José Lino Coutinho é outro exemplo de diplomado na Universidade de Coimbra. Médico clínico e professor consagrado. Administrador, político e legislador respeitado. Primeiro diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, Ministro do Império, parlamentar de brilho e dos mais atuantes, sempre alerta às circunstâncias relacionadas com a medicina. Foi dele a iniciativa do projeto da reforma do ensino propondo, sem sucesso, a criação de uma universidade no Rio de Janeiro; teve decisiva importância a sua ação parlamentar das Faculdades de Medicina, a da Bahia e a do Rio de Janeiro, no ano de 1832, ao apoiar, decididamente, na Câmara dos Deputados, de parceria com outro professor da Bahia, Francisco de Paula Araújo e Almeida, o “plano de organização das escolas médicas do Império do Brasil”, redigido pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Apesar de todos os aplausos que merecidamente recebeu, como parlamentar e administrador, algo desiludido escreveu, no declínio da sua vida, uma reflexão melancólica, mas reveladora: “talvez tivesse sido mais feliz se durante toda a minha vida não me houvesse dedicado senão à clínica e ao magistério”.

O que teria sido mesmo a Universidade de Coimbra como centro de formação e de cultura médica? Desde o Brasil Colônia que estudantes brasileiros procuraram-na. Ao todo, 182, dos quais apenas 79 se diplomaram. A lusofobia que se seguiu ao episódio político, a Independência do Brasil, diminuiu, acentuadamente, este fluxo. Apenas alguns médicos visitantes e de raro em raro professores lá estiveram.

O conceito da Universidade de Coimbra foi muitas vezes questionado – “universidade célebre entre os portugueses, mas muito pouco conhecida no



resto da Europa”, comentou ironizando Francisco de Sales Torres Homem.

Braz Hermenegildo do Amaral, professor da nossa Faculdade, deu-nos um interessante testemunho do que eram as faculdades de medicina e os principais hospitais de Portugal. Visitou este país em 1905. No final, a sua impressão não favorece ao que viu: hospitais em má situação física, descuidados, pobres de material, que os colocava, mesmo os de maior projeção, em plano inferior ao nosso Hospital Santa Isabel. Na Faculdade de Medicina – gabinetes e laboratórios vazios, sem estrutura e alguns deles existindo somente “no papel”, “tem os nomes mas não tem mesas de trabalho nem material para o exercício didático e às vezes nem sequer salas que recebam os alunos”. Contudo, a biblioteca da Faculdade de Coimbra lhe chamou atenção: “um primor, tanto pelo número de exemplares, como, principalmente, pela antiguidade deles e pela esplêndida instalação.”

A partir de 1822, as universidades francesas, principalmente a Universidade de Paris e a de Montpellier, passaram a ter aceitação quase total dos estudantes, médicos e professores que procuravam melhor formação. Estabeleceu-se, firmemente, não só em medicina como em outras atividades culturais, uma profunda influência francesa, que se estendeu dominante por quase 150 anos até meados dos anos 40, nesse século.

A vinda de naturalistas viajantes, franceses e de outras nacionalidades, em que se sobressaíram Von Martius, Spix, Saint-Hillaire e outros; artistas, como Debret, Taunay, Florence, alertaram o mundo da existência de uma nova sociedade, um espaço novo, não conhecido, mas de potencial imenso.

Os livros adotados nas faculdades de medicina brasileiras eram de autores franceses, traduzidos ou adaptados. Em pleno meado do século XX, lembra o autor desta memória, a bibliografia que se oferecia aos interessados em medicina era quase, na sua totalidade, francesa. A tal ponto chegou a influência da França que o primeiro estatuto adotado para reger as faculdades brasileiras de ensino médico foi o da Faculdade de Paris.

Alguns professores brasileiros se doutoraram em Paris: Francisco de Paula Araújo e Almeida foi um deles, muito embora tivesse completado o seu curso em Bolonha. Exerceu atividade política e o seu nome está ligado à criação das faculdades de medicina, tal como já foi referido em linhas acima.

Manoel Maurício Rebouças e Eduardo Ferreira França doutoraram-se em Paris. Este último, filho de Antônio Ferreira França.

As faculdades da Bélgica (a de Bruxelas e de Lausanne) receberam 233 estudantes brasileiros, tendo se diplomado 54, entre eles encontrou-se apenas o nome de um baiano: Alexandre José de Moraes, historiador, poeta, prosador e homeopata.

Nos registros da Faculdade de Edinburgo existem oito brasileiros, dos quais um da Bahia, José Avelino Barbosa, professor de medicina prática da Escola Médico-Chirúrgica.

Fundações estrangeiras

Fundações estrangeiras muito contribuíram para a formação de alguns professores. Logo após a primeira grande guerra, percebe-se que, aos poucos, se delinea a influência americana sobre alguns ramos das atividades culturais brasileiras, entre as quais, naturalmente, a medicina. A Fundação Rockefeller é uma das primeiras.

O ano de 1925 proporcionou a Eduardo Lins Ferreira de Araújo um período de permanência na América, para treinamento em clínica e orientação em pesquisa. Eduardo Araújo é um bom exemplo do acerto desse tipo de iniciativa. O jovem professor, já iniciado em pesquisa clínica e epidemiológica, com algumas publicações sobre peste bubônica e micoses profundas, amplia seus horizontes e na sua volta produziu um trabalho de valor. **Do mycetoma pedis no Brasil**, o qual se constituiu como referência especial aos que se interessam pelo tema. Durante muitos anos foi um professor correto e respeitado pela dignidade com que sempre atuou no exercício da disciplina que ensinou: a Microbiologia.

Entretanto, o apoio estrangeiro à Faculdade foi bem evidente em época mais próxima, a partir dos anos 1950. Os frutos se multiplicaram e, ao cabo, foram eles os responsáveis, em grande parte, por um período da vida da Faculdade, que pode ser considerado como a sua melhor fase em todos os tempos, mesmo quando se leva em conta a longínqua perspectiva do passado e do agora.





A influência benéfica nos programas de ensino, assistência e pesquisa da Faculdade, de organizações americanas, tais como a Fundação Kellog, a Fundação Rockefeller, os institutos de saúde dos Estados Unidos, aos quais se aliaram programas de cooperação mútua mantidos, sobretudo, com a Universidade de Cornell, durante mais de duas décadas, com a Universidade da Pensilvânia e outras – foi de expressiva significação, sobretudo na qualificação do pessoal. Lastimavelmente, a não ser em situações esporádicas, deixou de receber, a Faculdade, o fluxo renovador e propulsor, que a presença de professores, vindos de outros centros mais evoluídos, certamente, iria originar.

No pós-guerra, verificaram-se oportunidades para atrair professores estrangeiros, tal como aconteceu em São Paulo, na USP – Universidade de São Paulo, e na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, por exemplo, ambas beneficiadas claramente. Compreende-se que tivéssemos dificuldades em atrair para a Bahia professores estrangeiros, mas, alguns, do próprio país poderiam vir até nós. Um exemplo que confirma esta impressão foi dado pela Fundação Gonçalo Moniz. No fim da década de 1940, sucessivos cursos ministrados por renomados professores convidados tiveram sobre o ensino e a pesquisa de aspectos próprios da patologia regional, expressivas repercussões na medicina da Bahia.

É justo que se registrem, complementando a breve análise que se faz, os resultados positivos alcançados com a criação, em meados dos anos 1970, do Curso de Mestrado em Medicina Interna, na Faculdade de Medicina da Bahia. É um tema, o da pós-graduação, particularmente os cursos de Mestrado e Doutorado, que merecem uma análise apropriada, como a que se pretende fazer, oportunamente, neste trabalho.

Como se formaram os professores da Faculdade de Medicina? Em resumo, é possível definir as seguintes situações:

- os que se prepararam, apenas, com os recursos locais, na Bahia;
- os que estruturaram a sua formação em outros países ou em centros brasileiros mais avançados;
- os que realizaram estágios e viagens de estudo, visitando faculdades e hospitais estrangeiros;
- os graduados em faculdades européias;

- os que se beneficiaram de bolsas de estudo de fundações e universidades estrangeiras;
- os que realizaram cursos de pós-graduação.

Reflexões sobre a qualidade do professor

Agora, é natural a pergunta: qual foi a resultante, que qualidade de professor teve e tem a Faculdade de Medicina? Variou com o tempo.

Nos primeiros anos, até por volta da década de 60, no século XIX, predominou, amplamente, o ensino teórico. A palavra e só a palavra. Apostilas ou tratados eram lidos em salas de aula, com pequena ou nenhuma contribuição da experiência pessoal do professor. É certo que aconteceram exceções, porém raras. Argumenta-se, e o que é verdadeiro, a limitação dos laboratórios e das enfermarias, obstando o ensino prático.

Anselmo da Fonseca, na memória histórica que redigiu, procurou uma justificativa: “que mais poderia restar a um professor, mesmo os de talento, para colocar-se acima da vulgaridade, senão recorrendo a eloquência e a dialética”, e acrescenta, considerando a formação de alguns mestres: “os professores não tinham recebido educação mais substancial, senão ainda mais fraca do que a que foi oferecida aos seus discípulos.”

A partir da reforma Bom Retiro, de abril de 1854, as condições do ensino melhoraram. O nível do trabalho nas enfermarias, ambulatórios e laboratórios se elevou, as oportunidades oferecidas aos docentes cresceram. Esta tendência ganhou alento e evoluiu. Em primeiro lugar e de modo dominante, pelo exemplo dos pesquisadores da Escola Tropicalista da Bahia, introduzindo novos métodos, através da observação direta das doenças e dos doentes; assim como na busca contínua da confirmação dos diagnósticos; nas respostas obtidas nas mesas de necrópsia; na discussão objetiva, em grupo, dos casos clínicos; no acúmulo de experiências meditadas e na oportunidade de divulgá-las na **Gazeta Médica da Bahia**. Este órgão privilegiou a respeitabilidade e o prestígio de notáveis valores. Depois, surgiram melhoras pelas disposições da Reforma Leonardo de Carvalho, em abril de 1879, ampliada pelo Decreto de março de 1881 e outubro de 1882. No dizer de Pacífico Pereira, “a lei Áurea do ensino médico no Brasil.”





Embora melhoradas as condições materiais, principalmente no fim do século, com a transferência dos serviços clínicos da Faculdade para o Hospital Santa Isabel, da Santa Casa de Misericórdia, no bairro de Nazaré, os professores continuaram, quase sempre, a ministrar os seus ensinamentos com uma parcela apreciável de teoria e pouca prática. Seguramente, os mestres deste período eram mais qualificados, entre outras razões pelo fato do intercâmbio que mantiveram com centros médicos europeus.

No início do século XX, após a reconstrução do prédio do Terreiro de Jesus, surgiram figuras representativas e de valor. Progressivamente, criava-se a consciência da necessidade de demonstrar o que se falava. Esta situação não se modificou nas décadas de 20, 30 e 40 e até o início da de 50. Contudo, percebe-se, claramente, nos anos 50 e 60, uma evidente tendência ao ensino prático, à participação direta no realizar as obrigações do dia a dia com os doentes; e aos trabalhos de laboratório. Nos anos 1970 e nos que se seguiram, alterou-se este rumo, em função das circunstâncias criadas pela reforma universitária. É do conhecimento dos que vivem a Faculdade de Medicina as ocorrências de então e que serão refletidas mais adiante.

Valores destacados, professores talentosos e dotados de atributos especiais participaram na definição do perfil, que caracterizou a Faculdade de Medicina ao longo de sua vida. Eram capazes de atrair, reunir e conduzir discípulos que deles se aproximavam. Tornaram-se referências lembradas sempre quando se deseja exaltar a Velha Escola.

Não se pretende relacionar todos, pois, entre outras razões, existe, é certo, o risco da omissão. Por isso, inclina-se o memorialista, em destacar, sem desmerecer outras condições, também meritórias, um exemplo muito especial: o da Escola de Medicina Legal da Bahia, cujas origens remontam a uma figura ilustre, tantas vezes referida neste trabalho, a de Virgílio Clímaco Damazio. É numa sequência respeitável: Afrânio Peixoto, Oscar Freire, Artur Ramos, Estácio de Lima, Maria Thereza de Medeiros Pacheco, entre outros. E, no ponto mais alto, está a personalidade representativa maior deste grupo, na verdade, o inspirador de todos eles: Raymundo Nina Rodrigues.

Extensa e de alto nível é a sua produção científica, publicada em periódicos nacionais e estrangeiros dos mais confiáveis e de exigentes

corpos editoriais. A intuição de um predestinado levou-o ao encontro de uma linha de pesquisa, de singular originalidade que o projetou: a presença dos africanos na Bahia, trabalhando os aspectos antropológicos, psicopatológicos, sociológicos, religiosos e outros.



O meio e as suas características

O meio e as suas características; a economia; o perfil demográfico e étnico; os aspectos sociais; a política; a história; o civismo; a índole da população – muito significaram para o que a Faculdade de Medicina foi e é.

Na Cidade do Salvador nasceu e floresceu a Faculdade de Medicina. Se fosse possível imaginar melhores condições geográficas que permitissem perspectivas seguras para dar origem a um núcleo de civilização, não poderiam encontrar circunstâncias mais favoráveis que aquelas proporcionadas pela Baía de Todos os Santos e territórios circunvizinhos. A Bahia, como de resto o Brasil, concentrou, durante séculos, a sua potencialidade em torno da Baía de Todos os Santos. Limitada, de um lado, pelos terrenos ubérrimos do recôncavo; e do outro lado pelas elevações e colinas, onde a cidade do Salvador foi construída, em terras de igual qualidade, mas com outras facilidades para a fixação e defesa dos que vinham, nela, se instalar. Para o sul, a floresta Atlântica que, aos poucos, deveria, também, atrair, pelas riquezas com que acenava, ávidos colonizadores. Para o norte, as dificuldades apareceram; a natureza era menos favorável ao homem. Mas, à medida que se mudava de rumo, em direção ao oeste, os obstáculos se avolumavam. O clima e o solo se tornavam progressivamente hostis, compondo, em seu conjunto, o semi-árido baiano, impedindo a conquista fácil dos espaços, ressalvadas as exceções, dos indivíduos mais aguerridos e cobiçosos.

Somente muitos anos depois do período colonial, com o progresso, e oferecidas certas facilidades, tais como os transportes e as comunicações, é que o homem pôde alcançar, livremente, o imenso espaço do semi-árido, conquanto, ainda hoje, não o faça completamente, pois permaneceram os mesmos fatores geofisiográficos que impediram, no passado, o fácil avanço.



A posição geográfica da Cidade do Salvador, as características da baía nas margens da qual ela se situa, por si só, um porto amplo e seguro, tornaram-na, naturalmente, ponto obrigatório, onde tocavam os navios, vindos da Europa e que demandavam outros portos do oriente. A “Carreira das Índias” teve significado especial para o desenvolvimento, não só para a sua economia, como também facilitou o convívio cultural: uma consequência esperada.

As atividades agrícolas, que se concentraram no fumo e, principalmente, na cana-de-açúcar, importantes produtos primários de exportação, suportaram a prosperidade da economia baiana durante os séculos XVI, XVII e XVIII. No início do século XIX e ao longo dele, registra-se o progressivo declínio da economia.

Góes Calmon propõe algumas explicações: as secas periódicas e prolongadas e a mistura racial, particularmente, lhe chamaram a atenção. Rômulo Almeida, analisando o mesmo aspecto, considerou vários fatores entre os quais destaca as crises políticas, os efeitos das epidemias de febre amarela e de cólera-morbo, a praga nas plantações de cana-de-açúcar, dificuldades climáticas e o deslocamento da mão-de-obra escrava para as províncias do sul.

No centro sul, contrastando com o que ocorria na Bahia, em razão, sobretudo, da crescente valorização do café como produto de exportação, verificava-se rápido incremento das atividades econômicas, suplantando as vigentes aqui. Desta crise a Bahia não mais se recuperou completamente e assim permaneceu no século passado e neste século também. Em alguns momentos, pareceu ter dado mostras de recuperação.

À primeira vista, pode-se concluir que essas considerações são despropositadas, pois não condizem com o tema que está sendo analisado. Entretanto, quando se leva em conta que esta projeção coincide exatamente com a implantação e a evolução do ensino médico na Bahia, é fácil entender a correlação e a justificativa delas aparecerem no texto. O apoio da economia é imprescindível para que pesquisadores e professores cumpram o que lhes cabe realizar.

O povo e as etnias

O povo que viveu e vive na Bahia nunca teve unidade racial. Oriundo de três troncos: os primitivos habitantes, os indígenas; os brancos, os portugueses; e os negros trazidos logo no início da colonização.

Os indígenas foram absorvidos pela civilização mais forte, a dos brancos, de tal forma que quase não participaram dos aspectos culturais da colônia. Em pouco tempo, foram escorraçados do litoral, mortos em combate, deliberadamente assassinados e exterminados pelas doenças infecciosas trazidas pelos brancos (doenças virais, sexualmente transmissíveis, sífilis, tuberculose, sarampo, varíola e muitas outras).

Os portugueses e vários indivíduos de outras nacionalidades (judeus, ingleses, holandeses, franceses e outras) representavam a raça branca. Não obstante, no que diz respeito aos portugueses, em sua própria pátria, o universo étnico não era uniforme. Por exemplo, pode-se lembrar que o homem louro do norte de Portugal tem características raciais bem diferentes das dos homens do sul, pois, nestes, a vizinhança com a África os marcou expressivamente: o “moçarabe”, meio mouro e meio branco.

Os negros sempre constituíram em uma expressiva parcela crescente com o passar do tempo, resultado da necessidade do aumento da força do braço escravo nos trabalhos da lavoura. Para se ter uma ideia da distribuição destes grupos raciais, reproduzo dados colhidos no recenseamento de 1872. Na época, a população de Salvador se constituía de 31,1% (33.672) de brancos e 68,9% (74.466) de não brancos. Entre estes, 41,8% eram mulatos, 17,2% negros, 2,1% de “caboclos”. Este perfil não se modificou substancialmente nos dias de hoje; é possível que o número de brancos tenha, proporcionalmente, diminuído, em favor dos mulatos.

O autor tem, neste momento, à sua frente uma fotografia da Congregação da Faculdade de Medicina feita no início deste século. Rememora a Sala dos Lentes no edifício da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus. Observa, retrato a retrato, os professores ali colocados. Consegue distinguir em muitas fisionomias traços negróides inequívocos. Em outras, aqui e ali, olhos amendoados e malares salientes, sugerindo a ancestrabilidade indígena.





Lembra-se de algumas figuras de negros para ilustrar o registro feito. Um nome ilustre, Juliano Moreira, consagrado na Bahia, onde, porém, não chegou a ser professor catedrático. Projetou-se no Rio de Janeiro. A sua obra, como é sabido, é reconhecida e considerada como um dos fundamentos importantes da Psiquiatria brasileira. Dois outros: Domingos Alves de Melo e José Alves de Melo – irmãos?

Salustiano Ferreira Souto foi destacado professor da Faculdade de Medicina. Quando da visita do Imperador Pedro II à Bahia, no ano de 1859, o augusto senhor participou, nos dias 10 e 11 de outubro, de algumas atividades da Faculdade de Medicina, ouvindo aulas de quase todos os professores. Anotou as suas impressões de cada um deles, no diário que escreveu sobre a viagem, e que vieram, posteriormente, a ser conhecidas. Comentários desfavoráveis, na maioria. Salustiano Souto foi um dos poucos a receber elogios. Não que o Imperador mereça muito crédito em matéria de medicina, mas quem lê os seus registros percebe a sutileza e a propriedade dos seus comentários.

A figura de Salustiano Souto deve ser referida por alguns aspectos peculiares da sua personalidade. De Vila Nova da Rainha, onde nasceu, homem de cor e de origem simples, veio para Salvador e se fez médico, professor de medicina, clínico de concorrida clientela, político, confidente da condessa de Barral, que conhecera na Europa. E, sem que se pretenda, deliberadamente, colocar um traço de malícia no episódio, lembro o relacionamento afetuoso e próximo da Condessa com o Imperador. A malícia está em justificar os comentários favoráveis registrados no diário do Imperador, a propósito da aula que ouvira de Salustiano.

Alcançou grande prestígio social, recebendo, em sua residência no Largo dos Aflitos, a elitizada sociedade da época. Conta-se que foi em sua casa que o Conselheiro Ruy Barbosa conheceu e namorou a Maria Augusta Viana Bandeira, que viria a ser sua esposa. Lá, também, reuniam-se em torno de Castro Alves, grupos de jovens para ouvir o poeta declamar.

Entretanto, o mais interessante é saber que sustentou uma dupla vida na sociedade baiana do seu tempo. É que, com todos os predicados mencionados, exerceu altos cargos na comunidade “malé”, constituída por pretos muçulmanos residentes na Bahia, na qualidade de “muslin” ou “limanomor”,



posto de alta significação nessa curiosa comunidade de negros. Participava das cerimônias do culto nas mesquitas dos Barris, do Tororó e da praça dos Quinze Mistérios, em Santo Antonio, assim como esteve sempre presente nas decisões maiores do interesse da comunidade negra e foram várias, conforme a história da Bahia registra.

Os aspectos étnicos têm um papel inegável no comportamento das comunidades e das pessoas que a compõem. No caso específico da Bahia, percebe-se como faz sentido esta observação; encontram-se a cada passo manifestações cujas raízes estão no compromisso genético com as origens raciais.

O caráter do português, tão bem caracterizado na criação de Eça de Queiroz e lembrado por Gilberto Freyre, o Gonçalo do seu romance **A Ilustre Casa de Ramires**, flutua entre qualidades positivas umas, negativas outras: o brio, a franqueza, a lealdade, o fatalismo, os rompantes entusiásticos, mas também a indiferença induzida por uma natureza aberta à melancolia e à saudade.

O caráter do negro diverge. Alegre, bondoso, afável, riso fácil e a palavra dita em vários tons e alturas, a tendência de procurar o paternalismo protetor, o conformismo. É certo que essas linhas não podem ser generalizadas, quando se levam em conta as raças de negros que vieram para o Brasil. Em muitas delas, ao contrário, as qualidades eram diferentes das anotadas acima. Elementos bem dotados em inteligência e capacidade de trabalho, apareceram em todos os ramos das atividades intelectuais e artísticas.

Os mestiços, os mulatos, primeiro, embora quase sempre mais frágeis fisicamente, foram intelectualmente se desenvolvendo em todos os campos. Os exemplos de médicos mulatos de valor multiplicaram-se em todos os tempos e ainda hoje isto é fácil verificar.

Fica o indiscutível registro, necessário de ser feito, para que, em nenhum momento, pareça a quem ler este trabalho, que o seu autor tenha pretendido insinuar defeitos comprometedores ou qualidades especiais, que colocassem em planos diferentes, de superioridade ou inferioridade, esta ou aquela raça, das muitas que aqui viveram, vivem e hão de viver, com iguais oportunidades e respeito.

A base de onde veio o material humano – professores, alunos e funcionários de que a Faculdade de Medicina dispôs, teria que ter peculiaridades



próprias, profundamente comprometidas com os traços indelévels das ancestralidades raciais dos homens que aqui viveram desde os primórdios.

Não poderia ser diferente. São os homens que criam e dão forma aos acontecimentos e não o contrário. Os acontecimentos não aparecem do nada; nascem do ventre fecundo da inteligência e da vontade dos homens que pensam, querem e se obstinam em diligenciar a consumação dos seus ideais.

Teríamos de ser como fomos, subjugados e compelidos a determinantes biológicos, que estavam e estão em nossa própria equação genética. O processo em busca de uma definição racial continua, embora lento nos seus passos.

Quando esses elementos de análise são colocados à meditação, em parte compreendem-se as razões que justificam as diferenças entre o que se passou na Bahia e o que aconteceu em outros estados, particularmente no sul do país.

Já foram discutidos os aspectos políticos, econômicos e geográficos. É importante, porém, que se acentue o significado do fator racial – sua origem e constituição. E, de passagem, como um claro exemplo, não é demais referir, pelo muito que representaram, as situações conflitantes dos estados do sul, quando cotejadas com as da Bahia. Certamente, de peso indisfarçável, a mancha sombria da escravidão foi um fator dominante. Concentrada em nosso estado, principalmente na cidade do Salvador, e no recôncavo, e em outras regiões em que foi intensamente praticada, subjugando, violentamente, um grande segmento da população, restringindo as suas possibilidades de acesso a direitos mínimos, e anulando, quase, para ele, entre outras tantas consequências negativas, o caminho das escolas de ensino superior.

Os estados meridionais contaram com os imigrantes estrangeiros, aqui chegados, voluntariamente, trazendo ensinamentos de culturas centenárias e possuídos de uma vontade de conquistar, com o seu esforço, o espaço que lhes escapara em suas terras de origem.

A sociedade que se implantou na Bahia resultou desse amplo e complexo jogo, e, naturalmente, dos fatores decisivos que já foram também discutidos. Como resultante, percebem-se duas camadas sociais:

– as elites, formadas durante quase cinco séculos, constituídas, sobretudo, pelos colonizadores, pelos senhores de engenho, pelos letrados, pelos comerciantes, pelos altos funcionários da administração pública e seus descendentes.



Concentradoras de riqueza e de poder, servidas e consideradas imprescindíveis pela economia que geravam, escravocratas, embora dependentes do escravo para sobreviver. Habitaram-se, nos seus grandes momentos, ao clima de nobreza, com fumos de fidalguia.

O declínio no campo não as fez perder, na cidade, a autoestima. Conservaram as posições políticas e sociais, os palacetes, as pratarias, as joias, as alfaias, os oratórios, os finos móveis de madeira de lei. Continuaram a ser reverenciadas, mantendo bem vivas as tradições e o prestígio das suas famílias, apesar de não possuírem mais fornidas as suas bolsas e as suas contas bancárias, como outrora.

Em contrapartida, um grande contingente social que exibía as desigualdades na cor da pele, nos locais onde viviam, nas casas onde moravam, nas roupas simples que vestiam, nas atividades humildes e sem perspectivas que exerciam. Reuniam-se, em um grupo social amplo, sob a égide de uma denominação, por si só expressiva da pobreza, da humildade, da falta de prestígio e de instrução, que venceu os séculos e chegou incólume aos nossos tempos: a “gente do povo” ou, simplesmente, o “povo”, com frequência, indistinta de uma conotação com os negros e mestiços que, em verdade, representavam o grande contingente desta camada social. Entretanto, de raro em raro, indivíduos bem dotados, ascenderam e alcançaram posições nas camadas prósperas da sociedade e, como tal, tiveram acesso à educação mais apurada ou se afirmaram economicamente. Quando isso acontecia, curiosamente, o conceito da branquitude ou da negritude se confundia. O branco decaído passava a ser “gente do povo” e o negro que alcançara posições elevadas na sociedade assumia o estado de “rico”, participando do mundo das elites, disfarçando até a evidência racial, em casamentos com mulheres brancas; e aquiesciam em aceitar uma qualificação especial: deixavam de ser negros e passavam a ser “morenos”.

As elites raramente admitiam outra maneira de viver; aceitavam o trabalho intelectual, mas fugiam do trabalho físico, presumindo que ele poderia desprestigiar-las, estigmatizá-las e confundir-las com os outros segmentos sociais, que suplantavam. Estes últimos, por sua vez, concordavam, dirigidos e sem vontade própria, em recolher pequenos favores da “casa grande” onde buscavam proteção na convivência com os senhores.



Ser elite significava pertencer à “classe alta”, a “nata” da sociedade, os “ricos”, os instruídos, os que pensavam, os que dirigiam. Nem sempre, porém, significava que os seus componentes fossem donos de fortunas, embora, no passado, as tivessem possuído.

Devem ser incluídas nesta faixa social, as “famílias tradicionais”, as quais, tantas vezes, perderam muito dos seus bens e dos seus títulos, mas conservaram a fidalguia, a nobreza, não contestada pelo restante da sociedade. Continuaram respeitadas e consideradas, como se ainda tivessem os mesmos poderes, os mesmos títulos e brasões.

Elite, também, eram considerados os que não tiveram, no passado, titulação de nobreza ou que não faziam parte das “famílias tradicionais”. Elevaram-se pelo sucesso das suas atividades comerciais ou pela cultura que adquiriram ou pelo avanço no campo da política.

Entre os dois polos, as elites e o povo, colocavam-se os cidadãos que constituíam a classe média. Quase anônimos, vivendo com simplicidade, conscientes dos valores superiores, correto padrão de comportamento, desejando progressos, que os estimulavam, transferindo à descendência o direito de concretizarem as aspirações que acalentavam durante muitos anos, que justificavam os seus sacrifícios e a sua lida.

O modelo é antigo. Vem de longe, do tempo da colônia. Encontram-se, principalmente, nas figuras do colonizador e do senhor de engenho as raízes das elites das famílias tradicionais. Sob este aspecto, ambos se equivalem. Traduzem uma face da questão, de que a outra face é a massa do povo simples.

O colonizador acomodou-se a um padrão de vida especial. Não fazia, mandava. Acostumou-se às amenidades da varanda; da rede; da solicitude das mucamas e das cunhãs; do atravessar os dias nesta leseira que não tinha limites, gritando ordens e exigindo trabalho ao braço escravo do qual dependia a sua estrutura agrária.

O senhor de engenho seguiu a mesma trilha. Diferia, porém, em alguns aspectos do colonizador: os ares de fidalguia, a observância aos preceitos da religião, ao menos na aparência; e o cuidado com a família que o reverenciava e sobre a qual tinha a mesma ascendência dominadora. De geração a geração,



ficou a marca que se projetou em muitos ramos de atividades na Bahia, a que não escapou a medicina, o seu ensino e a sua prática.

Em todos os tempos, quem consultar, por exemplo, as memórias históricas da Faculdade de Medicina, verifica o reparo quase unânime ao “discursismo” e à falta de objetividade, quase uma constante nos cursos ministrados na nossa Escola Médica. E ainda hoje, o modelo não se desfez totalmente.

A palavra, a retórica e a oratória substituíram a prática, a utilização dos sentidos, a presença física, o concretizar as ideias para os fins a que elas foram concebidas. A ausência de experiências próprias gerou a insegurança, o sentimento de inferioridade – uma barreira sempre presente, a postura de quem obedece, serve e aplaude, e não se apresenta ou opina porque lhes faltam os registros que não têm, as observações objetivas que não realizou, embora as vislumbre e perceba o seu valor.

Deduz-se que os professores da Faculdade de Medicina da Bahia, predominantemente, não vieram nem do povo e nem das elites, a não ser em exemplos de exceção. Do “povo”, porque faltaram aos seus componentes, condições imprescindíveis: motivação, cultura e meios. Das elites, porque razões mais fortes e atrativas dirigiam, preferencialmente, os seus caminhos: o comércio, as atividades rurais ou industriais e tantas outras, ou simplesmente, viver cercadas de amenidades.

Restou, pois, a classe média. Foi a que contribuiu com a maior parcela, o que é fácil de constatar. Ser professor de medicina atendia a uma afirmação, objetivo que ela sublimava.

Por fim, é bom lembrar que muitos docentes espelharam-se em exemplos acontecidos na intimidade das suas famílias; a inspiração que vinha do pai, do avô, de algum membro da família, compelia, desde cedo, ao jovem postulante, seguir a trilha que já havia sido traçada pelas gerações que o antecederam. Uma regra que não podia ser quebrada, um ritual a ser cumprido, um dever de família irrecusável. Na Faculdade de Medicina, é fácil lembrar as famílias com alguns professores entre os seus membros: os Novis, os Fraga, os Adeodato, os Moraes, os Marback, os Magalhães, os Augusto da Silva, os Freitas.



A comunidade baiana impregnou-se de tradições e misticismos, na raiz das quais percebe-se, claramente, o papel das etnias e o comportamento dos estratos sociais. São, assim, essas tradições, legítimos patrimônios que formaram a verdadeira alma da Bahia e dos que nela vivem. A Faculdade de Medicina é uma das suas melhores parcelas. A sua imagem é indissociável do espaço onde nasceu, o Terreiro de Jesus. Em nenhum outro ponto a memória desta terra pode encontrar ambiência mais adequada. A tentativa de separar a Faculdade de Medicina das tradições da Bahia e do seu berço, onde sempre esteve, é um gesto injusto e agressivo.

Cabe bem, quando se pretende compreender devidamente a Faculdade de Medicina, levar em conta a observação de Kátia Mattoso, ao discutir um tema mais amplo, a Bahia e sua evolução histórica: “É preciso desvendar a trama social da Bahia, resultante do encontro de homens e etnias, de tradições e de crenças, de costumes e mentalidades completamente opostas na aparência.”

Recordar a participação da Faculdade de Medicina nos acontecimentos históricos que aconteceram durante a trajetória da sua vida pode completar o empenho que se faz para bem compreendê-la:

– os movimentos em prol da independência do Brasil contaram, sempre, com o apoio da consciência cívica da Faculdade. Foi assim em 1822-1823, na luta armada que teve a Bahia como palco;

– em 1837 aconteceu a “Sabinada”, revolta articulada por um professor da Faculdade, Sabino Vieira, personagem brilhante e controversa. Condenado à morte após a revolução, comutada a pena, foi desterrado para o Brasil Central. Continuou, todavia, a participar, escrevendo e divulgando as suas ideias políticas e as observações que reunia na área médica, até a sua morte, ocorrida em uma fazenda, em São Luiz de Cáceres, às margens do rio Paraguai;

– a guerra do Paraguai quando, desde o início, professores e alunos se deslocaram para o campo onde se lutava;

– a campanha abolicionista;

– a República, os movimentos na Bahia, o episódio da chegada de Silva Jardim a Salvador e a participação ativa de elementos da Faculdade. Proclamada a República, foi seu primeiro governador Virgílio Clímaco Damazio;

– a guerra de Canudos, quando novamente, professores e estudantes



prestaram devotada assistência às vítimas do conflito, no palco dos acontecimentos, no sertão e nas oito enfermarias organizadas no prédio do Terreiro de Jesus;

– o apoio à revolução constitucionalista liderada pelo Estado de São Paulo, oportunidade em que grande parte do seu corpo docente e muitos dos seus discentes foram aprisionados na penitenciária do estado;

– o belo movimento cívico - Legião dos Médicos para a Vitória – em 1942, quando da declaração de guerra do Brasil às nações nazi-fascistas;

Vários dos seus lentes ascenderam a importantes posições na política e na administração, no plano federal e estadual:

– Manoel Victorino Pereira, professor da Faculdade de Medicina, foi Vice-Presidente eleito da República, tendo ocupado a Presidência no impedimento de Prudente de Moraes;

– José Luis de Almeida Couto, é um outro exemplo da projeção política de professores da Faculdade de Medicina no cenário nacional. Lente de Clínica Médica, presidiu a Província da Bahia por duas vezes, sendo que, em uma delas, foi a última do regime monárquico. Fato curioso: José Luis de Almeida Couto, o último da monarquia, Virgílio Clímaco Damazio, o primeiro da época republicana. Presidiu, também, a Província de São Paulo em 1884-1885;

– em tempos mais recentes, vale citar os professores da Faculdade de Medicina que foram governadores do Estado: Antonio Carlos Peixoto de Magalhães e Roberto Figueira Santos;

Enfim, a Faculdade de Medicina é o produto de vários fatores, os que foram analisados neste texto e outros que poderão ser lembrados também. Seja como for, porém, e sumariando, é possível considerar:

– a posição geográfica que afastou a Faculdade de Medicina dos centros de decisões mais importantes;

– os obstáculos financeiros constantes, sobretudo nos últimos anos, que a tornaram dependente dos recursos dos órgãos federais distantes e nem sempre favoráveis em atender aos seus apelos;

– as dificuldades da economia da Bahia;

– as etnias e a índole da população;

– a cultura, as tradições e as características da sociedade baiana;

– a influência da política em vários setores;



- as características dos professores, as suas origens e qualificações;
- os aspectos administrativos.

Afinal, não há enigma algum

A Faculdade de Medicina teria que ser como foi e é. A massa crítica – econômica, étnica, demográfica, política, social, histórica, geofisiográfica – onde ela se formou, orientou, inexoravelmente, o seu destino.

Não poderia ser diferente. O que não se deve esquecer é que os mesmos acontecimentos, que conduziram os passos da sociedade no Brasil e na Bahia, em todas as suas camadas, também atuaram sobre a Faculdade de Medicina, de tal forma que ela é a própria imagem do meio onde se enraizou e cresceu. Bem ou mal, com todas as suas dificuldades e imperfeições, construiu um saldo positivo, aquele que lhe foi possível alcançar.

Considere-se que o processo não se deteve. Prossegue, tal como aconteceu em outras instituições similares pelo mundo, que viveram crises também, ultrapassadas com o tempo, com o progresso e com a evolução da própria vida.

Assim, espera-se que aconteça o mesmo com a Faculdade de Medicina da Bahia. É que ela tem a seu favor o que sempre foi o seu forte e o seu maior patrimônio: os homens, os que ensinaram aos jovens e os que administraram as suas propostas de trabalho.

III
*Cinquenta e Dois Anos
de História
(1943-1995)*



Quase tudo se transformou

1808-1995

Os períodos da história da Faculdade. Suas características. Acontecimentos marcantes. Figuras.

1943-1995

Fisionomia do mundo no fim do século XIX, início do século XX até 1943. Os desdobramentos no Brasil e na Bahia. Salvador, Terreiro de Jesus e a Faculdade de Medicina. Sistematização dos períodos que compõem esse espaço de tempo. Seus limites. Suas características.

Cinquenta e dois anos de História



Quase tudo se transformou

Hoje, quem viveu este meio século, da juventude à maturidade, não consegue afastar de si uma estranha sensação de vertigem, que lhe embota a percepção do que existe e do que se passa. Quase tudo se transformou:

– a ética; as ambições; a hierarquia dos valores; o comportamento e o relacionamento dos homens; o apego às tradições, lições recebidas, cuidadosamente retidas, de gerações passadas; o ensino da ciência e da prática médica; as novas faces do progresso, que desfizeram afirmações dogmáticas antigas, verdades aceitas, na época em que foram propaladas como irrefutáveis.

O mundo, o Brasil, a Bahia e a Faculdade de Medicina compartilharam este contexto amplo. Em um movimento em cadeia, partindo de fatos universais, as ideias se propagaram ao país, ao estado, e afinal à Faculdade, onde eram ajustadas à instituição pelos homens, professores, discentes e administradores que lá trabalharam. De tal modo que, a cada passo, não é difícil sentir a participação dominante desta sequência de influências, no caminho que a Faculdade de Medicina percorreu nos últimos 52 anos.

1808–1995

Convém, antes, porém, de analisar esta fase, 1943-1995, situá-la, devidamente, no seio da própria disposição dos períodos, que, em seu conjunto, formaram a história da Escola Médica do Terreiro de Jesus.



Assim, propõe o redator desta memória, interessado em facilitar a compreensão do leitor, os seguintes períodos, cada um deles marcados, no início e no fim, por acontecimentos relevantes:

- . 1º período - 1808 a 1854
- . 2º período - 1855 a 1905
- . 3º período - 1906 a 1946
- . 4º período - 1947 a 1995

O primeiro período começou com a Escola de Chirurgia da Bahia em 18 de fevereiro de 1808.

Seguiu-se a organização da Academia Médico-Chirurgica em abril de 1813, através da proposta de Manoel Luiz Alvares de Carvalho, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, o qual recebeu uma denominação curiosa – “bom será”. Isto porque os vários dispositivos do projeto começavam sempre com estes dois vocábulos.

Entre a Escola de Chirurgia e a Academia Médico-Chirurgica houve uma diferença significativa. Aquela, um embrião, dois professores. Nenhum apoio para o ensino prático, embora funcionasse em um hospital – o Hospital Militar.

A Academia Médico-Chirurgica foi um avanço, sem dúvida, apesar da precariedade dos meios e da irregularidade do seu funcionamento. A Santa Casa acolheu o novo instituto, nas suas instalações, na rua da Misericórdia. O curso constituído de nove matérias permaneceu teórico, com pouco sentido prático.

A Faculdade de Medicina surgiu em 3 de outubro de 1832. A sua sede e os seus serviços voltaram para o Terreiro de Jesus. O número de disciplinas ascendeu para dezesseis, porém, os mesmos defeitos persistiram: o ensino discursivo e as instalações insuficientes e precárias.

O segundo período se alongou de 1855 a 1905. Neste ano ocorreu o grande incêndio no prédio da Faculdade no Terreiro de Jesus.

Os seguintes fatos assinalaram o começo deste período:

– a reforma de abril de 1854, conhecida como Reforma Bom Retiro, que pretendeu introduzir profundas modificações no ensino médico. Não



logrou pleno sucesso, mas valeu pelo empenho em proporcionar mais apoio material e modificações de estatutos e regulamentos;

– a reforma Leôncio de Carvalho, em abril de 1879, complementada pela Reforma Saboia nos anos de 1881 e 1882; foi “a melhor de todas” no dizer de Pacífico Pereira porque propiciou profundas e benéficas influências no ensino médico da época;

– a guerra do Paraguai: médicos, professores e acadêmicos baianos que se deslocaram para as províncias do sul e para a Bacia do Prata beneficiaram-se com experiências novas e com intercâmbios com estes centros;

– a Escola Tropicalista da Bahia e a **Gazeta Médica da Bahia**. Estes, sim, os acontecimentos mais importantes. A iniciativa não nasceu na Faculdade de Medicina; foram profissionais médicos, que clinicavam na cidade, sem nenhum compromisso com o ensino oficial, a que se agregaram alguns lentes da própria Faculdade de Medicina, que idealizaram e materializaram a criação da gazeta e do núcleo de pesquisa.

Merecem ser lembrados alguns nomes: José Francisco da Silva Lima, Otto Edward Henry Wucherer, John Ligertwood Patterson, clínicos da cidade, sem qualquer vínculo com a Faculdade; Antonio Januário de Farias, Antonio José Alves, os irmãos Pereira – Manoel Victorino e Antônio Pacífico, Francisco dos Santos Pereira, José Luiz de Almeida Couto – todos professores da Faculdade; e mais Pires Caldas, Maia Bittencourt, Silva Araújo, Júlio de Moura. E, ainda, Virgílio Clímaco Damazio, o primeiro diretor da **Gazeta Médica** e que escreveu o editorial de lançamento em 10 de julho de 1866.

Este período é muito rico de homens e de realizações. Nele aconteceram as primeiras iniciativas, bem sucedidas, de pesquisa, em torno da patologia regional. Não há de se esquecer de Nina Rodrigues e a escola que fundou, tantas vezes mencionada neste trabalho.

Da mesma forma Antônio Pacífico Pereira, “Preceptor Brasiliae”, título honroso recebido em congresso nacional no Rio de Janeiro. Figura singular de educador, grandemente prestigiado em todo o mundo médico, acatado nos seus pareceres sobre o ensino médico, prestou informações úteis referentes ao perfil epidemiológico da cidade do Salvador.



O seu irmão, Manoel Victorino Pereira, cedo se desviou para a política, onde atingiu as culminâncias de ser Vice-Presidente e Presidente da República.

Bem conhecidos, também, são: Jerônimo Sodré Pereira, Antônio Januário de Farias, clínico de projeção, chegou a publicar um livro de Clínica Médica muito consultado na época; Luiz Adriano Alves de Lima Gordilho, o Barão de Itapoan, único professor da Faculdade a receber título de nobreza; Antônio Pacheco Mendes, primeiro professor de Anatomia e Fisiologia Patológicas, mais tarde transferiu-se para a cadeira de Clínica Cirúrgica, cirurgião renomado; Climério Cardoso de Oliveira, fundador da Maternidade que leva o seu nome.

O terceiro período (1906-1946) começa com um evento trágico: o grande incêndio que destruiu parte das instalações da Faculdade do Terreiro de Jesus – laboratórios, biblioteca e a capela dos jesuítas. Em contrapartida, a reconstrução concretizada, significou, no final, benefícios, pois o que se fez, suplantou de muito ao que existia. Alfredo Britto foi o administrador responsável por essa obra de alta significação.

Nos primeiros anos deste período a Faculdade de Medicina continuou a contar com professores qualificados, alguns vindos do período anterior, e outros que surgiram. Entre estes, Clementino Fraga é uma figura maior. Discípulo de Oswaldo Cruz. Fez parte da Escola de Manguinhos, onde conviveu com Carlos Chagas de quem era amigo próximo. Clementino Fraga tinha qualidades inatas de chefia e sensibilidade para perceber e aglutinar vocações. Professor de Clínica Médica, após concurso dos mais comentados em que ultrapassou a um mestre de valor e de fama merecida, Antonio do Prado Valladares.

João Garcez Fróes, professor de Clínica Médica, e, entre outros títulos que o colocaram em um plano de destaque, deve ser referido que a ele se deve a criação da disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da Bahia.

Eduardo de Moraes, que lançou as bases, na Bahia, da Otorrinolaringologia.

José Adeodato de Souza e Aristides Pereira Maltez – incentivadores da Ginecologia na Bahia, ambos chefes de escolas médicas, de reconhecidos méritos; até os dias de hoje, subsistem os frutos dos seus trabalhos.



Joaquim Martagão Gesteira teve o seu nome profundamente ligado à escola de Pediatria da Bahia, como um dos seus mais legítimos fundadores. Professor, administrador na área de saúde, e pesquisador, teve o seu trabalho reconhecido, também, no plano federal. Criou, na capital da República, o Departamento de Assistência à Criança.

Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, professor de Patologia Geral, prestigiado pela sua cultura, médica e humanística.

Aristides Novis – correto padrão de dignidade, possuidor de apreciável cultura, que expressava com fina elegância e propriedade.

Oscar Freire, que em seu tempo chefiou a escola médica de Medicina Legal da Bahia e orientou a criação desta especialidade em São Paulo.

Manoel Augusto Pirajá da Silva aparece como um dos que mais projetaram a Faculdade de Medicina, pelas pesquisas que realizou, reconhecidas como básicas na literatura nacional e internacional, principalmente aquelas no campo das doenças infectocontagiosas (esquistossomose, blastomicose sul-americana, doença meningocócica e outras).

Muitos outros deveriam ser mencionados e este risco, que relutantemente o memorialista aceitou, pesa-lhe e não o deixa à vontade.

A criação da Universidade Federal da Bahia através do Decreto - lei nº 9.155, datado de 8 de abril de 1946, determinou o fim do terceiro período e, conseqüentemente, o início do quarto. Este período se estende até os dias de hoje.

1943-1995

A história dos 52 anos, objeto principal desta Memória, está incluída, toda, obviamente, neste último período. É claro que os três primeiros anos, os que antecederam à fundação da Universidade Federal da Bahia, se incluem no terceiro período. Este detalhe, necessariamente, deverá ser levado em conta no seu devido tempo.

Particularizando, agora, o tempo transcorrido entre os anos de 1943 a 1995, tornou-se possível, em função das ocorrências que caracterizaram determinadas épocas e balizaram os seus limites, sugerir a seguinte sistematização:



- . 1º período - 1943 a 1950
- . 2º período - 1951 a 1964
- . 3º período - 1965 a 1982
- . 4º período - 1983 a 1995

O final de cada um deles foi determinado por fatos relevantes. Entre 1943 e 1950, limites do primeiro período, aconteceram três situações especiais: a criação da Universidade Federal da Bahia em 1946; a inauguração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina em 1948; e as atividades renovadoras da Fundação Gonçalo Moniz, implantadas no mesmo ano.

O ano de 1964 foi considerado como o limite do segundo período, marcado pela deflagração do movimento revolucionário e que repercutiu profundamente na vida da Faculdade de Medicina.

O fim do terceiro período, que corresponde, obviamente, ao início do período seguinte, foi determinado por ocorrências importantes: o progressivo declínio da revolução de 1964 e, em contrapartida, a ascensão das ideias que se contrapunham a ela – resumidas em um ato amplamente propalado, a “abertura política”.

A fisionomia do mundo, no fim do século XIX e no início do século XX era amena e não apresentava, ao menos na aparência, sinais ameaçadores. É a “bela época”, o “mundo de segurança” de que nos falou Stefan Zweig.

A primeira grande guerra e os anos que se seguiram a ela derrubaram as crenças e os modelos até então vigentes. E, assim, ocorreram transformações radicais na vida política, na estrutura da economia, nas manifestações culturais e, principalmente, nos valores éticos e morais de que se valia a sociedade. Foram anos de reconstrução. Novas lideranças emergiram, homens e nações, nesses tempos de incertezas. Aos poucos, os países europeus cediam espaço às novas potências, entre as quais com demonstração crescente de vitalidade econômica, científica e cultural, apareciam os Estados Unidos da América.

O pensamento nacionalista extremado abriu caminho para os regimes totalitários e aos ditadores sem freios, uma consequência lógica. Na esteira disso tudo, o desrespeito à condição e aos direitos dos homens, o racismo e a caça às minorias desprotegidas.



Os anos 1920 jogaram por terra costumes centenários, contestando as elites e as suas tradições, com a intenção propositada de mostrar o absurdo das desigualdades e a inutilidade de um convívio social descompromissado. Libertaram-se as vontades, novas expressões na música, com Bela Bartok, Manuel de Falla, Stravinsky e outros, procurando encontrar no sentimento popular os seus pontos de referência. No mesmo passo, a literatura, com Virgínia Woolf, Aldous Huxley, Ernest Hemingway e outros. Na arte, Salvador Dalí, Picasso, Miró, Gaudí servem de exemplos. E as repercussões desses movimentos renovadores no Brasil e na Bahia?

No Brasil, os letrados e os políticos tomavam conhecimento e posicionavam-se ao seu modo e de acordo com as possibilidades do tempo. A Semana de Arte Moderna em São Paulo é um exemplo na área cultural. Os vários movimentos revolucionários, evidenciando a inquietação face aos desequilíbrios sociais, expressavam, também, as repercussões no Brasil do que se passava no mundo.

E na Bahia? De um certo modo, continuava “prisioneira do seu passado, que não parecia poder ir embora; envelhecida, inerte, imóvel, lentamente adormecida, uma cidade bombardeada pelo passado, mansões de dois ou três andares, vegetações luxuriantes em torno delas, que no entanto, mal escondiam as feridas das paredes rachadas, que tinham pertencido – quando?, como? – a baianos abastados.”³

Salvador, então, com pouco mais de 300.000 habitantes, era “uma bela adormecida” com os seus mimos e rendas, suas festas e tradições, os versos dos seus poetas, os romances dos seus escritores, a música – tão bela – dos seus compositores, que vinha do povo; as suas ruas, estreitas e embaralhadas “pelas quais passaria hoje Fernão Cardim ou Gabriel Soares sem notar diferenças.” Cidade não planificada, mas mantendo os mesmos ares de mistério “com as suas ladeiras a prumo, envesgando pela montanha, seguindo o mesmo traçado das trincheiras de taipa de Tomé de Souza”. A religiosidade que se manifestava a todo instante nas igrejas, nas procissões, nas litánias melancólicas dos seus cantos, nas promessas, nos mistérios dos candomblés, nos pregões.

³ Kátia Queiróz Matoso



Quantos já falaram esta linguagem! E o memorialista pergunta a si mesmo porque se dispôs a esses riscos, sabendo que lhe faltam o engenho e a arte que sobraram em alguns, mais talentosos, embora igualmente seduzidos por esta terra admirável?

O espírito da Bahia se acomodou, com todas as suas benesses e dificuldades, na Faculdade de Medicina e no cenário onde ela se implantou - o Terreiro de Jesus. Estranha e imperiosa coincidência: a Faculdade de Medicina nasceu no mesmo espaço, nas mesmas edificações, modificadas, embora, pelo tempo e onde, no antigo Colégio dos Jesuítas, durante séculos, foi acalentado o sonho de uma universidade brasileira.

Os anos 1930 foram marcados, inicialmente, pela grande depressão econômica que, principiada nos Estados Unidos, se propagou por todas as nações do mundo capitalista, atingindo pobres e ricos, trazendo miséria e desemprego. Este fenômeno foi uma das primeiras evidências do que hoje tanto se fala: a globalização. É que nenhuma sociedade basta a si mesma, pois não consegue isolar-se, esquecendo e esquecida. Vale para os indivíduos também.

Contrapondo-se ao vanguardismo dos anos 1920, apareceu o realismo, que marcou a vida cultural dos anos 1930. No Brasil, repercutiu a crise econômica na queda brutal das exportações, principalmente do café. Eclodiram movimentos políticos que desembocaram no Estado Novo, com o qual o país teve que conviver durante muitos anos.

A Bahia, como não poderia deixar de ser, foi atingida também. Não na mesma proporção e intensidade de outras regiões mais adiantadas, registra o observador anônimo, cidadão que vai buscar nas suas reminiscências os motivos desta reflexão arriscada que está a fazer. Viveu a época e não se lembra que tenha acontecido na sua família, que nunca foi abastada, e na dos seus próximos, grandes dificuldades motivadas pela economia mundial em queda. Talvez porque o seu universo fosse simples demais, periférico e menor.

“A Faculdade não alterou o seu caminho e a sua fisionomia.”

1943 - Salvador: Faculdade de Medicina



Salvador, cidade tranquila, vivendo das suas tradições e das coisas simples que lhe completava o perfil, não tinha, na época, complexos, invejas e frustrações. Apesar de tudo, estava satisfeita com o que era e com o que fazia.

A Escola Médica, plantada no Terreiro de Jesus, por sua vez, com as ambições aparentemente atendidas, não se inquietava, satisfazia-se com a inteligência e a cultura de muitos dos seus mestres, referenciados com orgulho; e com a exuberância da mocidade que a frequentava. Nunca ninguém lhe havia negado ou disputado esta condição.

O Terreiro de Jesus compunha o seu universo: tinha ao lado a Catedral austera, a lembrança dos oradores sacros, o Padre Antônio Vieira e a sua cela, que se contemplava do pátio da Escola; as igrejas coloniais, cada uma com a sua história e o seu passado; a praça, com os seus jardins e os coretos que a ornamentavam; o gradil que a limitava, outrora palco de festas onde, em uma certa manhã do mês de janeiro do ano de 1609, a imaginação de José de Alencar colocou os moços Estácio Corrêa e o seu amigo Cristovão Garcia de Ávila, personagens das suas **As Minas de Prata**, ambos com os olhos brilhantes presos aos encantos de duas meninas-moças Elvira e Inezita, que àquela hora assistiam missa festiva na Catedral.

O Terreiro do Colégio, assim também chamado, lembrava cenas de tantos momentos maiores da nacionalidade, que ali aconteceram. O Colégio do Terreiro de Jesus da Bahia teve uma importância histórica bem ampla. No dizer de Serafim Leite: “centro de estudo, de piedade e de folguedo, escola de patriotismo, pois em seu pátio se organizou em 1638, contra os holandeses, a primeira companhia de estudantes que aparece na história do Brasil, em caráter oficial.”

Um pouco além, a igreja de São Francisco, os seus carrilhões, as suas riquezas, os seus altares e a nobreza da sua nave.

Amenidades – o bar do Perez, em cujas paredes ecoavam os sorrisos e as algazarras de jovens alegres, satisfeitos com a vida. A história dos três santos da Catedral: o que reclamava com o dedo em riste; o que esclarecia com o livro aberto e o que mostrava ao reclamante, caveira na mão, a sorte que o esperava.



Ah! Quanto significam tais lembranças para quem viveu os bons tempos dos verdes anos na Velha Casa do Terreiro de Jesus; “nunca pensei que ela acabasse! Tudo lá parecia impregnado de eternidade. No entanto, há seguramente por ela uma procissão de sombras. Sombras de todos os que passaram, os que ainda vivem e os que já morreram”. (Manuel Bandeira)

1943 – Em um dado instante tudo isto foi sacudido pela segunda grande guerra. No início, notícias distantes, lidas e comentadas como tantas outras em outros tempos. Mas, desta vez, a tempestade chegou, trazendo as preocupações do conflito, que atingia o mundo inteiro, para o cotidiano da cidade.

As dificuldades do transporte urbano, o abastecimento irregular, o isolamento da Bahia do resto do país, do norte ou do sul, pela inexistência de outros meios de comunicação além do mar, bloqueado pelos riscos da guerra submarina. De tal forma que a Bahia teria que viver com os seus meios, sem convívio cultural, limitando-se às suas próprias possibilidades. O aumento crescente da população criou novas exigências.

No decorrer desses sete anos, de 1943 a 1950, distinguem-se duas fases:

- a primeira, até 1945, quando terminou a segunda grande guerra, na qual a Faculdade não mudou as características dos anos anteriores;

- a segunda, marcada por episódios importantes, tais a criação da Universidade Federal da Bahia, a fundação do Hospital das Clínicas e as atividades da Fundação Gonçalo Moniz, responsáveis por definitivas influências no seu destino.

IV

Anos de Transição



1ª Fase (1943-1946). O memorialista e a experiência que viveu neste espaço de tempo.

Influências externas. Presença da cultura francesa. A primeira grande guerra e a ascensão dos americanos do norte. Fundações Rockefeller e Hideyo Noguchi. Instituto de Manguinhos. Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Clementino Fraga. A Segunda Grande Guerra e as suas consequências. Repercussões na Bahia e na Faculdade de Medicina.

Perfil da Faculdade na época. Traços que caracterizavam a Faculdade. O professor e as salas de aula. O curso médico: o ciclo clínico. Descrição física da Faculdade de Medicina na época: sede do Terreiro de Jesus, Maternidade Climério de Oliveira e Ambulatório Augusto Vianna, Hospital Santa Isabel.

Como se fazia o ensino. Os professores e as respectivas cadeiras. Ingresso na Faculdade, distribuição de matérias no ciclo básico e no ciclo clínico. O modelo do ensino praticado, visto na atualidade. O médico que resultou. A técnica e a arte médica.

O ciclo básico. A Anatomia e Eduardo Diniz Gonçalves. Raphael Menezes da Silva, Audemário Guimarães e Aldemiro José Brochado. A Fisiologia: Aristides Novis. Edgard Pires da Veiga e Eduardo Lins Ferreira de Araújo.

O ciclo clínico. A Clínica Médica. Armando Sampaio Tavares. Adriano de Azevedo Pondé. José Olympio da Silva. Sabino Lobo da Silva. César Augusto de Araújo, um destaque. Paulo Duarte. Renato Lobo. Augusto da Silveira Mascarenhas. Fernando José de São Paulo.



Clínica cirúrgica. Fernando Luz. Edgard Rêgo dos Santos, Flávio de Araújo Faria. Eduardo Sá de Oliveira. João José de Almeida Seabra. Clínica Ginecológica: Aristides Pereira Maltez e Alicio Peltier de Queiroz.

Outras especialidades. Estácio Luiz Valente de Lima. Francisco Peixoto de Magalhães Netto.

Visão crítica do ensino. O ensino clínico no Hospital Santa Isabel, no Hospital Couto Maia e no Hospital de Pronto Socorro. Maternidade Climério de Oliveira. Fundação Gonçalo Moniz: a influência que exerceu sobre o ensino e a pesquisa. Modificações no professorado.

2ª Fase (1947-1950). O fim da segunda grande guerra e as suas repercussões nos anos que se seguiram. A Universidade Federal da Bahia. Avaliação histórica. O Hospital das Clínicas: a sua história e as providências realizadas no sentido de concretizá-lo. Fundação Gonçalo Moniz. A Universidade Federal da Bahia, a Faculdade de Medicina e o Hospital das Clínicas. Núcleos de progresso no ensino. A Escola de Enfermagem e a sua importância.

Anos de Transição

Primeiro período: 1943-1950

(1ª fase: 1943-1946 / 2ª fase: 1947-1950)



1ª Fase (1943-1946)

Contar o que ocorreu na Faculdade de Medicina da Bahia entre os anos de 1943 a 1950 significa, para o memorialista, voltar a andar um caminho que faz parte da sua própria existência. Reconhece as dificuldades. Sabe que não está só. Ouviu testemunhas de quem, como ele, viveu a Faculdade de Medicina daquele tempo. Teve nas suas mãos publicações e documentos oficiais, através dos quais, conseguiu inteirar-se com mais precisão dos acontecidos.

E, depois de tudo, procurou ser fiel ao seu tempo, ao que participou e presenciou, embora sabendo que a percepção dos fatos registrados na mocidade, retida ao longo dos anos, quase nunca se confirma, assim, na maturidade. Melhor deixar quietas as reminiscências distantes. Talvez, hoje, seja desnecessário interrogá-las. É que as lembranças e os sonhos, afinal, podem ser mais preciosos do que a própria realidade.

Consideradas essas reflexões, cabe, agora, examinar as ocorrências deste período. Como se há de estar lembrado, o primeiro período foi dividido em duas fases: a primeira, de 1943 a 1946; e a segunda, desta data até 1950.

Para não fugir da disposição didática que se pretende dar ao texto, devem ser observados os seguintes aspectos:

- as causas que determinaram o perfil de cada uma das fases;
- como se praticava o ensino: os professores, os discentes, a disposição das matérias, o currículo, os locais, o ensino que se fazia fora da Faculdade;



- a assistência prestada aos pacientes;
- a pesquisa na Faculdade de Medicina.

Influências externas

Viveu a cultura brasileira, em que se incluí, naturalmente, a medicina, o seu ensino e a sua prática, durante bem mais de um século, a partir de 1822, tendo como espelho o pensamento europeu, sobretudo o francês.

Até a primeira grande guerra, ninguém havia disputado com a França esta posição. Entretanto, nos anos 1920, surgiram claros indícios da ascensão dos americanos do norte, o que se fez notar na Bahia, no particular da medicina, através da ação da Fundação Rockefeller. Esta instituição patrocinou a vinda à Bahia do pesquisador japonês Hideyo Noguchi, que aqui esteve no ano de 1924, pesquisando o agente causal da febre amarela, que ele supôs, na época, ser um espiroquetídeo, a *L. icteróides*.

Montou um laboratório de bom padrão, atraiu o interesse de jovens médicos baianos e, quando se retirou, deixou todo o material que trouxera, na esperança de alguém prosseguir com os trabalhos que havia iniciado. Além do que, a Fundação Rockefeller proporcionou estágios nos Estados Unidos a pesquisadores promissores, como foi o caso de Eduardo Lins Ferreira de Araújo.

Um outro exemplo que tem relação com as considerações que, agora, são feitas, foi o empenho da Faculdade de Medicina em estabelecer contatos com o Instituto de Manguinhos. Oswaldo Cruz recebeu o título de Professor Emérito. Homenageou com a mesma distinção, em fevereiro de 1924, a Carlos Chagas.

Alguns médicos e professores baianos estiveram em Manguinhos. Clementino Fraga é um exemplo. Parte da sua formação, a inicial, logo após a sua graduação na Bahia, se fez junto a Oswaldo Cruz, que muito o considerava. Foi amigo próximo de Carlos Chagas; acompanhou as suas pesquisas, das quais resultou a descrição como é amplamente sabido, de um novo patógeno, o *T. cruzi*, responsável por uma das mais importantes endemias brasileiras – a doença de Chagas. Esteve em Lassance, onde os



primeiros casos de doença de Chagas foram descritos; seguiu o que se pesquisava no laboratório de Manguinhos, e foi, com o seu prestígio, um dos sustentáculos de Carlos Chagas, quando, levemente, foi posta em dúvida a veracidade da sua descoberta.

Os azares da segunda grande guerra precipitaram uma crise no prestígio da França, o que, aliás, já se desenhava nos anos que antecederam ao conflito. O espaço aberto com o retrocesso europeu e, particularmente o francês, foi ocupado pelos Estados Unidos, com todo o peso da sua visão objetiva, das suas técnicas, dos seus livros e periódicos, da sua filosofia de trabalho, da sua cultura.

Entretanto, na Bahia, esta situação não aconteceu logo. Vivia-se o isolamento imposto pela guerra, de tal forma que, na primeira fase deste período (1943-1946) quase não foram percebidas as transformações que se pressagiavam.

Os livros médicos, didáticos ou de consulta, eram, quase todos, de origem francesa. Os estudantes tinham nas mãos o **Testut** (símbolo do prestígio do acadêmico de medicina daquele tempo), o **Brumpt**, o **Dieulafoy**, o **Trousseau**, a **Presse Médicale** – e tantos outros livros e periódicos, da mesma origem, consultados, também, pelos ilustrados médicos e professores da época. Falava-se e lia-se o francês. Poucos tinham acesso à literatura anglo-saxônica, ainda porque não eram muitos os que possuíam familiaridade com a língua inglesa ou germânica. As aulas eram dadas no mesmo estilo que caracterizavam as épocas passadas.

Perfil da Faculdade na época

A Faculdade de Medicina se revestia de certas particularidades que marcavam o seu perfil. Entretanto, cogitava-se bem mais do desenrolar dos acontecimentos que iam pelo mundo, e de que o Brasil era também um partícipe. O clima de patriotismo, a “Legião dos Médicos para a Vitória”, estudantes convocados para o Exército, os comícios de que compartilhavam ativamente alunos e professores, muitos, tantas vezes, nascidos na velha



Escola, melhor dizendo no Anfiteatro Britto ou no Salão Nobre, de onde se derramavam pela Praça da Sé afora.

Os concursos para provimento das cátedras que se vagavam despertavam interesse inusitado. A cidade toda tinha notícias e comentava, vivamente, os lances das provas e o valor dos candidatos. Reminiscências agradáveis, momentos especiais.

As festas de formatura, o Salão Nobre engalanado, os discursos que empolgavam e comoviam, as famílias ostentando o orgulho e o triunfo que alcançavam naquele momento, tão ansiosamente aguardado, a Congregação e os professores com as vestes solenes, os novos médicos que se julgavam donos do saber da arte de curar, cabeças cheias de planos, irradiando alegria.

Os movimentos estudantis e suas representações – a UEB, União dos Estudantes da Bahia, e a UNE, União Nacional dos Estudantes – escolas de formação de liderança, participavam, com o entusiasmo e a sinceridade próprios da juventude, dos acontecimentos que atingiam a sua escola, ao ensino, ao momento político e social. O espírito da Faculdade se alimentava de tudo isso.

O curso médico se organizava em dois ciclos:

- o ciclo básico, com a duração de três anos, formado pelas cadeiras ministradas nos anfiteatros e laboratórios no prédio do Terreiro de Jesus;
- o ciclo clínico, que se constituía das cadeiras de Clínica, Médica, Cirúrgica e das especialidades – ensinadas no Hospital Santa Isabel, da Santa Casa de Misericórdia, no Ambulatório Augusto Vianna e na Maternidade Climério de Oliveira.

Existiam três anfiteatros na sede da Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus:

- o Anfiteatro Alfredo Britto, projetado e construído sob a responsabilidade de Theodoro Sampaio, o que, por si só, tem um especial significado, dada a respeitabilidade deste nome, erigido no início do século, após o incêndio da Escola. Majestoso e digno, com capacidade acima de 200 lugares, bem mobiliado, com excelente acústica e obedecendo a um projeto adequado e harmonioso;
- o Anfiteatro Braga, mais modesto, porém com capacidade para receber, com folga, mesmo as turmas mais numerosas;



– o conjunto de anfiteatros Itapoan, voltado para o grande pátio interior da Escola, constituído de dois grandes salões, no andar térreo, onde eram dadas, em um deles, as aulas teóricas de Anatomia, e no outro, em que se localizavam as mesas e os tanques com as peças anatômicas, local das aulas práticas. No andar superior, dois outros ambientes, destinados às disciplinas de Anatomia Patológica e Física Médica.

Além dessas áreas, onde eram ensinadas a Anatomia, a Anatomia Patológica e a Física Médica, existiam outras destinadas aos laboratórios que serviam a diversas disciplinas. Distribuía-se ao longo de dois eixos: o do andar superior e a do andar térreo. O do andar superior se alongava da área destinada à administração, Sala dos Lentes e Salão Nobre, em um dos extremos, à Biblioteca e ao Instituto Nina Rodrigues, no outro extremo.

No eixo inferior, seguindo-se às áreas que acomodavam os cursos das Faculdades Anexas de Odontologia e de Farmácia, situavam-se os laboratórios de Farmacologia, Histologia, Fisiologia e Química Médica. No eixo superior instalavam-se as disciplinas de Higiene, Microbiologia e Parasitologia. E, por fim, existia ao lado do Anfiteatro Itapoan um pavilhão modesto, onde era ensinada a Patologia Geral.

Os laboratórios quase sempre incompletos, mal atendiam aos programas dos cursos regulares. Material escasso. Prestavam-se, apenas, para as aulas de demonstração, nunca ao ensino individualizado. Não se tem notícias da realização de pesquisas médicas, na época, em tais laboratórios.

Compreende-se, pois, que o ensino teria que ser, como na verdade era, ministrado, principalmente, em aulas teóricas de anfiteatro, no estilo clássico. Estas aulas poderiam ser úteis ou não, o que dependia da qualidade do professor que as proferia.

Permite-se o memorialista a uma pausa para considerar que nos dias de hoje e no nosso meio, sobretudo, este modelo agoniza, considerado irrelevante e ultrapassado. Os ilustrados em educação médica, nem sempre fortalecidos pela solidez da experiência própria, vislumbram, naqueles que, com simplicidade, ensinam nas salas de aula e nos anfiteatros, a quem chamam, com um certo ar de presumida superioridade, o professor de “giz e quadro negro”, considerado por eles uma figura retrógrada e de um conservadorismo casmurro.



"Janelas" colocadas de improviso para deter a deterioração dos livros expostos (1995)



Vista lateral da Faculdade de Medicina em completo abandono (1995)



Antigo Anfiteatro Alfredo Britto em completa ruína (1995)



Livros mumificados (1995)



Livros deixados ao acaso (1995)



Não é bem isso. O professor autêntico e o que verdadeiramente ensina, não é o que, tão só, transfere conhecimentos. O ensino se faz com o exemplo e com a experiência que se possui. Ensina quem tem o dom e a vocação. Não se improvisa; nem a técnica da comunicação moderna, com todos os seus avanços, consegue, por ela mesma, transformar em um professor aquele que não nasceu para sê-lo. Muitas vezes, bastam a simples e continuada presença do mestre e a sua palavra, ouvida sem intermediação para ganhar a confiança e guiar os jovens que procuram caminhos.

Além do mais, a sala de aula é o ambiente próprio, é o bom momento para moldar personalidades e o caráter profissional do jovem educando. Não que se pretenda negar o progresso e os grandes avanços da comunicação e da informática nos ambientes de ensino, o que seria, verdadeiramente, um absurdo.

Ultrapassados os três primeiros anos, o estudante alcançava o direito de cursar as disciplinas que compunham o ciclo clínico. Era nos hospitais e nos ambulatórios da Faculdade que isso acontecia: na Maternidade Climério de Oliveira, no Ambulatório Augusto Vianna, no Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia, e, eventualmente, em outros hospitais da rede pública.

A história da Maternidade Climério de Oliveira é longa. Começou, verdadeiramente, quando se instalou uma enfermaria de partos no antiquíssimo Hospital São Cristovão “extremamente precário, estabelecido nos toscos e impróprios compartimentos do vetusto Colégio dos Jesuítas”.

Deve-se a Climério de Oliveira a construção de uma maternidade escola, um projeto seu, ao qual dedicou a melhor parte da sua vida, tornado realidade, em outubro de 1910. A maternidade, que recebeu o nome daquele que a concebera, teve e tem um especial e admirável papel na qualificação da Obstetrícia da Bahia, ensinada aos que se iniciavam e abrindo espaços aos que, já amadurecidos, buscavam novas perspectivas na especialidade.

Ampliações e reformas se sucederam ao longo dos anos: as da época de Menandro dos Reis Meirelles Filho, de Almir de Oliveira, de Pio Bittencourt, de José Adeodato de Souza Filho e de José Maria de Magalhães Netto. Estudantes, jovens médicos, o povo humilde da Bahia, certamente, se beneficiaram do esforço desses professores.



O Ambulatório Augusto Vianna trouxe consigo a esperança de alcançar um objetivo mais amplo. Deveria ser a primeira etapa de uma série de pavilhões, cujo conjunto, no final, se constituiria no sonhado Hospital das Clínicas da Faculdade. Augusto Vianna foi o seu mentor. Em 1918 comprou uma chácara no Bom Gosto do Canela e em novembro de 1927 inaugurou o ambulatório. Dele tem-se uma ideia através da descrição feita por Gonçalo Moniz em sua memória histórica, e José Silveira, em seu livro **O alemão do Canela**. Ambos colocaram a unidade ambulatorial em plano de destaque, pela sua arquitetura, laboratórios, consultórios e serviços, pela aparelhagem e instalações, gabinete de radiologia e centro cirúrgico.

Ademais, tudo funcionava razoavelmente bem, sob às vistas e o cuidado da administração do próprio diretor da Faculdade. Algumas disciplinas clínicas tinham no ambulatório a sua base didática, conquanto o ensino não se estendesse a outras cadeiras da Faculdade de Medicina, como seria de desejar, pois vários professores não o frequentavam. O trabalho de Fernando Luz, o grande cirurgião da época, é um exemplo de quanto seria possível realizar no Ambulatório Augusto Vianna, com os meios que ele possuía. É justo, também, que se diga: foi no Ambulatório Augusto Vianna que José Silveira lançou a semente do seu respeitado Instituto Brasileiro de Investigação da Tuberculose – IBIT.

Aos poucos, porém, a unidade se desgastou. Razões várias: administrativas, econômicas, sempre considerado como uma etapa da construção do Hospital das Clínicas. Com o advento da Universidade Federal da Bahia, foi derrubado e no seu lugar construiu-se o “Palácio da Reitoria”.

O Hospital Santa Isabel, mediante um convênio com a Santa Casa de Misericórdia, acolheu nas suas enfermarias e serviços o ensino da Clínica Médica e da Cirurgia da Faculdade de Medicina. Nem uma nem outra parte, contudo, se considerava satisfeita. Reclamações e queixas mútuas, suportavam-se, apenas.

O Hospital Santa Isabel foi concluído em julho de 1893 e recebeu as cadeiras de Clínica e Cirurgia que até então eram ensinadas no Terreiro de Jesus. Isto representou um grande progresso. O Hospital tinha capacidade para 600 leitos. Durante 56 anos bem serviu à Faculdade de Medicina, até que ela transferiu, em 1948, as suas atividades clínicas para o Hospital recém inaugurado, no Canela.



Enfermarias de pé direito bem elevado, piso de tabuado, janelas e portas altas e largas, claras, comportando, cada uma delas, mais de 30 leitos. Médicos, estudantes e irmãs de caridade iam e vinham nesse ambiente. Os pacientes, muitas vezes, permaneciam longos períodos internados a espera de providências, que esclarecessem o diagnóstico e as medidas terapêuticas pertinentes.

Como se fazia o ensino

Pretendia a Faculdade, ao longo de seis anos, ensinar aos que nela se matriculavam a medicina que se praticava na época.

No ciclo básico se distribuía, durante três anos, dez disciplinas; enquanto que no ciclo clínico, em igual período, vinte e quatro. Cada uma das cadeiras, como eram denominadas, também, as disciplinas, era regida pelo professor catedrático, auxiliado por assistentes, por ele próprio indicados.

Todas as disciplinas contavam com um laboratório ou enfermaria e um ambulatório, conforme fossem do primeiro ou do segundo ciclo, respectivamente.

Os estudantes, aprovados no exame de vestibular, matriculavam-se na primeira série. Nos anos seguintes, a matrícula se fazia com a mesma simplicidade e tudo funcionava, neste modelo seriado, a contento.

Ao se iniciar o ano de 1943, o curso da Faculdade de Medicina da Bahia era constituído das matérias a seguir relacionadas, com os respectivos professores:

A - Ciclo básico

1º ano

1. Anatomia (1ª Cadeira) - Eduardo Diniz Gonçalves
2. Anatomia (2ª Cadeira) - Raphael de Menezes Silva
3. Histologia e Embriologia Geral - Mário Andréa dos Santos



2º ano

4. Fisiologia - Aristides Novis
5. Física Médica - Álvaro Campos de Carvalho
6. Química Médica - Euvaldo Diniz Gonçalves

3º ano

7. Microbiologia - Eduardo Lins Ferreira de Araújo
8. Parasitologia - Antonio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto
9. Patologia Geral - Octávio Torres
10. Farmacologia - Edgard Pires da Veiga

B - Ciclo clínico

4º ano

11. Clínica Médica (3ª Cadeira) - Sabino Lobo da Silva
12. Clínica Propedêutica Médica - Adriano de Azevêdo Pondé
13. Clínica Dermatológica e Sifilográfica - Albino Arthur da Silva Leitão
14. Clínica Oto-rino-laringológica - Eduardo Rodrigues de Moraes
15. Clínica Propedêutica Cirúrgica - Eduardo de Sá Oliveira
16. Anatomia e Fisiologia Patológicas - Leôncio Pinto
17. Técnica Operatória e Cirurgia Experimental - Antonio Ignácio de Menezes

5º ano

18. Terapêutica Clínica - Fernando José de São Paulo
19. Clínica Médica (2ª Cadeira) - José Olympio da Silva
20. Higiene - Francisco Peixoto de Magalhães Netto
21. Medicina Legal - Estácio Luiz Valente de Lima
22. Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas - Heitor Pragner Fróes
23. Clínica Cirúrgica (1ª Cadeira) - Edgard Rêgo dos Santos
24. Clínica Cirúrgica - (2ª Cadeira) - Eduardo de Sá Oliveira
25. Clínica Urológica - Lafayette Coutinho de Albuquerque



6º ano

26. Clínica Médica (1ª Cadeira) - Armando Sampaio Tavares
27. Clínica Obstétrica - Almir Sá Cardoso de Oliveira
28. Clínica Pediátrica e Higiene Infantil - Alfredo Ferreira de Magalhães
29. Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica - Durval Tavares da Gama
30. Clínica Oftalmológica - João Cezário de Andrade
31. Clínica Ginecológica - Aristides Pereira Maltez
32. Clínica Neurológica - Antonio Carlos Gama Freitas
33. Clínica Psiquiátrica - Mário Carvalho da Silva Leal

A Diretoria da Faculdade de Medicina, ao se iniciar o ano de 1943, tinha como diretor e vice-diretor, respectivamente, Edgard Rêgo dos Santos e José Olympio da Silva. Edgard Santos, que substituiria a José de Aguiar Costa Pinto, em 1936, iniciava a sua longa obra administrativa na Escola e que iria se estender até o ano de 1955.

Analisados no seu conjunto, os professores que compunham a Congregação da Faculdade, daquele tempo, mereciam, sob muitos aspectos, respeitoso conceito. É bem verdade não ser possível comparar as qualificações de um mestre do passado, principalmente, quando se leva em conta o tempo histórico e as determinantes locais, com as que se espera, hoje, encontrar em um professor de medicina.

As crônicas aparecidas e a memória verbalizada, transmitidas com o passar dos anos, entre os docentes, discentes e mesmo leigos, projetavam figuras e acontecimentos, que, quando examinadas, dão o retrato mais aproximado possível, dos professores e da Congregação que eles formavam. Muitos rememoraram os idos, que se analisam agora, com um toque compassivo, que pode fugir à realidade. Deixaram ao largo as dificuldades e as deficiências de então, o que não se fazia ou o que se fazia de modo incompleto ou errado, em um esforço de esquecer ou evitar críticas.

Entretanto, na outra ponta, comentaram alguns, às vezes, até agressivamente, o clima da Faculdade, os discursos e a retórica, ao invés do aproveitamento do tempo, no ensino prático e no preparo do profissional que a sociedade estava à espera.



Apontaram a tradição, a irrealidade e a inadequação da cátedra e dos catedráticos, a acomodação a uma ordem de coisas que já não tinha mais lugar, mesmo no mundo daqueles anos, convulsionados pelos grandes impactos, que sofriam as comunidades de todos os países, impostos pela guerra mundial que ia em curso – como os responsáveis pelo atraso da nossa instituição de ensino médico.

Os programas das disciplinas eram ajustados, ao seu modo, por cada um dos catedráticos, sem que houvesse uma coordenação efetiva, que proporcionasse o equilíbrio e a harmonia do trabalho planejado de um conjunto.

Quanto aos estudantes, quase sempre, colocavam-se, passivamente, sem espírito crítico, sem questionar e sem contestar o ensino que recebiam. Acrescia a isso, a pobreza dos meios, os laboratórios e os hospitais clamando por renovações.

O que é o justo e onde está a razão desses comentários? O que é que resultou em benefício da sociedade o trabalho feito pela Faculdade de Medicina nos anos 1940? Que médicos formou? São melhores ou são piores que os de hoje? Que modelos tiveram? Que inteligências e consciências se uniram para construí-los e colocá-los no seu devido lugar na ordem social, aceitando e assumindo os encargos gerados pelas responsabilidades do tempo?

Ocorre ao autor deste trabalho considerar que a medicina não é uma atividade atrelada e subjugada, unicamente, à técnica. A técnica em si, é fria e indiferente aos anseios e às incertezas da vida – muda com o tempo. A medicina não é regida tão somente pelo saber, mas pela sabedoria, que lhe toma pelas mãos e a conduz nos meandros do sentimento humano e na obediência ao determinismo biológico do nascer e do morrer. A técnica diz o que é. Mas, não interpreta e é indiferente às consequências das suas constatações.

Os médicos que se formaram naquela quadra da vida da Faculdade, sabiam menos, pois o meio em que viviam, os apoios que tinham, a evolução da ciência impediam que soubessem mais. Porém, isto não quer dizer que não foram, necessariamente, bons médicos. Foram muitos os bons e até mesmo os ótimos. Nem todos, contudo, se conduziram assim, é certo. Uns tantos se desviaram, como acontece em todas as épocas e em todas as atividades profissionais.



O que mudou? No tempo em que se vive não é este o questionamento dos bons e dos maus?

Entre as duas épocas, os médicos que saíram da Faculdade de Medicina, são diferentes porque a evolução dos conhecimentos deu a uns o que aos outros não poderia oferecer. A vida em si é a mesma, os natais se repetem sempre. O que vale é a qualidade da essência que constrói os valores autênticos, que cada qual deve ter, ciosamente, resguardados e protegidos.

O ciclo básico

Os professores: os bons e os fiéis serão lembrados. Procurar-se-á compreender os que assim não o foram. Algumas cadeiras e os respectivos professores colocavam-se em plano de destaque.

O ensino da Anatomia pode ser um exemplo; pois tem sido contestado por vozes autorizadas. No nosso juízo, porém, a regularidade das aulas, a postura dos docentes, as obrigações de um estudo sério, a experiência com o aprendizado de alguma coisa diferente – causavam uma impressão fixada no sentido de responsabilidade dos estudantes que mal começavam o curso médico.

Obrigados a memorizar a matéria, à primeira vista, um esforço despropositado, se não houvessem outros complementos; em contrapartida, tinham a oportunidade de participar da apresentação de material anatômico pelos assistentes da cadeira, assíduos e competentes, que ficavam, ainda, disponíveis para revisões e estudos detalhados. Ou o que era mais raro, para os mais interessados, havia sempre o ensejo de tomar parte em atividades de dissecação. O ensino da anatomia ocupava todas as manhãs, durante os dois semestres.

Eduardo Diniz Gonçalves, uma figura lendária, respeitado e com um perfil de homem exigente e com ares de agressividade, sem sê-lo, porém, era bem aceito pelos alunos. Raphael Menezes da Silva ministrava a outra cadeira. Não exigia menos dos alunos e ensinava obedecendo a igual linha de trabalho didático. Entretanto, dois outros professores se projetaram pela excelência dos trabalhos anatômicos que produziram: Audemário Guimarães

e Aldemiro José Brochado. A propósito: onde anda a coleção de mil crânios reunida e analisada por Aldemiro José Brochado?

Frequentemente, cirurgiões ou outros interessados, procuravam as cadeiras de Anatomia para aprofundar conhecimentos e pesquisar. São os casos de João José Almeida Seabra e Jayme Martins Viana e outros.

Aristides Novis é sempre lembrado pela compostura, dignidade, cultura humanística, retidão e sabedoria nos conceitos que emitia, sensibilidade. Fez da Fisiologia um ponto de referência agradável para todas as gerações que assistiram às suas preleções. Transmitia conhecimentos atualizados. A sua exposição prendia de ponta a ponta a atenção de quem a escutava. Mas, o melhor estava na sua própria presença, na figura austera, na confiança que inspirava, na experiência e nas reflexões elevadas sobre a vida e o viver que emanavam de suas palavras. Vestido de preto, camisa branca, contrastando com a gravata, que era negra, fiel à sua viuvez, a testa ampla, os cabelos que rareavam, a impecável capa branca que vestia. Nas mãos, o lenço, machucado, que apertava, às vezes em gestos convulsos quando a emoção lhe atingia em um lance de maior inspiração. Aproximava-se do quadro negro, onde estava previamente gravado todo o esquema da aula que se iniciava. Eram, exatamente, 9 horas da manhã.

Há os que fazem restrição ao seu estilo. Assim procedem, quase sempre, os que não se igualam ou mesmo não se aproximam, na capacidade de ensinar através da palavra. Não são muitos os professores verdadeiros e não se consegue pelo improvisado ou pelo artificialismo atingir esta situação. Nem sempre os vastos recursos, tão à moda nos tempos atuais, das ricas projeções, bastam para convencer e incutir ideias; se isto fosse possível, todos os que tivessem à disposição tais recursos, seriam professores. Mas não o são.

Conseguiu Aristides Novis reunir e comandar pela persuasão do seu exemplo, prosélitos fiéis. Na década seguinte, um deles, o seu filho, Jorge Augusto Novis, iria estruturar um núcleo de ensino e pesquisa em Fisiologia, do qual serão feitas referências adiante.

Edgard Pires da Veiga, um bom didata; e Eduardo Lins Ferreira de Araújo, um homem correto, devem ser citados entre os professores do ciclo básico, pelo que contribuíram para o ensino. Assíduos, responsáveis e úteis.





O ciclo clínico

O ciclo clínico era mais expressivo em valores e em possibilidades didáticas. Contudo, da mesma forma que o anterior, não se percebe nele o interesse maior pela pesquisa médica, o que, de resto, é justificável, entendidas as condições materiais do meio e do tempo. Da mesma maneira não havia preocupação com a pós-graduação.

É certo, porém, que, quem procura se interessar sobre o trabalho dos docentes da época, registra, surpreendido até, um número considerável de publicações sobre casos clínicos, fruto de observações bem feitas e cuidadosas, as quais também serviram para clarear certos aspectos das patologias próprias da época.

Assistia-se aos pacientes nas enfermarias da Maternidade Climério de Oliveira, do Hospital Santa Isabel e no Ambulatório Augusto Vianna. Cada disciplina dispunha, pois, da sua enfermaria e do seu ambulatório, o que quer dizer, completava-se uma unidade docente assistencial.

A Clínica Médica sempre se destacou. Representavam-na quatro disciplinas: três de Clínica e a Propedêutica Médica. Talvez esteja na qualidade especial dos que a ensinavam a razão deste destaque.

Armando Sampaio Tavares é um bom exemplo e confirma esta reflexão. Símbolo de uma preciosa combinação de valores: professor, médico e humanista, como poucos o foram. Ensinou em todos os momentos da sua vida. Nas salas de aula – a palavra fácil, as ideias arrumadas e bem medidas – e junto aos doentes, quando, fosse qual fosse a sua condição social, assumia, o mestre, a atitude de respeito e de solidariedade, o exame minucioso, que aparecia em cada um dos gestos que fazia. Médico que cumpriu o seu destino e o seu predestinado dever, com amor e sem as queixas que, às vezes, as agruras do cotidiano da profissão insinuam e podem amargar os propósitos mais sadios. Cultura de quem buscava conhecer, em sua própria experiência e na dos outros, através dos livros e das meditações, a natureza dos homens e o significado da vida. Místico. Bom. “Sábio e santo, um dos nobres modelos humanos, de quem aprendi a lição admirável de como é bom ser bom.”²⁴



Não é demais reproduzir o que escreveu na aula de abertura dos cursos em 1927: “Não temais jamais a confissão do vosso erro. Confessai os vossos e perdoai os alheios; ponde porém, todo o vosso empenho em que jamais os pratiqueis de consciência.”

Passo a passo, cumpriu, integralmente, todo o caminho da carreira docente. Vem de uma origem de privilegiados: a escola médica que Clementino Fraga criou na Faculdade de Medicina no primeiro quarto deste século; e que tantos seguidores de alto nível produziu, entre os quais, Francisco Peixoto de Magalhães Netto e César Augusto de Araújo são expressões de alta consideração.

Armando Sampaio Tavares pesquisou. Pesquisa de boa lavra, clínica e experimental. Nas suas teses, todas, evidencia-se o gosto e a vocação pela pesquisa. Constatava isso quem as consulta: a de doutoramento **O sistema neuro-vegetativo e sua exploração no beriberi**; a de docência **Em torno da exploração funcional do fígado na doença de Manson-Pirajá da Silva**; e as suas teses para a cátedra (exigiam-se duas, na época) **Sobre o método ectoscópico de Weiss** e **Do conceito atual da arteriosclerose. A questão da hipertonia essencial**. Repare-se nos temas escolhidos; a objetividade, o interesse pela patologia regional e a percepção do significado futuro dos assuntos selecionados. Em 1944 Armando Tavares faleceu.

Adriano de Azevêdo Pondé, naquele tempo regendo a cadeira de Propedêutica Médica, o substituiu. Adriano Pondé – espírito irrequieto e progressista, culto em humanidades e em ciência médica, capaz de selecionar e aglutinar elementos jovens e vocacionados. Tem a seu favor iniciativas importantes. Inspirou e estruturou, desde as bases, a Cardiologia na Bahia. Foi um dos que iniciaram a prática da eletrocardiografia e de outras medidas propedêuticas no campo da Cardiologia em nosso meio. Interessou-se pela doença de Chagas e publicou sobre o assunto. Vários dos seus trabalhos têm como tema esta endemia, tais como: **A doença de Chagas na Bahia** (Arq. Fac. Med. Univ. Ba. I: 332-456, 1946); **A doença de Chagas na Bahia: dois casos parasitologicamente confirmados** (Bras. Med. 59(47-59):394-397,

⁴ César de Araújo



1945); **A cardiopatia crônica da doença de Chagas** (Pren.Med.Argent. 35:10-76,1948; **Enfermedad de Chagas** (Rev.Med.Cordoba 41:160-161, 1953). Em outros campos, evoluiu também. Esquistossomose – participou na análise de esquemas terapêuticos , “o tratamento rápido”, tão em moda naqueles anos. Administrador universitário, vice-reitor. Fundou a Escola de Nutrição.

A 2ª Cadeira de Clínica Médica era ocupada por José Olympio da Silva, que cumpriu, com eficiência, serenidade, modéstia e discrição o seu papel de ensinar junto ao paciente, nas enfermarias e ambulatórios.

Sabino Lobo da Silva completou a trilogia dos professores de Clínica Médica. Foi primeiro professor de Fisiologia e, a partir de 1934, ocupou a Cadeira de Clínica Médica. Faleceu em 1946.

César Augusto de Araújo o substituiu no fim dos anos 1940. Existem fortes razões para que o memorialista se detenha nesta especial e cara personalidade, que sente tão próxima de si, no seu reconhecimento, embora se distanciem nos anos as lembranças, onde se encontram muitos fundamentos da sua própria formação de médico. César de Araújo foi pioneiro em Pneumologia na Bahia. Antes, porém, de ocupar a cátedra de Clínica Médica, havia criado uma escola de tisiologistas, que floresceu no Hospital Santa Terezinha. Reuniu um grupo especializado em doenças do pulmão, particularmente em tuberculose – clínicos, cirurgiões do tórax, radiologistas, endoscopistas, anátomo-patologistas, bacteriologistas – quase todos com estágios e cursos realizados no Brasil e em outros países, sobretudo na Argentina. Atraíu jovens, e, antecipando no tempo, orientou-os em programas de formação, cujas linhas se aproximavam daquelas seguidas nas atuais “residências médicas”. Exerceu, sobre todos, clara e suave ascendência reconhecida e aceita, espontaneamente, revestida por uma sincera admiração.

Lá se vão tantos anos. Quem viveu o Santa Terezinha de César de Araújo, rememora, compassivamente, companheiros, ainda hoje, inesquecíveis: Halil Medauar, José Raimundo Aragão Araújo, Itamar Pitanga, Climério Ferreira, Edson Ayres, Philemon Xavier de Oliveira, Hider Gurgel, José dos Santos Carvalho, Otto Rehm, Waldemar Moreira, Rodolfo Teixeira, entre os mais jovens, e foram tantos os que mereciam também aparecer nesta listagem.

Jaime Tanajura, Péricles Cardoso, Josiceli Freitas, Francisco dos Santos



Serra, Walmir Nogueira, Manços Chastinet, Jaime Fonseca, Luiz Tarquínio Pontes, Osmar Filgueiras, Manoel Falcão Braga, Vivaldo Barbosa, Queiroz Muniz, Roberto Silva, João Duarte Costa, Djalma Ramos, Izmach Machado, Americano da Costa, entre os mais velhos. Onde andarão? Hoje, talvez, apenas, restos de lembranças. Muitos não vivem mais. Um mundo que já se foi.

César de Araújo assumiu a cátedra em 1949. Encontrou como assistentes: Paulo Duarte, viva inteligência, correto de atitudes, e com especial capacidade em analisar problemas médicos e as circunstâncias da própria vida, com fina e sutil percepção; foi agradável, para o autor deste trabalho, ter a sua companhia e aprender as suas lições.

Oswaldo Vieira, exato em cumprir o que dele se esperava; Renato Lobo, o outro assistente. Um tanto ressentido, pois havia concorrido à cátedra de Clínica Médica com César, e preparava-se para disputar à cadeira de Propedêutica Médica.

César de Araújo tinha uma capacidade toda sua, de ter, em torno de si, o futuro e a esperança, materializadas na juventude do estudante e do médico em formação. Qualificava-os. Colocava a sua biblioteca ao alcance deles, estimulava-os a buscar conhecimentos atualizados nos livros das edições recentes e nas revistas que recebia com regularidade. Estruturou na Faculdade de Medicina, na 3ª Cadeira de Clínica Médica, uma ordem de valores, harmonizados nas linhas iguais de pensamentos e ambições. Não demorou em colher os frutos, professores e profissionais, de especial valor, os quais, entre todas as coisas que fez, são os mais elevados exemplos, no terreno da educação e das lições de vida, dos benefícios do seu labor. Entre muitos, vale citar – Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa, Antonio Gabriel Atta, Rodolfo dos Santos Teixeira, Luiz Rachid Trabulsi, Guilherme Rodrigues da Silva, Jorge Studart, Almério Machado, Antonio Peçanha Martins, Antonio Mateus Biscaia, dentre outros.

A Propedêutica Médica, após a transferência de Adriano Pondé para a Clínica Médica, foi ensinada por livres docentes, professores substitutos, até que se realizasse o concurso para o seu provimento. Renato Marques Lobo e Herval Bittencourt se desincumbiram dessa tarefa. Renato Lobo merece ser considerado pelo seu gosto inato em transmitir, pela capacidade didática que possuía, qualidades que atraíam os estudantes, beneficiados, sem dúvida, por



esta aproximação. Augusto da Silveira Mascarenhas fez concurso para a Cadeira de Propedêutica Médica em 1949. Diplomado na Bahia, fez a sua formação à sombra sadia de um mestre ilustre: Jairo Ramos, da Escola Paulista de Medicina.

Revestido de apreciável conceito, chegou à Faculdade no início da sua fase áurea, correspondendo à inauguração do Hospital das Clínicas. Augusto Mascarenhas acenou grandes esperanças, correspondidas no início. Reuniu uma equipe de assistentes, selecionados com especial cuidado. Na época, deu outra feição ao ensino da Propedêutica.

A Terapêutica Clínica teve em Fernando José de São Paulo, um digno e eficiente mestre. Dono de estilo especial e próprio, embora, muita vez, incompreendido. Contudo, voltando o tempo, acredita o memorialista que poucos terão exercido tanta influência na vida profissional de gerações de médicos formados na Faculdade, como este professor, “pequenino e esquisito”.

O seu ensino era pautado em aprofundada experiência da prática médica, que ele próprio exerceu, em diferentes ambientes, em áreas rurais e em cidades, labutando com pacientes de vários matizes sociais, pobres ou abastados. Trouxe para o Hospital de Ensino todo este complexo conjunto de circunstâncias, exatamente aquelas com as quais os futuros médicos teriam que conviver.

Clínica cirúrgica

Ensinava-se a Cirurgia em duas cadeiras de Clínica e uma de Propedêutica. O setor havia sofrido significativas perdas nos anos que antecederam ao período da vida da Faculdade que está sendo analisado.

Caio Octávio Ferreira de Moura e Antonio Bastos de Freitas Borja, cirurgiões renomados, respeitáveis pela formação de bons profissionais, faleceram na década de 1930. Logo, em 1941, desapareceu um outro cirurgião da mesma estirpe, embora mais idoso, também professor de Anatomia Patológica, Antonio Pacheco Mendes.

Fernando Luz, talvez tenha sido a perda maior, porque ainda em plena atividade, pela surpresa da subitaneidade da sua morte, pela conhecida respeitabilidade e admiração que médicos e leigos lhe devotavam, pela liderança que exercia e pela seriedade e devoção como se portava diante



dos doentes que assistia. Ampla atividade administrativa, exercida em várias entidades médicas. Apreciável número de publicações marcaram o seu trabalho.

Em 1943, a cirurgia contava com Edgard Rêgo dos Santos que ascendeu à cátedra em 1927. Bem qualificado, com todas as possibilidades pessoais de criar e abrir caminhos. Esforçou-se em transformar as enfermarias São Luiz e Santa Marta do Hospital Santa Isabel em um serviço que se aproximasse dos que havia conhecido na Alemanha. Contudo, as condições que encontrou e que dificultaram o seu trabalho, não lhe quebrou a disposição e partiu para o mais belo e audacioso lance da sua carreira de professor: a construção e a instalação do Hospital de Pronto Socorro, no Canela. Era pois, certamente, bem mais vocacionado para administrar do que para ensinar ou praticar a Medicina.

O ensino e a prática da medicina não tiveram lugar definitivo em sua vida, pois foi atraído por outros desafios: o trabalho de administrador que começou em 1936, quando foi eleito diretor da Faculdade, a que se seguiram os anos de reitorado, o Ministério da Educação e Saúde e o Conselho Federal de Educação.

João José de Almeida Seabra, uma expressão superior de cultura. Movia-se muito bem em vários campos do conhecimento médico e da biologia, mas não era, essencialmente, um cirurgião, que acompanhasse, no mesmo plano, aos outros predicados que possuía. Não que a sua presença na cadeira de Propedêutica Cirúrgica desmerecesse a sua imagem; ao contrário, com os seus assistentes, produziu, bem, o necessário, mas, sabia-se que com o seu potencial poder-se-ia esperar mais.

Entre as especialidades há de se destacar a clínica ginecológica.

No início desta fase, em 1943, era o seu professor Aristides Pereira Maltez, em quem se reconhecia valor, sobretudo pelas qualidades de liderança e, principalmente, por ter inspirado uma escola de Ginecologia e, ainda mais, pela iniciativa primeira, na Bahia, de ter se voltado para a assistência ao paciente com câncer. O seu devotamento e a sua competência à esta causa se transmitiu à sua descendência e aos seus discípulos, de tal forma que, ainda hoje, e apesar de todas as intempéries, a causa do canceroso tem sido, incansavelmente, abraçada e assistida, com abnegação.



Alício Peltier de Queiroz que o substituiu na cátedra de Ginecologia, é, acima de todas as dúvidas, uma afirmativa de valor. Deu um sentido próprio ao ensino e à prática da especialidade. Atraiu assistentes de valor, com os quais criou um centro de ensino da especialidade. Impregnou neles os traços da sua personalidade, de onde resultaram o trabalho constante, eficiente e avançado. Lembra o redator desta memória, da sua enfermaria bem organizada, do ambulatório, das sessões de discussão de casos clínicos, da sua elegância e precisão no ato cirúrgico, nos cursos de pós-graduação que criou e, mais que tudo, na sua vivacidade e inteligência.

Não há muito o que dizer das outras especialidades. Muitas disciplinas eram dirigidas por professores substitutos, alguns de competência inquestionável, embora tolhidos pela condição passageira da interinidade e pela subordinação à sombra daqueles a quem substituíam.

Em certas disciplinas, não se ministravam, sequer, as aulas programadas, sem que se cobrassem desses professores explicações para tais atitudes. Até hoje não se sabe como eram aprovados os alunos, porque todos passavam de ano; não se faziam provas, ou não se atendiam as exigências normais de aferição de conhecimentos.

Em algumas cadeiras não se chegava a tanto. Contudo, o ensino era irregular e o aluno quase que não tinha obrigações. Professores, também, se destacavam pelo talento e brilhantismo intelectual. Estácio Luiz Valente de Lima merece ser citado como tal. Ocupou grandes espaços na admiração da juventude da época, com a qual tinha uma conduta toda especial, e, por isso mesmo se tornou uma lembrança constantemente presente nas gerações de estudantes que o conheceram.

Francisco Peixoto de Magalhães Netto – uma personalidade que não pode ser esquecida pelo caráter, honradez, vigor intelectual, cultura humanística e pela soberana relação afetiva que lhe inspirava o Instituto de Ensino Médico do Terreiro de Jesus.

Visão crítica do ensino

Uma visão crítica e equilibrada sobre o ensino profissional que se fazia nesta fase da vida da Faculdade de Medicina não deixa um saldo muito elevado.

As condições assistenciais e didáticas no Hospital Santa Isabel não permitiam mais. É necessário que se afirme, porém, que este Hospital, através de toda a sua existência, mereceu e merece o respeito mais legítimo pelo que representa para os desassistidos da Bahia e pela obra de ensino da medicina que realizou e realiza.

Contudo, embora contasse com a boa vontade, o devotamento e o espírito de caridade das irmãs, a enfermagem deixava muito a desejar. De outro lado, os exames de laboratório não eram inteiramente confiáveis. Os prontuários médicos, as observações, os registros, as prescrições, mereciam reparos.

A limitada diversidade de patologia encontrada entre os pacientes internados nas enfermarias à disposição da Faculdade não permitia ampliar o ensino. Doentes crônicos que permaneciam hospitalizados longo tempo, às vezes, na dependência de providências simples.

Os alunos se valiam, também, das oportunidades oferecidas por serviços hospitalares da cidade, embora sem uma relação com a Faculdade. Assim como muitos se aproximavam de médicos que exerciam a clínica em Salvador. É verdade que, assim, também, aprendiam, embora sem um programa ou preceptoría que os orientasse devidamente, de modo planejado, o que de resto, não é muito diferente do que ainda hoje ocorre.

O Hospital Couto Maia, enquadra-se bem nesta situação. Abriu perspectivas de ensino para os alunos da Faculdade, que eram selecionados através das notas que obtinham no curso médico. Este hospital muito significou para o ensino das doenças infecciosas e parasitárias, cobrindo espaços que a Faculdade não ocupava.

O Hospital de Pronto Socorro, situado, inicialmente, na rua da Ajuda e, depois, no Canela, o Hospital Getúlio Vargas, era onde os estudantes da Faculdade, principalmente os mais hábeis e interessados, se iniciavam na





medicina de urgência, não só em clínica como em cirurgia, e às vezes, nas especialidades, tal como se praticava na época.

Há de se considerar, ainda, que nos próprios serviços da Santa Casa, no Hospital Santa Isabel, independentes daqueles ligados à Faculdade, muitos discentes se fixavam e, assim, ganhavam a experiência de que necessitavam no seu aprendizado. Todavia, eram induzidos a uma formação voltada, quase exclusivamente, para a especialidade que era do interesse do serviço, deixando à margem os outros campos do aprendizado.

A Maternidade Climério de Oliveira, por sua vez, sempre significou um bom campo de ensino, onde se formaram obstetras capazes. Saber partear era uma condição indispensável a todos os que se graduavam em medicina, pelo imperativo dos desafios, que muitos teriam de enfrentar, sobretudo, quando se deslocassem para as áreas do interior do Estado. Na Climério de Oliveira sempre existiram bons assistentes, profissionais experimentados que, com boa vontade, transmitiam aos estudantes o que sabiam e o que praticavam, mesmo nos momentos de dificuldades da Maternidade Escola.

Registra-se, por fim, que o ensino era heterogêneo, em relação aos discentes, considerados no conjunto. Não havia, como já se mencionou, um programa, mínimo que fosse, que coordenasse a matéria ensinada nas várias disciplinas e que garantisse, a eles todos, igualmente, alcançarem as noções fundamentais necessárias à sua formação. É certo que alguns estudantes adquiriam treinamento que os colocavam em determinadas matérias em boa posição. Eram os “internos da Cadeira”, poucos. Os demais viviam seguindo o seu próprio arbítrio, aqui e ali, aprendendo de acordo com as oportunidades que apareciam.

Um destaque especial: a Fundação Gonçalo Moniz e a influência que exerceu sobre o ensino e a pesquisa, na época, na Bahia. A Fundação Gonçalo Moniz projetou-se pela ampla frente de atividades que desenvolveu – científicas, culturais e de verdadeiro centro de pesquisa em doenças parasitárias e infecciosas.

É fácil compreender a influência recíproca entre ela e a Faculdade de Medicina: projetos de pesquisa em comum e cursos em que participavam elementos de ambas as instituições. Professores da Faculdade, de méritos reconhecidos, fizeram a sua formação básica, em boa parte, na Fundação



Gonçalo Moniz. Outras unidades da Universidade, na área de saúde, também dela se beneficiaram – Faculdade de Farmácia e Faculdade de Veterinária, particularmente.

Acredita-se ser justo recordar: Aluizio Prata, Manoel Ferreira, Zilton Andrade, Sonia Andrade, Dilson Fernandes, Guilherme Rodrigues, Anibal Silvany, Nestor Piva, Sérgio Santana, Air Colombo Barreto, José Figueiredo e o seu filho José Fernando Montenegro Figueiredo, Manoel Eugênio da Silva, José Guilherme da Mota, Fúlvio José Alice, José de Souza Lopes, Elza Andrade, Vanete Oliveira, Altina Sodré, Suraia Hagge, José dos Santos Pereira.

Um outro papel meritório que a Fundação Gonçalo Moniz atingiu foi através de sua biblioteca, dirigida com competência e dedicação, por Eurydice Pires de Sant’Anna, a quem os que trabalharam em pesquisa e na feitura de teses muito deveram ao seu generoso apoio.

Vale lembrar, também, que a Fundação Gonçalo Moniz funcionou como um verdadeiro núcleo editorial, através de uma tipografia bem montada, onde foram impressos muitos trabalhos científicos, teses e revistas especializadas, tais como o **Boletim da Fundação Gonçalo Moniz**, a **Gazeta Médica da Bahia**, na sua última fase, os **Arquivos do IBIT**.

Entre 1943 e 1950, faleceram vários professores da Faculdade, relacionados a seguir. Figuram ao seu lado os nomes dos respectivos substitutos, efetivos ou ainda na condição de interinidade:

Ginecologia:

Aristides Pereira Maltez - 1943 - Alicio Peltier de Queiroz

Otorinolaringologia:

Eduardo Rodrigues de Moraes - 1943 - Carlos Rodrigues de Moraes

1ª Clínica Médica:

Armando Sampaio Tavares- 1944 - Adriano de Azevedo Pondé

3ª Cadeira de Clínica Médica:

Sabino Lobo da Silva - 1946 - César Augusto de Araújo



Pediatria:

Alfredo Ferreira de Magalhães - 1943 - Luiz Pinto de Carvalho e
Hosannah de Oliveira

Física Médica:

Álvaro Campos de Carvalho - 1943 - Antonio Dias de Moraes

Anatomia e Fisiologia Patológicas:

Leôncio Pinto - 1945 - José Coelho dos Santos

Cirurgia Infantil e Ortopedia:

Durval Tavares da Gama - 1946 - Carlos de Freitas da Gama

Clínica Psiquiátrica:

Mário Carvalho da Silva Leal – 1954 – Nelson Pitta Martins

A substituição em alguns casos aconteceu através de aposentadorias ou outras circunstâncias. Assim, a Propedêutica Médica, que na ocasião tinha Adriano Pondé como Professor, após a sua transferência para a 1ª Cadeira de Clínica Médica, teve como substituto, Augusto da Silveira Mascarenhas.

João José de Almeida Seabra substituiu na Propedêutica Cirúrgica a Eduardo de Sá Oliveira, o qual foi ocupar uma das cadeiras de Clínica Cirúrgica.

Flaviano Innocência da Silva assumiu a Dermatologia em substituição a Albino Arthur da Silva Leitão.

E Rodrigo d'Argollo Ferrão Bulcão ocupou o lugar, em Técnica Operatória e Cirurgia Geral, de Antonio Ignácio de Menezes.

A renovação que se processou em muitos aspectos foi benéfica para a Faculdade e isso apareceu de modo muito claro na década seguinte – a dos anos 1950.

2ª Fase (1947-1950)

A segunda fase do primeiro período é um momento de transição entre um passado recente, que se exauriu com o término da segunda guerra mundial e as enormes transformações geradas pelos acontecimentos do mundo contemporâneo. Essas transformações conduziram a humanidade ao modelo atual e que caracteriza a sociedade dos nossos tempos e, naturalmente, interferiu sobre a vida das pessoas e das instituições, forçando-as, quase, a deixar de lado as linhas éticas, que lhes serviram de rumo até então.

Naquele instante, o mundo respirava livre de preocupações e de ameaças com o término do conflito. Respirava-se melhor, é certo, mas, sorratamente, vinham se aproximando no horizonte as inquietações universalizadas do que se chamou “a guerra fria”.

O Brasil ingressava em uma nova era: regime político mais confiável e mais estável, eleições, novo presidente, novo parlamento. A Bahia seguia no compasso ditado por um grande condutor: Octávio Mangabeira. Tempos leves e bons, fáceis de serem vividos.

Definia-se a hegemonia dos americanos do norte em todos os segmentos: políticos, econômicos, sociais e culturais. Buscava-se, quase que obsessivamente, imitá-los. A língua inglesa se difundiu e se transmudou em necessidade e modismo. A música, a literatura, a arte, o cinema, e a ciência americanos – passaram a ser a razão guia no pensamento do cidadão comum e da intelectualidade brasileira.

A Europa e, particularmente, a França, eram, apenas, lembranças, no muito, boas lembranças, as quais, sobretudo, na generalidade dos conceitos das camadas mais jovens da população, representavam coisas do passado. Apenas os das gerações mais recuadas, que retinham dentro de si a memória das culturas européias com as quais lidou na sua juventude e maturidade, continuaram, a ter nelas, a mesma fonte perene de satisfação.

A Faculdade de Medicina se postava diante de situações promissoras: a criação da Universidade Federal da Bahia, a inauguração do Hospital das Clínicas, a Fundação Gonçalo Moniz e a renovação do seu quadro docente.





O desejo de criar uma universidade no Brasil teve no Colégio do Terreiro de Jesus, dos jesuítas, o seu ponto de partida. Já na concepção da “Ratio Studiorum”, o plano educacional da Companhia de Jesus, sentia-se a vontade, não declarada, porquanto a Coroa Portuguesa não o permitia, de conduzir o ensino que se fazia, no sentido da criação de uma universidade.

É certo que naquela época existia um núcleo, constituído dos cursos de Arte, Filosofia, Letras Clássicas, Matemática, História e Geografia, que justificavam, plenamente, o comentário de Pedro Calmon de que “no apogeu dos estudos, sem o nome de universidade, era-o, entretanto, praticamente, com quatro faculdades superiores.” Ao término do curso de graduação, distribuíam-se insígnias e diplomas, na presença de autoridades, o que denotava, claramente, a disposição dos jesuítas de fazer do seu colégio uma universidade à semelhança da de Évora.

Até a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, em 1759, uma das medidas da época pombalina, os jesuítas sempre perseguiram este desejo. Ao lado dos padres da Companhia de Jesus, desde o século XVI, iniciativas da Câmara Municipal buscavam, também, concretizar a fundação, na Bahia, de uma universidade. A Câmara Municipal, aproveitando a estada de D. João VI, solicitou ao Rei a criação de uma “universidade literária”, informando-lhe a existência de recursos para atender as despesas, sem que o Erário Público fosse solicitado.

Vários projetos semelhantes surgiram logo após a Independência do Brasil e nos anos que se seguiram. Assim é que José Feliciano Fernando Pinheiro propôs, em 1823, a criação de uma universidade em São Paulo. Antônio Ferreira França e Antônio Gonçalves Gomide, ambos deputados e médicos, o primeiro baiano e o segundo mineiro, insistiram também nos mesmos propósitos, de instalar uma universidade em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Todas essas iniciativas se frustraram, sempre obstadas por razões políticas. Em 1882, apareceu um projeto na Câmara, propondo o que poderia ser a “Imperial Universidade Pedro II”, na qual se pretendia, entre outras coisas, centralizar, no Rio de Janeiro, todas as faculdades existentes no País. A Faculdade de Medicina da Bahia, através de um parecer de Pacífico Pereira, bem fundamentado, se opôs, firmemente, a este projeto centralizador.



Tardava, pois, a criação de uma universidade no Brasil, o que contrastava fortemente com o que acontecera nas Américas desde o início do século XVI. Em 1551, no Peru, foi fundada a Universidade de São Marcos, e, dois anos depois, no México, criou-se a Real e Pontifícia Universidade. Ainda na América Latina, no princípio do século XVII, em Córdoba, foi erigida uma universidade na Argentina. E, em 1636, fundou-se a terceira universidade das Américas, a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.

No Brasil, além de uma experiência que não teve seguimento no Paraná, somente em 1930 é que se materializou a criação de institutos universitários: um no Rio de Janeiro, sob a orientação de Anísio Teixeira e o outro, em São Paulo, que teve em Armando Sales Oliveira o seu grande mentor. Contudo, o ensino superior que se fazia no Brasil continuava limitado às faculdades, as quais, isoladamente, cumpriam, como prioridade quase única, o papel de formar profissionais. Pouca ou nenhuma preocupação existia em programas de pesquisa ou de difusão de cultura humanística.

Na Bahia, nos idos dos anos 1940 existiam, apenas, três faculdades: Medicina, Engenharia e Direito, ao lado de outras menores e relativamente inexpressivas. A criação da Universidade Federal da Bahia deveu-se ao trabalho e a visão de Edgard Rêgo dos Santos. São bem conhecidos os seus passos – providências, obstáculos a serem vencidos, negaças políticas, sabedoria administrativa, tenacidade – que resultaram em 2 de julho de 1946 na criação da Universidade Federal da Bahia.

A Faculdade de Medicina generosamente contribuiu para este acontecimento. Foi sede da Reitoria; transferiu todo o seu patrimônio, reunido durante anos, com tanto esforço: a sua sede no Terreiro de Jesus, com todos os seus anfiteatros, ambulatórios, biblioteca, tudo isso revestido de um enorme conteúdo histórico; o ambulatório Augusto Vianna e os terrenos contíguos no Bom-Gosto do Canela; a Maternidade Climério de Oliveira. E, mais do que tudo, o seu nome e o seu prestígio. A Universidade Federal da Bahia foi um momento de definições e de esperanças no destino da Faculdade de Medicina. Singelamente, confiou e esperou. Esperou e ainda espera que se confirmem os bons augúrios acenados naqueles dias.

Ocorre conjecturar o que realmente representou, neste meio século (1946-1995) para a Faculdade de Medicina da Bahia a Universidade Federal.



Somados lucros e perdas, o saldo não é favorável à Faculdade. No decorrer do relato dos fatos que se fará adiante, não é difícil comprovar este juízo.

O Hospital das Clínicas foi, também, um grande marco. Velhos anseios se materializaram nele. Os hospitais que serviram ao ensino médico, primitivamente localizados no Hospital Militar, no Terreiro de Jesus, passaram, primeiro para as enfermarias precárias da Santa Casa de Misericórdia e, depois, voltaram ao Terreiro de Jesus. Daí, no fim do século XIX se transferiram para o Hospital Santa Isabel, em Nazaré; e acabaram por se fixar no Canela, no Hospital das Clínicas.

A história do Hospital das Clínicas é muito antiga. Já, em 1891, constavam nos Estatutos da Faculdade de Medicina dois artigos que faziam referência ao assunto. Neles eram cobrados velhos compromissos do poder público: “o Governo deveria dotar às faculdades hospitalares de clínicas e maternidades que reunam as condições indispensáveis ao desenvolvimento do ensino.”

A promessa não foi além do papel. Durante a gestão de Augusto Vianna o assunto se tornou quase uma obsessão. A compra do terreno e a construção do ambulatório que recebeu o nome do diretor de então era um indicativo claro. Tem-se notícias da existência de projetos e planos para a construção do Hospital, sequenciando o pavilhão existente, e obedecendo ao conceito de “hospitais pavilhonares”. Em várias oportunidades, o diretor da Faculdade da época, nos anos 1930, José de Aguiar Costa Pinto e a Congregação da Faculdade tomaram a iniciativa de efetivar as medidas projetadas.

Fizeram-se contatos com autoridades federais, inclusive o Presidente Getúlio Vargas, e estaduais. Fundou-se o Núcleo Pró-Hospital das Clínicas, em março de 1936, constituído de professores (Edgard Santos, Fernando Luz, Flaviano Silva e Costa Pinto) e estudantes.

Não obstante o esforço que se fez, não se obteve nenhum resultado prático. Ao assumir a direção da Faculdade, em 1936, Edgard Santos priorizou a questão. Metodicamente planejou a sua ação. Possuía uma longa experiência, reunida na construção do Hospital de Pronto Socorro e na direção do Hospital da Real Sociedade Espanhola de Beneficência, nos quais havia alcançado indiscutível sucesso.

A construção do Hospital de Pronto Socorro foi uma clara demonstração de competência administrativa e argúcia política. Não foi inaugurado,



porém, na data prevista, em 1937. Embora concluído e equipado, o hospital só começou a funcionar cinco anos após, em 1942. Injunções políticas.

A concepção do Hospital das Clínicas foi cuidadosa e bem orientada. Buscou Edgard Santos a colaboração e o aconselhamento de Ernesto Souza Campos, professor da Universidade de São Paulo, médico e engenheiro, com especialização em Higiene e Medicina Preventiva e que trazia a experiência de ter vivido em um centro conceituado, a Universidade de John Hopkins.

Estudou os vários aspectos do problema, não só a construção em si, como a preocupação em atender, entre outras, as exigências do ensino médico moderno e as necessidades da população de uma cidade pobre; dirimiu dúvidas se deveria obedecer ao critério de continuar em torno do Ambulatório Augusto Vianna outros blocos, ou se seria mais adequada a construção de um só bloco.

Em outubro de 1938, foi colocada a pedra fundamental. O início da obra aconteceu um ano após, em 1939. Em novembro de 1948 ela foi concluída e logo a seguir começou a funcionar. O Hospital estava perfeitamente pronto para as tarefas históricas que haveria de exercer.

A Fundação Gonçalo Moniz, primitivamente Instituto Oswaldo Cruz, e depois Instituto de Saúde Pública, para não confundir com a instituição de igual nome e propósitos no Rio de Janeiro, a partir da segunda metade dos anos 1940, influiu de modo especial sobre a Faculdade de Medicina.

Desde que consideradas as características próprias de cada época, percebe-se o paralelo entre o papel que, nos respectivos tempos, a Escola Tropicalista Baiana e a Fundação Gonçalo Moniz exerceram na implantação do modelo da pesquisa médica na Bahia.

Ambas buscavam, identificadas pelas mesmas razões, prioritariamente, o esclarecimento dos problemas das grandes endemias, que pressionavam o sentimento de responsabilidade da sociedade baiana, médica e leiga, face às populações marginalizadas e empobrecidas das áreas rurais.

A ancilostomose, a filariose, o beriberi, o ofidismo, os grandes surtos epidêmicos de cólera morbus, febre amarela, peste – apareceram em destaque nos números da Gazeta Médica da Bahia, do ano de 1866 até o início deste século. Depois, a esquistossomose, à qual se ligou, indelevelmente, o nome de Pirajá da Silva; as leishmanioses, a blastomicose sul-americana,



as geohelmintoses, a hanseníase, a doença meningocócica, o perfil epidemiológico das doenças infecciosas na cidade do Salvador, foram abordados nas publicações e teses, que demonstravam o interesse que estas patologias, na época, despertavam.

Contudo esse entusiasmo decaiu. Quem procura analisar a produção dos possíveis interessados nessas fontes, tão ricas de atrativos, sente-se desanimado, pela pobreza de trabalhos publicados nos anos 1920, 1930, e, em boa parte, nos anos 1940. Nesse clima e a braços com dificuldades estruturais, materiais e culturais para corresponder às exigências de assistir, convenientemente, as populações de uma sociedade pobre, o Governador Octávio Mangabeira e o seu Secretário de Educação e Saúde Anísio Teixeira, compreenderam ser fundamental a implantação de um modelo diferente daqueles que, rotineiramente, vazios de imaginação e de avanços, vinham conduzindo a saúde pública do estado.

Ao tempo em que se materializavam as providências, que procuravam corrigir graves erros assistenciais, repetidos durante muitos anos, a exemplo do que acontecia no atendimento aos psicopatas, aos portadores de doenças infecciosas e que precisavam de isolamento hospitalar, aos hansenianos, aos centros de saúde, à rede hospitalar estadual – enfim, tudo que dizia respeito às obrigações do Estado face à saúde do povo – propuseram, o Governador e o seu Secretário, a instituição de duas fundações:

– a primeira, que recebeu o nome do próprio Governador, apesar de todo o seu protesto, absolutamente sincero, a Fundação Octávio Mangabeira, implantada em um terreno que se constituiu, no seu tempo, em um exemplo comovente de uma bela história de respeito e competência em amparar o sofrimento humano, o Hospital Santa Terezinha e o seu criador, Cézár Augusto de Araújo;

– a segunda, a Fundação Gonçalo Moniz, cuja proposta principal era equacionar os problemas de saúde do Estado, estudá-los amplamente, com fundamentos científicos verdadeiros.

Antes, porém, decidiram os administradores, inteligentes e fundamentados, reunir o potencial humano que existia em abundância e colocá-lo em contato com mestres respeitados e experimentados, a quem cabia o papel de conduzi-los e formá-los. Tal foi a tarefa a que se dispuseram



cumprir, primeiro Octávio Mangabeira Filho e depois, Manoel Ferreira. Pesquisadores de outras plagas, lembram-se todos os que viveram de perto aquele tempo, passaram períodos relativamente longos, nos laboratórios da fundação recém-criada, dando cursos, ensinando técnicas e construindo, entre os jovens que atraíam, valores verdadeiros, futuros pesquisadores, o que ficou provado com o passar do tempo.

Samuel Pessoa, os Deanne, Leônidas e Maria, Carlos da Silva Lacaz, Otto Bier, Paulo Dacorso – e alguns outros que aqui estiveram, contribuíram decisivamente nas realizações de uma das épocas de maior progresso da pesquisa médica na Bahia.

Da mesma forma que a Escola Tropicalista, a Fundação Gonçalo Moniz e o seu trabalho, repercutiram, claramente, sobre a Faculdade de Medicina da Bahia, com a qual não existia, também, nenhum laço que as unisse administrativamente.

Não se pode por em dúvida as influências benéficas sobre a Faculdade de Medicina, geradas pela Fundação Gonçalo Moniz. O estímulo à pesquisa e a qualificação do ensino, foram absorvidos facilmente por alguns professores da Faculdade, justamente aqueles que participavam dos trabalhos que se desenvolviam na Fundação.

A Fundação Gonçalo Moniz fez renascer a pesquisa das doenças ditas tropicais, na Bahia. Despertou o interesse para os estudos de campo, onde se concentravam as áreas endêmicas em doença de Chagas, esquistossomose, leishmanioses – entre outros exemplos.

A Cadeira de Doenças Infecciosas e Parasitárias, regida por Aluizio Rosa Prata, empenhou-se, vivamente, neste tipo de atividade. Pesquisou em Jacobina, em Caatinga do Moura e arredores, em São Felipe e, mais recentemente, em Una e Três Braços. Em muitas situações, as duas entidades, Faculdade de Medicina e Fundação Gonçalo Moniz trabalharam, harmonicamente, em regime de mútua colaboração.

A Fundação Gonçalo Moniz revitalizou o interesse pelos laboratórios de ciências básicas, ligados aos trabalhos que fazia, tais como a Parasitologia, Microbiologia, Micologia, Anatomia Patológica, Imunologia, Virologia, Histologia, que estavam marginalizados. Esta iniciativa possibilitou que



surgissem vocações nas respectivas áreas, aprimoradas e continuadas ao longo dos anos.

A Universidade Federal, logo após a sua instalação, iniciou um período áureo no ensino superior da Bahia. Prestigiada na esfera federal, com recursos financeiros suficientes e bem administrada, compôs um clima de sadio entusiasmo, estimulando iniciativas e abrindo caminhos novos de progresso. Professores de outros centros de reconhecidos méritos foram trazidos para a Bahia e aqui criaram núcleos importantes de formação acadêmica. A Faculdade de Medicina acompanhou tais movimentos e ainda porque, favorecida pela presença como reitor, de Edgard Santos, na ocasião, também, diretor da Faculdade.

O Hospital das Clínicas impulsionou vigorosamente as atividades da Faculdade, sacudida em todos os seus patamares, englobando docentes, estudantes e funcionários, quase todos satisfeitos e esperançosos, face à realidade favorável do momento. O novo espaço, os novos modelos de assistência aos pacientes, os avanços nas propostas terapêuticas e propedêuticas justificavam, plenamente, esta posição.

Isso na prática significou a disciplina e a ordem nos registros clínicos, na observação correta e diária dos pacientes, na discussão dos casos, nas verificações anatomopatológicas; no laboratório de análises clínicas, que fornecia dados mais prontos e confiáveis; no serviço de radiologia organizado e preciso em suas obrigações.

A Anatomia Patológica começou a estruturar-se com Raphael Stigliani, patologista italiano. O laboratório de análises clínicas instalou-se com a orientação de Marcos Listenberg, professor da Escola Paulista de Medicina, tendo o apoio do que havia de melhor, na ocasião, em termos profissionais na Bahia, a exemplo de Roberto Adolfo da Silva e João Pedrosa Cunha. A Radiologia contava com Fernando Almeida, profissional de primeira linha.

Nesse contexto, um ponto fundamental foi a fundação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, cuja história está intimamente ligada aos sucessos obtidos no Hospital das Clínicas, o que, seguidamente, têm sido mencionados neste trabalho.

Enfermeiras de alto conceito e experiência, como Haydée Dourado, com respeitável titulação universitária, possuidoras de eficientes formações em

hospitais de outros centros do país e do estrangeiro, vieram para a Bahia. Estruturaram a Escola de Enfermagem que, na época, igualava-se, em padrão, às melhores do país.

Mais que tudo, porém, inspiraram e construíram uma geração de enfermeiras, que teve um significado muito especial para a história da medicina desta terra; o seu trabalho elevou a qualidade da medicina que se praticava na Bahia.

Inclina-se o autor a apontar um exemplo, bem nítido na sua consciência, padrão de competência, ética, dignidade, lealdade, cuja lembrança quando despertada, ainda hoje, estimula a sua sensibilidade – Nilza Mauricio Garcia.



V

Os Melhores Anos



1951-1964. O mundo dos anos 1950 e o conflito das ideologias dominantes. O cidadão contemporâneo frente às pressões que sofria. A contracultura. Movimentos sociais revolucionários. Os avanços da ciência. O que significou para o Brasil e para a Bahia esses progressos.

O melhor momento. As razões. O Hospital das Clínicas e a Universidade. A enfermagem do Hospital das Clínicas. Sua importância. Outros serviços auxiliares. Nutrição, Serviço Social. Geração de professores.

O ciclo básico. Fisiologia: Jorge Augusto Novis, José Simões da Silva Jr. e Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa. Hélio Ramos e Lúcia Ramos. Tripoli Francisco Gaudenzi.

O ciclo clínico. Roberto Figueira Santos. Heonir de Jesus Pereira da Rocha. A evolução da Cirurgia: Fernando Freire de Carvalho Luz e Fernando Visco Didier. Anatomia Patológica: Zilton Araújo Andrade, Sérgio Santana, Aristides Cheto e outros. Clínica Urológica: Jorge Valente, Wenceslau Pires da Veiga, José dos Santos Pereira, Adroaldo Neiva. Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas: Aluizio Rosa Prata – revitalização da Escola Tropicalista da Bahia. As especialidades: Heitor da Costa Pinto Marback e a Oftalmologia. Álvaro Rubim de Pinho e a Psiquiatria. José Adeodato de Souza Filho e a Obstetrícia. José Silveira e a Tisiologia. Hosannah de Oliveira e a Pediatria: uma personalidade superior; Newton Alves Guimarães e a Dermatologia. Edistio Pondé e a Neurologia. Benjamin da Rocha Salles e a Ortopedia.



A pesquisa. Aluizio Rosa Prata. Zilton Araújo Andrade. Achiléa Bittencourt. Sonia Andrade. Heonir de Jesus Pereira da Rocha. Fernando Freire de Carvalho Luz e Fernando Didier.

Sombras ameaçadoras. Conflitos e confrontos no mundo. Questionamentos políticos e sociais. A Faculdade envolvida. O passado e as tradições da Faculdade postas em cheque. Dois episódios. O comportamento do alunado. A destruição do Anfiteatro Alfredo Britto.

Os Melhores Anos



2º período (1951-1964)

O mundo dos anos 1950, desconfiado e relutante, tomou conhecimento de um dilema, do qual não tinha como escapar: o conflito entre ideologias fortemente determinadas, plenas de ambições, poderosas, como em nenhum momento havia acontecido no universo, sem vacilações éticas e sem compromissos outros, senão aqueles que se destinavam a alcançar seus desígnios.

O capitalismo – a busca, antes de tudo, das conquistas econômicas, o hedonismo indiferente como modo preferencial de viver, se mostrava desinformado do que acontecia no mundo sofrido que não era o seu.

No outro lado, o socialismo de extremos, impondo seus princípios impiedosamente, colocados bem além da condição humana, vigiada e punida sem explicações, o estado acima de todas as razões, a sede de avanços, o homem sem o direito de pensar ou de ficar só – o **1984** de George Orwell.

Forjava-se o cidadão contemporâneo, envolvido por esse jogo, ressentido, temeroso, imediatista, oprimido pela pressão consumista da vida moderna, inclinada para privilegiar a técnica, a máquina, os aparelhos eletrônicos que passaram a ser os parâmetros de qualidade dos indivíduos e das suas famílias.

A resposta esperada, fatalmente, teria que vir. Ansiosamente, procurava-se o confronto com o passado; a oposição ao nacionalismo, responsável tantas vezes pelo absurdo das guerras; a violação dos direitos básicos, sacrificados pela discriminação racial, econômica, geográfica; o repúdio à postura profundamente injusta da sociedade.



Vozes se levantaram em ambos os campos que se antagonizavam, reivindicando direitos e se esforçando para modificar os padrões sociais vigentes. A contra cultura, condenando os valores tradicionais, era abraçada por milhares de jovens espalhados por todo o mundo, particularmente nos Estados Unidos, onde, a guerra do Vietnã compelia-os mais ainda, às atitudes de repúdio. Rebelavam-se, esforçando-se para livrarem-se de um passado indesejado.

O movimento “beatnik”, que apareceu na época no seio da sociedade americana, foi uma demonstração do que se está referindo. Através dele, os valores convencionais da sociedade sofreram frontal contestação, sendo apoiados, inclusive, por iniciativas literárias e artísticas que convergiam para atitudes permissivas, tais a liberalidade no relacionamento sexual e no uso de drogas.

As portas se abriam para os movimentos sociais revolucionários, que apontavam, às vezes, e surpreendentemente, para o pacifismo mais puro - recorde-se o Reverendo Martin Luther King, discípulo do Mahatma Gandhi, na “não-violência”, assim como para a luta contra o racismo em suas várias manifestações; para o uso de drogas; para a liberdade sexual sem restrições e igualdade absoluta de direitos e comportamentos dos homens e das mulheres.

Tudo isso se expressava na arte, na literatura, na música – esta tão estranha para os que estavam habituados a outros gêneros – e nos movimentos exóticos, entre os quais o “hippie” aparecia como o exemplo mais claro.

Embora nascidos e concretizados na América do Norte, movimentos semelhantes eclodiram na Europa, principalmente na França. O que ocorreu em Paris, na primavera de 1968, envolvendo milhares de jovens universitários, é uma evidência disto. Opunham-se às estruturas universitárias, às suas hierarquias, aos seus estatutos, aos seus objetivos conhecidos. Tudo isso repercutia sobre o próprio perfil da sociedade. Estes episódios têm particular interesse para o tema que se discute neste texto, porque, originados no seio da própria instituição universitária, que não seria mais a mesma depois deles. Entretanto, nesses anos, a ciência dos homens avançou estonteantemente.



A corrida espacial levou o homem à lua e começou a abrir o pano do palco do universo infinito. O progresso na informática, que, àquela altura, começava a dar os primeiros passos, conduziu a humanidade à atual situação de ser impossível estabelecer os limites do seu caminho. As comunicações transformaram o mundo, resumindo-o a uma cidade só.

O infinitamente pequeno está sendo, aos poucos, obrigado a revelar os seus segredos. A vida, que a arte do médico tanto se esforça em preservar e qualificar desde os tempos primitivos, aos poucos passou a ser melhor compreendida, através dos estudos da biologia das moléculas, da genética, da física das partículas e dos campos magnéticos, os quais, surpreendentemente, apontam para uma possível natureza transcendente, dela.

A medicina se transforma a cada dia. Novas descobertas de medicamentos, de técnicas, de novos patógenos até então desconhecidos, de vacinas, de aparelhos – que fazem do médico, em um dado momento, mesmo os mais interessados e sapientes, um eterno desinformado.

É certo que a vida se alonga e com o que se sabe e se presume, o homem há de estar presente neste mundo cada vez mais tempo. Até onde? E, para quê?

O Brasil recém-ingresso na prática da democracia, conquanto ao seu modo, tardou em perceber a realidade do que se passava no mundo. Contudo, estando no espaço de influência do capitalismo, ligava-se a ele, firmemente, com vontade própria ou não, atrelando a sua política e a sua economia, nacional e internacional, a critérios alienígenos.

A década de 1950 se iniciou com a tragédia de Vargas, vítima, quem sabe, desse conluio de interesses internacionais. A época de Juscelino Kubitschek é revestida de sadio otimismo, de credibilidade no que éramos e no que poderíamos ser. Em seqüência, os fatos se embaralharam e acabaram se afinilando no estreito episódio de 1964.

As diferenças regionais se acentuaram, concentrando riquezas, indústrias, poder político no sul e sudeste, enquanto o norte e o nordeste evoluíam em ritmo bem mais lento, o que aumentava, obviamente, os desníveis. É compreensível, assim, que as atividades culturais e técnicas, quando comparadas às regiões, fossem desiguais. A medicina e seu ensino se incluíam nesse contexto.



A Bahia e a Cidade do Salvador, embora fazendo parte do lado desfavorecido do país, evoluiu. A economia deu mostras de possibilidades novas. Não obstante, Salvador mantinha, ainda, o seu traço dominante de um certo ar provinciano e descompromissado. Nela não se vivia mal, porém. Contudo, a população aumentava, bem mais além do que as possibilidades da cidade permitiam. As dificuldades emergiam e começavam a mudar a face amena do seu cotidiano.

O melhor momento

A Faculdade de Medicina da Bahia atingiu, então, o melhor momento de toda a sua existência, pensa assim o memorialista, depois de meditar as informações que recolheu, para redigir este texto e consultar a sua própria experiência reunida no meio século em que acompanhou a instituição.

Isto se justifica quando se consideram algumas razões:

- as oportunidades criadas pelo Hospital das Clínicas;
- a renovação do corpo docente;
- as pesquisas que se realizaram no período;
- os progressos no modelo de ensino;
- o intercâmbio de professores com outros centros, inclusive de outros países;
- as atividades que se estenderam fora dos limites da Faculdade.

O Hospital das Clínicas foi um exemplo de qualidade, comparável ao que havia de mais elogiável no país, na época, incluindo-se nesta comparação o Hospital das Clínicas de São Paulo. A sua dotação orçamentária, bem equilibrada, estava longe, muito longe, do que aconteceu depois, passados os bons tempos, da peregrinação ansiosa aos gabinetes dos ministérios, tão ao feitio dos dias de hoje, quando se estendem, humildemente, as mãos, implorando verbas prometidas e de direito.

Acresce a vantagem de ter contado com a boa vontade e o prestígio da administração da Universidade, do Reitor Edgard Santos, que era, afinal, um dos seus professores e, ainda, até o ano de 1955, o diretor, também, da Faculdade.



O Hospital das Clínicas era bem administrado pelo diretor daquele tempo, João Batista Caribé e por um Conselho, constituído na sua quase totalidade, por professores da Faculdade considerados e respeitados. A sua linha de conduzir o hospital estava a salvo de interesses que não fossem os da própria Instituição. Os seus serviços funcionavam, dentro do possível, corretamente. Destaque especial para a enfermagem, atualizada e capaz, bem dirigida e constituída por um corpo de profissionais do mais apreciável valor.

Uma conduta absolutamente nova, não conhecida, ainda, nos hospitais da Bahia, daquele tempo. Contrastava com a rotina do trabalho da enfermagem a que estavam habituados no Hospital da Santa Casa e em outros hospitais da cidade, os médicos, os docentes e discentes da Faculdade de Medicina.

É justo e necessário lembrar o papel da Escola de Enfermagem, do seu corpo docente e das enfermeiras que formavam; nas mudanças e benefícios, na assistência aos pacientes hospitalizados na Bahia. Afinal, o que aconteceu no Hospital das Clínicas serviu de caminho seguido pelos hospitais da cidade, do estado e mesmo de outras regiões do país.

Lembrar respeitáveis personalidades é um propósito de justiça de quem escreve esta memória. Isto lhe faz bem e lhe agrada fixar os nomes de Nilza Maurício Garcia, Haydée Dourado, Maria Yvette Ribeiro de Oliveira, Therezinha Teixeira Vieira, Aline Galvão, Gerulina Sampaio e outras tantas, como paradigmas. Entende que corre o risco de cometer um pecado maior, o da omissão, ao não registrar os nomes de enfermeiras, cujos méritos, certamente, as colocariam nesta relação.

Dignos de serem também referidos, positivamente, são o Serviço Social e o Serviço de Nutrição, que, em todos os tempos, mesmo nas ocasiões mais difíceis da vida do hospital, trabalharam e contribuíram positivamente. O Serviço de Nutrição, anos depois, se constituiu, através da iniciativa e do trabalho de Adriano Pondé, em unidade da Universidade Federal da Bahia.

Outra razão que explica o bom padrão de trabalho que se fazia na Faculdade de Medicina daqueles anos está em uma geração de professores, muitos deles possuidores de especiais predicados: vocacionados, disponíveis para as tarefas da vida universitária, bem informados, revelando clara tendência pelo ensino e pela pesquisa.



O ciclo básico

No ciclo básico destacou-se, com nitidez, Jorge Augusto Novis, que fixou como modelo dos seus objetivos de vida, dos quais não se afastou em nenhum momento, o seu pai, Aristides Novis. Assistente da cadeira de Fisiologia logo depois de completar o seu curso médico; e professor catedrático em 1954.

Apesar dos grandes encargos decorrentes da sua clínica particular, que exerceu largamente, pois era a base da sua economia, buscou fontes de aprendizado, fora do seu ambiente de trabalho. Estagiou em Manguinhos sob a orientação de Miguel Osório de Almeida, fisiologista e pesquisador do melhor quilate.

Relacionou-se com a notável Escola de Fisiologia da Argentina, com Bernardo Houssay, prêmio Nobel de Medicina, Virgílio Foglia, entre outros. De tal forma que, ao assumir a cátedra, dispunha dos meios de apoio ao seu talento, à sua vontade e ao seu plano de trabalho, voltados para organizar um bom ensino e pesquisar problemas de fisiologia, sobretudo os aplicados à região em que vivia, como exemplifica o seu particular interesse pelos problemas de nutrição. Pretendeu fundar um Instituto Experimental em Fisiologia, o que afinal, apesar do seu empenho, não conseguiu.

A Fundação Rockefeller, concedeu-lhe recursos para montagem do seu laboratório e lhe proporcionou um estágio nos Estados Unidos.

Jorge Novis possuía uma qualidade toda própria: atraía e agradava a quem dele se aproximava, inspirava confiança. Sabia selecionar os melhores e, assim, um dos resultados mais importantes do seu labor foi o de ter congregado o considerável núcleo de companheiros, interessados em sua proposta de ação.

José Simões da Silva Júnior foi o mais destacado de todos. Professor, também, dos melhores. Experiente e dedicado, com uma formação em Fisiologia adquirida em vários centros: São Paulo, Buenos Aires e América do Norte. Ensinou e pesquisou da melhor maneira a que as condições do seu tempo permitiram. Acrescente-se a isso as superiores qualidades humanas, de caráter, de lealdade e de franqueza e ter-se-á a representação do bom professor e do amigo ideal.



Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa é outro representante deste grupo. Talentoso no mais puro e correto sentido da palavra. Didata por natureza, ninguém lhe suplantava no mister de transmitir conhecimentos. Ninguém dizia melhor do que ele. Não cansava o ritmo harmonioso de suas aulas. Inclinação e gosto pela pesquisa. No entendimento do autor, precocemente, deslocou-se para outras tarefas, o reitorado que desempenhou, é certo, tão bem. O destino não lhe foi correto. Cedo e muito cedo, cortou as suas asas vigorosas.

Outros valores compuseram, também, este grupo seletivo; os anos testemunharam o trabalho e a projeção que, alguns deles, merecidamente, alcançaram: Antonio Luiz Mateus Biscaia, Heonir de Jesus Pereira da Rocha, Armênio Costa Guimarães, Elsimar Coutinho, Virgílio Oliveira, Anibal Silvany, Nestor Piva, Almira Vinhaes, Waldir Cavalcante Medrado, Carlos Gilberto Widmer, Carlos Alfredo Marcílio, Celeste Tanus, César Orrico, o memorialista que escreve estas linhas e tantos outros.

Jorge Novis não realizou os seus planos na cátedra de Fisiologia, como planejara. Os acontecimentos dos anos 1960, que abalaram toda a estrutura da Faculdade de Medicina, fazendo ruir uma parte considerável dela, impediram que isso acontecesse. Então, voltou-se para tarefas administrativas. Secretário de Saúde do Estado, dos mais operosos.

No ciclo básico, neste período, apareceram outros professores, concursados, que se empenharam em ensinar de acordo com as condições existentes.

O ensino da Patologia Geral passou a ser ministrado por Hélio Ramos. Jovem professor, conquistou a cátedra após ter realizado um meritório concurso. Espírito progressista, manteve contatos através de congressos, estágios, etc. com centros avançados não só no Brasil como também em outros países. Apreciáveis qualidades de seriedade e competência, teve sempre ao seu lado a colaboração inestimável de Lucia Ramos. Realizou, como lhe foi possível, dadas as condições do meio que o cercava, um trabalho construtivo, principalmente na especialidade em que é solidamente capaz: a Hemoterapia e a Hematologia.

Tripoli Gaudenzi substituiu a Euvaldo Diniz Gonçalves, na Bioquímica, empenhando-se da melhor maneira, tal como ditavam as suas possibilidades didáticas, em elevar o ensino na cátedra que conquistara.



O ciclo clínico

O ciclo clínico é bem mais rico de valores, não só pelo número de matérias, como também pelas facilidades de que dispunham os professores a ele ligados. O ensino da Clínica Médica continuava a ser cumprido em cinco disciplinas: a 1ª, 2ª e 3ª cadeiras, a Propedêutica e a Terapêutica Clínica.

Adriano de Azevêdo Pondé era o Professor da 1ª cadeira de Clínica Médica e o seu perfil já foi mencionado. Cezar Augusto de Araújo, como já se escreveu, respondia pela 3ª cadeira de clínica médica. José Olympio da Silva aposentou-se e foi substituído por Roberto Figueira Santos.

Provavelmente, não houve na Faculdade de Medicina da Bahia ninguém que tivesse obtido, como Roberto Santos, as oportunidades e condições que atendessem a um correto preparo para a pretendida função docente; merecidas, certamente, pode-se dizer, quando se consideram as suas inegáveis qualidades pessoais: disciplinado, obstinado, capaz, correto, trabalhador, educado no trato. Recebeu cuidadosa e planejada educação. Laureado sempre, desde a época do curso secundário. Como estudante na Faculdade de Medicina, ocupou reconhecido espaço de destaque. Concluído o curso médico, obteve estágios em hospitais e serviços do melhor quilate nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França. De tal forma que, quando regressou ao Brasil e se apresentou como concorrente à cátedra de Clínica Médica, depois de cumprido com brilho o ritual da docência livre, tinha-se como certo que nenhum concorrente poderia obstaculizar o seu desejo. Sem que se faça nenhuma concessão, é fácil afirmar que a 2ª cadeira de clínica médica que dirigia foi, em seu tempo, exemplo de um bom trabalho.

Assistentes, residentes, internos e estudantes – todos tinham as suas funções determinadas e acompanhada a sua execução com a presença constante do titular da cadeira. A enfermaria do seu serviço, no 2º andar do Hospital das Clínicas, contava com uma variedade rica de patologias e os pacientes eram assistidos com atenção. Lembra-se o autor desta memória das visitas à enfermaria, realizadas com regularidade, bem conduzidas, comentados os aspectos mais importantes, clínicos e laboratoriais, de cada caso. Aceitou o regime de tempo integral. Nunca exerceu qualquer atividade médica fora do Hospital das Clínicas. Isto é significativo e importante, sobretudo quando



se reflete, unicamente, o ponto de vista do professor, que volta a sua visão, tão só, para o seu mundo na Universidade.

Acentue-se que em muitas áreas de ensino universitário, que assim seja; também concorda-se quando se trata, em medicina, de professores de cadeiras básicas. Não, porém, no caso dos professores que atuam nas cadeiras clínicas, ensinando aos jovens que, na imensa maioria, irão exercer as suas atividades em circunstâncias que não são as mesmas praticadas nos hospitais universitários.

Posto assim, é importante que docentes e discentes tenham experiências vividas nas condições encontradas nos ambientes sociais, com o seu perfil de educação, de morbidade, de economia e de costumes, aos quais terão que compreender, adaptarem-se e adaptar os conhecimentos que reuniu.

O ensino deve vencer os limites do academicismo puro, necessário e importante, não se pode negar, mas que há de ser completado com a realidade social que o tempo que se está vivendo oferece.

Uma outra iniciativa de Roberto Santos foi o de ter estruturado no 6º andar do Hospital das Clínicas, um bom laboratório. Empenhou-se em estudar o metabolismo da água e eletrólitos. As suas teses são fruto deste trabalho e todas são de boa qualidade: **Da ação de receptores de volume na excreção urinária de sódio e água no homem** (tese de doutoramento); **A prova de tolerância à água nas hepatopatias crônicas** (tese de livre docência); e **Da regulação renal e tecidual do equilíbrio ácido-básico** (tese com a qual concorreu à cátedra). Alguns de seus trabalhos foram aceitos para a publicação em periódicos de reconhecida importância na literatura internacional especializada. Promoveu a vinda à Bahia de pesquisadores estrangeiros, que participavam dos trabalhos em seu laboratório e entre outras vantagens proporcionadas, estimulavam jovens médicos com as suas presenças.

Alguns desses nomes devem ser lembrados: Alexander Leaf, Stephan Crane, Oliver Wrong, Hugh Luckey, Richard Silver, Frank Neva, Thomas Weller. E, também, através do Programa Bahia-Cornell, no qual participavam outras disciplinas da Faculdade, Edward Hook, Thomas Jones, Warren Johnson, B. H. Kean e ainda Donald Kaye.



Entretanto, no plano didático, se tiver de apontar qual o projeto em que obteve melhor êxito, pode-se dizer que foi a instalação da “residência médica” no Hospital das Clínicas. Na verdade, é justo esclarecer, que contou com a colaboração de professores dedicados e de valor, entre os quais há de se mencionar Fernando Didier, Heonir Rocha e Waldir Medrado.

O produto dessa feliz iniciativa se solidificou em uma geração de bons profissionais e de docentes de alto conceito. Podem ser lembrados alguns nomes, obedecendo a um imperativo de justiça, que alegra e enaltece a nós todos da Faculdade: Ernesto Simões Neto, Gilberto Rebouças, Elias Darzé, Antônio Carlos Vieira Lopes, entre outros. A fisionomia da medicina que se praticou, desde então, e que ainda hoje se pratica na Bahia, foi certamente influenciada pela conduta, método de trabalho, sentimento de responsabilidade adquiridos na pós-graduação que realizaram.

Esperava-se que esta geração assim formada, fosse a fonte onde a Faculdade iria buscar os seus docentes. Infelizmente isso não aconteceu, posto que não foi possível sequenciar o programa, após a residência, tal como era esperado, desarticulando-se o entusiasmo e desviando-se para outras atividades o pessoal tão bem formado.

Contudo, o aparente desencanto pelo ensino, na simplicidade das enfermarias, ambulatórios e laboratórios do Hospital Edgard Santos; ou, ainda, os acenos advindos de horizontes mais amplos, embora não ligados à medicina e à formação de valores humanos qualificados, tal como vinha fazendo a excelência do seu trabalho, levaram Roberto Santos a atender outros anseios e ambições. Tornou-se um administrador, Reitor da Universidade Federal da Bahia, Secretário de Estado, Ministro da Educação e da Saúde, membro do Conselho Federal de Educação, Governador do Estado.

Augusto da Silveira Mascarenhas continuou a ensinar a Propedêutica Médica, sem conseguir, contudo, manter o grupo que ele havia escolhido. Halil Medauar é um exemplo. Desamparado financeiramente, deixou a carreira universitária e o lugar de assistente na Propedêutica. Assim, a disciplina diminuiu o seu padrão de eficiência.

Fernando José de São Paulo permanecia como professor de Terapêutica Clínica. Cedo, porém, seria substituído, quando se aposentou, por Heonir de Jesus Pereira da Rocha. Uma das mais autênticas vocações para o magistério



que já passou pela Faculdade de Medicina da Bahia. Orientou a sua vida para este fim. Cuidadosa formação e todas as suas conquistas se devem ao seu esforço e ao seu inquestionável valor. Heonir Rocha, sob certos aspectos, poderá ser considerado, entre os professores da Faculdade de Medicina da Bahia, que compuseram ao longo da sua história o seu corpo docente, como um dos que mais se aproximaram do modelo perfeito de mestre.

Já se disse da sua vocação e do seu preparo. Há de se dizer mais: a obstinação consciente, que até hoje nunca lhe faltou no preparo de jovens, estudantes ou pós-graduados, seus seguidores, com os quais lhe foi possível construir, verdadeiramente, um núcleo respeitável, uma escola de pensamento uniforme. A sua inclinação pela pesquisa é fácil de comprovar nas suas publicações numerosas e de bom nível.

Todas as vezes em que as oportunidades apareceram, assumiu responsabilidades administrativas, na Faculdade e na Universidade, e se comportou sempre com destaque: chefe de departamento e diretor da Faculdade de Medicina.

A Cirurgia evoluiu como nunca havia acontecido nos muitos anos que antecederam a este período. É certo que esse progresso se deveu em grande parte às condições que o Hospital das Clínicas proporcionava. Contudo, somente isto não era suficiente, se não fora a ascensão às duas disciplinas de Cirurgia, de professores, cirurgiões de larga experiência, possuidores de clara inclinação pelo magistério e dotados de qualidades de liderança: Fernando Freire de Carvalho Luz e Fernando Visco Didier.

Organizaram as suas unidades dando-lhes disciplina de trabalho, hierarquia funcional, programas e projetos, presença diária, vigilância sobre o que se fazia, agudo sentimento de responsabilidade e de respeito aos pacientes. Reuniram assistentes, devotados e competentes. Criaram condições para que se constituíssem escolas cirúrgicas de excelência, introduziram novas técnicas cirúrgicas e procuraram novos horizontes. Fazem parte deste grupo seletivo: Augusto Márcio Coimbra Teixeira, Ernesto Simões Neto, Fernando Kléber Coelho, Geraldo Milton da Silveira, Henrique Roberto Krutmann, José Guilherme Carvalhal França, Renato Moura Costa, entre outros.

A cirurgia que faziam tinha a preocupação de atender, prioritariamente, aos problemas regionais, decorrentes das endemias que atingiam a população,



principalmente as de classe menos favorecidas. A cirurgia para tratamento dos megas, do colon e do esôfago, analisando resultados e produzindo teses e trabalhos científicos é uma faceta importante do seu esforço.

Na mesma linha de produção situam-se o tratamento cirúrgico da hipertensão portal com as operações de derivação, acumulando experiência e propondo variação na técnica, e assim se tornaram autoridades acatadas em todo o país.

Fernando Freire de Carvalho Luz, tendo como parceiro Aluizio Prata, realizou, pela primeira vez, a retirada de vermes *S. mansoni* da circulação portal, com sucesso, reconhecidas a originalidade e a significação do método na literatura nacional e estrangeira.

A Anatomia Patológica sempre era uma disciplina com problemas estruturais importantes, em razão, sobretudo, das características de personalidade dos professores responsáveis pelo seu ensino: Leôncio Pinto e José Coelho dos Santos. O curso era irregular nas suas disposições, frequentes desavenças internas com a direção da Faculdade e com o alunado. De tal forma que, quando a cadeira passou a ser regida por Zilton Andrade, corrigidas as distorções e postas em prática as grandes qualidades do novo professor, transferida, em parte, para o Hospital das Clínicas, transformou-se e passou a ser uma das áreas mais produtivas da Faculdade. O ensino se normalizou e numerosas publicações de apreciável nível, fruto do bom trabalho que lá se fazia, apareceram.

A Clínica Urológica há muitos anos se arrastava. O seu titular sempre estava ausente em atividades políticas na Bahia ou em outro estado. Wenceslau Pires da Veiga, profissional honesto, era o professor substituto; não conseguia ultrapassar essas dificuldades impostas pela sua posição de interino.

Jorge Valente abriu largos horizontes quando se tornou o professor da disciplina. Organizou um serviço de padrão superior, contando com companheiros experimentados e sérios como serve o bom exemplo de competência de José dos Santos Pereira Filho.

A Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas foi uma outra referência de real importância neste segundo período. A disciplina ensinada, inicialmente, por João Garcez Fróes, a quem se deve, principalmente, a sua inclusão no currículo



da Faculdade, passou às mãos do seu filho Heitor Pragner Fróes. Este professor vivia em outro estado e assim o ensino era precário.

Aluizio Rosa Prata, a partir de 1959, quando conquistou a cátedra, deu-lhe ordem, objetividade, correção e senso de responsabilidade, fundamentado em um amplo trabalho no Hospital Edgard Santos, no laboratório, na enfermaria e no ambulatório da “Clínica Tropical”; e nas áreas endêmicas no interior do Estado da Bahia: Jacobina, Caatinga do Moura e São Felipe. Obedecendo à concentração de patologias que ocorriam em cada uma dessas áreas, organizou estudos de campo, harmonicamente relacionados com as atividades que se realizavam no Hospital Universitário, nos serviços sob a sua orientação. Então, criou oportunidades de estudo em ciências básicas, em clínica, ensaios terapêuticos, epidemiologia da esquistossomose, das leishmanioses e da doença de Chagas. A sua curiosidade de pesquisador orientou o seu interesse para outros ramos da Infectologia: a leptospirose, geohelmintoses, meningites, micoses profundas, enterobacterioses septicêmicas prolongadas, entre outros. É certo que mesmo antes de ingressar na Faculdade já era conhecido no país e internacionalmente.

A disciplina de Doenças Tropicais e Infectuosas manteve durante 13 anos um curso de pós-graduação na especialidade, no qual participaram interessados, provenientes não só do Estado da Bahia, como também de outros estados brasileiros, estrangeiros, latinos e europeus. Estendeu o seu ensino aos médicos das áreas rurais e aos que faziam parte dos quadros de instituições que trabalhavam, especificamente, com as grandes endemias brasileiras. Manteve constante contato, trocando informações, programando atividades e formando pessoal, com centros locais (a Fundação Gonçalo Moniz, por exemplo) e com professores e pesquisadores de outros estados, tais como João Alves Meira, Samuel Pessoa, Carlos da Silva Lacaz, José Rodrigues da Silva; e estrangeiros, os da Universidade de Cornell, por exemplo.

Sentia-se reviver o vigor da Escola Tropicalista da Bahia. Reeditou, juntamente com outros companheiros, entre os anos de 1965 a 1970 a **Gazeta Médica da Bahia**. Mas, de todo o seu valioso trabalho, o que mais valeu foi ter inspirado e estruturado uma escola de Infectologia, cujos seguidores, entre os quais se inclui o autor desta memória, se orgulham e



guardam a mesma fidelidade dos primeiros tempos, sensibilizados, ainda, pela vontade e pelos princípios que Aluizio Prata estimulou.

As especialidades aos poucos se estabilizavam. A Clínica Oftalmológica, sob a direção de Heitor da Costa Pinto Marback, foi uma delas. Heitor Marback, um professor de qualidade superior, organizou o ensino da Oftalmologia, da assistência na enfermagem e no ambulatório, de tal forma que, com o passar do tempo, formou profissionais corretos e capazes que hoje, em várias regiões deste estado e fora dele, exercem atividades na especialidade.

A Psiquiatria, cujo ensino não existiu, praticamente, durante muitos anos, teve, inicialmente, problemas, em razão das características pessoais do docente que havia ganhado a cátedra através de concurso. Pouco se sentiu a sua ação didática e acabou retirando-se da Faculdade e da própria cidade.

Álvaro Rubim de Pinho é quem, a seguir, após concurso dos mais felizes, ocupou a cátedra: - equilibrado, com ampla visão da especialidade, humanista, bom relacionamento, compreensivo e elevado de atitudes, expositor agradável de se ouvir, inquestionável vocação pelo ensino, inclinação para o estudo das questões comunitárias. É de justiça se dizer, que Rubim de Pinho deu nova feição à Psiquiatria na Bahia e sem dúvida, a partir dele, é que se estruturou a especialidade em nosso meio. Expressiva contribuição em publicações, participação em congressos, conferências, etc. Entre os que estavam ao seu lado, cumpre destacar Adilson Sampaio, que deveria ser o seu natural sucessor.

José Adeodato de Souza Filho assumiu a cátedra de Obstetrícia em 1951. Descendente de um professor ilustre, figura maior, de quem havia herdado, também, o nome. Uma responsabilidade a mais. Substituiu ao sempre lembrado Almir de Oliveira, após a interinidade de Pio Lopes Bittencourt. Cumpria-lhe dirigir a reverenciada Maternidade Climério de Oliveira, onde florescia a Escola de Obstetrícia Baiana, de reconhecida importância, pelo que significou para o bom ensino da especialidade. Chegou credenciado. Havia concebido a Pró-Matre da Bahia e realizado uma iniciativa feliz: o “Serviço de Parto a Domicílio”. Uma ideia, nos moldes em que ela foi posta em prática, original e apropriada, na época, às condições conhecidas das comunidades pobres.

Aceitar o domicílio como um espaço em que se pode e deve assistir aos pacientes – desde que ressalvadas as necessidades de segurança e da não



existência de situações agudas e graves – sempre foi um modelo aceito em todos os tempos. Contudo, houve época em que o hospitalismo desenfreado, que justificava conduzir os pacientes para os hospitais, obedecendo as razões exageradas de modismos passageiros, marginalizou a medicina do domicílio.

Hoje, mesmo os países ricos voltaram a aceita-lá, embora com um rótulo novo e adequado aos tempos atuais, o “home care”. Assim, sente-se, claramente, a necessidade de se revitalizar a figura “do médico de família”. Busca-se uma solução. Os óbices são crescentes, originados pela obrigação de assistir comunidades cada vez mais numerosas e empobrecidas e de vencer custosas exigências impostas pelas técnicas sofisticadas.

No início, enfrentou dificuldades administrativas. O direito estatutário, que fazia, obrigatoriamente, do professor de Obstetrícia, diretor da Maternidade Climério de Oliveira, lhe foi negado. Ultrapassado esse impasse, ordenou as rotinas de trabalho e a hierarquia docente funcional, empenhou-se em estimular, na época, a pesquisa científica, praticamente, inexistente em sua especialidade na Bahia.

José Adeodato foi um pioneiro na proposta de encaminhar providências em torno de um problema, que já nos anos 1950, se prenunciava como da maior relevância: o planejamento familiar e a reprodução humana. Tendo ao seu lado Elsimar Coutinho, através de quem trouxe para a Maternidade o investigador da Rockefeller Institute, de prestígio internacional, Arpad Csapo. Pretendia criar um instituto de reprodução humana. Anos depois, tal ideia se concretizou no CEPARH – Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana, fruto do trabalho eficiente e altamente significativo de Elsimar Coutinho.

É justo lembrar nomes de docentes de elevado padrão e do maior conceito profissional e ético que faziam parte do corpo clínico da Maternidade Climério de Oliveira: Eládio Lasserre, Djalma Ramos, José Maria de Magalhães Netto, entre outros. Este último, mais tarde, através de aplaudido concurso, ocupou, como titular, a cadeira de Obstetrícia

José Silveira – professor ilustre e consagrado, antes mesmo da posse na cátedra de Tisiologia da Faculdade de Medicina, em março de 1951. Não se sabe ao certo quem merecia mais: se o professor recém-empossado ou se a instituição que o acolhia. Foi o primeiro e único professor de Tisiologia da



Faculdade de Medicina da Bahia. Há muitos anos, José Silveira se dedicava, com pleno sucesso, a um trabalho aplaudido na Bahia, no Brasil e além, pelo que contribuía no plano social, científico e na formação de pessoal especializado. No IBIT – Instituto Bahiano de Investigação da Tuberculose se cristalizou, talvez, o melhor do seu esforço. Não cabe neste texto detalhar os méritos deste Instituto, patrimônio da Bahia, ainda porque, desnecessário, pois, todos eles são amplamente conhecidos e aplaudidos.

Hosannah de Oliveira merece uma menção toda especial. Pediatra experiente, de um comportamento absolutamente correto, indiscutivelmente um autêntico Chefe de Escola, possuidor de seguras e confiáveis características de personalidade. Conhecedor da natureza dos homens, razão por que reuniu, orientou e deu forma a numerosos discípulos, que dele se aproximaram e que se constituíram, depois, nas gerações de pediatras de quem tanto devem as comunidades onde exerceram e exercem as suas atividades profissionais.

A Dermatologia encontrou em Newton Alves Guimarães um professor capaz. A clínica que dirigiu era corretamente organizada e do seu trabalho e do seu ensino resultaram especialistas de bom nível. Orientou pesquisas, sobretudo na área de leishmanioses e blastomicose, entre outras.

Edístio Pondé é uma lembrança suave e boa. Muitos, é certo, aprenderam com o seu exemplo e a sua experiência em Neurologia, especialidade que exerceu de modo assíduo durante a sua vida, na prática clínica e na Faculdade. A impressão que fica ao recordá-lo é a de um mestre, simples, bondoso e culto, compreensivo e profundamente sensível ao sofrimento humano.

Benjamin da Rocha Salles foi um exemplo de dignidade. Conduziu, como lhe foi possível, o ensino da Ortopedia.

A pesquisa

Agrada a lembrança de que neste período a pesquisa médica se firmou na Faculdade de Medicina.

Aluizio Rosa Prata e um grupo que reuniu produziram, como já foi referido, estudos de significativo interesse – clínicos, epidemiológicos,



ensaios terapêuticos, pesquisas laboratoriais na Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas e no Hospital Naval do Salvador, na Fundação Gonçalo Moniz e nas áreas endêmicas de Jacobina, Caatinga do Moura e São Felipe.

Zilton de Araújo Andrade, por sua vez, também produziu pesquisas em número e qualidade que o tornaram conhecido internacionalmente. A sua linha de trabalho mais importante se fez em torno dos problemas ligados às endemias maiores do país, analisando-as sob o ângulo da sua especialidade. Em torno dele, vários patologistas de valor, que pesquisaram e publicaram, também: Sonia Andrade, Sérgio Santana, Achiléa Bittencourt e outros.

Roberto Figueira Santos trabalhou em uma linha diferente: o metabolismo da água e dos eletrólitos, o que ensejou publicações importantes.

Heonir de Jesus Pereira da Rocha voltou-se para as infecções bacterianas, principalmente às relacionadas com o aparelho urinário. Com o passar do tempo, ampliou o seu laboratório e com isso a sua área de interesses, prosseguindo até os dias de hoje a pesquisar com seriedade e sucesso.

Fernando Freire de Carvalho Luz e Fernando Didier esforçaram-se na solução cirúrgica dos grandes problemas causados pela esquistossomose (hipertensão portal) e doença de Chagas (os megas). Tanto um como o outro trabalharam e contribuíram, também, em outros campos, como o das neoplasias da mama e da patologia das vias biliares.

Sombras ameaçadoras

Sombras, aos poucos, no início da década de 1960, surgiram ameaçadoras.

Os conflitos e os confrontos, que em muitas partes do globo se configuravam cada vez mais com insistência, teriam que atingir, inevitavelmente, as nossas organizações sociais, culturais e universitárias. Os questionamentos políticos e sociais, vez a vez, se insinuavam, açulando disputas e paixões, sobretudo entre os jovens. Por fim, a Faculdade foi envolvida.

O passado e todas as tradições que compunham a imagem da velha Escola do Terreiro de Jesus, foram, gradativamente deslocadas, expondo-a às críticas ácidas e muitas vezes injustas e irrefletidas. Dois episódios da



lembança do memorialista expressam bem o que então se passava.

Em uma certa manhã, no anfiteatro do Hospital da Clínicas, inteiramente lotado, a disciplina de Doenças Tropicais e Infectuosas promovia uma jornada, cujo tema principal consistia no estudo crítico das grandes epidemias que haviam acontecido na Bahia. Entre os participantes, como expositor, estava o Professor Magalhães Netto, venerável figura, merecedor do mais justo respeito. Coube-lhe falar sobre as epidemias de peste. A sua participação se desenvolvia em elevado nível; a cultura e a experiência do expositor, facilmente proporcionavam aos presentes, momentos ilustrados e agradáveis. Os outros componentes do painel, ao seu lado, na mesa, eram também possuidores do melhor conceito.

Eis que, na atenta e silenciosa plateia, inopinadamente, levantou-se um jovem estudante, seguro no que dizia com clareza, obedecendo a propósitos planejados de agressão, acintosamente, interrompeu o Professor Magalhães Netto:

– o Senhor não devia estar aqui; o seu tempo e o seu assunto não existem mais, espero que não continue.

Perplexos todos. Os companheiros da mesa, Aluizio Prata e Manoel Ferreira entre outros esboçaram reagir. Mas, prudente e calmo, a palavra pausada, respondeu o professor agredido:

– nunca pensei que as portas desta casa se abrissem e que a polidez, a convivência respeitosa e a educação fossem tomadas pelos braços e arrastadas, afastando-as de onde sempre estiveram há longos anos. Não preciso dizer mais.

Outro episódio teve como cenário o Palácio da Reitoria em noite de gala, em que acontecia a aula inaugural da Universidade, presentes o Reitor Edgard Santos, professores de todas as unidades, convidados especiais, estudantes, a sociedade, ocupando todo o salão. O Ministro da Educação, Clemente Mariani, deveria proferir a aula.

Mal começada a cerimônia, um cidadão de alpercata, camisa aberta, acompanhado por uma claque ruidosa, invade o corredor, entre as poltronas, no meio do salão, e se dirige à mesa que presidia os trabalhos, gritando impropérios. Perplexos todos, a cerimônia chegou ao fim, sem ter, sequer, começado.



Aos poucos se acumulavam sinais de grandes transformações. O comportamento do alunado, o seu relacionamento com os docentes, os sucessivos questionamentos e conflitos que criavam, a progressiva indiferença que se observava neles em relação aos valores e as tradições da Faculdade, o envolvimento crescente com as questões sociais e políticas, trazidas para dentro da própria instituição, suplantando o interesse maior do aprendizado médico – eram exemplos fáceis de serem constatados.

Arguia-se contra a imagem da Escola, o seu passado, considerados como principais razões ao seu pretenso atraso e ao emperro do seu progresso. Pressionavam a Faculdade, sem contemplação, influências poderosas, inacessíveis a qualquer providência que se processasse em seu âmbito, tais como o repúdio ao passado, ao tradicional; e os movimentos desencadeados em todo o mundo, que procuravam soluções para os descaminhos e injustiças que tornavam desiguais os povos. O princípio de autoridade, frequentemente, era contestado. Mesmo dirigentes de prestígio, a exemplo do Reitor Edgard Santos, não escapavam a este conflito.

Estudantes e professores desafiavam abertamente as administrações da Faculdade e da própria Universidade. De tal forma que, muito embora o empenho, com todos os trunfos que julgava possuir, em 1961, Edgard Santos foi, inesperadamente, preterido na escolha para reitor, após 15 anos de reitorado profícuo. Não teve a sensibilidade em perceber que o tempo não leva em conta o prestígio e o sucesso e afasta, friamente, aquele que já o cansou. Preparava-se, assim, o cenário para o episódio simbólico, o momento crucial, que marcou a inflexão da curva do prestígio e do respeito ao instituto centenário de ensino médico do Terreiro de Jesus.

Tal foi a destruição do Anfiteatro Alfredo Britto, orgulho da Faculdade, guardado nas reminiscências de todos os jovens que lá viveram os dias alegres no descompromisso dos verdes anos. Mais do que um ato obtuso, o que foi feito com o Anfiteatro Britto há de ter uma outra explicação. Possivelmente, talvez, neste ato, se amontoaram na desordem das irreflexões incontroláveis, estímulos psicológicos repetidos, imperceptíveis até, inconscientes talvez, que geraram atos reflexos, os quais, insensíveis e indiferentes, feriram a Faculdade no que ela tinha de mais precioso: a sua história.



Não se pretende apurar responsabilidades pessoais. Mas, de onde partiu a ideia? Por quê? Diz-se que o Anfiteatro Alfredo Britto foi destruído para que em seu lugar se acomodassem gabinetes, laboratórios e salas de aula. Será que se espera que isto convença a alguém de bom senso, quando coteja o que se derrubou com a pequenez do que se construiu? Não se ouviu, por acaso, em uma assembleia de doutos inteligentes e de visão, como era a Congregação da Faculdade de Medicina da época, uma só palavra de resistência a uma insensatez desta natureza? Justifica-se, ou tenta-se justificar, em uma cadeia de consultados, o fato. Professores do ciclo básico propuseram a lamentável transformação, na esperança de obter mais espaço. A direção da Faculdade aceitou e providenciou os meios. A Congregação, que deveria ter sido consultada, não se comprometeu naquele momento, mas se expôs ao julgamento dos pósteros. A Universidade e o seu órgão competente, a Prefeitura do Campus, responsável acima de todos os outros segmentos administrativos, pelos prédios da Faculdade, por que se omitiu?

Uma laje, mal projetada, dividiu o espaço majestoso. Sacrificou-se – simplesmente, sem mais considerar, além do imediato imprudente – todo o mobiliário, as pinturas e as balaustradas que ornamentavam o ambiente, a acústica (sem maior esforço era possível ouvir a voz de quem proferia aulas e conferências em todos os recantos do ambiente). Apagou-se, afinal, a marca de tantos momentos festivos, de civismo, de confraternização e de cultura. Hoje existem, é bem verdade, apenas escombros, desnudados, sem a beleza da cúpula que se foi na voragem da destruição.



VI

Anos de Obscurantismo e Omissão

1964-1982. O antagonismo profundo. O capitalismo e o socialismo. A América Latina e o Brasil.

O movimento militar de 1964. Pródromos. Consequências para as universidades. O desgaste e a desagregação da carreira docente.

O ano de 1968. Os novos rumos. As agitações do ano de 1968. Movimento de reivindicação e esperança. Mudanças de comportamento da sociedade. A hierarquia, sentido de responsabilidade. As vivências do passado.

O ensino e as reformas . O corpo docente e o Hospital das Clínicas. Dois acontecimentos históricos. O Decreto-lei no.5540 de 29 de novembro de 1968; o "Regimento do Hospital Prof. Edgard Santos" e o "Regimento do Pessoal Docente da Faculdade de Medicina a Serviço do Hospital Prof. Edgard Santos". Quais as razões da reforma universitária? Os aspectos sociais e os progressos da medicina. A mudança do perfil do médico.

Raízes da reforma. Aspectos políticos. A matrícula. O desgaste das lideranças. O aumento do número das escolas médicas e o incremento do alunado. Darcy Ribeiro e a Lei das Diretrizes e Bases da Educação. O ensino universitário brasileiro comparado com o de outras nações. O professor e o seu dilema. Uma visão histórica das reformas do ensino médico no Brasil.

A reforma universitária. Necessidade de reformular o ensino universitário. Conferências e congressos. O acordo MEC/USAID. A Universidade de Brasília. A reforma universitária e os governos revolucionários. A reforma universitária e a Bahia – implantação. Breve análise da reforma universitária na Bahia.

Como se fez a reforma universitária na Faculdade de Medicina da Bahia. Objetivos. A criação do Instituto de Ciências da Saúde. Departamentalização. Currículo. Carreira docente. O catedrático, o lente proprietário e o seu perfil. Influências sobre a estrutura administrativa e didática da Faculdade de Medicina da Bahia, em decorrência da implantação de certas medidas reformistas. O alunado. Mudanças estruturais.

Reflexões. Estratégia de implantação. Comportamento das comunidades docentes e discentes. Conflito do passado com as novas ideias. O professor. Comentários sobre o currículo e sobre os departamentos. O Departamento de Medicina Preventiva. O regime de cátedra. Os catedráticos e os titulares. Repercussões sobre a Congregação. A carreira docente. A ausência de concursos. A Portaria no.3.123/93 da Reitoria da Universidade Federal da Bahia. A fragmentação da Faculdade de Medicina da Bahia. O Instituto de Ciências da Saúde e o ciclo básico.

Hospital de ensino. Desenho do hospital de ensino daquele tempo. Aspectos físicos e funcionais. Repercussões sobre o ensino de pós-graduação e graduação. A Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas. Dificuldades econômicas. A política do Ministério da Educação e os hospitais universitários. Destaques. O mestrado. A vocação do professor.

Ideias sobre a reforma universitária.



Anos de Obscurantismo e de Omissão

3º período (1964 - 1982)

O antagonismo indisfarçável e profundo das ideologias que dominavam e dividiam o mundo estava em todas as coisas, na consciência e no temor das nações, das comunidades e dos indivíduos. Não havia como permanecer neutro diante da densa pressão que todos sofriam, imposta pela força dos dois campos que, sem hesitar, exigiam, cada um deles, imediata definição.

Entretanto, ambos, capitalistas e socialistas, em algumas áreas do globo, haviam sido enfrentados, hostilizados e desautorizados por povos aparentemente mais frágeis em armas, disposições econômicas e culturais, mas, decididamente, dotados de vontade em defender as suas indisputadas razões de liberdade. Diên Biên Phu, Coréia, Vietnã, entre outros acontecimentos, representaram arranhões profundos na autoestima e no prestígio das nações capitalistas, e isso marcou-as indelevelmente.

Em contrapartida, acontecimentos na Hungria, na Tchecoslovaquia e na Alemanha Oriental evidenciaram que o bloco comunista, por sua vez, tinha frestas e rachaduras.



A América Latina, reconhecidamente zona de influência dos Estados Unidos, suportava sucessivos golpes militares, os quais, em consequência, proporcionaram a ascensão de regimes ditatoriais, o que, estranhamente, e com uma certa frequência, vinham ao encontro dos interesses do capital.

Esses regimes de força influíram, duramente e a seu modo, em todos os segmentos da sociedade. Assim, também as universidades não foram poupadas. O ocorrido na Argentina e no Chile pode testemunhar o quanto regrediram as estruturas e o padrão do ensino e da pesquisa naqueles países, com o sacrifício de alguns professores e pesquisadores de reconhecida representatividade no mundo científico internacional.

No Brasil, entre os anos 1960 a 1964, inquietavam-se as cidades, inquietavam-se os campos, estimulando migrações crescentes de populações para as cidades, onde elas se concentravam além da capacidade das metrópoles em acomodá-las. Inquietavam-se os que tinham posses, com o receio de perdê-las; inquietavam-se os que nada possuíam, clamando justiça social. Inquietavam-se os cidadãos ponderados ao considerarem os desequilíbrios que agitavam, em volta, a todos e a tudo. Sentia-se ser necessário que acontecesse alguma coisa, quebrando a angústia, a incerteza e a dúvida que dominavam os tempos então vividos. A tudo isso, comandavam os interesses extremados da direita e da esquerda. Desafiavam-se, disputavam espaços.

O movimento militar que eclodiu em março de 1964 no Brasil era, pois, esperado como o resultado das paixões e dos confrontos, que se entrechocaram no cadinho em que se transformou a nação brasileira. O forte sindicalismo politizado no sentido da esquerda – marca expressiva do quadriênio que antecedeu a este a que se está referindo, cuja influência se estendia aos hospitais e estabelecimentos de ensino oficial, alterando, muitas vezes, em favor dos seus próprios interesses, normas administrativas e disposições nos quadros de pessoal – entrou em declínio e passou ao controle das diretrizes revolucionárias.

A classe estudantil, situada na mesma perspectiva de politização no sentido da esquerda, não poderia deixar de ser, também, uma das preocupações dos responsáveis pelo regime que se instalava no país. A União Nacional dos Estudantes foi fechada; invasões policiais em áreas das universidades, à procura de estudantes ativistas ou coibindo manifestações, se tornaram



frequentes. Concomitantemente, uma parcela ponderável da intelectualidade brasileira, concentrada nas universidades ou a ela ligada, que havia atuado, ativamente, em favor do que se chamava, na época, de reformas de base, representava uma ameaça e, em razão disso, passou a ser reprimida, também.

Assim, as investidas sobre os institutos de ensino e de pesquisa, caracterizados como centros de ativismo político, foram contundentes. As universidades passaram a ser consideradas, antes de tudo, como uma ameaça à estabilidade política do regime.

Afastaram-se numerosos professores e pesquisadores, abrindo claros, difíceis de serem preenchidos, desativando programas de ensino e de pesquisa. Um exemplo que muito se comentou na época foi o da Universidade de Brasília. Tida, naquela ocasião, como a melhor proposta para o aprimoramento das demais, foi obrigada a transtornar as linhas do seu projeto original. Buscava-se, ansiosamente, o modelo de ensino americano, como o melhor caminho. Os acordos MEC-USAID estiveram em voga.

O desprestígio do professor se esboçava, descaracterizando-o e banalizando a sua titulação. Contudo, não foram muito profundas, como seriam de se esperar, as consequências das medidas de repressão nas universidades, a partir de 1964 até alcançar o ano de 1968. Não que se esteja afirmando que esses anos decorreram pacíficos e calmos. Em várias instituições universitárias implantaram-se esquemas de depuração, de perseguição e de vigilância, embora continuassem mantidas, de um certo modo, as normas aceitas até aquele momento.

A observância às tradições, tão acalentadas outrora, continuava em lenta e progressiva agonia. Contestava-se a hierarquia e minava-se a ordem da carreira universitária. Mais do que nunca se agudizava o confronto das ideias políticas da direita – que estava firme no poder – e da esquerda – que se aprestava para lutar pelo poder. Armava-se o cenário onde iriam se definir condições novas, sobejamente esperadas, e que poderiam dar uma feição bem diversa daquela a que se acostumara a sociedade.



O ano de 1968

O ano de 1968 e os que se seguiram a ele têm um interesse particular. É que neles se concretizaram os novos rumos esboçados nos tempos anteriores e próximos. É possível compreendê-los, refletindo os seguintes itens:

a - em consonância com movimentos de reivindicação e reforma, de vários matizes, que ocorriam pelo mundo afora, entre os quais “a primavera de maio em Paris” foi o melhor exemplo, eclodiram no país, em quase todo o seu território, sobretudo nas cidades maiores, agitações e tumultos em que professores e discentes se envolveram.

Esta eclosão não era mais constituída, apenas, de palavras e ideias, mas, na realidade, de violências físicas, dos cárceres, do sacrifício de vidas, das guerrilhas e dos assaltos. Tudo isso fruto de uma vontade política, firmemente estabelecida, de oposição ao regime que dominava e da busca do poder fossem quais fossem as consequências e os sacrifícios.

Os estudantes e o povo saíram às ruas. O espectro do comunismo era apontado, frequentemente, em muitos locais e em todas as pessoas que divergissem das ideias políticas dominantes. Vivia-se sob vigilância, a qual se estendia às universidades, a da Bahia, inclusive, e a Faculdade de Medicina por via de consequência. Os cidadãos, no caso específico, professores e pesquisadores, inquietavam-se, inseguros e intimidados, particularmente aqueles que demonstraram, em algum tempo, preocupação com os desníveis e as injustiças sociais.

É natural que tais peculiaridades tenham se projetado na vida da Escola. Talvez se encontre nelas a explicação para um fato intrigante: a atitude pacífica ou mesmo indiferente, como a que os docentes e discentes da Faculdade de Medicina se acomodaram, sem discutir ou analisar com mais cuidado, as extensas modificações estruturais que se processaram então e que, inclusive, atingiu suas próprias aspirações;

b - mudanças de comportamento da sociedade: inchada pelo crescente aumento da população, observado, nitidamente, na concentração demográfica das cidades maiores; desequilibrada pela má distribuição de renda em favor de uns poucos e em detrimento da maioria; a ansiedade



incontrolável em buscar algo que ninguém sabia ao certo o que era; o aproveitar, prazerosamente, todos os instantes, não importando o que isso pudesse causar de prejuízo aos que estavam próximos ou distantes ou ao meio em que se estava vivendo – eram características do perfil da sociedade da época.

E mais, o afrouxamento de princípios éticos, respeitados até então: o acesso, sem preocupação ou restrição, a todas as facilidades, fossem quais fossem, amplamente propagadas em frases que se popularizaram com rapidez: - “é proibido proibir”, “o brasileiro sabe tirar vantagem de tudo” .

O dinheiro, para alguns, chegava aos borbotões. Ganhavam fortunas e se apossavam de bens, cada vez mais, os que já os possuíam, através das especulações das cirandas das aplicações financeiras e outros expedientes parecidos.

Avançavam na esteira do prestígio que lhes conferia a riqueza, as facilidades proporcionadas pelos “lobbies”, que organizavam – uma estranha profissão de ética duvidosa, criada para mudar princípios e consciências, exclusivamente em benefício de interesses, nem sempre legítimos de pessoas ou de grupos específicos – atuando junto aos políticos e aos burocratas de escalões elevados, de prestígio e de poder, nos centros de decisão, a capital do país.

No fim da fila, confrontando com os que tinham acesso às benesses oficiais e ao momento da economia, separada pelo caudal de um grande rio, os recursos da nação, a grande massa dos empobrecidos e assalariados (não os grandes assalariados, mas os outros, a maioria) sem oportunidades verdadeiras, muitos deles deseducados, desnutridos, enfermos, sem meios de competir.

Desmoralizava-se o trabalho. Era a corrupção, que sempre existiu, é certo, em todas as épocas e em todos os lugares, mas que atingiu patamares nunca imaginados na sociedade brasileira daquele tempo. A inflação, companheira dileta da corrupção, avolumava-se, crescia sem freios, desde a época juscelinista. Perdia-se a noção de valores dos bens. Quase todos sofriam, principalmente os que pouco tinham, sem possibilidades de recuperação. Mas, alguns privilegiados, ganhavam cada vez mais, acomodavam-se em confortáveis assentos, resistindo à ideia de revisão econômica. Completava-se o ciclo, cujo produto final foi o desequilíbrio na distribuição de rendas e oportunidades que tanto atingiu e ainda aflige a sociedade brasileira na atualidade.

Repercussões também advieram do modo como eram assumidos certos princípios, como, por exemplo, os relacionados com a nacionalidade (pátria,



hino, bandeira, episódios históricos etc.) esvaziados e mais ainda olhados com desconfiança e até com uma certa má vontade. Porém, o carnaval e o futebol subsistiam como exemplos em que o civismo das coletividades se declarava.

A sociedade da cidade do Salvador vivia dias bem diferentes. Deixou de lado o ar de simplicidade provinciana e de simpatia, de uma certa ingenuidade, de segurança, de afabilidade, de bom e respeitável relacionamento entre as pessoas. Surgia uma outra cidade, desfigurada, difícil de ser compreendida e aceita, sobretudo pelos mais velhos. Aliás, isto deve ter acontecido em todos os tempos; é que os mais velhos sempre se apegam à lembrança do que foram e do que possuíram, e isso não é fácil de apagar.

No caso especial que agora se considera, foram as transformações súbitas, intencionalmente agressivas e explosivas, o “vira-mundo”, que, definitivamente, fecharam, por considerados inúteis, os capítulos de um livro, registros que perderam o sentido da adequação com o tempo presente. As novas gerações, necessariamente, terão mesmo que reescrevê-los, pois, se não o fizerem, não acompanharão, por incapacidade de entendimento, os desdobramentos da evolução dos acontecimentos.

A Faculdade de Medicina compartilhou todos esses contratempos com a sociedade. Percebe-se a nítida influência deles sobre o comportamento do seu pessoal, docente, discente e administrativo; em última análise, alteraram o próprio sentido do seu espaço;

c - hierarquia, sentido de responsabilidade. Nenhuma organização subsiste se não ordenar os seus valores, particularmente aqueles relacionados com o homem, colocados todos de acordo com os seus merecimentos e competências. E assim é, mesmo em circunstâncias menores.

O sentido da responsabilidade e o seu papel em atingir os caminhos e os objetivos pretendidos selecionam e privilegiam, naturalmente, sem maior esforço, as lideranças, embora não o autoritarismo. As primeiras são definitivamente necessárias, mas o autoritarismo é inaceitável. É mister existir a figura dos que decidem e assumem, ouvidas e ponderadas, na medida do razoável, porém, as oposições, mesmo aquelas divergentes.



O que se passou na Universidade Federal da Bahia e na Faculdade de Medicina no ano de 1968, durante todas as décadas de 1970 e 1980 e que continua, de um certo modo, ainda hoje, confirma esse registro. Não se efetivaram os comandos, engolfados pelas circunstâncias existentes naqueles tempos.

O clima da sociedade brasileira na época, excetuadas as duras regras impostas pela política de segurança nacional, se apresentava com uma liberalidade sem os limites apropriados com uma concepção de democracia, em que não se percebiam as reciprocidades, que deveriam se apresentar, como era de esperar, tendo, de um lado, as obrigações e o respeito aos princípios que constituem seus fundamentos básicos; e do outro, a noção da liberdade e dos direitos que todos os cidadãos, legitimamente, devem ter.

No particular do ensino médico da Bahia, quando e como começaram as pressões para derrubar o que vinha sendo seguido durante tanto tempo?

Primeiro que tudo, havia de se aceitar uma determinação superior ligada ao regime que dominava a nação, isto é, de obstaculizar tudo que ameaçasse a estabilidade e permitisse o agrupamento de esclarecidos: professores, pesquisadores, estudantes – possuidores de condições intelectuais, que poderiam significar reais riscos para os responsáveis pela administração do país.

Depois, os sucessivos Ministros da Educação não se consideraram capacitados, mesmo quando convencidos por pensamentos diferentes, de contrariar os seus superiores no governo. O desprestígio e a descaracterização da carreira docente foram as consequências desse estado de coisas.

A figura do professor da Faculdade de Medicina da Bahia foi nivelada a planos inferiores e, muitos, desiludidos, desertaram, exauridos nas suas esperanças e anseios. As vivências do passado, durante muitos anos lembradas em todas as oportunidades, aos poucos, começaram a não ser mais valorizadas.

Percebia-se que a Faculdade de Medicina da Bahia ou mesmo outras instituições de ensino médico, espalhadas pelo país afora, igualmente impregnadas de fortes compromissos com a sua história, teriam que ser, diante das características daqueles dias, contestadas e despojadas de alguns dos seus valores mais preciosos.



Um exemplo maior e mais significativo: o edifício na Praia Vermelha, onde, no Rio de Janeiro, funcionou reverenciada escola médica, foi, simplesmente, derrubado, de inopino, sem mais consideração. O prédio foi comprado por uma estatal, que por algum motivo não conseguiu construir o que havia projetado e, após a demolição, o terreno ficou, durante anos, como um matagal abandonado. Em seu lugar, levantou-se uma construção, tão à feição de interesses empresariais, que, assim, suplantaram uma história secular, a que estavam ligadas gerações de médicos.

Na Bahia fez-se pior. Não se destruiu, apenas, o prédio do Terreiro de Jesus, a cena se estendeu em um ato arrastado e sem nenhuma lógica. Ao acaso os acontecimentos se sucederam. Ninguém, nenhuma voz e nenhum gesto partiu dos administradores responsáveis pelo prédio. Nada se fez, concretamente, para evitar a afronta que se lançava na face da história da secular instituição. Muitos sofreram sinceramente e transformaram o seu sofrimento em palavras e escritos, jamais ouvidos ou lidos, com determinação, por quem tinha a obrigação de fazê-lo.

A comparação entre as duas situações constrangedoras, a do Rio de Janeiro e da Bahia, sugere que, aqui, o processo foi mais perverso. Lá as máquinas e picaretas fizeram o trabalho iconoclasta. Na Bahia, a situação se escondeu em meandros mais delicados. Simplesmente esqueceram-no, deixando à sua própria sorte o edifício-sede da Faculdade de Medicina. Desprezaram-no, indiferentes.

A sede da Faculdade de Medicina foi simplesmente abandonada. Quando se fez a transferência, não se pensou em um projeto que substituísse, se é que isso era exequível, no espaço do Terreiro, algo que mantivesse vivos, ainda que em um processo de hibernação ou de espera, os seus anfiteatros, salões, salas de aula, biblioteca, laboratórios, jardins. Nada. Nem pão e nem água lhe deram.

Os milhares de livros da sua biblioteca – organizada por Gonçalo Moniz no princípio do século, e que recebeu a atenção de expressivas inteligências, como a de Afrânio Coutinho, por ela responsável durante anos, e que em artigo publicado em um dos periódicos da cidade com o título “Salvem esta biblioteca” expressou o seu apelo, – foram expostos ao tempo, à água das chuvas e ao calor do sol, posto que o teto desabou; à cupidez e à curiosidade

dos passantes, pois as suas portas e janelas se arruinaram; ao risco iminente de incêndio diante de fios energizados que balançavam livres.

E quando a Faculdade de Filosofia, que fora em um determinado momento apontada como responsável pelos gritantes desmandos ocorridos, lá se instalou, o prédio do Terreiro se encontrava em tais condições que é importante transcrever fidedignas palavras do diretor daquela instituição, Joaquim Batista Neves, dirigidas a José Silveira:

As condições de conservação e limpeza do prédio, encontradas pela Faculdade de Filosofia, quando aqui chegou para instalar-se eram simplesmente lastimáveis. O estado de algumas dependências apresenta aspecto morboso e sórdido, oferecendo uma visão deprimente e desoladora deste edifício, dando a impressão de que foi deixado ao léu. A sua deterioração é quase completa. Transformado em autêntico pardieiro, onde vendedores ambulantes, guardadores de carros, engraxates, fotógrafos (lambe-lambe) e outros biscateiros se albergavam em vários cômodos. As salas internas vazias, estragadas, abandonadas. Algumas sem portas e sem janelas. A instalação elétrica preocupante, ante o risco iminente de incêndio. Em estado precário encontram-se também, as instalações hidráulicas. Dos poucos sanitários existentes (imundos), há apenas dois com utilização precária. O telhado de todo o prédio nos dias de chuva era bem a amostra do desleixo em que o deixaram.

E adiante:

além do mais querem com essa aleivosia acobertar a negligência de administrações anteriores que pelo seu desleixo e insensibilidade, tanto maltrataram este belo edifício desfigurado a tal ponto que só mesmo custosa restauração poderá devolver-lhe a dignidade arquitetônica histórica da sua feição inicial. Parece até que, em alguns casos, a depredação foi e está sendo intencional. Tudo se retira; tudo se arranca. Ainda bem que além da documentação fotográfica existente, mostrada à V.Sa. que tudo isso viu com seus próprios olhos. Cumpre-me informar na oportunidade que esta Diretoria não sabe ainda o destino a que foi dado e mesmo o paradeiro de muitos móveis, peças, retratos, livros, objetos e utensílios, ao que se diz terem existido em dependência desta Casa. Tenho notícia, por exemplo que havia no anfiteatro Alfredo Britto hoje transformado em sala comum formoso gradil de ferro trabalhado, importado da Alemanha. Ouvi dizer, também, que havia bonitos e vistosos quadros, retratos de mestres, de alunos laureados, peças de grande valia e fino labor e outros móveis, sobre os quais tenho sido inquirido, mas nada sei informar, a não ser que não mais se encontram no prédio.

Não é preciso dizer mais. Tudo está escrito com absoluta fidelidade. A quem pedir contas?

O brio da Faculdade de Medicina foi mais seriamente ferido, ainda, quando a sua sede foi transferida do Terreiro de Jesus. Primeiro, para algumas salas





da antiga Clínica Tisiológica, onde, perplexa, se acomodou, como se fosse um retirante que chegasse, sem outros meios, a uma casa desconhecida e de acomodações aligeiradas e improvisadas. Depois, a construção no vale do Canela, que nada representou, sem passado e sem história, considerada como a sua sede, naquele momento, tida como definitiva.

O ensino e as reformas

Na segunda metade da década de 1960, o ensino de graduação e, em boa parte, o de pós-graduação que se fazia na Faculdade de Medicina da Bahia, conforme se pode inferir nas referências alinhadas no capítulo anterior a este, obedecia a razoáveis critérios, com bom aproveitamento, de que servia como prova, a boa qualidade de muitos discentes e recém-formados. O corpo docente reunia valores expressivos.

O Hospital das Clínicas era ponto de referência de qualidade na cidade, destacando-se dos demais hospitais. Congregava bons profissionais e possuía equipamentos modernos para a época. A assistência que se prestava nos serviços da Escola era de nível aceitável e bom para os padrões daqueles anos. É verdade, porém, que existiam dificuldades e falhas.

E, então, aconteceram dois fatos e, em decorrência deles, o destino da Faculdade de Medicina e o seu perfil histórico foram abalados nos seus fundamentos essenciais:

. O primeiro, que abrangia o país inteiro, ainda no primeiro governo revolucionário, o Decreto-lei n.º 53 de 18 de novembro de 1966, o qual, inicialmente, definiu normas e princípios gerais, complementados por sucessivos documentos, que facultavam a cada universidade se adaptar às novas propostas. Depois o Decreto-lei n.º 5540 de 29 de novembro de 1968 que fixava, entre outras resoluções, o currículo mínimo e a duração do curso de medicina. Estes dois decretos-leis e as instruções que os complementaram, constituíram, no seu conjunto, o que passou a ser conhecido como a reforma universitária;

. O segundo, de âmbito local, representado por dois documentos que diziam respeito ao hospital de ensino, até então ligado à direção da



Faculdade de Medicina: o Regimento do Hospital Professor Edgard Santos e o Regimento do Pessoal Docente da Faculdade de Medicina a Serviço do Hospital Professor Edgard Santos.

Antes do mais e atendendo a imparcial reflexão, cabe interrogar: quais os reais motivos e necessidades que determinaram a “reforma universitária” nos termos e nos modos em que ela foi proposta e realizada, particularmente no que diz respeito à Faculdade de Medicina da Bahia? Cumpre procurar as raízes em épocas mais distantes.

O estonteante progresso da medicina e os acontecimentos daqueles anos devem ser analisados e aceitos como os primeiros. Os conhecimentos na área médica, acumulados de modo progressivo e rápido, nos anos que antecederam o fim da década de 1960 – tomada especificamente, como referência, a esta altura do trabalho – foram de tal extensão que não era mais possível deixar de considerá-los, sobretudo quando aflorassem nas análises dos responsáveis pelo ensino nas escolas de medicina. Novos métodos e novas técnicas, fundamentados em equipamentos, vez a vez, mais sofisticados e onerosos, tornaram a arte do diagnóstico e a ação da terapêutica de acesso bem mais delicado e complexo.

Conquanto persistissem os mesmos cuidados a serem observados pelo médico junto a seus doentes, os novos tempos exigiam resultados especiais, mais extensos e mais profundos. Era o que impunham os avanços técnicos e as experiências registradas nas revistas e nos compêndios, renovando conceitos estabelecidos no passado próximo e distante. De igual modo a Terapêutica, clínica e cirúrgica, que alcançava resultados concretos face a problemas difíceis.

Os exemplos são fáceis de multiplicar: a quimioterapia nos processos oncológicos; a cirurgia praticada no coração, a circulação extracorpórea; as inúmeras conquistas obtidas no campo das doenças infecciosas e parasitárias, com o uso racional da antibioticoterapia e com o apoio da Imunologia, (esta saindo de um quase anonimato, no terreno da prática clínica, para ocupar amplos espaços no dia a dia dos hospitais e ambulatórios); o afastar de ameaças, que durante séculos atemorizaram a humanidade, como a tuberculose, a febre tifoide, a difteria etc.; a assistência ao nefropata, os avanços na hepatologia; e muitos outros.



A prevenção das doenças – as infecciosas, as cardiocirculatórias, as respiratórias, as metabólicas e tantas outras – ocupou amplo espaço na preocupação dos médicos, como nunca tinha acontecido até então. As novas e audaciosas concepções na genética e na reprodução humana, forçosamente, não poderiam deixar de aparecer nos programas de ensino das faculdades de medicina.

Os anos 1960, quando se cogita refletir sobre os aspectos sociais que o caracterizaram e os possíveis efeitos sobre o ensino médico, trazem consigo duas situações a considerar:

. A primeira, relacionada com o aumento em progressão geométrica da população, concentrada, sobretudo, nas cidades maiores, vivendo, quase sempre, em condições precárias. Em função disso, a assistência médica, aos poucos, deslocou o seu eixo de atenção do indivíduo para os agrupamentos humanos, da família para as massas de povo. Surgiram os mecanismos previdenciários, através dos institutos oficiais, seguidos pelos seguros, convênios, medicina de grupo, cooperativas, empresas de saúde e outras tantas situações do gênero. Isso significou, nitidamente, alterar o relacionamento médico-paciente, colocando cada um em lugares diferentes, isolados e impessoais, visando, antes de tudo, proteger os seus próprios interesses;

A segunda, representada pelo acesso que tiveram as populações, através dos órgãos de comunicação, ao esclarecimento de seus direitos, o que as levou a exigir mais pronta e adequada assistência.

Consolidavam-se mecanismos de pressão sobre a medicina que se praticava tradicionalmente, modificando-a a largos passos. O comum era que o médico buscasse organizar o seu consultório e visitar enfermos em suas residências ou em casas de saúde. A “maleta” com o estetoscópio, o tensiômetro, a lâmpada de bolso, o martelo de reflexo – era tudo e bastava. O exercício da profissão era simples e não exigia materiais mais complexos. Em torno da sua habilidade e da sua experiência, o médico se movimentava. Raramente se deslocava para centros mais evoluídos, procurando aprimorar-se através de cursos ou estágios. É fácil compreender: entre outras razões, estavam o orçamento apertado e as dificuldades decorrentes dos deslocamentos e dos ganhos cessantes. Contudo, a prática da medicina se

tornava mais especializada e técnica e, em consequência, o ensino deveria seguir o mesmo rumo, ajustando-se a estas novas exigências.



Raízes da reforma

Os anos em que a reforma universitária foi proposta, implantada e tentada a estabilizar-se, de 1968 a 1974, são justamente aqueles em que se verificaram os momentos mais agudos do período revolucionário.

A contrarrevolução que se esboçava; os movimentos convulsos da violência, dos assaltos, das guerrilhas; as perseguições; as prisões, as torturas; a retração dos políticos, amesquinçados e medrosos; as inteligências contidas e mudas; o AI-5 atingindo os suspeitos, com ou sem razões, que discordavam dos governantes; a inversão de valores, muitas vezes verificadas em favor dos que bajulavam – são apenas algumas lembranças de quem está refletindo aqueles anos.

O certo é que a reforma universitária nasceu nesse clima. Não foi convenientemente – e nem poderia sê-lo, consideradas as circunstâncias – discutida com a sociedade e, sobretudo, com os que poderiam, sinceramente, ajudar na sua concepção. Ainda que não se tenham provas e que não se pretenda, sequer, insinuar como uma realidade, é possível lembrar que algumas características da reforma universitária, intencionalmente ou não, atendeu aos interesses da política dominante de coibir posições de antagonismo a ela.

No particular, é clara a intenção do Decreto-lei 477 de 26 de janeiro de 1969, que tinha como objetivo exercer vigilância e pressão sobre o alunado, principalmente os que se definiam politicamente, com poderes de suspender o estudante por três anos, impedindo-o de matricular-se em qualquer universidade pública ou privada. No mesmo sentido o *Relatório Meira Matos* que, entre outras coisas, estigmatizava o “uso da cátedra para propaganda subversiva, tirando partido de um auditório cativo.”

A diáspora dos estudantes, começou com o novo sistema de matrícula. Abandonou-se o modelo seriado tradicional. Neste, durante o curso, persistentemente, ano a ano, os alunos se mantinham em um mesmo grupo, desde o seu ingresso na Faculdade. A nova disposição facilitava ao aluno



a matrícula nas matérias que desejasse, fragmentando, assim, os grupos.

De outro lado, desativavam-se as lideranças. Os professores, os chefes de escola, os orientadores de opiniões perderam o seu prestígio, o que afinal explica a passividade receosa com que a reforma foi aceita.

A reforma universitária deveria ter, antes mesmo de ser implantada ou como uma de suas primeiras preocupações se implantada já tivesse sido, de contornar dois problemas desconcertantes:

1. o grande aumento do número de escolas médicas, criadas sem nenhum critério, obedecendo, apenas, a pressão de grupos ou interesses secundários, ufanistas ou apressados. Os órgãos responsáveis pela educação aceitaram, simplesmente, sem considerar responsabilidades e os deveres de que estavam investidos.

O número de faculdades de medicina criadas naquela época é inconcebível. Das seis escolas médicas existentes no país ao se iniciarem os anos 1960, passaram a existir 82, pouco mais de dez anos após. Improvisadas, sem corpo docente próprio, sem orçamento equilibrado, sem fiscalização adequada – ensinavam, sabe Deus como. Algumas poucas de padrão bom ou aceitável. As que já existiam tiveram que competir na obtenção de verbas, que se tornavam mais escassas e difíceis, com a grande maioria; e os resultados conhecidos, que se expressavam na qualidade do que se ensinava e nas possibilidades de pesquisa, declinaram para níveis baixos.

É justo que se registre que essa situação sensibilizou as autoridades do Ministério da Educação. Reuniu-se um grupo de trabalho, para constatar a realidade do que se passava nas faculdades, que funcionavam somente nos fins de semana, povoadas de alunos que muitas vezes residiam bem longe da sede. Criou-se também uma comissão especial, que tinha como fim específico verificar a maneira como funcionavam as faculdades de medicina. Uma das suas recomendações foi proibir a autorização da concessão de funcionamento de novas escolas médicas.

Acresce que, paulatinamente, o governo federal diminuiu a sua participação nos orçamentos das numerosas universidades criadas.

No que diz respeito ao ensino médico, tal fato repercutiu, fortemente, sobre os hospitais universitários. Considere-se que a inflação campeava e

era um outro fator de importância considerável no desequilíbrio das suas abaladas finanças.

Tais razões de mal presságio, naturalmente, deveriam ocupar posições destacadas no planejamento de quem pretendesse reformar o ensino médico brasileiro;

2. o incremento do alunado, fruto, em parte, dos mesmos motivos comentados nas linhas anteriores e próximas, com o que se tentou explicar a elevação do número de escolas médicas do Brasil em tão curto tempo. Embora, sem dúvida, no caso particular do alunado, o atendimento às pressões de massa tenha sido um fator preponderante e mais forte ainda.

Na Bahia, o número de vagas para o exame de vestibular era definido pela Congregação da Faculdade e variava em torno de 60 alunos por série, o que totalizava, para a fase profissionalizante do curso médico, 240 alunos. Na época, o Hospital Edgard Santos possuía 360 leitos funcionando plenamente. Posteriormente, em documento esclarecedor, elaborado pela chefia do Departamento de Medicina, ao comentar os aspectos da estrutura de ensino, menciona um número surpreendente: 189 alunos por série. Estas cifras, em outros registros, variaram entre 155 e 410 – isso quando o número de leitos do hospital-escola decrescia.

Assim, pois, há de se convir que a qualidade de ensino nas universidades e, por extensão, na Faculdade de Medicina da Bahia, naquela época, passou a depender, como hoje ainda acontece, de fatores que se colocavam além da própria ação que os institutos universitários eram capazes de executar:

- o crescente aumento da densidade demográfica, a exigir novos métodos no trabalho do médico, apontando, cada vez mais, no sentido do atendimento a grupos e coletividades, tomando como unidade não mais o indivíduo isolado, mas a família da qual ele fazia parte;

- as condições da sociedade e da sua economia, seguindo caminhos e obedecendo a princípios éticos com os quais era necessário habituar-se;

- as profundas e extensas modificações que davam, a cada momento, uma nova fisionomia à ciência e à prática da medicina;

- os novos princípios da política praticada no país e que se projetavam no ciclo universitário, ao qual o ensino, forçosamente, teria que se subordinar, alterando o seu curso normal e lógico.





De outro lado, as características da educação no Brasil, entendidas de modo amplo, se revestia de certas peculiaridades, comentadas com propriedade e clareza por Darcy Ribeiro, ao encaminhar, em moldes aprimorados, ao Poder Legislativo, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Embora sem a preocupação de se fixar em determinadas áreas de conhecimento, como poderia ser o caso do ensino médico, muitas das suas reflexões se ajustam bem à análise que realiza neste trabalho.

O desenvolvimento da educação não guardou os mesmos passos do progresso alcançado em outros planos; o incremento de novos modelos e técnicas na indústria, no comércio, por exemplo, produziu inovações progressistas, as quais, ao longo dos anos, serviram para quebrar as inconveniências esterilizantes de “perpetuar as rotinas”.

A expansão das matrículas nas universidades, conquanto sem um respaldo adequado de meios, ainda assim se situava em patamares inferiores aos padrões internacionais mínimos. Não se trata, porém, vale a advertência, de simplesmente expandir a matrícula, sem o necessário planejamento e a garantia respectiva das condições indispensáveis. Argumentava-se, também, que o número de universidades no Brasil (132 universidades para 100 mil habitantes) era bem inferior, quando comparado, por exemplo, com os registros da Argentina (700 para 100 mil) ou do Uruguai (acima de 600 por 100 mil).

Acrescente-se a isso um registro gritante: a atenção ao professor e às suas necessidades básicas de sobrevivência e de expectativa, os salários absolutamente desajustados aos valores que representavam a fria marginalização do seu papel na sociedade, a indiferença com que eram olhados os seus propósitos e as suas esperanças.

Uma grave crise, então, emergiu disso tudo: onde encontrar e como convencer os homens, embora conhecedores dos seus próprios sentimentos e vocações, que aceitassem tais desfavores? Santos, ingênuos ou predestinados? Como definir os que, ainda assim, mantiveram-se fiéis às tarefas universitárias que abraçaram?

Não obstante, não há como se dizer o contrário, as universidades públicas brasileiras exibem um número de docentes “três vezes mais numerosos que



os das outras universidades do mundo, com rendimento escolar muitíssimo menor e rendimento científico e tecnológico nulo.⁵

Não se deve chegar a tanto, pondera-se, porque é injusto em muitas situações. Mas, a qualidade do professor tem que evoluir, cumpre ampará-lo através dos cuidados com a sua formação, suas necessidades pessoais e com o ambiente que lhe é dado trabalhar.

O ensino, nos seus vários estágios, graduação, mestrado e doutorado, obrigação precípua da sociedade, materializada nos legisladores e administradores que ela própria elegeu, passou em boa parte a ser, a partir de um determinado momento e em função da capacidade dos organismo oficiais, fontes empresariais de lucro. Escolas e institutos particulares foram montados muitas vezes com objetivos mercantilistas, originando-se distorções fáceis de serem percebidas. Eis, pois, que não faltaram motivos para repensar o ensino universitário e, na sua esteira, o ensino médico.

Este, desde que foi introduzido no Brasil, seja no Império ou na República, em tempos mais afastados ou próximos, submeteu-se a numerosas reformas, citadas várias vezes neste texto, mas que, ainda assim, vale recordá-las: a reforma Bom Retiro (1854), a reforma Liberato (1866), a reforma Leôncio de Carvalho (1879), a reforma Sabóia (1884), a reforma Benjamin Constant (1891), a reforma Rivadávia (1911), a reforma do ano de 1918 (Decreto-lei n.º 1530) e tantas outras.

É que tudo passa. Novas expectativas se criam, tornando necessário que os homens e as organizações se esforcem por alcançar os horizontes que surgem no campo de sua visão, desafios que estimulam o progresso.

A reforma universitária

A recente reforma universitária estava no pensamento e na vontade dos que se envolviam com o ensino superior naqueles idos.

No período que se seguiu ao respeitável e correto governo do Presidente Castelo Branco, a iniciativa de procurar melhores condições de ensino, particularmente do ensino em nível superior, foi estimulada.

⁵ Darcy Ribeiro



Tarso Dutra, Ministro da Educação na época, reuniu educadores experimentados, que se empenharam em reconhecer as distorções do ensino, e em recomendar as medidas necessárias para corrigi-las. Nasceram assim, como consequência do esforço desse grupo de trabalho, as bases do que veio a ser conhecida como a “reforma universitária”.

É bem verdade que, em algumas ocasiões, antecedendo a lei que criou a reforma que se está referindo, educadores de reconhecida projeção no país reuniram-se para refletir o ensino médico praticado nas universidades.

Dois exemplos de reuniões com esse objetivo, ambas realizadas na Bahia e que se anteciparam a várias outras iniciativas semelhantes tomadas no decorrer dos anos seguintes, devem ser lembrados:

. A 1ª Conferência Sobre o Ensino de Clínica Médica, em 1961, patrocinada pela Universidade Federal da Bahia e Fundação Kellog. Professores de Clínica Médica, representando faculdades de medicina de maior destaque do país, analisaram os múltiplos aspectos do ensino da clínica médica, como era feito e como devia ser feito, tais como: o papel da residência médica ainda incipiente no Brasil; o internato obrigatório na fase final de conclusão do curso; o estágio e permanência dos estudantes nas enfermarias, ambulatórios e nos vários serviços dos hospitais universitários; os critérios de avaliação de aprendizado igual para todas as faculdades brasileiras; a estrutura da carreira docente e tantas outras medidas.

. O outro exemplo foi o do Congresso da Associação Brasileira de Ensino Médico, em 1966, quando se debateram temas e estratégias visando o aprimoramento da educação médica no Brasil, que assim, necessariamente, deveria acompanhar o que se passava em outros países mais avançados.

Vivia-se e discutia-se, apaixonadamente, o acordo MEC/USAID. Alguns aspectos que ainda estavam sendo analisados e discutidos na pretendida reforma eram objetos de preocupações para os que participavam do grupo que trabalhava no mencionado acordo. Fazia-se um esforço para concretizar, com clareza, o desenho do modelo de educação que deveria ser oferecido ao Brasil.

Apontavam providências, tais como: revisão curricular, modificação dos critérios de ingresso dos jovens nas universidades, a departamentalização, as propostas da pós-graduação, os critérios do encaminhamento de recursos



para a educação; autonomia das universidades; e o papel normativo do Conselho Federal de Educação; e outros.

O acordo foi combatido com muita agressividade pelos movimentos de esquerda, que o acusava de “entreguista” e a “serviço” do capitalismo e da política dos americanos do norte. Evidente que as intenções políticas se sobrepujam aos interesses do ensino. Esvaziado e confrontado, o acordo deixou de existir.

Um outro acontecimento influenciou no pensamento daqueles que estruturavam a reforma: a Universidade de Brasília, recém-implantada, sob a égide de dois notáveis educadores – Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Modelo novo e diferente daqueles existentes nos demais institutos universitários brasileiros, que obteve imediatos resultados, logo considerados como inovações progressistas e significativamente válidas.

Afinal, a reforma universitária foi trabalhada nos três primeiros governos revolucionários: o do Presidente Castelo Branco, que reconheceu a sua necessidade e iniciou a sua estruturação; o do Presidente Costa e Silva, que a transformou em lei; e o do Presidente Médici, que a pôs em prática.

A implantação da reforma e os desdobramentos decorrentes não se fizeram de maneira uniforme e igual nas universidades do país. Algumas, de imediato, sequer tomaram conhecimento dela. Outras, acolheram-na relutantemente e as medidas para implantá-la, na prática, apareceram lentamente. Contudo, algumas universidades adotaram-na rapidamente.

Em parte, essa diversidade de atitudes é explicável. Focos de resistência se opuseram à reforma, alguns deles não totalmente ultrapassados. Na Faculdade de Direito de São Paulo, inconformados com a orientação de abandonar a sua tradicional sede no Largo de São Francisco, os estudantes resistiram e, no fim de algum tempo, foram respeitadas as suas pretensões.

Face às circunstâncias e dificuldades encontradas, inicialmente, para concretizar a reforma, o próprio Ministro da Educação deliberou, que cada reitor tivesse a liberdade para atuar, de acordo com as possibilidades das respectivas unidades que estavam sob a sua responsabilidade.

A reforma universitária chegou à Bahia pelas mãos de homens experimentados, conhecedores dos problemas locais, administrativos e didáticos da Universidade e da própria Faculdade de Medicina. Conhecedores também



dos homens com os quais estavam habituados a conviver e com os quais iriam lidar; e das idas e vindas da moedança política universitária, particularmente da Faculdade de Medicina, de que eram professores.

Estavam a par, também, dos fatos que se passavam na esfera federal, posto que alguns participaram de conselhos e colegiados responsáveis pela política superior do ensino no país.

É justo reconhecer e declarar, antes de tudo, a inegável respeitabilidade com que eram, foram e são revestidos: bem intencionados e convictos das necessidades das mudanças que a reforma propunha; e do alcance e da profundidade, consequências estruturais que, certamente, teriam que acontecer. Não se lhes pode negar, também, competência e zelo no trabalho, com o qual se comprometiam.

O momento político favorecia, na época, fim da década de sessenta, amplamente, a reestruturação do modelo do ensino brasileiro. Recentes e repetidos estudos haviam examinado o problema. Era o desejo do governo federal e Jarbas Passarinho, Ministro da Educação na época, entendeu e atendeu a tarefa de pô-lo em prática. Ademais, aqueles anos, foram os que a vontade do governo central não dava margem a contestações.

No plano estadual, particularmente na Universidade Federal da Bahia, igualmente, o Reitor Roberto Santos não enfrentou oposição frontal e forte. A Congregação da Faculdade de Medicina, que sempre, através de alguns dos seus professores, se opunha a Edgard Santos, era presidida por Rodrigo d'Argollo Ferrão Bulcão, companheiro de ideais do reitor, que fora fiel amigo do seu pai e que continuou com o filho o mesmo plano de fidelidade – a Congregação da Faculdade de Medicina se aquietou.

Não repetiu o que aconteceu em São Paulo. Lá, Carlos da Silva Lacaz levantou o seu protesto quando sentiu que a sua escola estava ameaçada nas suas razões maiores.

Como se fez a reforma na Faculdade de Medicina da Bahia

Analisar a reforma universitária é um tema amplo e que foge, sob este aspecto, a pretensão do autor deste texto, cujo desejo é limitar, tanto quanto possível, as suas considerações ao que se passou na Faculdade de Medicina da Bahia.



Os objetivos principais da reforma se delinearão, claramente, desde o início. Percebe-se a intenção de deixar, rapidamente, para trás, um modelo, o que vinha sendo observado até então, considerado fora da realidade e das necessidades do ensino, sobretudo quando comparado com o que se passava em regiões mais avançadas em civilização.

Relacioná-los, pois, não é uma tarefa difícil, embora não se pretenda estabelecer prioridades. Eis então os objetivos:

a - *a criação do Instituto de Ciências da Saúde* dividiu a Faculdade de Medicina, cujo ensino ficou limitado ao ciclo profissionalizante.

As disciplinas que formavam o ciclo básico passaram a ser ministradas sem maior participação da Faculdade de Medicina, o que significou, entre outras consequências, impossibilitar a integração vertical do currículo, desejada de há muito pelos benefícios que se calculava trazer.

Tinha-se como válido que, além de possíveis comodidades, o Instituto de Ciências da Saúde, conjugando professores e alunos ligados às cadeiras de ciclo básico, evitaria a duplicação do trabalho, do material didático e dos laboratórios;

b - *departamentalização*. A Faculdade de Medicina, ao longo dos anos, sempre teve os seus departamentos, que congregavam disciplinas afins. No entanto, na prática, a ação deles, quase sempre, era limitada, interferindo pouco na condução dos verdadeiros problemas da instituição. Em realidade, a Congregação da Faculdade assumia este trabalho.

Os departamentos da época não elaboravam propostas orçamentárias, não tinham plano de trabalho definido e possuíam um número limitado de membros. O departamento não era a menor unidade de ensino e pesquisa, papel assumido pela cátedra.

Em realidade, nunca existiu um sistema departamental pleno. O novo modelo de departamentos tornou-se um ponto básico na reforma do ensino. A reforma mudou profundamente a ideia e o perfil dos departamentos. Contudo, ela trazia proposições que não foram fáceis de serem absorvidas pelas comunidades acadêmicas, ainda apegadas, de um certo modo, ao sistema de cátedras, e sem terem sido suficientemente esclarecidas. Porém, o



espaço administrativo, didático, e a participação nos programas de pesquisa ampliaram-se.

É certo que se propôs uma estrutura que fosse capaz de atuar com liberdade, com orçamento próprio e verba suficiente. A indicação do chefe do departamento far-se-ia através de eleição, da qual participavam todos os que compunham o seu corpo de professores, podendo ser eleito qualquer dos seus membros, independente do seu grau na hierarquia funcional. Previa-se, também, a montagem de uma secretaria, dotada de recursos que permitissem eficiente trabalho.

De início, foi necessário decidir as linhas que fixavam o perfil dos departamentos:

. A dimensão que se pretendia dar: se departamentos amplos, tendo como base os dois grandes campos da Clínica Médica e da Cirurgia; ou se departamentos especializados, multiplicados, desde que julgados suficientemente importantes em função das especialidades reunidas e pela capacidade de aglutinarem um significativo número de membros;

. O número de departamentos, o que, em parte, estava na dependência da decisão da questão expressa linhas acima.

A criação de “grandes departamentos”, como seriam o de clínica médica e o de cirurgia, reuniu argumentos favoráveis e contrários. No primeiro caso, ponderou-se que os grandes departamentos estariam mais de acordo com o princípio de que a Faculdade deveria ter, prioritariamente, o compromisso de formar o “médico geral” e não “o especialista”. Depois, que esses departamentos com amplos espaços para atuarem, não obstaculizariam o desenvolvimento das especialidades e nem diminuiriam as oportunidades de participação direta dos docentes nas atividades didáticas e de pesquisa.

Os pacientes que não tivessem definidos os diagnósticos das patologias de que eram portadores, teriam o seu acesso facilitado às enfermarias e ambulatorios, o que não aconteceria se os serviços fossem exclusivos para determinadas especialidades.

A opção pelos departamentos especializados era consubstanciada, principalmente, pelo avultado avanço da medicina, cujas consequências crescentes impediriam que um só indivíduo fosse capaz de abarcar os conhecimentos necessários para exercer, com segurança, o seu trabalho profissional.



Tal inclinação por departamentos especializados se ajustava ao que vinha sendo estimulado na sociedade, no plano oficial, inclusive, nos programas de concursos, de acesso aos quadros dos servidores médicos.

Considerou-se, também, que os departamentos, estruturados desta maneira, proporcionariam a oportunidade de assistir pacientes, sob aspectos mais abrangentes, considerando situações clínicas e cirúrgicas que poderiam aparecer em um mesmo caso.

Na Faculdade de Medicina da Bahia optou-se por essa segunda proposta e, assim, foram criados 13 departamentos. Contudo, foi preciso um grande esforço para harmonizar situações esdrúxulas, apoiadas, tantas vezes, em um artificialismo duvidoso.

Para acomodá-los, utilizou-se a enfermaria da Terapêutica Clínica do hospital de ensino que, desta maneira, cessou as suas atividades assistenciais e docentes.

c - currículo. A graduação na Faculdade de Medicina da Bahia, ao longo dos anos, sempre se caracterizou pela inexistência de diretrizes claras, que integrassem e compatibilizassem, nas suas aplicações curriculares, as matérias que compunham os programas das disciplinas. Repetiam-se os assuntos ensinados aos alunos, o que era fruto da falta de coordenação.

Os estudantes não encontravam supervisão eficiente, desmotivavam-se e, muitas vezes, na dependência quase exclusiva das características do professor responsável por determinada disciplina, ausentavam-se das atividades a que deveriam ser obrigados a participar; ou, então, fixavam-se em serviços de uma só disciplina, a que se dedicavam com exclusividade.

Resultava, numa e noutra eventualidade, que, boa parte dos alunos, não participava, efetivamente, do curso oficial. Alguns buscavam aprender ou praticar o que não lhes era proporcionado na Faculdade, junto a profissionais que exerciam suas atividades na cidade, independentes, e sem nenhuma relação com a instituição de ensino médico. E, assim, eram induzidos a se especializarem precocemente, sem a necessária visão global dos problemas essenciais que deveriam constituir a sua correta formação.

Tornava-se importante que se encontrassem os meios de adaptar o currículo às necessidades do exercício da profissão médica no País, que havia



se transformado em uma atividade, até então, simples, pouco exigindo além das possibilidades e qualidades individuais do médico, para uma profissão que passou a ser complexa, dispendiosa e amparada por técnicas e aparelhos sofisticados.

Surgia, paralelamente, ocupando todos os espaços, a medicina que se devia exercer na previdência social, no atendimento às exigências dos convênios, dos seguros de saúde e da medicina de grupo, bem diversa daquela dos anos que antecederam a esta fase.

Impôs-se o dilema de decidir entre o médico geral, um eufemismo para dar nome ao que tinha, no passado, como modelo, o médico de família; ou o especialista, cada vez mais recomendado, pelas ofertas e oportunidades do mercado de trabalho e dos concursos públicos.

A proposta do Conselho Federal de Educação, através do artigo 26 da Lei nº. 5540 de 29/01/1968, fixou o currículo mínimo e a duração dos cursos de graduação em Medicina. Então, o currículo passou a ser composto das seguintes matérias:

1. Matérias básicas

. *Biologia*: Citologia, Genética, Embriologia e Evolução.

. *Ciências morfológicas*: Anatomia e Histologia.

. *Ciências fisiológicas*: Fisiologia, Bioquímica e Farmacologia.

. *Patologia*: Microbiologia, Parasitologia, Imunologia e Processos Patológicos Gerais.

2. Matérias profissionais

. *Iniciação ao Exame Clínico* (a antiga Propedêutica, incluindo os fundamentos psicológicos da relação médico-paciente, interrogatório semiótico físico e funcional, e métodos complementares de diagnóstico).

. *Bases da técnica Cirúrgica e da Anestesia*

. *Patologia e Clínica dos Órgãos e Sistemas*, em que se incluíam: Doenças Infecciosas e Parasitárias, Otorrinolaringologia, Oftalmologia, Urologia, Doenças do Aparelho Locomotor, Doenças Endócrinas e Metabólicas, Hematologia, Dermatologia, Neurologia, Cardiologia e Angiologia, Doenças do Aparelho Respiratório, Doenças do Aparelho Digestivo.

. *Obstetrícia e Ginecologia*.

. *Pediatria*.

. *Psiquiatria*.

. *Medicina Legal e Deontologia*.

. *Estudo da saúde coletiva*.

As “matérias básicas”, que correspondiam ao antigo ciclo básico, deveriam ser ministradas no Instituto de Ciências da Saúde; e as “matérias profissionais”, no Hospital Universitário.

Todas as matérias explicitadas neste currículo deveriam ser ministradas em 4.500 horas, em um mínimo de cinco anos e, no máximo, nove anos.

Em seguida, o aluno deveria ser orientado para um período de internato, “o qual será total ou parcialmente em regime de livre escolha”; com esta medida, pretendia-se deixar o estudante conhecer as especialidades do seu agrado. O “internato”, considerado como estágio obrigatório nos hospitais e centros de saúde, adaptados ao ensino da profissão médica, compreendia o mínimo de dois semestres.

As matérias do currículo mínimo deveriam ser organizadas em disciplinas e dispostas nos currículos plenos de acordo com a orientação a ser dada nas várias instituições de ensino médico.

O currículo de graduação em medicina foi organizado para atender alguns princípios de ordem geral, tais como: atribuir mais ênfase ao estudo dos problemas de saúde da coletividade, ao invés de limitar-se às questões de saúde





individual; integrar o ensino dos aspectos médicos e cirúrgicos das afecções passíveis de tratamento cirúrgico; subordinar a distribuição da matéria a ser estudada ao racional aproveitamento dos recursos hospitalares disponíveis para o ensino; permitir que o futuro médico, por sua livre escolha, pudesse adestrar-se nas tarefas que iria exercer ao longo de sua vida profissional;

d - *carreira docente*. A carreira docente, durante muitos anos, se concentrou na figura do catedrático, a sua razão maior.

Subordinados a ele, dispunham-se em uma certa e invariável hierarquia, outras categorias de docentes. Tais seriam:

. O assistente, cargo criado na reforma Sabóia, e que se ligava diretamente ao catedrático;

. O preparador, mais relacionado com as cadeiras básicas, as que eram ensinadas, principalmente, em laboratórios;

. O livre-docente, condição alcançada através de concurso metuculoso, igual àquele a que os candidatos à cátedra se submetiam, e que, embora sem auferir vantagens pecuniárias, possuía certas prerrogativas, entre as quais organizar curso paralelo ao que era realizado oficialmente pelo catedrático; a situação do livre-docente se constituía em um degrau imprescindível para ascender à cátedra;

. O opositor;

. O professor substituto;

. e o catedrático.

Antes do catedrático, existia o lente proprietário. A designação diz tudo. Antecedendo a esta titulação, submetia-se o postulante a um rigoroso e rumoroso concurso, em que não faltavam, além da notória qualificação, interferências políticas e sociais, desde a organização das bancas examinadoras, até a pressão exercida sobre os examinadores e examinandos, da qual participavam os vários segmentos da elite social. Quando, porém, vencida a barreira do concurso, o lente proprietário tornava-se vitalício no cargo, nomeação reconhecida pelo próprio presidente da República.

Atuasse como quisesse, ninguém lhe cobrava o que fazia e nem tinha o direito de limitar o absolutismo das suas prerrogativas. Escolhia os seus auxiliares diretos, os seus assistentes, sempre pessoas a ele ligadas, repetidas



vezes o maior título para chegar a essa condição. O que ensinava e como ensinava era do seu inteiro e total alvedrio.

A vitaliciedade estimulava inconvenientes, em que se destacavam o descuido na busca de novos conhecimentos, a saciedade com o que já sabia, o desinteresse pelo estudo. Com o passar do tempo, a carreira universitária na Faculdade de Medicina se simplificou: o catedrático que se mantinha na mesma situação do lente proprietário, o livre-docente, o assistente, e, em certas disciplinas, o professor adjunto, indicado pelo catedrático entre os seus assistentes.

O catedrático assumia as responsabilidades dos bons e dos maus resultados. Existiam, como em todas as situações iguais, os eficientes e capazes, mas, em contrapartida, outros que apenas contemplavam, somente, ou mesmo atrapalhavam, estiolando o tempo e as gerações, que se postavam em expectativas jamais alcançadas.

A reforma propôs um outro esquema: o auxiliar de ensino, no primeiro patamar; o assistente, o adjunto, que se subdividia em algumas classes; e o titular, correspondendo ao catedrático, com o qual se assemelhava, apesar de, na prática, permanecer sem definição clara do que verdadeiramente era e do que lhe competia fazer. Mas, decididamente, de poder bem menor e mais limitado que o antigo catedrático.

No princípio, os preceitos da reforma exigiam que a admissão e a progressão na carreira docente far-se-ia através de concursos, circunstância esta bem melhor, quando comparada com o que acontecia antes da reforma ter sido implantada.

O fato, porém, é que, em uma determinada fase da carreira docente, a ascensão passou a obedecer a outros critérios diferentes da qualificação, da experiência, da titulação do professor. Não que a reforma tivesse responsabilidade nisso. A pressão originada em interesses funcionais, investida na figura dos funcionários públicos, que na verdade eram também os professores, forçou a que, promovidos pelos critérios simplesmente burocráticos, se criasse uma situação inusitada: a deformação do quadro de professores.

É que em uma determinada classe, no caso a dos adjuntos, se concentrou um excessivo número de professores, sem possibilidades reais de chegar à



titularidade, de um lado, e do outro, com o esvaziamento das duas outras categorias, que se colocavam logo abaixo, a dos auxiliares e a dos assistentes.

A reforma trouxe uma outra inovação. Em uma mesma disciplina, o número de titulares poderia ser conforme fossem os candidatos que se apresentassem ao concurso e obtivessem a aprovação.

O catedrático surgia, dessa maneira, na concepção daqueles que estruturaram a reforma, como um dos principais motivos que obstaculizaram o bom ensino da medicina na faculdade da Bahia e em outras do país. Era preciso, pois, exorcizá-lo.

Argumentava-se que no sistema de cátedra, a orientação didática e a assistência que se prestava aos pacientes nos serviços dos hospitais-escola, dependiam, unicamente, da decisão do catedrático, admitida, na maioria das vezes, sem que se levasse em conta o pensamento dos demais componentes da unidade.

O catedrático, acostumado à postura da autonomia absoluta, passou a ser considerado como refratário às boas normas das modernas técnicas da administração, que deveriam ser obedecidas nos hospitais universitários.

Tal a importância dada a esta afirmativa que se pressagiu, com segurança, novas e promissoras oportunidades na condução da administração dos hospitais-escola, quando se afastassem as influências da cátedra.

Um dos “ranços” atribuídos à atuação arbitrária do catedrático era a má distribuição dos leitos nas várias enfermarias, em que se concentravam esta ou aquela patologia da sua preferência. Afirmava-se, também, que o catedrático era o responsável pela inadequação e falta de atualização dos currículos médicos.

O regime de cátedra, dizia-se, impedia a criação de órgãos colegiados, que deveriam ter como função precípua coordenar os currículos. Assim, a integração dos currículos, prioritária na proposta reformista, era, também, impedida pelas prerrogativas que caracterizavam a força da cátedra;

e - influências sobre a estrutura administrativa e didática da Faculdade de Medicina da Bahia, em decorrência da implantação de certas medidas reformistas. O espaço em que se movia o diretor e a Congregação da Faculdade que presidia, diminuiu. Os órgãos colegiados da universidade, as câmaras e os conselhos, a que, estatutariamente, a Faculdade se subordinava, passaram a exercer um



especial papel decisório sobre providências e iniciativas, que afetavam diretamente os interesses da instituição. Um exemplo significativo: a renovação nos quadros do seu professorado, que aos poucos se resumia, face às aposentadorias, falecimentos ou outras circunstâncias semelhantes, contidas sem providências e sem explicações.

Embora insistentemente instados, os órgãos universitários, colocados acima da administração da Faculdade, por sua vez também presos aos regulamentos e ao próprio Ministério da Educação, não conseguiram se desembaraçar, deixando de realizar os concursos esperados.

O número de estudantes admitidos a cada ano crescia, embora reconhecida, claramente, a impossibilidade da Faculdade de Medicina de atender à demanda criada; nenhuma iniciativa era tomada no sentido de coibir essa distorção, ao contrário, muitas vezes, estimuladas até.

Eram notórias as dificuldades em realizar as obras solicitadas no dia-a-dia da Faculdade, no reparo físico de estruturas, algumas simples, outras absolutamente necessárias, frequentemente já com a existência das verbas correspondentes.

Não se deve com isso deduzir que os vários reitores que estiveram à frente da Universidade Federal da Bahia fossem os responsáveis por tais situações. É justo destacar o incontestável valor de alguns deles, merecedores do maior respeito.

A Congregação da Faculdade, aos poucos, exauria o seu perfil que tanto a caracterizava e a enaltecia no passado. Contribuíam para isso os desfalques sucessivos, resultado do afastamento de professores que se iam; o abandono do ambiente que proporcionava a sua imagem de dignidade, a sede do Terreiro de Jesus; a disposição psicológica dos que a constituíam, tão diferente do passado.

Há de se registrar, como pontos positivos, o trabalho de dois órgãos, inspirados pela reforma, o Colegiado de Cursos e o Conselho Departamental, que tinham como dever conduzir o acompanhamento objetivo e constante dos problemas didáticos e administrativos, analisando e procurando dar o rumo certo ao cotidiano da vida da instituição;

f- *o alumnado*. O estudante, a formação da sua personalidade e caráter profissional; o esforço em lhe proporcionar o saber, o melhor e o mais avançado, e o empenho em ensinar a praticá-lo e a vivenciá-lo convenientemente; o equilíbrio, a serenidade e a equanimidade que



devem impregnar a sua consciência; a compreensão do comportamento das coletividades que estudam, que assistem e que irão assistir – o estudante é o ponto onde se concentram todas essas linhas de força que os mestres legítimos, com o valor do seu exemplo, da sua experiência e do seu labor, buscam alcançar como um dos melhores prêmios ao esforço que empreenderam pela vida afora.

O estudante e o ensino hão de ter sido, certamente, os objetivos mais expressivos da reforma, no que não se põem dúvidas.

No particular, já foi esclarecido o reconhecimento do que significou, por exemplo, a ação dos órgãos colegiados na vigilância, na integração das matérias que constituíam o currículo médico e outras atividades didáticas.

Os que ingressavam na Faculdade, para se graduarem, deveriam cumprir 4.500 horas de atividades didáticas, dentro de cinco anos como limite mínimo e nove anos como limite máximo. O ingresso na Faculdade, o exame de vestibular, pouco se modificou com a reforma, mas, conforme mencionado, o número de vagas subiu desproporcionalmente às possibilidades da instituição.

Antes da reforma, as matrículas que se faziam a cada ano, se realizavam com simplicidade sem atropelos, na própria secretaria da Faculdade. Muito raramente acontecia o registro de excedentes. Desta maneira, organizavam-se, sem obstáculos, as seis séries que formavam o curso médico.

Com o advento da reforma apareceu uma secretaria especial, onde se realizavam as matrículas, obedecendo a uma complicada grade curricular, o que exigia, muitas vezes, complexo trabalho de compatibilização.

A matrícula se processava por disciplinas livremente escolhidas pelos alunos, os quais organizavam seu próprio ano letivo de acordo, não com uma orientação que estabelecesse critérios uniformes e iguais, mas com as oportunidades e interesses de cada estudante.

Os pré-requisitos complicavam ainda mais este quadro, caracterizado em repetidos exemplos por curiosas situações. Não raro, o estudante era orientado para se matricular em disciplinas em outras unidades da Universidade, muitas vezes sem nenhum relacionamento com o curso médico.

Nas disciplinas mais procuradas, pelo interesse que despertavam, eram os alunos obrigados a “madrugar”, isto é, participar de uma fila durante muitas horas antes da abertura da secretaria competente. A uniformidade dos grupamentos estudantis, o ensino seriado, se desfez.



O alunado muito se beneficiou com o chamado “ensino em bloco”, que o obrigava a frequentar regularmente os cursos da faculdade, nas enfermarias, nos ambulatórios e nos estágios. Seguramente um esforço correto e necessário, no sentido de quebrar os desequilíbrios resultantes na busca de conhecimentos e experiências, sem a preceptoria adequada, fora da Faculdade; ou do exclusivismo em determinados serviços na própria Escola, vícios que se repetiram durante anos.

No final dos anos 1960, a Faculdade de Medicina se viu a braços para entender e aceitar, se acaso disso se convencesse, as mudanças estruturais importantes, cuja extensão precisa, àquela altura, não se sentia capaz de bem aquilatar.

A reforma universitária, embora sendo uma inovação, não deveria intimidá-la, porque, em tempos pretéritos, já se havia colocado frente a propostas renovadoras semelhantes, inspiradas nas mesmas intenções de melhoras, e que, ao cabo de algum tempo, adaptou-se, afinal.

Entretanto, concomitantemente, entremeando o momento confuso, julgou-se pertinente que à reforma universitária viesse se juntar uma outra iniciativa, igualmente conturbadora, que visava o hospital universitário, cuja organização e funcionamento nos anos que precederam a reforma, foram reconhecidos como dos mais ajustados e alentadores.

Tais foram: o Regimento do Hospital Prof. Edgard Santos e o “Regulamento do Pessoal Docente da Faculdade de Medicina a Serviço do Hospital Prof. Edgard Santos”.

Cabe interrogar: qual a verdadeira razão dessa proposta, sobretudo naquele momento e consideradas as reflexões que acabam de ser expostas?

Quem se dispuser a responder a esta interrogação poderá encontrar a resposta nos documentos mencionados, procurando o sentido verdadeiro das suas linhas e entrelinhas, onde se escondem pensamentos, vontades e ambições.

Bem pensado e em sequência, a leitura atenta e ponderada das proposições contidas nos documentos a que se está referindo, é facultado ao observador apontar alguns aspectos mais importantes:

– a ânsia de inovar, confrontar e substituir, ao invés de aproveitar, ajustar, melhorar e prosseguir com o modelo reconhecido, até então,



como razoavelmente benéfico, dominou a intenção dos responsáveis pela concepção dos documentos;

– quando ocorreram os fatos relatados, o Hospital Prof. Edgard Santos não mais mantinha vínculos de subordinação direta com a Faculdade de Medicina, pois havia se tornado órgão suplementar da reitoria, que assumiu o encargo de conduzir as diretrizes administrativas dele. Desta maneira, a ligação da Faculdade com o seu hospital-escola, um direito claro, se fragilizou;

– o Hospital Prof. Edgard Santos, desde que fundado, esteve, sempre, dirigido por um Conselho Técnico Administrativo, presidido pelo diretor da Faculdade de Medicina. Havia a “Chefia do Corpo Clínico”, que era escolhida entre os professores catedráticos. Cada catedrático coordenava um serviço que se interrelacionava com a disciplina que ensinava. Este serviço contava com enfermaria e ambulatório próprios.

Constituía, pois, uma unidade docente-assistencial.

As novas instruções subverteram, substancialmente, essa organização. A participação da Faculdade no próprio conselho foi minimizada, diminuindo o número de membros que a representava. O conselho passou a ser composto, além do presidente, de um representante do reitor, da diretora da Escola de Enfermagem, da diretora da Escola de Nutrição, da diretora da Escola de Farmácia, de um representante da Faculdade de Medicina e da representação estudantil;

– a conjunção dessa e de outras circunstâncias semelhantes determinaram a dissociação da Faculdade com o seu hospital-escola, não totalmente, mas o suficiente para criar problemas complexos para os programas didáticos e assistenciais;

– o ensino foi, por sua vez, desligado da assistência, pois, em um mesmo ambiente, ambos eram praticados por pessoas e grupos com funções específicas e diferentes. Para atender a essa proposta foram organizadas equipes próprias para cada função: as “equipes” de enfermaria, voltadas para o atendimento dos pacientes; e as “equipes de ensino” com função especificamente didática. Isto é, quem ensinava não assistia e vice-versa, como se isso fosse exequível;

– a multiplicação dos cargos de chefias e subchefias (70 para cada uma das categorias), diluía responsabilidades e vulgarizava ao extremo a hierarquia funcional;

– o rodízio das chefias das enfermarias, efetivadas a cada seis meses, tempo absolutamente escasso para que alguém pudesse, realmente, produzir um trabalho sério e sólido. Pretendia-se com esta medida evitar “o continuísmo”;

– a dissociação dos ambulatórios com as enfermarias, medida esta agravada pela criação dos ambulatórios médico-cirúrgico, onde deveriam trabalhar a um só tempo, em um mesmo horário, clínicos e cirurgiões;

– a multiplicação excessiva de ambulatórios de especialidades;

– a indicação das chefias de enfermarias e ambulatórios cabia ao diretor do hospital. Neste caso, o professor responsável sequer era consultado.

E assim, muitos outros exemplos poderiam ser relacionados.

No final, a impressão que fica é a de que os documentos analisados não favoreceram o hospital de ensino tal como se pretendia. Ao contrário, desorganizaram o que estava equilibrado.

Reflexões

A maneira como os responsáveis pela implantação da reforma fizeram o seu papel reflete a ânsia, o receio em retardar providências, a vontade de demonstrar competência e presteza, rapidez em concretizar o que parecia a eles merecer urgentes reparos. Tão certos estavam que não se detiveram em esclarecer devidamente às comunidades acadêmicas, através de um diálogo inevitável, os seus planos e as suas estratégias. Desta forma, quando as providências iniciais foram efetivadas, a comunidade de docentes e de discentes aceitou-as, sem reagir e sem pensar detidamente, aceitou-as.

Alguns indiferentes, como se o que se fazia não lhe dissesse respeito; desapegados da instituição, ensimesmados, recolhidos ao seu mundo pessoal, deixando o tempo passar, trabalhando, apenas, quando exigidos e vigiados. A ausência de hierarquia, de mentores em quem poderiam acreditar, os deixavam isolados, desligados das funções docentes ou de valores semelhantes, a que deviam, ao menos, o respeito funcional. Outros, discordando, mas apáticos, falando pelos corredores, incapacitados, receosos





e acomodados; com o passar dos dias, adaptaram-se à nova situação e buscavam também interesses que não eram os da Faculdade.

Os homens mais responsáveis, a quem competia analisar imparcialmente, dizer sim ou dizer não, conforme o resultado do que refletiam, o diretor da Faculdade e a Congregação que presidia, encolheram-se e omitiram-se, seja por timidez, indiferença, ou receio de se opor à política que dominava na Universidade.

Quem se der ao trabalho de ler as atas da Congregação da época não pode contradizer tais conjecturas. E quando vêm à lembrança as figuras que formavam a Congregação – honestos, cultos, unidos à Faculdade por laços afetivos indeléveis – busca-se, perplexo, uma justificativa, que não é encontrada, apesar de tudo. Repetiu-se a mesma indiferença no triste episódio da desagregação do prédio do Terreiro.

Mas não se atingiu a indiferença absoluta. No momento mais agudo, quando foram divulgadas as primeiras medidas e as que apareceram em sequência, mesmo antes de comprovada a incompatibilidade delas com os interesses da Faculdade, apareceram quatro documentos da lavra de Heonir Rocha, considerados, ainda hoje, afastadas as paixões daquelas horas, como de interesse especial. Configuraram o retrato de um momento histórico na vida da instituição, revolta pelo torvelinho de episódios que se sucediam com rapidez vertiginosa, confundindo aqueles mais interessados em compreender e acompanhar as providências que estavam sendo tomadas. O passado tornou-se quase uma obsessão, entranhou-se na consciência dos reformadores, no país inteiro, inclusive e acentuadamente na Bahia.

As tradições da Faculdade de Medicina, embora impossíveis de serem negadas ou violentadas, contrariavam as novas ideias, e assim, cumpria obscurecê-las. A transferência da sede da Escola para o vale do Canela, cujos critérios e conseqüências tantas vezes mencionadas nesta memória, deve ser bem analisada, agora sob o ângulo que se está considerando.

É certo que o sistema viário da cidade, levando-se em conta o espaço onde a Faculdade estava, no Terreiro de Jesus, dificultava, seguramente, o seu trabalho. Da mesma forma, argumentava-se que a vizinhança com o Hospital Universitário Prof. Edgard Santos deveria se constituir em clara e especial vantagem.



Situar a sede da Faculdade no campus universitário do Canela seria um gesto natural de bom senso. Contudo, o campus universitário do Canela continha evidentes desvantagens, dentre as quais a sua localização, que não lhe permitia escapar a um tráfego intenso de pessoas e veículos, no seu próprio espaço, desfigurando-o, indubitavelmente, e prejudicando-o funcionalmente.

Discretamente, mal percebida, se fez a transferência da sede da Faculdade logo no início da implantação da reforma, sem lamentos ou protestos, em obediência, apenas, a uma simples medida burocrática. Não se mediu a responsabilidade histórica do ato. Aos poucos, quebrava-se o perfil da Faculdade.

Os atos solenes perderam, em parte, a sua dignidade. A colação de grau dos novos médicos é um momento maior que atinge a um amplo universo – a Congregação, aos graduados e as famílias respectivas. Principalmente estas, as famílias, que vislumbravam naquelas horas, com o mais justo direito, a concretização de velhas propostas de vida, de homens e mulheres, operários anônimos e simples do cotidiano da vida.

Momentos houve em que as cerimônias de formatura foram desfiguradas de tal forma que não convém lembrá-las em seus detalhes. A bem dizer, atendiam, em grande parte, o espírito de rebeldia e contestação dos jovens estimulados por quem tinha a obrigação de não perder de vista os critérios da ponderação e do equilíbrio.

Ao tempo em que se obscureciam as linhas que sempre definiram o perfil da Faculdade de Medicina, outras atitudes aprofundaram esses propósitos. À figura do professor de medicina, o que ele representava e o que se esperava dele, não convinha mais seguir a ortodoxia dos caminhos que caracterizavam os anos pretéritos.

O título de professor foi vulgarizado. Não se pretende com isso torná-lo exclusivo para determinadas categorias. Porém, é necessário que se tenha presente que para usá-lo, em contrapartida, torna-se imprescindível que o postulante reúna certas qualificações, simples embora, mas essenciais e que confirmam a ele um mínimo de condições: experiência didática, cultura adequada, considerando cada degrau atingido na carreira docente, testemunha da sua atuação através das publicações, concursos, presença nas salas de aula e enfermarias: afinal, seu currículo, o retrato da sua vida.



A condição de professor de medicina, o seu conceito, o respeito que a muitos inspirava na comunidade do hospital ou fora dela, aos poucos, se modificou. Perdeu prestígio e consideração. Desfizeram-se lideranças.

As unidades docentes assistenciais, os ambulatórios e as enfermarias seguiram novos rumos, orientados segundo o que se estava ainda experimentando e cuja validade não havia sido comprovada. O próprio pessoal administrativo, de enfermagem e de representantes de outras atividades do hospital, passaram a se autoconduzir e a exibir uma independência, às vezes ostensiva, de confronto e de negação, fruto da ausência de princípios hierárquicos que estavam subvertidos.

O catedrático foi responsabilizado por quase todas as mazelas e quando, afinal, se extinguiu a cátedra, os novos tempos, sem ela, não se afirmaram. O professor titular, que deveria ocupar o lugar deixado vago pelo catedrático, atônito, não encontrou, preso na voragem do que estava acontecendo, o sentido do seu trabalho, a sua identidade e os seus próprios valores.

Não é estranho que fosse assim. Escapara-lhe o direito de conduzir as atividades assistenciais (as chefias dos ambulatórios e das enfermarias dependiam da indicação do diretor do hospital); e até mesmo as atividades docentes, que estavam diretamente ligadas a uma personalidade fantasma, a do “coordenador da disciplina”, indicado pelo chefe dos respectivos departamentos, sem que regimentos ou estatutos sequer mencionassem a sua existência.

É verdade que a prerrogativa de ser professor titular conferia a ele, de um certo modo, facilidades em ser aceito e reconhecido em cargos de direção.

Os “serviços”, cujas enfermarias e ambulatórios, anteriormente, se distribuíam, organizados, em todo o hospital, foram descaracterizados. Nenhum elo deveria haver entre o catedrático – cujo nome no portal da enfermaria, forçosamente, teria que ser apagado – e o serviço a que se dedicara durante anos. As enfermarias passaram a ser designadas com letras e números, marcando o anonimato proposital.

Os falecimentos, as aposentadorias voluntárias ou impostas pela compulsória, desfalcaram o quadro dos professores, sobretudo dos titulares, que minguava a cada ano. O fato não passou despercebido. Durante anos, os chefes dos departamentos e os diretores da Faculdade, vários, solicitaram, bem



instruída e justa nas suas pretensões, a abertura de concursos. Poucas vezes foram atendidos, apenas nos planos de assistentes ou de auxiliares de ensino.

Os vácuos surgiram e permaneceram gerando consequências, na época e ainda hoje, prevendo-se que serão sentidos durante longos períodos. E, então, sucedeu que as vagas foram preenchidas por pessoas nem sempre devidamente amadurecidas. Ou permaneceram sem substitutos ao longo de muitos anos, o que evidentemente prejudicou, e muito, o ensino.

Tome-se o exemplo do ensino da Clínica Médica, que é parte essencial e prioritária na formação do médico. Foi coordenado, em alguns exemplos, por docentes ainda não devidamente experimentados, embora, em outras oportunidades, professores de bom nível tivessem exercido a função. Isso contrastava com o que acontecera em anos próximos e passados, quando, na Faculdade de Medicina da Bahia, as clínicas médicas floresceram, em grande parte, fruto da excelência dos professores que, na época, as dirigiam. Situações idênticas se multiplicaram em outros setores. Foi uma temeridade.

A transferência de responsabilidades e a implantação de um modelo de trabalho desconhecido para o meio deveria ter sido antecipada por uma fase de preparo e de esclarecimentos, o que não aconteceu. Não se cogitou de proceder a uma seleção necessária e ponderada. Ajustaram-se às discutíveis condições que contrariavam vocações e aos interesses das gerações que haviam se plasmado nos anos anteriores, na residência do próprio hospital de ensino da Faculdade, nos estágios, cursos no exterior, nos serviços universitários a que se ligaram e nos exemplos de bons professores a quem seguiram. Os que estavam de fora ou os que se aproximavam da Faculdade, conhecendo o que se passava, desanimavam e buscavam outras sendas.

À desconsideração aos valores reunidos pelos interessados na carreira docente se somou um outro impacto; do qual resultou a avalanche de promoções na carreira docente, consequência de uma providência paradoxal do Ministro Rubem Ludwig, o qual pressionado, obedeceu, simplesmente, aos critérios impostos pela burocracia e pelos políticos, deixando de lado o esforço, o valor dos verdadeiros interessados, os professores que procuravam trilhar o caminho correto.

Não mais se realizaram os concursos de “livre docência”, no entendimento deste memorialista, um importante passo na seleção de professores. Os



candidatos à livre docência eram obrigados a rever toda a matéria da disciplina que pretendiam ensinar e produzir uma tese – e é necessário determinação para fazê-lo; submeter a sua vida através do seu currículo ao juízo de uma comissão de cinco membros –, o que significava dar uma prova pública do possível valor que pensavam possuir.

Após a implantação da reforma, nos últimos vinte e sete anos, apenas foram realizados três concursos de livre docência na Faculdade de Medicina da Bahia. Assim, também, em parte, aconteceu com os concursos para titularidade; o número deles foi maior que os da docência livre. Mas, ainda assim, não atendeu, nem de longe, à expectativa. Isso define um ângulo negativo de um período estigmatizado pelo retrocesso.

No meio disso tudo, do desprestígio, do desamparo e do desinteresse, aparecia a realidade dos salários, que se postava bem longe do que exigia a vida e os compromissos com as famílias que os professores tinham de sustentar e de atender.

A carreira docente na Faculdade de Medicina, assim tumultuada, passou ao terreno das coisas indiferentes e sem atrativos. Somente uns poucos teimosos continuavam a perseguir os seus sonhos, “correndo atrás do vento”. E se falava e se defendia, em tais circunstâncias, a “dedicação exclusiva”. Correta postura se os meios amparassem no momento e no futuro, as necessidades dos que se lançavam à tarefa de ensinar.

O currículo proposto pelo colegiado de curso, no início da reforma na Bahia, se mostrou confuso, fragmentado, deixando de lado a experiência e os fundamentos básicos, que haviam sido até bem pouco tempo utilizados e que bem poderiam ser ajustados aos novos tempos, com significativo proveito.

O número de disciplinas no currículo antigo, mesmo consideradas aquelas do ciclo básico, era de trinta e três. Após a reforma foi mais do que duplicado, ultrapassando setenta; a opção pelo ensino de especialidades independentes explica esta situação.

Pode-se imaginar as dificuldades em harmonizar a grade curricular e os obstáculos com que se deparavam os estudantes para frequentar tantas matérias. Considere-se, nesse mesmo sentido, a relação do alunado com a capacidade do Hospital Edgard Santos em recebê-lo. Quando inaugurado, pretendia-se que quatro séries, cada uma delas composta de 60 alunos, o



que totalizava 240 estudantes, se valessem dos 360 leitos disponíveis no Hospital para o seu aprendizado.

As modificações decorrentes das sensíveis diminuições dos leitos (em certa ocasião caiu a menos de duzentos), e a organização das enfermarias, ao tempo em que o alunado se expandiu em proporções elevadas, originaram uma situação difícil de ser equacionada.

De outro lado, a disposição dos estudantes, divididos e subdivididos em muitas turmas, desgastou mais ainda o ensino. Os programas das matérias não obedeciam aos critérios planejados, por falta da necessária coordenação; os assuntos eram repetidos, exatamente uma distorção apontada pelos planejadores da reforma, no modelo antigo, como relevante. Ou pior, o “especialismo”, o virtuosismo inerente ao ensino particularizado de especialidades, que colocava em risco não só a visão de conjunto do curso médico, como também a busca da formação do “médico generalista” ou do “médico de família”, precisamente um dos objetivos proclamados pelos reformadores.

As constantes mudanças dos “coordenadores” indicados pelos chefes dos departamentos era outra razão da ineficiência do ensino que se fazia. Acrescente-se a tudo isso as dificuldades que os coordenadores tinham de dirigir colegas, com quem se nivelavam, pois não se sentiam assentados e seguros na condução das atividades que os seus encargos exigiam. A sequência das aulas não se fazia com regularidade, os calendários poucas vezes se cumpriam.

De permeio com as providências mais importantes que apareceram na reforma universitária, destacava-se a departamentalização. Não que fosse, em si, uma novidade; os departamentos sempre existiram na composição administrativa e didática da Faculdade.

O que se conclui, porém, dos registros e das lembranças, é que a participação dos departamentos na vida da Escola era discreta. Constituíam-se, somente, de professores catedráticos, eleitos pelos seus pares da Congregação a que se subordinavam. Não é difícil perceber a relação entre os catedráticos e os seus interesses e os departamentos. Os demais docentes eram, assim, marginalizados.



Os departamentos propostos pela reforma surgiam com um perfil bem mais amplo e definido. De início, todos os professores, independente da sua qualificação docente, participavam das reuniões, opinando e influenciando pelo voto, na condução dos assuntos trazidos à discussão.

É certo que algumas prerrogativas da direção da Faculdade e da Congregação foram deslocadas para os departamentos. Ficou bem claro que o papel do catedrático, a sua influência, outrora absoluta e única, foi contida e repartida com os demais docentes, que votavam livres.

Os departamentos, propunha-se, deveriam ter orçamentos e verbas próprias, o que, se efetivado, lhes daria um espaço seguro para bem funcionarem. O chefe do departamento deveria ser eleito e qualquer dos seus docentes poderia ser votado. O sucesso da organização, no particular, dependia, pois, como em situações semelhantes, das características de personalidade do chefe e do modo como iria pôr em prática a sua orientação e os seus planos administrativos. Isso não era de todo simples, considerando-se o que se passava na época.

Logo no início, foram levantados questionamentos importantes: qual deveria ser o número de departamentos e, dependendo dessa decisão, quais deveriam ser os critérios que permitissem conferir a eles harmonia e unidade?

Se se inclinasse para reunir departamentos em função das especialidades reconhecidas como mais significativas, o número deveria ser maior; ao contrário se a opção fosse criá-los obedecendo às grandes áreas da Clínica Médica e da Cirurgia, o número evidentemente, deveria ser menor.

Na Bahia, preferiu-se a primeira eventualidade. E, assim, surgiram treze departamentos. Os critérios para reunir, em um mesmo departamento, as especialidades que se julgavam afins, foram os mais díspares e se criaram situações estranhas. Para acomodá-lo com os seus gabinetes e secretarias, desativou-se a enfermaria de Terapêutica Clínica, uma providência, pelo que se sacrificou, dificilmente aceita. O fato, como era de esperar, gerou uma enorme confusão.

Desapareceram as cátedras, embaralharam-se as chefias dos serviços, desorientando o sentido das responsabilidades, e ficou a dúvida: quem deveria cobrar, vigiar e prestar contas do que se fazia? Seguramente, as alterações havidas no Hospital das Clínicas, subsequentes às mudanças que lá se fizeram,



contribuíram, acentuadamente, para a flagrante desestruturação que se instalou, logo de início, nas atividades departamentais.

Os componentes dos departamentos distribuídos em enfermarias e ambulatórios, em funções administrativas, chefes e subchefes à mão cheia, ensinando, assistindo, de conluio com os coordenadores de disciplinas, desarrumados – desnorream a quem devia ordená-los e ajustá-los nos planos departamentais, o chefe do departamento.

Acresce que os orçamentos programados, que deveriam dar suporte às medidas administrativas e outras, jamais se concretizaram. Vivendo, pois, quase sempre sem as condições financeiras necessárias, os responsáveis pelos departamentos teriam que apelar para outros expedientes ocasionais, que os amparassem nas aperturas maiores. Patrocinaram, por exemplo, cursos em que se cobravam taxas, reforço para as minguadas verbas.

As obrigações dos docentes nunca foram consideradas como seria de se esperar. Um exemplo disso: a dificuldade de realizar uma simples reunião no departamento, pois, habitualmente, não havia “quorum”, embora, estatutariamente, o docente fosse obrigado a não faltar às reuniões. Muita vez, o chefe do departamento, após ter enviado a convocação para a reunião programada, pessoalmente se empenhava em obter o comparecimento dos professores, sobretudo em ocasiões em que seriam discutidos assuntos de maior relevância. Ou então os interessados por tal ou qual decisão pediam o comparecimento daqueles a eles mais chegados à reunião, em cuja agenda constava o assunto que lhe dizia respeito. Contudo, cada departamento tinha as suas características, de tal forma que, alguns, se projetavam nesse ou naquele sentido.

O Departamento de Medicina Preventiva é um destaque. Vale a pena considerá-lo à parte pelo espaço que ocupou, pelos resultados que obteve e pela nova filosofia de abordar na Bahia, com visão progressista e moderna, assuntos técnicos de Medicina Preventiva, sob o foco da sua importância e repercussões sociais.

A Higiene era uma disciplina ensinada, então, por um catedrático de méritos culturais respeitados: Francisco Peixoto de Magalhães Netto. O ensino da Higiene, nos anos 1960, seguia ainda as linhas clássicas, estabelecidas desde o fim do século passado, quando seus objetivos se



afastaram dos da clínica médica, pois buscavam, prioritariamente, a dedicação à saúde e aos meios de conservá-la, e não simplesmente às doenças e aos meios de diagnosticá-las e tratá-las.

Ainda, também, não se aproximara do movimento originado nos Estados Unidos, por volta das décadas de 1930 e 1940, quando se iniciou um processo mais apurado, de que resultou a Medicina Preventiva, uma condição intermediária entre a Higiene e a Clínica.

Nos anos 1950, o conceito de Medicina Preventiva ganhou força, surgindo então os departamentos de Medicina Preventiva que se difundiram, aos poucos, pela América Latina, particularmente no Brasil.

Na Bahia, o departamento de Medicina Preventiva, revestido dos novos conceitos, foi efetivamente criado em 1970. Desde o seu início, esforçou-se em dar um cunho científico às suas atividades, voltando-se principalmente, para a análise dos problemas sociais, o seu relacionamento com o complexo saúde-doença e as exposições do serviço de saúde que serviam às comunidades.

Em realidade, o departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Bahia se originou na Segunda Clínica Médica, que tinha Roberto Figueira Santos como catedrático. A visão deste professor atraiu valores legítimos para sua disciplina, como foi o caso de Guilherme Rodrigues da Silva. Este docente era dotado de uma formação correta e sólida em Medicina Preventiva e em clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias. Inicialmente, criou “um programa de clínica experimental” que era, ao mesmo tempo, vinculado à Segunda Cadeira de Clínica Médica e à cátedra de Higiene.

Este programa evoluiu para o Núcleo de Medicina Preventiva, que se ampliou gradualmente, atraindo vários docentes, pesquisadores, estagiários, estudantes e especialistas com cursos no país e no exterior.

O passo seguinte foi a incorporação definitiva do Núcleo de Medicina Preventiva à Cátedra de Higiene, embora o núcleo mantivesse as suas atividades no Hospital Prof. Edgard Santos.

Reconhecendo o quanto as suas perspectivas se restringiriam se permanecessem presos aos limites do Hospital das Clínicas, os responsáveis



pelo núcleo conceberam e executaram os “programas extra murais”, com o que alcançaram as seguintes conquistas:

- colocavam os docentes e discentes com a realidade da saúde-doença, fora do hospital, com as populações e todas as suas dificuldades, as que constituíam o seu verdadeiro universo social;

- criaram um ambulatório no hospital de ensino, com peculiaridades próprias, o ambulatório de clínica médica integral. As responsabilidades de quem nele trabalhava se ampliaram, pois cumpria assistir não ao doente isoladamente, mas ao conjunto representado pelo paciente e a sua família (condições de vida, composição familiar, atividades profissionais, esquema de vacinação, etc.)

Os programas então desenvolvidos reuniram, ao mesmo tempo, aspectos preventivistas e curativos, uma posição bem mais próxima do correto; a outra alternativa era o atendimento puro e simples das doenças de criaturas que viviam em condições impeditivas, muita vez, de seguir a orientação do médico e comprar os remédios que ele receitava. Foram vários os programas extra-murais cumpridos pelo Departamento de Medicina Preventiva, em que se envolveram outros institutos e vários profissionais.

As atividades, como o nome do programa está a indicar, aconteceram em ambientes que ultrapassaram aos espaços de ensino da Universidade. Podem ser citados:

- os programas intra-institucionais dos quais participavam outras unidades da Universidade além da Faculdade de Medicina, tais como a Escola de Enfermagem, a Faculdade de Odontologia, a Escola de Agronomia, etc.

Um exemplo foi o programa Alto das Pombas, que atuou na própria zona urbana, prestando assistência médica de primeira linha, com atividades de vacinação, pré-natal, e outros cuidados básicos de saúde, no posto existente no próprio bairro; e o de segunda linha, especializado, mais apurado, praticado no Hospital das Clínicas, que passou a ser conhecido como “clínica de família”, pois os seus cuidados se estendiam à família do paciente assistido.

O programa de Brotas é um outro exemplo nesta mesma linha.

- os programas inter-institucionais (Universidade/Secretaria do Estado da Bahia/Instituições Estrangeiras) tais como os que se realizaram no Segundo



e Quinto Centros de Saúde; e, principalmente, o Programa do Nordeste de Amaralina. Este tinha objetivos bem mais amplos; nele participaram o pessoal de Enfermagem, de Odontologia, de Medicina, de Arquitetura e de Ciências Sociais.

O programa do Nordeste de Amaralina obteve claros resultados, aproveitados em outras propostas de que servem de exemplo o Centro de Estudo de Desenvolvimento Urbano – CEDUR ; e o Programa de Pesquisa e Orientação para o Desenvolvimento – PROPED. Este último apropriou experiências obtidas no Centro de Desenvolvimento Rural de Cruz das Almas.

O programa de Cruz das Almas e Conceição do Almeida tem uma fisionomia especial pelo fato de ter se realizado em área rural e ainda porque deve ser considerado como um esforço maior desenvolvido pelo departamento no campo da medicina comunitária.

Outras iniciativas surgiram em paralelo. A concepção de um Centro Regional de Pesquisa em Doenças Parasitárias e Endêmicas no país, o CEDRE, definiu-se como uma realização responsável de onde fluíram numerosos frutos.

A contribuição do Departamento de Medicina Preventiva no ensino de graduação, na formação de pessoal especializado, no estímulo que proporcionou aos vocacionados que o procuravam, nos programas de pós-graduação, foi inestimável.

Podem ser citados, especialmente pela significação e importância, o Curso de Mestrado em Saúde Comunitária, a Residência em Medicina Social, os Cursos de Especialização em Saúde Pública e o Doutorado em Saúde Pública.

A extensa análise que se fez do Departamento de Medicina Preventiva, dos resultados seguramente importantes que obteve, tem uma outra razão: é a demonstração de que a departamentalização trazida pela reforma foi uma medida correta. O que destoou foi a maneira como ela foi implantada em algumas universidades e faculdades, entre elas, a Faculdade de Medicina da Bahia; ou quem sabe, o grau de interesse que não se estendeu ao universo dos docentes.

Logo cedo percebeu-se que o número de departamentos imposto à Faculdade de Medicina não tinha razão de ser. Criara-se o caos.



A reformulação se tornou uma necessidade que não admitia recusas. Contudo, isso não impediu a consumação de muitos danos. Permaneceram, após três anos dessas experiências negativas, seis departamentos, representando as grandes áreas de ensino: Medicina, Cirurgia, Materno-Infantil, Neuro-psiquiatria, Preventiva e Anatomia Patológica e Medicina Legal.

O currículo de medicina, definido logo no início da reforma, se caracterizou pela criação de múltiplas disciplinas especializadas, o resultado da fragmentação das áreas básicas de clínica médica e cirurgia.

Os cursos eram ministrados em períodos bem curtos. Isso não lhes dava consistência. Os alunos, aligeiramente informados sobre a matéria especializada que constituía a disciplina, mal se aproximavam do paciente e, de imediato, o período se extinguia. Passavam a outra especialidade, quando se repetia a mesma situação.

Face a tais circunstâncias, a proliferação de pretensos especialistas teria que ser uma consequência quase inevitável. Assim, cada vez mais, distanciava-se do médico generalista, tão propalado e claramente necessário às comunidades.

A partir de 1978, o currículo foi reformulado. O número de disciplinas especializadas diminuiu, aceitando-se uma estrutura que abrigava campos mais amplos de ensino, aproximando-se do que havia antes da reforma. O regime de cátedras chegava ao fim. Mas, quem e de que maneira deveria substituir o catedrático?

O professor titular imaginava-se ser uma figura de prestígio limitado. Sem os pecados e os ranços do catedrático, sem o seu indesejável absolutismo, sem a sua vitaliciedade intocável; conjecturava-se: poderia o titular ser o condutor – de quê?

A responsabilidade de conduzir o ensino passou a ser dos departamentos e dos colegiados; da mesma forma a responsabilidade de orientar e assistir, nas enfermarias e ambulatórios, aos pacientes através dos quais também se ensinava, passou a ficar na dependência da administração do hospital, que indicava as chefias das respectivas unidades.

A quem deveria, então, o titular, orientar? Quem a ele se subordinaria? Como poderia organizar “escolas” de formação de pensamento e de filosofia de trabalho condizentes? Como atender às obrigações que lhes cabia



cumprir, por terem alcançado o direito através do seu currículo e outras provas, retratos da sua vida e da sua experiência? Como motivar cidadãos que estavam, muitas vezes, convencidos da necessidade de confrontar a própria condição de titular?

Poucos, na época, tinham o conhecimento real da diferença entre o catedrático, do antigo regime, e o titular que a reforma criara. Confundiam e rejeitavam.

Os catedráticos conservavam o título, apenas. Os que ensinavam no ciclo básico, passaram a compor o quadro de docentes do Instituto de Ciências da Saúde, afastados, dessa forma, da Faculdade de Medicina. Os que continuaram na Faculdade de Medicina, aos poucos, aposentados, mortos, deslocados para outras funções administrativas ou políticas, transferidos para outras universidades, abriram claros que se alargavam inexoravelmente. Os catedráticos se tornavam uma espécie combatida e não mais aceita, condenada e em extinção.

Os titulares concursados no novo regime não os substituíam integralmente, pois os caminhos de ambos eram diferentes. Ficou evidente que os responsáveis mais graduados, a quem cabia o papel de mentor das atividades docentes, assistenciais e administrativas das unidades de ensino, desapareciam sem que fossem substituídos nas mesmas proporções e no tempo exigido, por elementos de igual representatividade.

Este vazio foi danoso para a Faculdade, que perdeu prestígio e desorganizou-se à medida em que as suas disposições hierárquicas se dissipavam.

Uma das consequências se refletiu na Congregação. Progressivamente, deixou de contar com professores mais experimentados e conhecidos, o que, somado às recomendações da reforma, responsável pelo corte de muitas das suas prerrogativas, colocou-a, em determinados aspectos e circunstâncias, em plano secundário e pouco expressivo.

A comparação do que ela foi e com o que ela se transformou feria a imagem que permanecia na memória de gerações de médicos, conhecedores do seu passado e dos seus melhores momentos. Não que com isso se pretenda desmerecer os valores de muitos professores jovens, representantes de departamentos ou de classes, que passaram a compor, também, a Congregação.



O auxiliar de ensino se constituía no primeiro degrau do quadro de professores. Havia um concurso de seleção que lhe permitia o ingresso à carreira docente, o que era, sem dúvida, uma medida de bom nível. Depois, o assistente; a seguir, o adjunto, um patamar abaixo do titular.

Contudo, essa sequência se desequilibrou quando, através de uma medida burocrática, o Ministro da Educação da época, pressionado, permitiu que a ascensão de professores a níveis mais elevados, como, por exemplo, a de adjuntos, se fizesse sem a salutar exigência da análise dos currículos que a justificasse.

Não se há de esquecer, porém, que apesar de todos esses percalços, existia na Faculdade daquele tempo um respeitável contingente de professores de bom nível, preparados e vocacionados para as funções didática e de pesquisa.

Aguardavam um momento, uma oportunidade legitimada pelo valor do seu perfil, através do qual esperavam chegar às posições que mereciam e com que sonhavam. Passado o tempo, continuaram a esperar os concursos para preencher os quadros, de há muito existentes na carreira docente, cujo objetivo maior era a titularidade.

E lá se foram os anos passando... A providência lógica e justa, sempre postergada, nunca foi assumida pela cúpula e colegiados da universidade.

Não se encontram, bem pensado, justificativas lógicas e legais para negar a realização dos concursos de titularidade. É fácil prever o que poderá acontecer e aquilatar o que aconteceu. Muitos procuraram outros caminhos. Outros teimaram, estimulados, ainda, pelas razões íntimas da vocação, persistiram produzindo, apesar de tudo e esperando.

Em 1993, através da Portaria nº 3.123/93, o Reitor da Universidade Federal da Bahia constituiu uma comissão, composta de representante de cada área em que se distribuíam as faculdades e institutos da Universidade: área 1 - Antonio Carlos Queiroz Mascarenhas; área 2 - Rodolfo dos Santos Teixeira; área 3 - Eduardo Saback Dias de Moraes; área 4 - Suzana Alice Marcelino Cardoso; área 5 - Ailton José Sampaio.

Deveriam ser propostas medidas que permitissem a realização de concurso para titular em todas as unidades da Universidade, desde que atendessem os critérios pensados.



Após um ano de cuidadoso labor, um documento foi entregue ao Magnífico Reitor, que criara a comissão, o qual, seguindo os trâmites legais, o encaminhou para a devida análise pelos órgãos competentes. E foi só. Nada resultou. E continua-se esperando.

O processo tem sido exageradamente lento e até o presente não foi possível concretizar tão importante passo, o que feriu e continua ferindo os direitos de uma geração de muitos professores competentes e de indiscutível formação. Ademais, é de estranhar que em uma época na qual esses valores, sobretudo na Bahia, são desprestigiados, ainda existam firmes vontades de admiráveis sonhadores.

Enquanto isso, em outras faculdades de medicina do país, os concursos para professor titular têm se repetido com certa regularidade.

A reforma universitária caracterizou nitidamente, no ensino da medicina, os dois ciclos: o básico e o profissional. O primeiro passou a ser ministrado no Instituto de Ciências da Saúde, inteiramente afastado da Faculdade de Medicina; e o segundo, em hospitais ligados à Faculdade.

Fragmentou-se, assim, a tradicional instituição de ensino médico da Bahia.

Algumas razões lógicas motivaram os critérios que estruturaram o ciclo básico, como havia sido planejado pelos reformistas. Pretendia-se evitar a duplicação de meios para objetivos idênticos. Os laboratórios e o pessoal que trabalhava em disciplinas afins, ensinadas, ao mesmo tempo, em várias unidades da área de saúde da Universidade, foram agrupadas em um mesmo local, no Instituto de Ciências da Saúde. Procurava-se, também, integrar de um modo mais efetivo o ensino e a pesquisa. Em realidade, os resultados não atenderam às expectativas.

As antigas cátedras transformaram-se em departamentos, institutos e centros, os quais se mostraram heterogêneos em seu conjunto. Constituíam-se, quase sempre, de professores sem a devida afinidade, o que era fruto da diversidade de interesses e dos objetivos diferentes das áreas de ensino.

Os equipamentos disponíveis, teoricamente, deveriam representar a soma dos patrimônios provenientes das unidades de origem. Na prática, constatou-se que muitas dessas unidades quase que não os possuíam. De tal forma que a Faculdade de Medicina foi a que mais sofreu. Teve que

atender, com os laboratórios que possuía, considerados na época, inclusive, insuficientes para as suas próprias necessidades, a uma população de estudantes bem maior e com outras aspirações, múltiplas e diversas.

Ficaram, assim, isoladas as disciplinas: aquelas do interesse dos programas de ensino da Faculdade foram encravadas no Instituto de Ciências da Saúde. Sepultava-se, dessa maneira, a integração vertical do ensino de que tanto se havia falado.

O Hospital de ensino

O Hospital de Ensino transmudou-se. Qualquer observador que penetrasse no seu amplo “hall”, que havia, outrora, emprestado ao hospital a perspectiva de grandeza e de dignidade, percebia, sem mais esforço, que um processo de degradação estava em curso.

Cartazes e faixas, conclamações, apelos a movimentos grevistas e reivindicatórios, propagandas de políticos, coladas e apensas em desordem; portaria e funcionários em desalinho; pontos de venda de livros; pessoas que entravam e saíam sem que ninguém soubesse quem eram, o que faziam e para onde se dirigiam – diziam tudo e mais o que se possa escrever nessa linha desagregadora.

Longas filas de espera de pacientes se eternizavam nos bancos dos ambulatórios, cujo início de funcionamento era incerto e às vezes não acontecia; frequentemente, frustravam-se, pois as consultas não se realizavam. “Deixe marcar no cartão a nova data de retorno”, dizia-se a pessoas que haviam ali chegado sabe Deus como.

Em muitas enfermarias, notava-se logo a ausência de comando. Médicos apressados, camas, roupas, utensílios, pisos, paredes, etc. caracterizavam o “descer da ladeira”; estranhamente a maioria aceitava, passivamente, acomodada, como uma fatalidade que não era possível vencer.

Lembra-se bem o memorialista da Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias onde serviu. A enfermaria, o ambulatório, o laboratório, a biblioteca (livros e revistas especializados obtidos e reunidos com especial esforço), outrora vitalizados e prósperos, entraram em franca e penosa





decadência. O laboratório, no sexto andar do hospital, praticamente, deixou de funcionar, embora contando com pessoal capacitado e correto; todos foram ameaçados de serem transferidos para outros serviços, o “Laboratório Central”, onde iriam exercer funções secundárias, desviados dos programas de pesquisa e de apoio especializado tão necessários às atividades da enfermaria e do ambulatório.

A enfermaria, reduzida a uma minoria de leitos, quatro a seis, nos melhores momentos. A sua estrutura funcional, física e de pessoal, desgastou-se profundamente e em determinadas épocas cerrou as suas portas.

O ambulatório deixou de funcionar diariamente, com regularidade, com pessoal e registros próprios, como acontecia nos anos anteriores. Despersonalizado e anônimo, passou a fazer parte dos serviços ambulatoriais das clínicas médicas, funcionando, tão somente, uma vez por semana

As áreas da biblioteca e das salas de aula foram “aproveitadas” para que se instalassem, nelas, outras atividades, isso tudo feito à revelia dos que ainda lutavam para preservar o que era possível.

Dessa forma, foi esquecido o esforço acumulado durante muitos anos, de onde resultaram apreciáveis serviços à comunidade, em termos de assistência, pesquisa e ensino, em Salvador e nas áreas endêmicas de Jacobina, Caatinga do Moura e São Felipe.

As circunstâncias geradas naquele tempo acabaram por deslocar para Brasília Aluizio Prata e alguns elementos de inestimável valor, que faziam parte do corpo clínico da unidade, a exemplo de Vanize de Oliveira Macêdo.

Ainda que permanecessem em Salvador, afastaram-se da Clínica Tropical Suraia Hage (bacteriologista), Altina Sodré (imunologista) e Vanete Oliveira (parasitologista), pois não encontraram condições para prosseguir nos programas de trabalho em que vinham atuando. Fragmentou-se, diluiu-se e quase desapareceu a disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias que havia florescido como uma continuadora da Escola Tropicalista da Bahia.

A Clínica Tropical não foi um exemplo isolado. Na reformulação praticada no Hospital das Clínicas, ao lado das reformas de ensino, outras disciplinas com os seus respectivos serviços sofreram com a mesma intensidade; algumas deixaram de ter as suas enfermarias. Outras, simplesmente desapareceram.



As clínicas cirúrgicas, igualmente, sofreram na mesma escala, talvez mais, pois necessitavam do “centro cirúrgico”. Com frequência, o centro cirúrgico não oferecia condições que permitissem a realização das intervenções programadas. As salas de operação e o material cirúrgico entraram em franca deterioração. Algumas áreas especializadas quase que se desativaram. Os serviços básicos – o Laboratório Central, a Radiologia, a Eletrocardiografia, a Anatomia Patológica (esta última menos) sofreram, repetidamente, críticas e reclamações.

E a tudo isso assistia, a Faculdade de Medicina, quase passivamente, cerceada nos seus interesses, sobretudo na condução da política administrativa do Hospital das Clínicas. O Hospital Prof. Edgard Santos passou a ser um órgão subordinado diretamente ao gabinete do Reitor, que assim concentrava, cada vez mais, poder, particularmente no que diz respeito à Faculdade de Medicina.

Criaram-se situações difíceis de serem explicadas. Servem de exemplo certos episódios, tais como: a recusa que se fez de doações importantes para o hospital, materializadas em uma bomba de cobalto (posteriormente aceita pelo Hospital Santa Isabel, onde há anos vem prestando importantes serviços) e de um ecocardiógrafo, cujo interesse é fácil prever.

O Conselho Deliberativo do Hospital, presidido pelo diretor da Faculdade de Medicina, frequentemente se empenhou em contornar situações difíceis e que tinham, na sua base, a diminuição progressiva dos recursos financeiros postos à disposição do Hospital.

A política do Ministério da Educação, que dizia respeito aos hospitais universitários, jamais se definiu devidamente, o que acontece até hoje.

A tudo isso se somava a pressão social, principalmente das camadas menos favorecidas, que tinham no Hospital das Clínicas, apesar de todas as vicissitudes, um dos seus melhores amparos.

Como não poderia deixar de ser, o ensino desmoronou. A começar pela residência médica. Apesar do empenho de alguns professores, o programa de residência entrou em declínio. Não mais existiam as condições que qualificaram os bons tempos dos primeiros anos. O número de pacientes nas enfermarias e ambulatórios, a preceptoria adequada e próxima, a regularidade das sessões, a organização estrutural do Hospital – eram bem diferentes daquelas que caracterizaram a residência nas décadas de 1950 e 1960. Ainda assim, os residentes continuaram a ser peças importantes no



combatido hospital. Mantinham-se interessados e aprendiam, graças ao esforço e dedicação de alguns docentes que se dispunham a orientá-los, criando, quando as situações exigiam, meios com os quais o Hospital das Clínicas não contava.

O fato é que, apesar da época ter sido tão difícil, muitos progrediram e confirmaram esse progresso quando lançados no exercício profissional, em muitas cidades do País. O ensino de graduação teria que enfrentar dificuldades enormes, em grande parte consequentes das medidas implantadas a partir de 1968.

Da mesma forma que o acontecido com a residência, o ensino de graduação continuou, também, contando com o esforço de abnegados, que deram seqüência aos cursos, mais em função das condições pessoais do que daquelas que lhes foram oferecidas.

Surpreendentemente, não foram poucos os graduados que se distinguiram em vários ambientes, competindo em concursos de residência, em várias faculdades de outros estados, mesmo em centros médicos mais adiantados, onde obtiveram sucesso.

As condições adversas vigentes não impediram que algumas iniciativas alcançassem reconhecidos êxitos:

. Waldir Cavalcante Medrado é um exemplo muito claro. Formou e orientou jovens anestesistas, que se espelharam na sua conduta de especialista e de professor de renomada qualificação. Numerosos profissionais, resultantes do seu trabalho, se distribuem nesta cidade e em outras regiões do País.

. Roberto José da Silva Badaró: seguramente uma afirmativa maior de valor intelectual, de força de trabalho e de realização, que o distingue nitidamente na atual geração de professores, pesquisadores e médicos da Bahia.

. Luiz Guilherme Lyra, que desenvolve atividades de nível superior em pesquisa, em clínica, na formação de pessoal, na concretização de uma escola de pensamentos, na Bahia, da especialidade, Gastroenterologia, no relacionamento com centros no país e no estrangeiro; Gilberto Rebouças, a quem o autor desta memória tem especial apreço pelos seus conhecimentos



médicos e, sobretudo, pela visão superior da ética e senso de responsabilidade perante os deveres profissionais. Helito Bittencourt e outros companheiros são responsáveis pela criação de um importante núcleo de Gastroenterologia que se tem projetado bem além da Bahia.

. Poder-se-á dizer o mesmo de Thomaz Rodrigues Porto da Cruz em Endocrinologia. Um alto valor de competência, de agudeza de espírito, sólida formação médica e humanística, de incontestável inclinação para o ensino e a pesquisa, que representaria bem qualquer instituição de ensino médico conceituada a que pudesse estar ligado.

. Reinaldo Martinelli, de Francisco Peltier de Queiroz, de Antonio Alberto Lopes, de Margarida Dutra, entre outros valores em Nefrologia.

. Adilson Sampaio em Psiquiatria.

. Uma pleiade de cirurgiões do mais alto conceito de que servem de exemplos: Augusto Márcio Coimbra Teixeira, Ernesto Simões Neto, Fernando Kleber Coelho, e alguns outros que merecem igual destaque.

. Roberto Marback, Epaminondas Castelo Branco e Osório José de Oliveira Filho, em Oftalmologia.

. Edgar Marcelino de Carvalho Filho, que merece especial citação pela qualidade de sua produção científica e indiscutível vocação universitária.

. José de Souza Costa em Ginecologia.

. Manoel Barral Netto e Aldina Barral pelo significado e empenho em pesquisa básica.

. Achiléa Bittencourt, responsável por uma respeitável produção científica.

. Elias Darzé e Antônio Carlos Vieira Lopes, pelos exemplos de dignidade e correção profissional na área de obstetrícia.

E tantos outros que mereceram o aplauso e o reconhecimento da instituição de ensino médico que serviram e servem há muitos anos.

O memorialista se declara intranquilo por não ter registrado o nome de todos os professores de valor, embora não os tenha esquecido no seu respeito.

Um acontecimento de real significação e destaque foi a criação do Curso de Mestrado em Medicina Interna, aprovado pelo Conselho de Coordenação da Universidade Federal da Bahia em dezembro de 1971. Considerado como de padrão A, tem formado numerosos “mestres” e titulado outros



tantos “doutores”. Em realidade, as teses apresentadas e as publicações delas resultantes representaram uma contribuição importante para a produção científica da Faculdade.

Um outro aspecto relevante é a sua importância na carreira docente, pelo número e qualidade de professores que têm proporcionado ao ensino.

É certo que o Curso de Mestrado em Medicina Interna foi uma expressiva conquista para a Escola Médica da Bahia. Não é demais considerar, porém, que a condição de professor depende de uma disposição íntima do postulante, do apego e da sua inclinação para o magistério, o que pode se reunir em uma só palavra: vocação.

É a vocação que serve como o melhor argumento para a sua decisão; que o desliga, quase, das ambições materiais e imediatas, um gesto que poucos reconhecem nos dias de hoje como adequado à realidade prática.

O professor abraça um credo e uma esperança: é o de poder se perpetuar nas gerações que ouviram as suas palavras; ou realizam o seu exemplo e que com o mestre compartilham os caminhos da profissão que escolheram. É difícil para a maioria dos homens entender esta personagem, ao mesmo tempo tão singela e tão complexa, que ocupa todos os seus dias com tarefas pouco rentáveis. Um paradoxo, concluirão alguns, considerados os tempos de hoje, as ambições que movem as sociedades, principalmente no mundo que se denomina tão a contra gosto dos que habitam nele, de terceiro.

Ideias sobre a reforma universitária

Não custou muito que viesse à lume a confusa situação em que a Faculdade de Medicina foi lançada; e os acontecimentos se precipitaram.

O diretor da Faculdade de Medicina da época, um dos principais responsáveis pela implantação da reforma na Bahia, reconheceu em sessão do Conselho Departamental os resultados inadequados e a desordem que as medidas reformistas haviam originado.

A própria comunidade de discentes percebeu a impropriedade da reforma. O caos na matrícula, a irregularidade no cumprimento dos programas das disciplinas, o desequilíbrio do currículo, a ausência das



lideranças de professores titulares, a desorganização dos serviços, as enfermarias empobrecidas de doentes, os ambulatórios confusos.

Aos docentes, principalmente aos que se sentiam sinceramente comprometidos com o destino da Faculdade, não escapava a confirmação do que observavam no dia a dia. Sentiam-se desmotivados, soltos, reparando na inversão de valores, ao considerarem o meio pelo qual alguns eram favorecidos, sem que reunissem as condições que facultassem alcançar certas situações. Incomodavam-se até com a liberdade plena e sem compromissos sobre o que faziam e como atuavam. Lamentavam, os bem intencionados, as dificuldades e o desamparo dos sofridos pacientes que procuravam o Hospital; e a qualidade do ensino que faziam.

Em 1973, o Departamento de Medicina tomou a iniciativa de auscultar a opinião dos alunos e dos professores sobre a reforma e o que se passava na Faculdade a partir de 1968. O questionário foi composto, distribuído e analisado pelo Departamento de Medicina Preventiva. Resultou que acima de 90% dos consultados, tanto alunos como professores, desaprovaram a reforma instituída nos anos anteriores.

Afinal, a Congregação da Faculdade de Medicina se pronunciou. E o fez refletindo e aprovando, em 03/10/79, um documento da lavra de sete professores titulares, em que, de um modo equilibrado e sereno, analisou as condições da Faculdade e do seu Hospital das Clínicas, o ensino que se fazia, as dificuldades econômicas da instituição, a qualidade da assistência prestada aos pacientes, a adequação do ensino da Faculdade e as necessidades da sociedade.

Na opinião do memorialista, o documento é uma reflexão justa e correta. Encontram-se sugestões nele e a sua conclusão final vale ser transcrita:

É fundamental e imediata a necessidade e uma análise crítica da última “Reforma do Ensino Superior”, pelo menos no que tem a haver com a sua aplicação à educação médica. A singularidade desta área tem revelado, marcadamente, quanto é difícil a compatibilização das normas centralizadas do sistema universitário com um funcionamento adequado ao ensino, seja o graduado seja o pós-graduado. É desejável que tal estudo se faça com profundidade e objetividade, e para ele contribuam, opinando, à base de suas experiências e responsabilidades, as congregações das faculdades de medicina de todo país, inclusive a nossa, detentora, por tradição, de um papel histórico do qual não deve ser despojada e do qual jamais pretende abdicar.



A reforma universitária, ao menos no que diz respeito ao ensino médico – pode-se escrever, assim, com imparcialidade – não correspondeu à esperança nela depositada pelos que a planejaram e a implantaram. Não trouxe os benefícios que se esperava e que deveria modificar os princípios básicos do trabalho docente, qualificando-o através de novos e avançados métodos. Essa impressão se generalizou pelo Brasil inteiro.

Na Bahia, esse juízo aflorou sem muito esforço. A implantação da reforma aconteceu sem o necessário preparo. Foi contundente o modo como se fez a transição entre duas épocas distintas. De um lado o passado, guardião da tradição e de princípios sedimentados, partes importantes do perfil da própria sociedade que abrigava a instituição médica. E frente a frente com ele, confrontando-o, um momento esfuziante, que não fazia segredo da firme determinação de colocar de lado os valores tradicionais tidos como um dos melhores bens da Faculdade que estava sendo modificada em sua base.

Os exemplos se multiplicaram. O violento e inexplicável ato da transferência da sede do Terreiro de Jesus, depois deixada ao léu; a descaracterização do professor de medicina, a vulgarização desnecessária do seu perfil, às vezes não bem considerado até pelos alunos e funcionários; o seu afastamento, retirado do que restava à disciplina que lhe cabia ensinar nas salas de aula, nas enfermarias e nos ambulatórios.

Não se pretende responsabilizar, unicamente, por todas essas lembranças negativas, a reforma universitária. Elas, em grande parte, são filhas de uma época e de suas inclinações.

Assistia-se a lenta agonia das tradições. Falar delas a muitos irritava.

Presenciava-se a grande e pretendida ruptura com o passado, fenômeno observado em todo o mundo que se expressava tão bem na pintura de Matisse, Picasso, Brancusi, Kandinsky, Miró e outros. E na música, por exemplo, Stravinsky, que deixava um tanto perplexos os ouvintes desavisados e sem preparo.

O trabalho artesanal, a interface do operário, qualquer que seja a sua categoria, com a função que lhe compete realizar, era substituído, no início, gradativamente; mas, depois, apressadamente, sem maiores considerações, pelo impessoal da técnica e da máquina, estas impulsionadoras do progresso material. E o homem perturbado e indeciso, perquiria a si mesmo, qual o seu



papel, quem o auxiliava ou quem devia comandar, se ele ou se a máquina.

O médico da atualidade procura apoiar-se, escudando-se, principalmente, nos aparelhos; todavia, era necessário, primeiro, saber manipulá-los e depois interpretar, com o necessário espírito crítico, os números, os registros e as imagens que chegam às suas mãos.

Quando está em atividade, o tempo escapole rápido, empurrado pela avalanche dos aflitos que acorrem aos ambulatórios. E então, é preciso atender a todos, quase sem tempo para ouvir o murmúrio tímido das suas queixas. É a vez das máquinas, as quais procuram solucionar, a seu modo, as situações complexas que compõem o sofrimento dos homens doentes, muitas vezes além das possibilidades que domina.

Uma simplificação, no mínimo perigosa, que exige meditações detidas sobre valores e princípios de Bioética. Considere-se que a tarefa do médico está na dependência do material com que trabalha; os sentimentos que o obrigam a perscrutar o imaterial e o transcendente. Então, erradios, pervagam territórios, vagueiam caminhos que desconhecem, sabendo que não podem esperar, tão somente, da mecânica e da técnica que representam, por mais perfeitas que elas sejam, o auxílio integral que clamam.

A condução da reforma na Bahia, o que se seguiu após ter sido implantada, não se alongou. Os responsáveis, atraídos por outras solicitações administrativas ou políticas, se afastaram da universidade sem que tivessem indicado os substitutos ou os caminhos que deveriam ser palmilhados. E a reforma ficou órfã, sem uma direção comprometida com ela, e se desequilibrou mais ainda.

E, afinal, entrou em progressivo e irremediável desgaste.

Até o fim da década de 1970 e continuando até a presente data, profundas transformações se processaram no quadro de professores catedráticos e titulares da Faculdade de Medicina. Álvaro Rubim de Pinho foi o último professor catedrático concursado.

Uma série de concursos para professor titular marcou o início da década de 1970, o que se estendeu até o ano de 1982, a partir de quando não mais se realizaram concursos.



A relação dos concursos com os respectivos professores titulares é a seguinte:

Álvaro Rabello Alves Júnior - Cirurgia
Armênio Costa Guimarães - Clínica Médica e Cardiologia
Eliane Elisa de Souza e Azevedo - Genética
Elsimar Metzker Coutinho - Reprodução Humana
Geraldo de Sá Milton da Silveira - Cirurgia
Itazil Benício dos Santos - Radiologia
José Maria de Magalhães Netto - Obstetrícia
Maria Thereza de Medeiros Pacheco - Medicina Legal
Nelson de Carvalho Assis Barros - Pediatria
Plínio Garcez de Senna - Neurologia
Remilson Tourinho Domenech - Ortopedia
Renato Tourinho Dantas - Técnica Operatória
Rodolfo dos Santos Teixeira - Doenças Infecciosas e Parasitárias
Zilton Araújo Andrade - Anatomia Patológica

Faleceram até esta data os seguintes professores catedráticos:

Adriano de Azevêdo Pondé
Álvaro Rubim de Pinho
Benjamin da Rocha Salles
Carlos Rodrigues de Moraes
César Augusto de Araújo
Edgard Rêgo dos Santos
Edístio Pondé
Eduardo Sá de Oliveira
Estácio Luiz Valente de Lima
Fernando José de São Paulo
Heitor da Costa Pinto Marback
João José de Almeida Seabra
José Adeodato de Souza Filho
José Coelho dos Santos
José Olympio da Silva
Rodrigo Bulcão d'Argollo Ferrão
Túlio Miraglia

Professores catedráticos aposentados e vivos:

Alício Peltier de Queiroz

Augusto da Silveira Mascarenhas

Hosannah de Oliveira

José Silveira

Newton Alves Guimarães

Roberto Figueira Santos

Fernando Visco Didier



Professores titulares falecidos:

Plínio Garcez de Senna

Renato Tourinho Dantas

Professores titulares aposentados:

Eliane Elisa Souza e Azevedo

Geraldo de Sá Milton da Silveira

Itazil Benício dos Santos

José Maria de Magalhães Netto

Remilson Tourinho Domenech

Professores titulares ainda em atividade:

Álvaro Rabello Alves Júnior

Elsimar Metzker Coutinho

Maria Thereza de Medeiros Pacheco

Nelson de Carvalho Assis Barros

Rodolfo dos Santos Teixeira

Professor catedrático em atividade:

Heonir de Jesus Pereira da Rocha

VII

Os Novos Tempos



1980-1995. A credibilidade da reforma se esvaía. A diáspora das lideranças. O prejuízo que representou. Motivações políticas, disputas locais.

O inconformismo do homem. A humanidade no limiar dos anos 1980. O átomo. A superpopulação e a economia industrial. A utopia de John Lennon.

A crise do mundo moderno. Existe uma crise? Qual a sua natureza? O passado e o presente. O modelo atual. A decadência urbana. Os descompassos do mundo de hoje.

A medicina e seus atuais caminhos. Os novos modelos de assistência. O hospitalismo. Os custos. Os progressos. O que acontecia no Brasil, na Bahia e em Salvador.

A Universidade Federal da Bahia e a Faculdade de Medicina . A Universidade Federal da Bahia e “os anos perdidos”. A Faculdade de Medicina, perda de prestígio. A sede do Terreiro abrigando outras instituições. O alunado, o aumento crescente de matrículas. Hospitais da rede particular e pública como áreas de ensino. Os docentes. Os últimos concursos de titularidade em 1982. Os anos 1990: o início da reabilitação do Hospital de Ensino. Unidades e serviços com nova feição. A Maternidade Climério de Oliveira. O Ambulatório Magalhães Netto. O ensino. A pesquisa.

Os Novos Tempos



1980 - 1995

As transformações, grandes e complexas, que a Faculdade de Medicina sofreu, por força dos acontecimentos já amplamente pormenorizados e analisados, declinaram de intensidade quando se findou o ano de 1974.

Os que viveram no centenário Instituto de Ensino Médico, ensinando, estudando e administrando, acomodaram-se às novas circunstâncias e passaram a realizar os seus misteres como melhor lhes convinha. Alguns guardando, ainda, a mesma disposição em bem fazer as suas obrigações; outros cumprindo, apenas, o que lhes era indicado fazer.

A credibilidade da reforma se esvaía. Este clima se estendia em todo o país, embora alguns prosélitos se mantivessem fiéis à reforma. Na Bahia, o movimento reformista perdeu, em grande parte, a sua identidade, no momento mesmo em que era mais necessária a ação de uma liderança firme e determinada. É que deixou de contar, como já se referiu, com os seus principais mentores, que a implantaram e se empenharam nos primeiros tempos. E, assim, desorientada e sem rumos claros, aos poucos estiolou-se e caiu em uma rotina desmotivada e sem esperanças maiores.

Talvez agora valha a pena inquirir se a reforma foi boa ou não, se verdadeiramente contribuiu ou não para o ensino, particularmente ao que mais interessa, o ensino médico, ou se, apenas, conteve a evolução de uma quadra favorável da Faculdade de Medicina, das mais elevadas na sua história, a que marcou os anos 1950 e a primeira metade da década de 1960.



É certo, também, que entre as medidas assumidas pela reforma, uma das que mais atingiu a Faculdade foi o desfalque que ela sofreu de lideranças inconformadas, que se afastaram porque não aceitaram os princípios da reforma; porque foram deliberadamente marginalizadas; porque precipitaram pedidos de aposentadoria; ou, ainda, porque perderam a esperança de, em tempo hábil em relação às respectivas vidas, a Instituição alcançar o justo equilíbrio; ou finalmente porque buscaram outros espaços de trabalho, alhures, que lhes proporcionassem melhores oportunidades. Assim, uma ou duas gerações sofreram e foram sacrificadas. Eis aí o maior prejuízo.

Teria sido a reforma motivada, tão somente, pelas necessidades do ensino que se fazia até então? Sem dúvida, que ele, o ensino, deveria evoluir paralelamente com os grandes avanços da medicina, os quais, por sua vez, participavam também de progressos idênticos, registrados em todos os outros campos da tecnologia, o que caracterizou, nitidamente, a época que se está refletindo. Assim como cumpria-lhe acompanhar as profundas transformações impostas ao organismo social observadas então, ao qual se vinculou o trabalho do médico.

Nisso se inclui a formação do professor; a adequação dos ambientes de ensino (anfiteatros, salas de aula, enfermarias, ambulatórios, laboratórios, bibliotecas, etc); as características dos discentes; e, mais além ainda, o ensino secundário, de onde provinha o alunado que chegava à Faculdade; e até a formação inicial nos cursos primários.

Fácil de perceber a complexidade da tarefa e, em verdade, a proposta reformista não poderia atendê-la, o que aconteceu. Conjectura-se se a reforma não nasceu de uma imposição política do regime militar que controlava a nação. No caso, as transformações acontecidas, desfazendo agrupamentos de professores e estudantes, foram realizadas como um meio de desarticular possíveis resistências à ordem social, que o governo procurava impor. Em páginas anteriores o assunto foi, em parte, discutido.

Possivelmente, com ou sem intenção, embora o autor desta memória se incline para a primeira proposição, a reforma há de ter atendido aos princípios da política oficial praticada na época, sem que se queira afirmar que esta tenha sido a única ou a maior intenção daqueles que a idealizaram.

Como teriam influído as disputas locais, os confrontos de grupos,



estabelecidos ao longo dos anos, que se postavam a favor ou contra a figura de Edgard Santos?

Não que se pense que tais posturas tenham influenciado a essência das disposições da reforma, ou mesmo sequer modificado, de alguma maneira, o seu rumo; ainda porque o plano em que ela se criou e se desenvolveu estava bem acima das possibilidades dos meios locais de influência.

Enfim, sem insistir mais em minudências, é bom lembrar o eterno inconformismo da humanidade com a monotonia das coisas que se repetem, o que a obriga a procurar, avidamente, a esperança que as coisas novas sempre trazem.

Há de existir sempre, no caminho dos inquietos e dos inconformados, desafios que os subordinam à vontade de conhecer e conquistar o que presumem estar adiante. Tal era o horizonte daqueles anos na Faculdade. Certamente o esforço reformista teve muito a ver com o que acontecia no mundo.

Novos tempos.

A humanidade defrontava-se no limiar dos anos 80 com uma realidade que nunca havia experimentado e talvez nem sequer sonhava, um pesadelo, a ameaça real de extinção. Não só do homem como unidade e como espécie, mas de toda a vida no planeta.

A “guerra fria”, travada entre os dois blocos em que se dividia o mundo, seguia o seu curso, cada vez mais rápido, açulada por paixões, ambições e antagonismos das massas incitadas pelas técnicas mais aprimoradas da propaganda dirigida.

Estimulava-se, compelido pela fome crescente de energia, criar uma nova fonte, diversa daquelas tradicionais, como a energia hidráulica e a energia térmica, que pudesse sustentar os avanços da técnica, o progresso material e a ânsia do conforto, prioridade absoluta no mundo dos abastados.

Surgia a era do átomo, que estreara nos espetáculos dantescos de Nagasaki e Hiroshima, após os quais a vida passou a depender da vontade política, das paixões e das circunstâncias, diante das quais o homem se obrigava, embora sem recursos, a enfrentá-las. Nesse confronto crucial jogava a sua própria existência.



A energia atômica usada, principalmente, na fabricação de armas nucleares e reatores atômicos, passou a ser o indicador mais importante do equilíbrio social e ecológico. Acenou, para os homens, o atendimento dos seus sonhos de poder e domínio, de crescimento e expansão, conquanto desprezando os riscos e os prejuízos que, certamente, os seus gestos, criariam. A dependência do átomo tornava-se, porém, para os que refletiam o problema, em uma permanente razão de angústia e de medo. Em contrapartida, falava-se da face amena e boa do que significava o átomo como benefício para a humanidade. Falava-se do átomo para a paz.

A superpopulação e a economia industrial perdiam-se no desamparo do seu crescimento desordenado. Ambas resultantes da avaliação incompleta e míope dos homens face ao seu destino, acentuavam as incertezas daqueles anos. Delineava-se uma situação que evoluía inexoravelmente. Mais tarde, já nos tempos de hoje, se concretizou em uma palavra, que está na cogitação de todo o mundo moderno: a globalização.

Não existem problemas setorizados; de uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, de intensidade maior ou menor (a depender da capacidade de cada um), todos terão que sentir e participar dos movimentos que acontecem em qualquer recanto do mundo. É bom, porém, que não se generalizem demais esses conceitos. Acredita-se que haja neles um certo exagero; é cedo para se perceber, definitivamente, a sua solidez e continuidade. Imagine-se num mundo pacificado e bom, em que os corações dos homens se purificaram, um mundo sem fronteiras, sem direitos exclusivos, cantados tão bem nos versos utópicos de John Lennon.

A crise do mundo moderno

Fala-se em crises ameaçadoras. Se existe uma crise, a crise é de todos, que se configura diferente, apenas, na aparência, pois, na sua essência, é a mesma para todos os homens. Se existe uma crise, ela é, antes de tudo, imensamente ampla e as suas origens se perdem nas sombras dos séculos que passaram, onde acontecimentos semelhantes e pouco frequentes, em

sua magnitude e significado, marcaram, outrora, ciclos, fases de transição de suma importância na história da humanidade.

Os exemplos são fáceis de serem apontados: o surgimento do cristianismo, a queda do Império Romano, o Renascimento, a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, a época das grandes navegações do século XV e XVI, a Era Industrial, a Idade Contemporânea, entre outros.

O que diferencia, contudo, todos esses acontecimentos do passado dos que se desenrolam na atualidade é a rapidez com que as ideias se materializam, mercê das bases científicas seguras; é a audácia de atingir espaços julgados além das possibilidades das criaturas, os espaços siderais e os espaços filosóficos cogitados nos novos tempos.

As civilizações criadas pelos homens e dentro das quais viveram, formaram organismos dinâmicos, com as suas fases de ideal, de fastígio e de queda. Contudo, verdadeiramente, nunca se extinguíram completamente, pois ultrapassaram, através das consequências que geraram, os registros históricos. Ficaram as marcas, os frutos da experiência de gerações, acumuladas na própria consciência da sociedade.

Quem sabe a fase em que o modelo atual se coloca?

Conjectura-se que, existindo uma crise, ela não é tão somente de indivíduos, de governos, de instituições ou muito menos de um momento. É uma crise de amplas dimensões, que se apóia em sólidas colunas intelectuais, morais e espirituais. Poder-se-á refletir que este dilema sempre existiu, inerente que é à própria condição biológica da espécie humana. Porém, agora, o que cumpre alertar é que os fenômenos apontados são bem mais profundos e extensos. Tais fenômenos que constituem a vida, sejam quais tenham sido as suas origens e naturezas – biológicas, sociais, psicológicas ou ambientais – se interligam e se interdependem.

Esboça-se um quadro em que se pressentem alguns sinais de desintegração social, que podem apontar para um possível e inquietante colapso da civilização, cujas linhas impregnaram as gerações que passaram e que ainda agora subsistem, embora, momentaneamente, relutantes e combatidas.

Sente-se a decadência urbana; os repetidos e incontidos desastres ecológicos; a explosão demográfica; o recrudescimento dos crimes violentos, dos sequestros, do terrorismo; dos suicídios de cidadãos que vivem em civiliza-





ções onde são atendidas as suas necessidades e o seu conforto da maneira mais completa e, o que é inusitado, a estranha ascensão da curva de suicídios de jovens e de médicos; as distorções brutais do comportamento sexual; o uso indiscriminado de drogas; o desrespeito à vida dos homens e de todos os outros seres; o aparecimento de seitas e propostas religiosas, numerosas e estranhas, sem princípios lógicos, na esteira das quais seguem, não só os menos cultos, mas também os que convivem em ambientes mais aquinhoados de informações e exemplos de cultura; os desajustes econômicos, que os melhores e mais experimentados técnicos não conseguem, verdadeiramente, controlar; a polarização de riquezas, de homens e de regiões em que são considerados unicamente os interesses imediatos, concentrados no lucro, o lucro que não os torna mais felizes ou não lhes dá paz, ainda porque não encontram tempo ou razão para observar o que está do outro lado, o lado mais amplo, o lado mais extenso, o lado dos despossuídos.

Entrementes, buscou-se uma faixa de equilíbrio. Ambos os lados, capitalistas e comunistas, reconheceram o perigo e se convenceram da impossibilidade de extinguir o seu contedor, mantendo-se, contudo, ilesos. Considera o autor que, se isso tivesse sido possível, o outro lado não seria poupado, tal a força da paixão e da ânsia pelo poder, que dominavam a consciência de alguns homens poderosos.

Imaginou-se a política da coexistência pacífica, em que os poderosos comprometiam-se em “impedir a guerra e a criar condições para distensão no mundo, bem como consolidar a segurança geral e a coexistência internacional”.

Aos poucos “a guerra fria” se dissipava.

O mundo, porém, não se transformou em um paraíso pacífico; continuaram a explodir conflitos gerados por múltiplas razões – nacionalistas, econômicas, sociais e políticas. Apareceram as práticas terroristas: organizações forjadas em todos os continentes; e os regimes ditatoriais que impunham a violência como meio de convencer e de lutar (por exemplo, o terrorismo basco na Espanha, os protestos violentos do catolicismo na Irlanda do Norte e outros).

Não mais motivaram a sociedade os temas revolucionários e de vanguarda. Desenvolveu-se, curiosamente, o culto ao “eu”, na conceituação



de Tom Wolf, o culto inconsciente do indivíduo à sua imagem física, a prática da educação física, “o cooperismo”, as academias de ginástica; o mal gosto de uma música que empolgava a massa, o “heavy metal”; “os punks”, representantes do absurdo, propugnando atos de revolta, e que tinham, como um dos seus lemas, a ideia de voltar os jovens contra suas próprias origens, os pais.

Eclode a primeira crise do petróleo. As nações viviam na dependência de uma fonte de energia, a principal, que era o petróleo; e esta estava, preponderantemente, sob as terras que pertenciam aos árabes, os quais, até então, não participavam da elite dos países dominantes.

A continuação desta crise repercutiu em todos os horizontes e motivou grandes transformações. A década de 1980, em grande parte, teve o seu caminho conturbado pelos desajustes da economia mundial ou pelas novas estratégias do capitalismo internacional, que repercutiram de forma intensa nos chamados países emergentes, do terceiro mundo ou periféricos. Esta hierarquia de interesses sempre foi uma constante.

Os mais fortes, os que retêm os bens e as riquezas, e, por via de consequência, o conhecimento e a técnica, dominam. Nunca foram numerosos, mas, sempre, suficientemente poderosos, para obter o que querem, em favor do seu conforto e da sua segurança. Usam a força das armas quando convém. Mas nem sempre isto é necessário, porque manobras políticas e outras bastam. Controlam os da periferia, utilizados como massa de manobra, mão de obra convenientemente fácil de usar, por serem menos onerosas.

Povos dotados de limitada cultura, que utilizam técnicas de segunda mão, as quais não dominam; mas, em contrapartida, se constituem em expressivo mercado consumidor. Subjugam-se, de resto, a uma lei secular: o domínio da inteligência e da cultura sobre a força bruta dos músculos, que recebe sempre ordens e que pouco pensa.

A queda do mundo comunista na Europa desmotivou o esforço armamentista, e então, o capital ficou livre para alcançar outros espaços. Perdeu, o mundo capitalista, a percepção de fronteiras dos países onde se originaram. Todos os povos se transmudaram em mercados consumistas a conquistar.



A empresa é o produto último, mas não o definitivo nesta sequência. A grande empresa é uma serva das ambições que animam os homens, legítimas ou não, subordinadas ou não aos princípios éticos. De homens bem dotados em inteligência e cultura, amparados pela ciência, de onde obtêm, na prática, os meios que utilizam e que os promovem. A empresa não se obriga a reconhecer nacionalidades. É um modelo de organização especial. Vive presa a um princípio, dominante e único, que está, quase sempre, acima de outras razões: o lucro.

A medicina e seus atuais caminhos

No que diz respeito à medicina, as transformações se multiplicaram. Os conhecimentos se renovaram, ampliados, a intervalos curtos.

Os novos modelos médicos de assistência às populações acenavam oportunidades para todos. Os métodos de diagnóstico – a bioimagem, a medicina molecular, a genética, a informática e tantos outros – nos primeiros instantes, esmagavam o ritual do exame clínico bem feito, desvalorizando-o. Era o confronto da técnica pura contra o pensamento, a máquina contra os sentidos, a observação e a inteligência do homem.

Consolidava-se a época do hospitalismo; emergia a tendência de que quase todos os atos médicos deveriam ser praticados, em princípio, em hospitais. Qualquer sinal ou sintoma mereciam a investigação armada, mais minuciosa e complexa, deixando em plano secundário a paciente busca, através da qual o próprio médico pode e deve realizar com seus sentidos, com a experiência que acumulou e com a perspicácia com que são dotados os verdadeiros profissionais da arte médica, o diagnóstico e a orientação terapêutica.

A terapêutica se transformou em práticas admiráveis pela audácia e competência, apoiadas em conquistas surpreendentes. Novas técnicas cirúrgicas, os antibióticos, as linfocinas, os quimioterápicos, os conhecimentos das nuances da fisiologia, da respiração e da circulação, e outros avanços de igual significado – abriram imensas esperanças para os pacientes que, no passado, eram irrecuperáveis. Entretanto, os custos dessa medicina se



elevaram de tal forma que nem as sociedades economicamente mais fortes podiam suportá-los.

O Brasil participava desse contexto. Alguns episódios marcaram os anos 1970 e 1980, principalmente a partir de 1974. Em princípio, a violência gerada pelo choque dos movimentos oriundos da esquerda, e a repressão correspondente, se amainaram. Sistemáticamente, os focos da guerrilha urbana, da guerrilha rural, da guerrilha “abafada”, da guerrilha do Araguaia ou outras que se apresentavam sob a égide de numerosas siglas, foram liquidadas.

Uma resultante, porém, permaneceu. A sociedade brasileira aprendeu a conviver com a violência. Persistiram as mágoas e o sentimento de revanche, de parte a parte, que nunca se apagaram da lembrança dos que sofreram e dos que foram vencidos.

Depois, viveu a sociedade a euforia “do milagre brasileiro”, do “ninguém segura este país” e do “prá frente Brasil”. O crescimento da economia alcançava patamares expressivos e criava falsas expectativas. Poucos, porém, se lembravam de que a conta, a conta dos empréstimos teria que ser paga, e então... Era a época dos projetos grandiosos, idealizados, tantas vezes, sem o devido critério e equilíbrio, estimulados pelo interesse das grandes organizações que os empresariavam. Iniciavam-se os longos anos de corrupção, do lobismo inconsciente, da incompetência dos administradores e políticos.

Aos descaminhos que caracterizaram o último governo militar, seguiram os tempos em que o Brasil, atendidos os reclamos da população de colocar o poder nas mãos de civis eleitos, para o desengano geral, ficou ao sabor de governantes despreparados, e mais que isto, orientados por interesses menores. Não havia, como ainda hoje não há, verdadeiramente, uma massa crítica confiável de homens que possam reter, devidamente, o poder.

Inquietavam: a elevação do preço do petróleo; a dívida externa que se colocava, progressivamente, sempre além da possibilidade do país em atendê-la, – os milhões de dólares se escoando em um desperdício chocante, sobretudo quando se observava a realidade triste da pobreza, companhia de boa parte do povo.



Tal, em rápidas linhas, o Brasil dos anos 1980, “a década perdida”, como ficou conhecida. Tudo e todos sofriam e desacreditavam. Faltava o básico nos serviços públicos, mas as obras que davam vida às grandes empreiteiras continuavam a ser executadas e, muitas vezes, nelas se escoavam as verbas que deveriam assistir, prioritariamente, à saúde e à educação de um povo delas tão necessitado. Por essa época, o movimento de abertura política, que se esboçara desde a segunda metade da década de 1970, se tornava, progressivamente, mais ativo.

Falava-se e exigia-se em praça pública e nas assembléias, com o apoio maciço da população, do direito à liberdade plena, da cidadania, do respeito à condição humana, de um legislativo probo, de um poder judiciário independente e equânime e da seleção de administradores qualificados e honestos.

Um belo sonho, dir-se-á; utópico, poder-se-á dizer também. É que não existe, verdadeiramente, na alma dos homens, a retidão absoluta, que os coloque, sempre, acima das suas inclinações impuras. O que não significa, porém, que não se possa sonhar e, mais ainda, que não se busque, obsessivamente, materializar o que o inconsciente construiu no país nebuloso dos sonhos, vislumbrando o bom e o sadio. Esses sonhos estão ainda longe de se tornarem realidade, conquanto é justo reconhecer que reais avanços tenham sido observados. Assim, pois, a visão de hoje não é absolutamente pessimista, sobretudo quando é lembrado o ontem.

Viveu-se a época em que cada passo na gerência da causa pública, tinha, quase sempre, um componente, a corrupção, perceptível em todas as camadas da esfera administrativa, das mais simples às mais elevadas. De tal forma que o hábito e a naturalidade com que era praticada induziu o próprio povo, que passou a aceitá-la, quase que sem restrições maiores, no seu cotidiano.

O caos inflacionário de uma economia alucinada fazia da vida dos brasileiros um enigma para os que, de longe, consideravam o que se passava por aqui. Não havia segurança em qualquer planejamento. Ninguém sabia o que ganhava e o que gastava. Alguns enriqueciam: os que possuíam o dinheiro; os outros, os assalariados e despossuídos, empobreciam



rudemente. Polarizava-se a riqueza. Cumpria-se, assim, um milagre, mas o inverso do “milagre brasileiro” que tanto se propalava.

Na década de 1950, a Bahia atingiu o ponto mais avançado de uma decadência econômica, que se iniciara em meados do século passado com a agropecuária, o seu principal suporte, em crise lenta e duradora. É certo, porém, que a florescente cultura do cacau, incrementada no início deste século, aparecia como a mais forte fonte de arrecadação do Estado. Nas épocas magras, esperava-se, acompanhando-se as incertezas meteorológicas e o jogo dos preços no mercado internacional, a safra salvadora. E era só.

Entretanto, prenunciavam-se boas novas, que apontavam para a reabilitação, com a criação da CHESF e da Petrobras, as quais propiciaram, nos anos 1960 e 1970, a implantação do Centro Industrial de Aratu e do COPEC, a que se seguiu o Pólo Petroquímico de Camaçari.

Abria-se um novo ciclo na economia e na vida dos baianos. A cidade do Salvador, paradoxalmente, não se beneficiou significativamente, como, à primeira vista, deveria acontecer, das conquistas que se efetivaram. Em parte não é difícil encontrar as explicações. Considere-se que as atividades industriais implantadas fora dos limites da cidade beneficiaram os municípios onde elas foram fixadas. De tal forma que Salvador passou a servir como base de apoio das atividades que se faziam além dos seus domínios, sem se beneficiar, em verdade, economicamente.

Registre-se o significado do aumento inusitado da população, em uma cidade que não tinha condições de suportá-lo. E aumento condicionado a uma massa sem maiores qualificações, obrigada a responder, quando se candidatavam aos empregos gerados pelas indústrias recém-criadas, como requisito inicial, às perguntas que, invariavelmente, eram feitas: o que é que sabe e o que é que faz? O que aprendeu e onde aprendeu? As esperanças de ascensão na vida esbarravam nestas premissas e as massas surpreendidas e despreparadas não reuniam condições para competir com os que vinham de fora, melhor informados, mais dispostos e organizados, os quais, no final, ocupavam os melhores espaços. Assim, não aconteceu, como se esperava nos primeiros momentos, integralmente, a melhoria do padrão das condições de vida.



Salvador desfigurou-se. É difícil encontrar, hoje, a metrópole de outros tempos. É certo que ocorreram muitos progressos, como as avenidas de vale. Mas, a sua natureza, bela e agradável, continua a mesma. A própria índole do povo já não é mais a de outrora. Descuidou-se na apresentação e nos hábitos. Desinteressado na preservação do seu patrimônio histórico e que já o caracterizava nos muitos anos que precederam a época que se está analisando.

É difícil encontrar hoje a cidade de Salvador de outros tempos. O velho centro da cidade, o centro histórico, que tinha no Terreiro de Jesus e adjacências, talvez, a concentração histórica patrimonial mais significativa, degradou-se e atingiu limites de ruínas.

E nesse contexto estava, também, a sede da Faculdade. O trabalho de recomposição do Centro Histórico, um esforço bem sucedido e merecedor de todos os aplausos, não beneficiou a centenária Faculdade, que continua a exibir as suas feridas nos escombros em que foi transformada.

Contudo, os trabalhos de recuperação realizados nos últimos anos pelo governo do Estado da Bahia tiveram um grande valor na revitalização do Centro Histórico e na conservação patrimonial do mesmo, os quais vieram a tempo de apagar uma mancha imperdoável no retrato de descaso da cidade.

A Universidade Federal da Bahia e a Faculdade de Medicina

A Universidade Federal da Bahia teve os seus dias de glória, os primeiros anos, os que se seguiram à sua fundação. Prometia bons augúrios, não totalmente confirmados ao longo do seu caminho. Foi envolvida, porém, pelo que se passou no mundo e pelas dificuldades que caracterizaram a sociedade brasileira da época.

Espera-se, pacientemente, que perpassasse ligeiro esse quadro a que se está assistindo. Outros iguais foram registrados na história e passaram. É que, afinal, o barro que plasma os homens, que lhes confere virtudes e pecados, é o mesmo e não mudou.

À exceção de uns poucos exemplos, nem sempre se tem hoje, no Brasil, verdadeiramente, universidades, que mereçam, integralmente, tal



denominação. Falta-lhes muito para sê-lo. Falta-lhes atender às regras básicas, que abrem a visão dos seus compromissos com a sociedade, a que devem servir com pensamentos e sabedoria. Falta-lhes estrutura econômica e, muitas vezes, administrativa; falta-lhes a liberdade interior, que lhe permita escolher o seu caminho, independente e acima dos interesses pequenos dos desinformados.

O sistema universitário do país, hoje, se encontra no limiar de profunda e necessária reforma. O modelo atual está ultrapassado e vencido. É mister que se proponha um outro, que esteja a salvo das dificuldades que atualmente o inferiorizam, acima das ambições menores e de visão adequada aos anseios e às esperanças que a sociedade nela deposita, capaz de não se atrasar no caminho aberto pelos grandes avanços na formação de elites intelectuais competentes.

A Universidade Federal da Bahia foi uma das tantas instituições universitárias atingidas por todos esses dissabores. Apesar da dedicação dos reitores que conduziram os seus passos, a Universidade Federal da Bahia entrou em declínio por volta da segunda metade dos anos 1960.

Esse quadro se acentuou na década de 1980, “os anos perdidos” na economia e em todo o organismo brasileiro. O regime militar, considerado como a causa dos males que então se registraram, não pode ser responsabilizado como fator único e maior. Quando aconteceu a nova fase, com a abertura política, o desgaste da Universidade Federal da Bahia não se deteve, ao contrário, se acentuou. Faltavam as verbas, justificava-se. Mas sentia-se que isso não explicava tudo.

Na Universidade Federal da Bahia se concentraram anseios dos mais variados coloridos. Às vezes, ambições secundárias e pessoais, deslocavam para outros planos os interesses universitários prioritários. Faltaram nesta década oportunidades para que se firmassem lideranças claras e firmes, capazes de obter dos órgãos superiores da administração federal, os recursos necessários para manter estáveis as suas unidades, à semelhança do que aconteceu com algumas universidades brasileiras.

Lideranças que pudessem oferecer condições que apoiassem ao professor e aos seus programas de ensino e de pesquisa. Particularmente, daqueles professores dotados de apreciáveis qualidades, a exemplo dos que a



Universidade Federal da Bahia contou em todos os tempos, distribuídos em todas as suas unidades e que produziram o bastante para manter o respeito à instituição, muito embora, sem contar com os meios suficientes para realizar o bom trabalho de que eram capazes.

Por esta época o corporativismo se definiu como uma força importante na Universidade. Organizaram-se associações de professores e funcionários, que, em princípio, defendiam justas causas. Contudo, essas organizações se comprometeram com movimentos sindicalistas e políticos ideológicos, de horizontes mais amplos e que se postavam além dos reais interesses e objetivos de uma verdadeira instituição de ensino. Confundiram valores, cujo sentido não podem ser colocados em risco. Os interesses particulares de pessoas ou de classes, embora merecedores da atenção e do respeito, não devem sobrepujar outras razões, prioritárias, que dizem respeito à comunidade.

Não se pretende, contudo, desfigurar o papel de entidades que representam classes que devem merecer o acatamento da comunidade, como são as que reúnem os professores e os funcionários da Universidade Federal da Bahia.

A hierarquia funcional se diluiu.

O entrave na administração universitária retardava as providências necessárias. Não havia, verdadeiramente, um “campus universitário”. Os existentes, no Canela e na Federação, sem o recato que merecem essas áreas universitárias, centralizados, misturavam-se com o borborinho do tráfego e de ruas e avenidas movimentadas.

E, assim, a Universidade caminhou, como lhe foi possível, penosamente. Cambaleando, confusa, indefinida, atropelando ideias, empobrecida, a Faculdade de Medicina alcançou a década de 1980. Repercutiram sobre ela os ventos e as ondas do tempo, que tumultuaram a ordem social nas duas décadas anteriores. Na voragem criada pelo remoinho de tantas buscas, sucessos e desencantos, a Faculdade de Medicina percebeu que se distanciavam, nas sombras, as linhas tão conhecidas do seu retrato centenário. Sentia que perdia, aos poucos, a sua autoestima, tantas vezes ferida pelos acontecidos. Desprestigiava-se. Perdia terreno no plano nacional, indistinta, confundida

com outras faculdades de medicina do país, recém-criadas e sem história, mas que, às vezes, suplantavam-na em alguns aspectos.

No âmbito local, não era mais acolhida como outrora. Na Universidade, situava-se, quase anônima, ao lado de outras unidades, algumas ainda mal ensaiando os primeiros passos. Estranhamente, levantaram-se em torno dela a Escola Médica do Terreiro de Jesus, malquerenças; talvez porque era na Faculdade de Medicina, para uns poucos, é preciso que se diga, que se concentrava um passado de tradição, que deveria, para eles, ser minimizado. Perdeu a Faculdade a sua identidade estrutural e física, e isto significou profundas repercussões. A divisão que sofreu, com a retirada das cadeiras básicas do seu âmbito, certamente, não a favoreceu. A transferência da sede da Escola para o prédio no vale do Canela, tantas vezes referida neste texto, abalou sobremodo o seu prestígio. As edificações no Terreiro de Jesus passaram a ser referidas como a “Velha ou Antiga Faculdade de Medicina”, o que sempre feriu os seus brios.

Paulatinamente, apareceram organizações interessadas em ocupar os espaços abandonados. Assim, várias instituições lá se instalaram. A Biblioteca Frederico Edelweiss, o Museu Afro-Brasileiro, o Núcleo do Sertão, o Museu de Arqueologia e Etnologia – merecem a gratidão dos que se empenharam em preservar o conjunto do Terreiro de Jesus. Ao menos, evitaram que se arruinassem, como aconteceu nas áreas não ocupadas, os espaços que utilizaram.

O Terreiro de Jesus abrigou a Escola de Dança. Isto significou a destruição do Anfiteatro Itapoan, para que se construísse um tablado, onde as aulas de dança deveriam ser ministradas. A troca não favoreceu à Escola Médica. Depois de muitos anos, encontraram um outro local mais justo para que a Escola de Dança pudesse exercer as suas atividades. Entretanto, cabe registrar, para que se sinta o quanto a Faculdade de Medicina foi relegada, algumas propostas da utilização de sua sede.

Cogitou-se que ela poderia ser um monumental “restaurante” que servisse pratos da cozinha africana. Também que ela se transformasse em um centro de artesanato. Ou, ainda, que ela abrigasse blocos afros de carnaval.

O Memorial da Medicina foi um acontecimento decisivo e salvador. Foi concebido pelo Reitor Luiz Fernando de Macêdo Costa. Contou com o





apoio de Antônio Carlos Magalhães, quando do seu primeiro mandato como governador do Estado da Bahia; e com a contribuição de alguns empresários. O “Memorial da Medicina” no Terreiro de Jesus, significou um momento fundamental para a preservação dos edifícios da sua sede e do início da recuperação e do respeito às suas tradições.

As novas gerações de docentes e discentes se distanciavam e se desinteressavam da Faculdade, que vivia ainda, bem nítida, na consciência dos mais velhos. Falava-se como um anátema, a palavra “conservador”. Confundia-se. O conservador que não quer mudanças de nenhuma forma, que não aceita o progresso, embolorado e sonolento. É o conservador, que aceita o novo, sem se empolgar em demasia, porque sabe que nada é definitivo na vida, mas que preserva, no que ela é útil e boa, a experiência do passado, a ponderação e o equilíbrio, cuja validade há de sempre ser importante.

A obsessão de mudar domina o pensamento e a vontade, tantas vezes, de pessoas, que se admite, bem intencionadas, mas que não conhecem a realidade da prática da profissão, exercida além dos calmos ambientes acadêmicos – não é um terreno firme para se caminhar quando se conta, tão somente, com as palavras. Mudar, quando o correto teria sido, no caso da Faculdade de Medicina, ao menos, aperfeiçoar o que se fazia nos seus melhores momentos, nos anos 1950 e parte de 1960. Reproduzir modelos alienígenas sem considerar as características do meio onde se pretende ensinar, não é uma norma aconselhável.

No período que se está analisando, a Faculdade se deparou com uma situação que lhe cumpria, como sempre fez, embora em plano diferente, atender: transformar em médicos os jovens ávidos que chegavam todos os anos às suas portas. E não foram poucos.

Entre 1971 e 1995, ingressaram na Faculdade de Medicina 4.269 estudantes, o que significa uma média de 177 alunos por ano. Deles se diplomaram 2.994, o que equivale a 70%.

O aumento foi progressivo ao longo dos tempos. No início, o número de alunos oscilava em torno de 60. Na fase de euforia e de facilidades impensadas, quando foram criadas sem critérios válidos, numerosas faculdades de medicina, essa cifra ascendeu para 100, 120 e 160, que é o atual. Considere-se que, através



de outros expedientes, “transferências internas, transferências ex-offício, portadores de diploma, etc.”, esses números se elevaram significativamente.

A pergunta que naturalmente ocorre a quem reflete estes registros é: progrediram os meios para permitir o aumento do alunado, como se fez na Faculdade de Medicina? Acontece que não. Ao contrário, pioraram as condições.

A julgar através das informações criteriosamente prestadas pelo atual chefe do Departamento de Medicina “a situação atual da Faculdade de Medicina é comprometedoras: número reduzido de docentes, muitos desestimulados e com um elevado número de aposentadorias precoces, Hospital Universitário que não atende aos requisitos do atual ensino médico, com espaços, recursos materiais e recursos didáticos insuficientes para o ensino”.

A situação nos outros departamentos não foge ao que acontece no Departamento de Medicina. Neste, levando-se em conta as disciplinas obrigatórias e optativas, o quadro é o seguinte:

- a cada semestre recebe o departamento 520 estudantes, dos quais 420 estão comprometidos com disciplinas obrigatórias e 100 com as optativas;
- os estudantes são distribuídos em 66 turmas, o que requer 88 professores;
- a carga horária semanal é de 2.520 horas;
- o departamento conta com 66 professores, dos quais 57 em efetivo exercício, o que totaliza a carga horária para o currículo mínimo de graduação em 1.140 horas.

Comparem-se os números: 2.520 horas (o que deveria ser) e 1.140 (o que é). Reconhecida a incapacidade do Hospital de Ensino de acolher o alunado, recorreu-se a outros hospitais da rede oficial e particular da cidade. Um exemplo de sucesso é o apoio, sabidamente de bom nível, que o Hospital São Rafael vem dando à Faculdade; em muitos aspectos, em plano mais alto que o daquele que se consegue no hospital de ensino. Em outros hospitais, apesar da boa vontade encontrada em alguns deles, as condições para o ensino não são favoráveis; dificuldades insuperáveis obrigam remanejamentos, alguns até de última hora.

Para se praticar o ensino fora do hospital-escola, quase sempre é necessário vencer algumas dificuldades. Em primeiro lugar, o hospital público ou privado para onde os estudantes são orientados, se destinam, antes



de tudo, a assistir, tão somente, pacientes. Ensinar é uma condição fora dos seus propósitos. Muda sua rotina; nem sempre os pacientes aceitam colaborar, o que é perfeitamente compreensível. Quanto aos médicos que compõem o corpo clínico do hospital e que estão compartilhando com o esforço didático da Faculdade, a não ser alguns que têm inclinação natural para o magistério, a maioria das vezes, não se sentem à vontade e até mesmo recusam as novas tarefas, que, de resto, não os remuneram. Deslocar um professor assistente para um hospital não universitário, significa deixá-lo isolado, afastado dos programas conjuntos que toda unidade docente deve ter. E, por fim, os hospitais que estão sendo mencionados, quase nunca têm a estrutura administrativa, física e de pessoal que atenda às necessidades didáticas desejadas. Assim, somente em condições especiais, em hospitais bem dotados e que no seu planejamento se disponham a formar pessoal e ensinar, é que tais programas podem florescer.

Muitas vezes iniciam-se os cursos, os estudantes se deslocam e, ao cabo de algum tempo, verifica-se a impossibilidade de cumprir o que foi planejado. Foi o que aconteceu com este tipo de iniciativa, assumida pelo departamento de medicina, em vários hospitais de Salvador.

Não se pretende, porém, invalidar qualquer esforço de aproveitar a rede hospitalar da cidade para ensinar. O que se quer é esclarecer que esta atitude não é simples e exige para o seu sucesso situações especiais.

Um exemplo, entre outros, são os programas de colaboração com o Hospital São Rafael, que têm alcançado pleno êxito. Entenda-se, porém: o Hospital São Rafael tem projetos acadêmicos em seu programa de trabalho e é um hospital bem estruturado e bem equipado.

“O pé é sempre maior do que o sapato”, dito de outra forma: a Faculdade de Medicina não tem condições de receber, atualmente, o número de estudantes que lhe é destinado a cada ano. É preciso afirmar, claramente, esta verdade. Não se deve expor a Faculdade ao risco de formar profissionais de qualidade duvidosa, um prejuízo do conceito que se fizer, no futuro, sobre a própria instituição, e os riscos consequentes a que a comunidade será submetida.

O núcleo de docentes sofria, também, progressivo desgaste. Não havia número suficiente de professores para atender as tarefas didáticas e assis-



tenciais. Desestimulados. A condição de professor de medicina passou a não significar projeção maior e a própria sociedade assumia tranquilamente essa postura. Os concursos não se realizavam, tolhendo a vocação para o magistério de alguns. E, ainda, os que, apesar de tudo, se empenhavam, comparavam as suas situações com as dos que não demonstravam gosto pelas tarefas de ensino. Verificavam eles que os interessados e capazes, e os não interessados e indiferentes, estavam no mesmo plano de benefícios. O hospital de ensino, desestruturado e mal equipado, não lhes abria maiores perspectivas. As unidades docentes assistenciais – no passado congregadas em disciplinas ou cátedras, com seus espaços próprios de atuação didática e assistencial, nos ambulatórios e enfermarias; e uma coordenação atuante e considerada – desfaziam-se e era difícil perceber um plano de trabalho organizado. Contudo, emergiam, de um certo modo surpreendentemente, novas gerações, que, apesar de tudo, insistiam na carreira do magistério médico. E gente de bom padrão.

No particular, muito contribuiu o Curso de Mestrado e Doutorado em Medicina Interna da Faculdade de Medicina, que manteve, vencendo fases difíceis, as oportunidades para aqueles que procuravam ser professores de medicina.

No início dos anos 1980, foram abertas inscrições para os concursos de professor titular nas disciplinas de Obstetrícia, Clínica Cirúrgica, Técnica Operatória e Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias. Realizados os respectivos concursos, a Faculdade foi aquinhoadada com novos titulares - José Maria de Magalhães Netto, Geraldo de Sá Milton da Silveira, Renato Tourinho Dantas e Rodolfo dos Santos Teixeira, que contribuíram, seguramente, para manter o bom nível de um trabalho devotado, o qual despertou e manteve vivo o interesse pelo magistério entre muitos jovens, médicos e professores.

O ensino de medicina na Faculdade da Bahia estava, pois, limitado ao ciclo clínico o qual se realizava no Hospital Universitário Professor Edgard Santos, na Maternidade Clímério de Oliveira e em outros hospitais da cidade. Porém, as condições do hospital de ensino, já esboçadas em páginas anteriores, não eram boas, bem ao contrário.



A estrutura do prédio, sem manutenção adequada dos serviços básicos (elevadores, lavanderia, cozinha, parte elétrica, etc.) mal funcionava, exigia milagres dos diretores do Hospital que por lá passavam. Tudo isso se evidenciava na própria configuração externa do prédio que aparecia aos olhos do observador, sem lhe exigir maior esforço, como uma verdade lastimável.

Pobre de recursos, vivia o hospital de verbas incertas, arrancadas dos ministérios, os quais, muitas vezes, não as possuíam ou não as liberavam na medida das necessidades dos hospitais universitários, que deveriam manter. Quando esses recursos surgiam, o destino deles não se fazia equanimemente. Variava a sua distribuição, em função das regiões do país, do prestígio político ou da capacidade da administração dos hospitais em ter acesso às fontes mantenedoras.

É verdade que, em mais de uma ocasião, propuseram-se outros meios, que não os oficiais, para que se conseguissem os recursos de que necessitava o hospital, tais como convênios com organizações prestadoras de serviços médicos, da mesma forma como os demais hospitais da rede particular da cidade vinham se beneficiando. Todas essas iniciativas foram obstadas.

Razões e argumentos de ordem política e social, originados e conduzidos por vários interessados, sustentavam que tal proceder prejudicava aos menos favorecidos. Contudo, esta faixa da população, através do SUS, deveria ter os seus direitos respeitados, desde que normas estabelecidas pelo conselho do Hospital, neste sentido, fossem atentamente observadas, inclusive com a vigilância interessada da própria comunidade. E assim o Hospital Universitário Professor Edgard Santos amargou anos de penúria.

Enfermarias que se desativavam, movimento do centro cirúrgico bem reduzido, falta de medicamentos, serviço de apoio ultrapassados, irregularidades no quadro de pessoal, etc.

Apesar de bem intencionado o esforço de várias diretorias que passaram esses anos dirigindo os destinos do hospital, não se conseguiu muito, mesmo as metas mais simples. O hospital continuava a ser um órgão suplementar diretamente ligado à Reitoria, o que significava dificuldades para a administração.

De outro lado, as greves repetidas, inspiradas por interesses que nem sempre eram os do hospital, foi um outro fator negativo. Constrangia, nessas



ocasiões de greve, repetidas e prolongadas, a quem, ao chegar pela manhã ao hospital, contemplar os pacientes que afluíam em busca de atendimento e que ouviam, sem entender, desalentados, as informações de que não seriam examinados porque o hospital estava em greve.

Ocorre ao memorialista que ninguém, ainda, contabilizou, nesses períodos, os sofrimentos desnecessários, e quem sabe até, prejuízos maiores.

O Hospital Universitário Professor Edgard Santos, que outrora havia servido de modelo, mercê da qualidade e confiabilidade do seu trabalho, declinava e desacreditava-se, embora, nos seus quadros, contasse com profissionais corretos e da melhor qualificação. Desaparelhado, não tinha condições de competir com as organizações hospitalares que surgiram na década de 80 na Bahia, a exemplo do Hospital Aliança, do Hospital São Rafael e da organização estrutural e técnica de outros hospitais beneficentes tradicionais da cidade, como o Hospital Português e o Hospital Espanhol. Mesmo algumas iniciativas particulares, tecnicamente, suplantavam-no. Faltava-lhe, também a hierarquia de pensamentos, que congregasse inteligências e vocações, em grupos e escolas de conhecimentos. Somente grupos isolados, em função do valor e da liderança de alguns é que se destacavam.

Os últimos anos, nesta década de 1990, trouxeram em vários campos, no ensino, nos institutos próprios e na qualidade da medicina que se pratica na Bahia, contribuições inestimáveis. Trazem estas contribuições uma marca repetida e única: todas foram geradas por vontades e lideranças de professores e de médicos, provas evidentes e inequívocas, de que não é possível avançar sem que haja no processo, um condutor estimulado por ambições legítimas.

Não é possível igualar os valores humanos. Cada qual vive dentro de suas possibilidades e dos seus limites. Uns apontam os caminhos e seguem à testa dos que se deslocam. Estes avançam também, orientados e sentindo-se valorizados no que fazem.

No entanto, no início dos anos 1990, aconteceram lentas e progressivas melhorias no Hospital de Ensino.

Aos poucos, foram recuperados pontos importantes da estrutura física do prédio, tais como: a cozinha, a lavanderia, os elevadores, a parte elétrica



e hidráulica, etc., que beneficiaram o funcionamento de muitos serviços. O de nutrição é um deles.

Algumas enfermarias foram recuperadas e ativadas. O centro cirúrgico estruturou-se melhor, o que facultou o aumento do número de operações que se realizavam nesse hospital. Alguns serviços voltaram a elevar os seus padrões, como é o caso da Anatomia Patológica, do Laboratório e do Serviço de Imagens. É verdade que faltam a eles importantes materiais técnicos.

Várias especialidades ganharam alento. A Nefrologia, que sempre se distinguiu, continuou a ser um centro aglutinador de especialistas e da sua ação resultou a formação de vários profissionais. Criou o serviço de hemodiálise, de importância significativa. A Pediatria expandiu-se e passou a viver momentos importantes, competente e conscientemente dirigida, congregou jovens médicos, e através desse esforço, concretizou-se uma respeitável escola da especialidade na Bahia. Os endocrinologistas se movimentaram. Surgiu um centro de atendimento a diabéticos. É agradável registrar seu papel importante na formação de especialistas de bom nível. A Gastroenterologia evoluiu expressivamente, sobretudo na área de patologia hepática e endoscopia. A Imunologia, fundamentada em uma liderança firme e um laboratório bem aquinhoado, é também uma área que apresentou expressivos progressos, sobretudo em pesquisas no campo de doenças parasitárias. Apesar da dificuldade de pessoal e de material, a Hematologia voltou a ocupar importante espaço.

No início de 1993, criou-se a Unidade Docente Assistencial em Infectologia – UDAI, a qual trouxe uma nova e revigorada proposta de trabalho. Reabilitou princípios e concepções, o que possibilitou, outra vez, harmonizar a assistência ambulatorial e de enfermaria. Criou uma estrutura administrativa, uma biblioteca, laboratório especializado em retrovirus, etc.

Os serviços auxiliares do hospital melhoraram, também, embora ainda faltem condições básicas para alcançar um nível condizente com os progressos atuais da medicina. É preciso destacar a UCCV – Unidade de Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular, da Fundação Baiana de Cardiologia, concebida e estruturada por Álvaro Rabelo Alves Júnior, passando a ser um importante progresso para o hospital de ensino onde ela se implantou. Bem administrada, bem equipada, desempenha um papel significativo e de alto interesse como



centro didático, assistencial, formador de especialistas, que abriu campo de trabalho para muitos médicos e para a pesquisa clínica.

No decorrer desse período, a Maternidade Climério de Oliveira experimentou substanciais reformas. Voltou aos seus melhores tempos, embora enfrente, ainda, dificuldades. Não só no ensino da especialidade, o que representa, sem dúvida, um importante papel social, como também na pesquisa, principalmente na área de reprodução humana.

É justo destacar o CEPARH – Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana, cujas raízes foram implantadas na velha maternidade. O CEPARH é uma das mais felizes iniciativas da medicina na Bahia. É inegável a sua importância social, o valor do seu trabalho de pesquisa, que tem repercutido nos melhores centros do país e do estrangeiro. Contudo, o maior interesse é a visão do tema, que é o seu grande objetivo: a disciplina na curva do crescimento populacional, o que é fundamental para que se equilibrem as condições da vida do homem no planeta.

Há de se registrar o novo ambulatório da Faculdade, uma velha aspiração, que recebeu o nome do Prof. Magalhães Netto, o que representa um incontestável apoio ao Hospital Universitário Prof. Edgard Santos. A sua construção foi retardada, embora as verbas necessárias estivessem à disposição e os projetos prontos. Parte do que se projetou foi edificado, esperando-se uma nova oportunidade para concluir a construção. Ainda a esta altura, no ano de 1995, não começou a funcionar.

O CHR – Centro de Hidratação e Reabilitação – é um outro serviço que apoia o ensino na Faculdade de Medicina. Funciona no prédio da antiga Clínica Tisiológica. Tem o nome de um professor maior da Faculdade de Medicina - Hosannah de Oliveira. Vem prestando ao ensino da Pediatria um incontestável apoio.

A Faculdade de Medicina da Bahia, por sua vez, atravessou uma quadra cheia de dificuldades. Perdeu em grande parte, o seu prestígio; reduziu a sua congregação, ameaçada até de extinção – como foi proposto recentemente no Conselho Universitário – tem se desfalcado a cada ano pelo afastamento de professores, não substituídos devidamente.

A sua autonomia administrativa continuou limitada e contida, subordinadas as suas decisões, aos conselhos e câmaras universitárias.



As disponibilidades de verbas são pequenas, mesmo para o cotidiano da administração. Ainda assim, os diretores que por lá passaram, nesses anos, esforçaram-se dignamente e obtiveram alguns êxitos em suas iniciativas.

A sede do Terreiro de Jesus permaneceu exibindo o mesmo quadro tristonho de ruínas. Muitas promessas, oriundas de várias fontes, para reconstruir os edifícios da sede do Terreiro, foram feitas, mas nenhuma se concretizou plenamente.

O destino do prédio foi objeto de muitas análises e, por fim, a Congregação da Faculdade aprovou uma proposta cujos termos, em parte, se transcreve a seguir:

1 - Preliminar e prioritariamente, propõe-se o retorno dos órgãos administrativos da Faculdade, tais como a Diretoria, a Secretaria e os órgãos afins para o prédio do Terreiro de Jesus, assim como e no mesmo passo, propiciar que as reuniões de Colegiados (Congregação, Conselho Departamental, Colegiado de Curso e outros) se realizem na primitiva sede.

Na medida do possível, atividades especiais da graduação e pós-graduação passem, também, a ser lá ministradas.

Especial atenção deve merecer a Biblioteca da Faculdade – o seu acervo, o seu espaço e as suas instalações. Analisar as possibilidades inspiradas nos princípios que fundamentaram a formação do acervo da biblioteca no início do século, estimular a criação de um centro bibliográfico mais abrangente, o qual poderá ter, como sua linha principal, os vários aspectos relacionados à saúde do homem que vive no trópico baiano.

2 - Manter e ampliar a atual estrutura do Memorial da Medicina da Bahia, o qual, possivelmente, poderá se tornar o Memorial da Medicina do Brasil, tal como propõe o projeto de lei que vem tramitando no Congresso Nacional.

3 - Estimular para que se realizem na sede do Terreiro de Jesus atividades culturais sempre ligadas aos temas de saúde, tais como, congressos, conferências, etc.; e que atendam a uma das características da Faculdade

de Medicina, isto é, a sua vocação na busca dos conhecimentos universais. Sediar institutos representativos da medicina.

4 - Harmonizar a posição da Faculdade no contexto histórico e social da área onde ela está plantada, isto é, o Centro Histórico de Salvador, no qual viriam a se associar as iniciativas culturais que atualmente já se encontram lá sediadas (Museu Eugênio Teixeira Leal, Casa de Jorge Amado, etc.)

5 - Analisar um meio de criar uma fundação de apoio, que inicialmente se empenhasse na recuperação do prédio e na sua revitalização; no seu devido tempo, gerir e obter meios para manutenção do prédio e dar continuidade às atividades programadas e, por fim, estimular novas ideias e novos programas.

6 - Considerar a Faculdade do Terreiro como um centro de pesquisa médica, sobretudo pesquisa clínica e epidemiológica, fazendo do distrito sanitário da Sé um “campus” da Faculdade.

Muitas razões tornaram o ensino incerto e desequilibrado, como se há de ter percebido pelo que foi relatado no decorrer desta memória. Ademais, em todos esses anos, qualquer planejamento didático era obstaculizado pelas greves, frequentes e absolutamente inoportunas, que tinham sempre uma linha de ação: começavam no início do ano letivo, nos primeiros dias de cada semestre, e se prolongavam por períodos cujo término ninguém se arriscava a prever.



VIII
No Limiar do
Terceiro Milênio



Tudo passa. O desenho dos tempos que se aproximam. As dependências da Faculdade de Medicina, distantes e próximas. Voltar às origens. A liberdade interior. A valorização do professor e da carreira docente. O currículo. O estudante.
A cadeia de dependências.

Conclusão. As dificuldades e o impossível de hoje construirão a história no futuro. O credo.

No Limiar do Terceiro Milênio



Tudo passa

À distância, o presente, o passado e o futuro se confundem. Tem razão o pregador. “O presente é o futuro do passado; o mesmo presente é o passado do futuro”.

Hoje é irrelevante aplaudir ou lamentar o que se passou. Não se quer dizer, contudo, que se admita descuidar do registro histórico necessário. Importa aproveitar, no que for possível e adequado, as lições consequentes das experiências acumuladas. Entretanto, elas não são definitivas. Atropelam-nas os acontecimentos do momento, que apontam, claramente, para o desenho dos tempos que se aproximam, marcando o início do terceiro milênio.

Toda uma ordem de valores, que orientou através dos séculos, o comportamento dos homens – éticos, morais, econômicos, sociais, políticos, religiosos - se vê comprometida pelas estonteantes transformações por que passa o mundo.

Sentem isso os cidadãos, em cada uma das suas decisões; percebem também o mesmo as instituições que as sociedades organizaram.

As concepções, os dogmas, os princípios, as crenças, a religiosidade – que transcendem e ultrapassam a nossa capacidade de perceber o verdadeiro sentido da existência, – foram, estão sendo e sempre serão abaladas em escalas impossíveis de serem limitadas, pelas novas descobertas e avanços, com os quais as ciências se apresentam diante dos homens, modificando



o seu destino; e diante das verdades, que abrigaram, até então, as suas esperanças e as suas realizações.

Nesse cenário amplo, como o que acontece com todas as organizações semelhantes, a Faculdade de Medicina da Bahia é uma fração menor, em que se reconhece, porém, uma missão a cumprir de importância para o seu meio e para seu tempo.

Configuram-se duas situações:

I- Subordina-se, inapelavelmente, às circunstâncias superiores e universais, situadas em um plano sobre o qual não tem condições de interferir.

Entretanto, deve acompanhar o que se passa, com cuidadosa atenção. Mais cedo ou mais tarde, as gerações futuras pedirão contas dos atrasos e da indiferença, se acaso não forem aproveitadas as sendas abertas pelas luzes que nasceram do trabalho das sociedades mais desenvolvidas.

Um claro exemplo desta reflexão se materializa no desdobramento de acontecimentos e de tendências, que ocorreram em determinadas regiões privilegiadas, definidas por modelos especiais de organizações, que, por sua vez, se fundamentam em bases - sociais, culturais, políticas e econômicas - as quais se projetam pelo mundo afora, tais pandemias incontroláveis, criando, além, novos perfis de comportamento dos povos que elas atingiram.

Em um ciclo mais restrito, mas, nem por isso menos importante, vivem as instituições na dependência de fatos gerados no próprio país onde elas estão plantadas.

Decisões oriundas de esferas administrativas ligadas ao governo ou a órgãos centrais, que devem ser obedecidas, estão frequentemente fora do alcance da argumentação dos institutos de ensino para os quais elas foram formuladas.

Esta subordinação é tanto maior quanto menos desenvolvida for a região onde se situa o órgão de ensino superior a que se está referindo e, ainda, a maior distância dos centros em que as decisões são tomadas, favorece menos aos seus interesses.

A composição étnica, as condições decorrentes da cultura, dos hábitos, da história, enfim, tudo que constitui e compõe o espaço e o povo que o habita, haveria de influir sobre a maneira com que se apresentou,

em toda sua trajetória, a Faculdade de Medicina da Bahia, sem que ela pudesse se colocar à margem de tais influências.

2 - Posiciona-se a Instituição de ensino face a face com os acontecimentos, com os quais se relaciona, o que acaba por interferir no próprio curso do seu destino.

A Faculdade de Medicina da Bahia viveu nos últimos vinte e cinco anos, momentos difíceis, que desgastou o seu conceito e a sua própria autoestima.

As razões foram múltiplas. De um certo modo vale examiná-las, embora sem a profundidade e a extensão que o tema permite. Não se deve, porém, descambar para a melancolia do saudosismo, tão ao gosto, dos mais velhos, que guardam as suas lembranças mais afáveis dos tempos vividos na juventude; seguramente as gerações mais novas haverão de contemplar esses idos de uma maneira diferente.

Sente-se hoje, em certas camadas na Faculdade de Medicina, sobressair o empenho de reverter essas dificuldades.

Antes de tudo, é preciso voltar às origens, às raízes, que lá estão, no Terreiro de Jesus, gastas e sofridas, mas, ainda, bem vivas.

Urge recompor as edificações da verdadeira sede da Faculdade. Ocupá-las com a experiência e a inteligência dos seus docentes, com o entusiasmo e a alegria da juventude, os seus estudantes, com as atividades didáticas e de pesquisa; e fixar definitivamente na sede do Terreiro de Jesus a sua administração central. É certo que o caminho, possivelmente, não será fácil de percorrer e exigirá paciência e constância.

A seguir, dentro do possível, assumir a administração das unidades hospitalares. Contratar administradores competentes, selecionados de modo isento e profissional, para gerenciar tais unidades, obedecendo à planificação adredeamente preparada.

O Hospital Universitário e a Maternidade Climério de Oliveira, que, em boa parte de sua existência, estiveram administrativamente ligados à Faculdade de Medicina, seriam alvos desse esforço. Recuperá-los fisicamente e organizar um esquema funcional independente e viável, fora do alcance de questões menores, de políticos, de ambições e vaidades.

Tornar este conjunto partícipe do sistema de saúde assistencial da região





e, através dele, viabilizar a obtenção dos recursos necessários para dar continuidade às suas atividades, tal como fazem outros hospitais da cidade e mesmo hospitais universitários de outras regiões do país, com mais liberdade de ação e sem serem obstaculizados por entraves burocráticos oficiais.

É evidente que não se deverá aceitar a marginalização dos estratos sociais menos favorecidos, amparados tão somente pelo SUS; bem ao contrário, cumpre oferecer a eles uma atenção toda especial.

Nessa cruzada redentora em prol da Faculdade de Medicina, uma outra providência, não menos valiosa e talvez mais importante até, é a valorização do professor, em última análise a base mais verdadeira de uma organização de ensino, pois, em torno dele e em função da qualidade de sua ação, tudo mais depende.

Respeitar a carreira do professor e hierarquizá-la com justiça. Dar espaço aos verdadeiramente vocacionados e competentes. Desenvolver esforço para que a ascensão deles se faça pelos critérios justos do valor demonstrado através dos seus currículos, convenientemente conhecidos, analisados e discutidos por quem de direito e competência, em momento próprio.

Estabelecer condições para os que merecerem atingir a uma justa remuneração.

Amparar aos pesquisadores que estão ligados à Faculdade.

Repensar o “currículo”, ajustá-lo com a visão sempre presente de que nunca será estático, pois, a cada passo, há de se enfrentar aos novos desafios impostos pelo progresso das ciências. É de bom alvitre que a Faculdade mantenha ativa esta preocupação e constitua um grupo de trabalho que, constantemente, busque as modificações que se fizerem necessárias.

Analisar o caminho de volta; trazer as disciplinas que compõem o ciclo básico e reintegrá-las ao curso médico, no próprio seio da Faculdade de Medicina. Reunificar a Faculdade.

Reconhecem-se as dificuldades e quão delicada é esta proposta diante das circunstâncias atuais, o que não é razão absoluta para se negar um justo anseio.

Não esquecer que o estudante é o alvo mais importante em que se concentra o esforço principal da Faculdade.

A graduação é prioritária, embora não se negue o inestimável sentido da pós-graduação, que é, também, imprescindível.

Convém lembrar que todas essas propostas dependem de uma estrutura estável e livre das interferências políticas ou outras assemelhadas que possam tolher as suas iniciativas.

Os tempos que se aproximam trarão para o mundo e para os que nele vivem e viverão situações nunca antes pressentidas. Impressiona o ritmo com que se produzem os avanços que a curiosidade do intelecto humano consegue realizar. Nenhuma imaginação, prevenida que seja, pode alcançar o que será desvendado dos mistérios da vida pela ciência.

Conclusão

Está concluído este trabalho. Não se teve a pretensão de tingi-lo com as cores do desânimo e este foi o firme propósito de quem o redigiu.

Acredita. Acredita no destino da Faculdade de Medicina da Bahia a que dedicou uma boa parte da sua vida. Acredita na capacidade dos homens que constituem hoje o seu corpo vivo – os professores, os administradores, os funcionários e, acima de tudo, a juventude, que é o seu maior patrimônio. Acredita que as dificuldades e o impossível de hoje construirão a história no futuro. Acredita no futuro porque sabe o potencial incomensurável da riqueza que os homens guardam dentro deles, que os torna inquietos à procura do que está adiante e acima dos caminhos que hoje está percorrendo.



Obras Consultadas



A BAHIA DO PASSADO À CRIANÇA DO PRESENTE. Gráfica da Fundação do Comércio /SESC/SENAC/Bahia. s.d.

A BRIEF NOTICE ON THE BAHIA MEDICAL FACULTY. Salvador, Ba. Lithotyp Encadernação de Reis & Cia, 1904.

AGUIAR, P. Notas sobre o enigma bahiano. Livraria Progresso, 1958. (monografia).

ALMEIDA, R. de. Traços da história econômica da Bahia no último século e meio. Salvador, Ba. Instituto de Economia e Finanças da Bahia, 1951.

AQUINO, A. V. Nordeste século XIX. João Pessoa, Editora Universitária, UFPb, 1980.

ARAGÃO, G.M.S. de. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia (relativa ao ano de 1924). Salvador, Ba., Oficinas Graphicas Era Nova Ltda., 1940.

ARAÚJO, C. de. Antônio Pacífico Pereira: “mestre de ciência e de consciências”. Palestra proferida no Rotary Clube da Bahia, na reunião de 06/06/46.

ARAÚJO, R.L.F. de. Aspectos biográficos da vida de Eduardo Lins Ferreira de Araújo. Salvador, Ba.s.d.

ARAÚJO, R.P.C. de. UFBA: o ensino de graduação em debate. Salvador, Ba., Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

ARGUMOSA. Medicina neo-tropical afro-americana. Madrid, Editorial Paz Montalvo, 1959.

ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE DA BAHIA. Faculdade de Medicina. v. 6, 1951.



ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE MEDICINA, Salvador, Ba. Jessé Accioly: médico de homens e de almas. n.º 213, junho de 1996.

AUDIFACE, E. Martagão Gesteira (1884-1954). Revista Médica da Bahia 24 (2):105-108, 1978.

AZEVEDO, E.S. e FORTUNA, C.M.M. A mulher na medicina: estudo de caso e considerações. Ciência e Cultura 41 (11):1086-1090, 1989.

AZEVEDO, T. Povoamento da cidade do Salvador. 3º ed. Salvador, Ba., Editora Itapuã, 1969.

BAIARDI, A. Greve na Universidade: a lição não aprendida. Artigo publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 07/05/96.

BRANDÃO, M. de A. Classe e raça na Bahia dos anos 50. Artigo publicado em “A Tarde Cultural”. Salvador, Ba., 09/11/96.

BRITTO, A.C.N. O incêndio da Faculdade de Medicina em 1905. Artigo publicado no jornal do CREMEB. Salvador, Ba., agosto de 1993.

BURNS, E.B. José Lino Coutinho e a Academia das Ciências: novos dados para a sua biografia.

UNIVERSITAS: Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia nos. E 4, maio/dezembro, 1969.

CALMON, F. M. de G. Vida econômico-financeira da Bahia (elementos para a história) de 1808-1899. Salvador, Ba., Fundação de Pesquisa – CPE, 1979.

CALMON, J. Memória do 22 de agosto. Publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 22/08/82.

CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo, Editora Cultrix, 1982.

CARNEIRO, E. A cidade do Salvador (1549) – uma reconstituição histórica. 2ª ed. Salvador, Ba., Editora Gráfica Econômico e Administração Ltda., 1978.

CARVALHO, A. A. Futuro do ensino de Medicina na Universidade Federal da Bahia . (Colegiado do Curso de Medicina). 13/07/83.

CARVALHO, A.B. O mestre Jones. Palavras do Prof. Alcilídio Barreto de Carvalho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. s.d.

CASTRO, C.L.M.; COURA, J.R. e CAMILO-MOURA, L. O ensino médico 20 anos após a Reforma Universitária. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1992.

CASTELLI, R. O Mundo contemporâneo: Novalgina 70 anos. São Paulo, DBA Artes Gráficas, 1993.

CHARLE, C. e VERGER, J. História das universidades. São Paulo, Fundação Editora da Universidade Estadual Paulista, 1946.

CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MÉDICA 33. Anais ... Forum Nacional de Avaliação do Ensino Médico, 5. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 22 a 27 de outubro de 1995.

CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA 1. Anais ... Ciência para os trópicos. Recife, Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, 1987.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Anteprojeto de resolução, Currículo mínimo dos cursos de Medicina. 23/07/69.

COSTA, L.F. de M. Medicina – ensino, prática, ética, pesquisa. Salvador, Ba. Empresa Gráfica. s.d.

_____. Reflexões sobre a Universidade. Salvador, Ba., 1981.

COSTA, O. Trinta anos depois da volta; o Brasil na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1977.

COURA, J.R. Saúde, medicina e nutrição nos trópicos: uma introdução. In: Ciência para os trópicos. Recife. Congresso Brasileiro de Tropicologia 1 . Anais ... Editora Massangana, 1987.

COUTINHO, A. Salvem essa Biblioteca! Salvador, Ba. Artigo publicado em “A Tarde”, 05/07/84.

COUTINHO, A.; VALLADARES, C. do P.; FRAGA FILHO, C.; COUTO, D.; BRAGA, E.; FRAGA, H.; PONTES, J.P.L.; MONTELLO, J.; TORRES, L.P.; VIANA FILHO, L.; LOPES, F.L. (Padre); CARNEIRO, P.E. de B.; CALMON, P.; ARAGÃO, R.M. de. Clementino Fraga – itinerário de uma vida. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1980.





COUTINHO, E. A propósito da reformulação curricular. Encaminhado ao Colegiado de Cursos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, em 22/04/85.

COUTINHO, E.M. Ofício encaminhado ao Prof. Almério Machado, Presidente da Comissão de Currículo do Colegiado de Curso da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ba., 22/04/85.

CUNHA, E. Os Sertões. 7ª. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1923.

DODSWORTH, H.; SANTOS, R.E; MILANO, J.; ROCHA, M.; ARAGÃO, R.M. e MACIEL, R. Currículo mínimo dos cursos de graduação em Medicina. s.d.

ENTREVISTA COM O PROF. ÁLVARO RUBIM DE PINHO. Salvador, Ba., 12/05/94.

ENTREVISTA COM O PROF. EDGARD PIRES DA VEIGA. Salvador, Ba., 03/05/94.

ENTREVISTA COM O PROF. FERNANDO RIBEIRO FILGUEIRAS. Salvador, Ba., 1996.

ENTREVISTA COM O DR. JOSÉ MOREIRA FERREIRA. Salvador, Ba., 16/07/96.

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA. Programas de ensino das matérias do 5º ano do curso médico, aprovados pela Congregação para o ano letivo de 1957. Salvador, Ba., Imprensa Oriente, 1957.

FALCÃO, J. Giocondo Dias – a vida de um revolucionário. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1993.

FIGUEIREDO, J.F.M. O Laboratório Central de Saúde Pública Prof. Gonçalo Moniz – LACEN – 80 anos de história (1915-1995). Salvador, Ba., 1995.

FRAGA FILHO, C. Ideias e ideais. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1983.

FREYRE, G. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977.



FRÓES, J.G. O ensino especializado das doenças tropicais no Brasil. Aula pronunciada quando, em 1906, se tratou no Congresso Nacional de um projeto criando nas faculdades de Medicina uma cadeira destinada especialmente ao ensino das moléstias dos trópicos. In: Lições de Clínica Médica, s.d.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. v. 49 (1) – julho, 1916.

_____. ano 3, v. 73, 1976.

GONÇALVES, E.L. O ensino médico e os médicos no Brasil – aspectos quantitativos. Rio de Janeiro, Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda. (Série Documentos da Associação Brasileira de Educação Médica 8, 1984.

GORENDER, J. Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. 3ªed. São Paulo, Editora Ática S/ª Série temas 3 (Brasil Contemporâneo), 1987.

GUIMARÃES, N.A. Ofício da Diretoria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia para apreciação do documento referente à vida da Instituição. Salvador, Ba., 13/07//83.

HISTÓRIA, ARTE E TRADIÇÃO DO PELOURINHO sob a presidência de Deraldo Motta. Salvador, Ba., s.d.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ. Em Manguinhos. Rio de Janeiro, 1909.

JESUÍNO, L. De repente, no último verão. Artigo publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 26/11/96 (Caderno 2).

LACAZ, C. da S. A Faculdade de Medicina – reminiscências, tradição, memória de minha escola. São Paulo, CLR Balieiro Editores Ltda., 1985.

_____. Vultos da Medicina brasileira. São Paulo, Aliança Gráfica Industrial Ltda., 1977.

_____. Vultos da Medicina brasileira. São Paulo, Editora Helicon Ltda., 1963.

LAPA, J.R. do A. Matalotagem e municionamento. In: Bahia e a Carreira da Índia. São Paulo, Editora da Universidade, 1968. (Brasiliana, v.338).

LIMA, J. F. da S. Dissertação philosophica e critica acerca da força medicatriz da natureza. (Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, Ba., Typographia de Carlos Poggetti, 1851.



LOIOLA, E. Cultura, informação, negócio – o futuro da cidade da Bahia. Artigo publicado em “A Tarde Cultural”. Salvador, Ba., 29/03/97.

MAGALHÃES, P.B. de. Reforma nefasta. Artigo publicado no JAMB. São Paulo, dezembro de 1995.

MAIA, A.M. As ondas do 3º mundo. Artigo publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 13/04/97 (Caderno 2).

MAIA, G. DOYLE. Biografia de uma Faculdade. História e estórias da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha – UFRJ – Rio de Janeiro, Divisão Gráfica, 1995.

MANIFESTO DA LEGIÃO DOS MÉDICOS PARA A VITÓRIA. Publicado na Revista SEIVA n.º 14, outubro de 1942.

MATTOSO, K.M. de Q. Bahia – século XIX – uma província no Império. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1992.

MENDES, P. de C. O ensino superior na Bahia – graves constatações. Apresentado ao Sindicato da Indústria de Construção do Estado da Bahia. Salvador, Ba., 1996.

MONIZ, G. A Medicina e sua evolução na Bahia. Citado por Lycurgo Santos Filho in: História Geral da Medicina Brasileira v. 2, Editora Hucitec-EDUSP, 1991.

MONTEIRO, A. Notas sobre negros malês na Bahia. Salvador, Ba., Ianamá, 1987.

MORA, J. F. Dicionário de Filosofia. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1991.

NASCIMENTO, A. A. V. Dez freguesias da Cidade do Salvador – aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador, Ba., Empresa Gráfica da Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

NOVIS, A. Proclamamos a decisão de lutarmos ao lado da América e das Nações Unidas. Artigo publicado no “Estado da Bahia” em 05/09/42.

OLIVEIRA, E.S. de. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia (concernente ao ano de 1942). Salvador, Ba., Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1992.

OLIVEIRA, W.F. Bahia de Todos os Santos (ensaio). Artigo publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 05/09/93 (Caderno 2).

PASSARINHO, J. Um híbrido fértil. 3ªed. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1996.



PEREIRA, A.P. Memória sobre a Medicina na Bahia. Elaborada para o centenário de Independência da Bahia – 1823/1923. Salvador, Ba., Imprensa Oficial do Estado, 1923.

PEREIRA, M.V. These de concurso. Alcohols polyatomicos. Salvador, Ba., Imprensa Econômica, 1877.

PIERSON, D. Brancos e pretos na Bahia: estudo de contacto racial. 2º ed. São Paulo, Editora Nacional, 1971.

PINHO, B.T.R. de. Armando Sampaio Tavares – notícias e recordações. Salvador, Ba., Universidade Federal da Bahia, 1994.

PINHO, W. História de um engenho do Recôncavo. 2ª ed. (ilustrada e acrescida de um apêndice). São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982. Brasiliana, v. 374.

PRATA, A. R. Discurso pronunciado por ocasião de posse na cátedra de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Salvador, Ba., Fundação Gonçalo Moniz, 1958.

PROJETO DO CURSO DE MESTRADO EM MEDICINA INTERNA. Aprovado pelo Conselho de Coordenação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ba., 02/12/71.

QUEIROZ, A.P. de. Oração de Paraninfo. Salvador, Ba., S/A Artes Gráficas, 1959.

_____. Quando quiserem o fruto plantem a árvore e esperem ... Eu ainda sou daquele tempo... Salvador, Ba., Jornal da Associação Bahiana de Medicina, setembro de 1994.

QUEIROZ, F.P. de. Estudo das atuais condições do ensino médico no Departamento de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ba., maio de 1997.

RANGEL, M.L. e PAIM, J. Da Medicina Preventiva à saúde coletiva: os projetos de reforma em saúde e o seu desenvolvimento institucional na Bahia. Salvador, Ba., s.d.

REVISTA DOS CURSOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. Salvador, Ba., Anno 3 - Tomo 3º, Typ. Bahiana, 1905.

REVISTA DOS CURSOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. Salvador, Ba., Anno 4 – Tomo 4º, Typ. Bahiana, 1906.



REVISTA MÉDICA DA BAHIA. v. 24 (2) – maio/agosto de 1978. Órgão oficial da Associação Bahiana de Medicina.

RIBEIRO, D. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Carta: falas, reflexões, memórias/informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro. Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1996.

ROCHA, H. Acerca da existência de departamentos de Clínica Médica e Cirurgia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Nossa Opinião. Salvador, Ba., 08/04/69.

_____. Declaração feita na sessão de instalação do Conselho Departamental da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ba., 04/12/70.

_____. Situação atual do ensino na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Necessidade de reformulação imediata. Salvador, Ba., junho de 1971.

_____. Observações de um chefe de Departamento da Faculdade de Medicina ao término do seu mandato. Salvador, Ba., Universidade Federal da Bahia, 14/12/77.

ROCHA, H. Documento para o Prof. Rodolfo Teixeira. Salvador, Ba., 13/02/97.

RODRIGUES, N. Os africanos no Brasil. 5ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1977.

_____. Memória histórica. Apresentada à Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, março de 1897.

RODRIGUEZ, A. N. Problemas universitários contemporâneos - análise crítica. Santiago do Chile, Editorial Universitária, 1983.

SANTOS, A.V. Parecer técnico referente à recuperação de estrutura em concreto armado da varanda localizada no 1º pavimento entre as salas de Medicina Legal e Biblioteca da antiga Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Prefeitura do Campus Universitário. s.d.

SANTOS FILHO, L. de C. História Geral da Medicina Brasileira. São Paulo, Editora Hucitec – Editora Universidade, 1991.

_____. História Geral da Medicina Brasileira. São Paulo, Editora Hucitec – Editora Universidade, 1991. v. 2.

SANTOS, R. A Faculdade do meu tempo – memórias. Brasília, 1978. v. 2.



SANTOS, R.F. Planejamento didático nas faculdades de Medicina do Brasil. Conferência realizada durante a 4ª Reunião da Associação Brasileira de Escolas Médicas. Salvador, Ba., agosto de 1966. (Separata da Documenta 58-MEC).

SANTOS, R. F. Vidas paralelas. Salvador, Ba., Universidade Federal da Bahia, 1993. V.I (1894-1962).

SENA, P.G. de e MARBACK, H. da C.P. Documento aprovado em sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, reunida em 03/10/79.

SILVA JR., J.S. A cátedra da Fisiologia na Faculdade de Medicina da Bahia (1815-1970). Coleção Monográfica. Série Reitor Edgard Santos, Universidade Federal da Bahia. s.d.

SILVEIRA, G.M. da. HUPES, ontem e hoje. Artigo publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 30/07/96 (Caderno 2).

_____. Mestres da Medicina – Carvalho Luz. Artigo publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 25/05/95.

SILVEIRA, J. A palavra do José. Salvador, Ba., Bureau Gráfica e Editora, 1978.

SILVEIRA, J. Faculdade de Medicina – jóia do Centro Histórico. Artigo publicado em jornal. s.d.

SILVEIRA, J. No caminho da redenção – retrato de uma época. Salvador, Ba., 1988.

_____. O alemão do Canela. Salvador, Ba., 1988.

_____. Retratos de uma época. Bahia, 1988.

_____. Paradigmas – vidas que ensinam – exemplos que engrandecem. Salvador, Ba., Bureau Gráfica e Editora, 1989.

SOARES, J.P.F. Topographia médica da Bahia - um comentário crítico. Apresentado à Academia Real das Ciências de Lisboa, 1832

SOUZA, A. de. O financiamento da Universidade: reitores do futuro. Artigo publicado em “A Tarde”. Salvador, Ba., 02/02/96.

SOUZA, G.S. Tratado descriptivo do Brasil em 1587. Rio de Janeiro, Typographia de João Ignacio da Silva, 1879.



SOUZA, J. A. de. Propedêutica Gynecológica. Salvador, Ba., Livraria Duas Américas, 1929.

SOUZA FILHO, J.A. de. O ensino da Clínica Obstétrica na Universidade da Bahia. Salvador, Ba.. Departamento Cultural da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, 1967.

SOUZA FILHO, M.B. de. Perfil do Departamento de Ginecologia, Obstetrícia e Reprodução Humana da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Relatório. Salvador, Ba., 1995.

SUCUPIRA, N.; DODSWORTH, H.; SANTOS, R.F.; ARAGÃO, R.M.; SALGADO, C. e KELLY, C. Currículo mínimo dos cursos de graduação em Medicina, 1969.

TEIXEIRA, C. Bahia em tempo de província. Salvador, Ba., Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1985.

TEIXEIRA, R. Breve resumo histórico do antigo Colégio da Companhia de Jesus e posteriormente a Faculdade de Medicina. s.d. 1984

TEIXEIRA, R. Considerações iniciais e propostas para a restauração e revitalização dos serviços administrativos e de ensino (graduação e pós-graduação da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus. s.d.

_____. Cézar Augusto de Araújo. Revista Médica da Bahia 24 (1):5-10, 1978.

_____. Proposição preliminar para a criação de um “Centro Médico-Cultural” nas instalações da antiga Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus. Salvador, Ba., janeiro de 1982.

_____. Uma proposta de renovação curricular – reflexões. Documento apresentado à Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ba., abril de 1985.

_____. Notícias sobre os trabalhos realizados na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus. Salvador, Ba., 1986-1987.

TORRES, O. Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946). Salvador, Ba., Imprensa Vitória, 1946.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Acerca da existência de departamentos de Clínica Médica e Cirurgia na Faculdade de Medicina. Nossa opinião. Salvador, Ba., 08/04/69.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE MEDICINA. Documento aprovado em sessão de Congregação reunida em 03/10/79.

_____. Documentos básicos da UFBA – Assessoria de Planejamento da Universidade Federal da Bahia. Estatuto, Regimento Geral. Salvador, Ba., 1988. v. 2.

_____. Catálogo de dissertação de Mestrado – 1971-1994 (Curso de Pós-Graduação em Medicina Interna). Salvador, Ba., 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE MEDICINA - DEPARTAMENTO 7. Currículo mínimo dos cursos de graduação em Medicina. Salvador, Ba., 23/07/69.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE MEDICINA. Salvador, Ba. Tipografia Beneditina, 1951. Arquivos da Universidade da Bahia, v. 6, 1951.

_____. Notícia histórica da Universidade da Bahia – Departamento Cultural da Reitoria. Salvador, Ba., Fundação Gonçalo Moniz, 1967.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE MEDICINA. Resumo historiográfico do antigo Colégio da Companhia de Jesus e posteriormente a Faculdade de Medicina. Salvador, Ba., 1985.

_____. Sinopse Informativa: órgão da Diretoria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ba., setembro de 1977. Ano 1, no.1.

_____. Sinopse Informativa. Salvador, Ba., ano 2 no.2, outubro de 1978.

_____. Sinopse Informativa. Publicação da Diretoria da Faculdade de Medicina. Salvador, Ba., Gráfica Universitária, 1980. Ano 3, no.3.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE MEDICINA - DEPARTAMENTO 7. Situação atual do ensino na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia: necessidade de reformulação imediata - junho, 1971.

VEIGA, C. Um poeta francês na Bahia e Péthion de Villar na França. Revista da Academia de Letras da Bahia nº. 36: 7-21, janeiro, 1990.



VERGER, P. Notícias da Bahia - 1850. Salvador, Ba., Editora Corrupio, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981.

VIANA FILHO, L. O negro na Bahia. 3^a ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1988.

VON SPIX e VON MARTIUS. Através da Bahia. Salvador, Ba., Imprensa Oficial do Estado, 1916.

Anexo I

Reitores da Universidade Federal da Bahia



1946-1961	Edgard Rêgo dos Santos
1961-1964	Albérico Fraga
1964-1967	Miguel Calmon (faleceu em maio de 1967)
1967	Adriano de Azevêdo Pondé (Vice-Reitor)
1967-1971	Roberto Figueira Santos
1971-1974	Lafayette de Azevêdo Pondé
1975-1979	Augusto da Silveira Mascarenhas
1979-1983	Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa
1983-1987	Germano Tabacoff
1987-1991	José Rogério da Costa Vargens
1991-1993	Eliane Elisa Souza e Azevêdo
1993-1998	Luiz Felipe Perret Serpa
1998	Heonir de Jesus Pereira da Rocha



Anexo 2

Diretores da Faculdade de Medicina da Bahia

- 1829-1833 - José Avelino Barbosa
- 1833-1836 - José Lino Coutinho
- 1836-1844 - Francisco de Paula Araújo e Almeida
- 1844-1855 - João Francisco de Almeida
- 1855-1857 - Jônatas Abbott
- 1857-1871 - João Baptista dos Anjos
- 1871-1874 - Vicente Ferreira de Magalhães
- 1874-1881 - Antônio Januário de Faria
- 1881-1886 - Francisco Rodrigues da Silva
- 1886-1891 - Ramiro Afonso Monteiro
- 1891-1895 - Antônio Cerqueira Pinto
- 1895-1898 - Antônio Pacífico Pereira
- 1898-1901 - José Olympio de Azevêdo
- 1901-1908 - Alfredo Tomé de Britto
- 1908-1930 - Augusto César Vianna
- 1931-1932 - Aristides Novis
- 1932-1933 - Augusto César Vianna
- 1933-1936 - José de Aguiar Costa Pinto
- 1936-1955 - Edgard Rêgo dos Santos
- 1955-1960 - Rodrigo Bulcão d' Argollo Ferrão
- 1960-1962 - Benjamin da Rocha Salles
- 1962-1965 - Carlos Geraldo de Oliveira
- 1965-1968 - Jorge Augusto Novis
- 1968-1972 - Rodrigo Bulcão d' Argollo Ferrão
- 1973-1977 - Renato Tourinho Dantas
- 1977-1980 - Plínio Garcez de Senna
- 1980-1984 - Newton Alves Guimarães
- 1984-1988 - José Maria de Magalhães Netto

- 1988-1992 - Heonir de Jesus Pereira da Rocha
- 1992-1995 - Thomaz Rodrigues Porto da Cruz
- 1995-2000 - José Antonio de Almeida Souza
- 2000- Manoel Barral Netto





Anexo 3

Professores de Medicina

Escola de Chirurgia da Bahia

José Soares de Castro (1772-1849)

Manoel José Estrella (1760-1840)

Academia Médico-Chirúrgica da Bahia

Antonio Ferreira França (1771-1848)

Antonio Policarpo Cabral (1789-1865)

Fortunato Cândido da Costa Dormund (1790-1895)

Francisco de Paula Araújo e Almeida (1799-1841)

Francisco Marcelino Gesteira (1796-1875)

João Baptista dos Anjos (1803-1871)

Jônatas Abbott (1797-1868)

José Álvares do Amaral (1771-1825)

José Avelino Barbosa (1768-1838)

José Lino Coutinho (1784-1836)

José Soares de Castro (1772-1849)

Manoel da Silveira Rodrigues

Manoel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1807)

Manoel José Estrella (1760-1840)

Faculdade de Medicina da Bahia (Império)



Adriano Alves de Lima Gordilho (1830-1892)
Adriano dos Reis Gordilho (1864-1938)
Alexandre Affonso de Carvalho (1838-1895)
Alexandre Bráulio de Magalhães Taques (1819-1857)
Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira (1853-1931)
Alexandre José de Queiroz (1813-1883)
Amâncio João Cardoso de Andrade (1848-1892)
Anísio Circundes de Carvalho (1856 – 1939)
Antonio Álvares da Silva (1833-1865)
Antonio Ferreira França (1771-1848)
Antonio Januário de Faria (1822-1883)
Antonio José Alves (1818-1866)
Antonio José Osório (1816-1868)
Antonio Mariano do Bonfim (1820-1875)
Antonio Pacífico Pereira (1846-1922)
Antonio Policarpo Cabral (1789-1865)
Antonio Victório de Araújo Falcão (1851-1928)
Augusto Freire Maia Bittencourt (1847-1890)
Augusto Gonçalves Martins (1836-1903)
Carlos Ferreira Santos (1855-1906)
Claudemiro Augusto de Moraes Caldas (1846-1883)
Climério Cardoso de Oliveira (1855-1920)
Demétrio Cyríaco Tourinho (1826-1888)
Domingos Alves de Melo (1851-1897)
Domingos Carlos da Silva (1837-1906)
Domingos Rodrigues Seixas (1830-1890)
Eduardo Ferreira França (1809-1857)
Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão (1842-1893)
Elias José Pedrosa (1808-1887)
Fortunato Cândido da Costa Dormund (1790-1895)
Francisco Bráulio Pereira (1858-1917)
Francisco de Paula Araújo e Almeida (1799-1841)



Francisco dos Santos Pereira (1844-1912)
Francisco Marcelino Gesteira (1796-1875)
Francisco Rodrigues da Silva (1830-1886)
Inácio Monteiro de Almeida Gouveia (1861-1908)
Jerônimo Sodré Pereira (1839-1909)
João Agripino da Costa Dória (1854-1902)
João Antunes de Azevêdo Chaves (1805-1873)
João Jacintho de Alencastre (1802-1868)
João Pedro da Cunha Valle (1832-1869)
João Tillemont Fontes (1860-1907)
Joaquim Antonio de Oliveira Botelho (1827-1879)
Joaquim de Souza Velho (1800-1872)
Joaquim Matheus dos Santos (1865-1903)
Jônatas Abbott (1797-1868)
José Afonso Paraíso de Moura (1821-1898)
José Alves de Melo (1847-1901)
José Antonio de Freitas (1830-1894)
José Avelino Barbosa (1768-1838)
José de Góes Siqueira (1816-1874)
José Lino Coutinho (1784-1836)
José Luiz Almeida Couto (1833-1895)
José Olympio de Azevêdo (1843-1920)
José Pedro de Souza Braga (1845-1898)
José Rodrigues da Costa Dória (1859-1938)
José Vieira de Faria Aragão Athaliba (1804-1853)
Justiniano da Silva Gomes (1808-1882)
Luiz Álvares dos Santos (1829-1883)
Luiz Anselmo da Fonseca (1842-1929)
Malaquias Álvares dos Santos (1810-1856)
Manoel Dantas (1852-1893)
Manoel de Assis Souza (1856-1902)

Manoel Joaquim Saraiva (1840-1899)
Manoel José de Araújo (1851-1912)
Manoel José Estrella (1760-1840)
Manoel Ladislau Aranha Dantas (1817-1875)
Manoel Mauricio Rebouças (1800-1862)
Manoel Victorino Pereira (1853-1902)
Mathias Moreira Sampaio (1813-1875)
Pedro da Luz Carrascosa (1859-1914)
Pedro Ribeiro de Araújo (1831-1912)
Romualdo Antonio Seixas (1854-1880)
Rosendo Aprigio Pereira Guimarães (1826-1907)
Salustiano Ferreira Souto (1814-1887)
Salustiano Ferreira Santos (1829-1883)
Vicente Ferreira de Magalhães (1799-1876)
Virgílio Clímaco Damazio (1838-1913)



Faculdade de Medicina da Bahia (República até 1942)

Adriano de Azevedo Pondé (1901-1987)
Adriano dos Reis Gordilho (1864-1938)
Agripino Barbosa (1882-1945)
Albino Arthur da Silva Leitão (1886-1960)
Alexandre Affonso de Carvalho (1893-1928)
Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira (1853-1931)
Alfredo Couto Britto (1892-1942)
Alfredo Ferreira de Magalhães (1873-1943)
Alfredo Thomé de Britto (1865-1909)
Almir de Sá Cardoso de Oliveira (1887-1949)
Álvaro Campos de Carvalho (1891-1943)
Amâncio João Cardoso de Andrade (1848-1892)
Anísio Circundes de Carvalho (1856-1939)
Antonino Baptista dos Anjos (1866-1920)
Antonio Bastos de Freitas Borja (1878-1933)



Antonio Bezerra Rodrigues Lopes (1890-1937)
Antonio Carlos Gama Rodrigues (1904-
Antonio de Cerqueira Pinto (1820-1895)
Antonio do Amaral Ferrão Muniz (1872-1959)
Antonio do Prado Valladares (1882-1938)
Antonio Ignácio de Menezes (1878-1961)
Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque de Barros
Barreto (1892-1954)
Antonio Pacheco Mendes (1855-1941)
Antonio Pacífico Pereira (1846-1922)
Antonio Victório de Araújo Falcão (1851-1928)
Aristides Novis (1885-1953)
Aristides Pereira Maltez (1882-1943)
Armando Sampaio Tavares (1894-1944)
Audemário Guimarães (1900-1970)
Augusto César Vianna (1868-1933)
Augusto de Couto Maia (1876-1944)
Augusto Freire Maia Bittencourt (1847-1890)
Augusto Gonçalves Martins (1836-1903)
Aurélio Rodrigues Vianna (1864-1939)
Braz Hermenegildo do Amaral (1861-1948)
Caio Octávio Ferreira de Moura (1878-1932)
Carlos Freitas (1862-1935)
Carlos Ferreira Santos (1855-1906)
Clementino da Rocha Fraga Jr. (1880-1971)
Climério Cardoso de Oliveira (1855-1920)
Clodoaldo de Andrade (1857-1934)
Deocleciano Ramos (1859-1924)
Domingos Alves de Melo (1851-1897)
Durval Tavares da Gama (1886-1946)
Edgard Pires da Veiga (1909)
Edgard Rêgo dos Santos (1894-1962)
Eduardo de Sá Oliveira (1897-1982)
Eduardo Diniz Gonçalves (1878-1955)

Eduardo Lins Ferreira de Araújo (1890-1970)
Eduardo Rodrigues de Moraes (1884-1943)
Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão (1842-1893)
Egas Moniz Barreto de Aragão (1870-1924)
Estácio Luiz Valente de Lima (1897-1984)
Euvaldo Diniz Gonçalves (1887-1953)
Fernando José de São Paulo (1887-1973)
Fernando Luz (1886-1942)
Flaviano Inocência da Silva (1880-1956)
Flávio de Araújo Faria (1900-1978)
Fortunato Augusto da Silva (1854-1929)
Francisco Bráulio Pereira (1858-1917)
Francisco da Luz Carrascosa (1865-1919)
Francisco dos Santos Pereira (1844-1912)
Francisco Peixoto de Magalhães Netto (1897-1969)
Frederico de Castro Rebello (1855-1928)
Frederico de Castro Rebelo Koch (1880-1919)
Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (1870-1939)
Guilherme Pereira Rabelo (1857-1928)
Heitor Prager Fróes (1900-1987)
Ignácio Monteiro de Almeida Gouveia (1861-1908)
João Agripino da Costa Dória (1854-1902)
João Américo Garcez Fróes (1874-1964)
João Cezário de Andrade (1887-1963)
João Evangelista de Castro Cerqueira (1855-1935)
João Martins da Silva (1860-1929)
João Tillemont Fontes (1860-1907)
Joaquim Climério Dantas Bião (1856-1936)
Joaquim Martagão Gesteira (1884-1964)
Joaquim Matheus dos Santos (1865-1903)
José Adeodato de Souza (1873-1930)
José Affonso de Carvalho (1865-1920)
José Afonso Paraíso de Moura (1821-1898)
José Antonio de Freitas (1830-1894)





José Carneiro de Campos (1854-1919)
José Coelho dos Santos (1908-1977)
José de Aguiar Costa Pinto (1879-1936)
José de Souza Pondé (1878-1924)
José Eduardo Freire de Carvalho Filho (1852-1934)
José Júlio Calasans (1862-1911)
José Luiz de Almeida Couto (1833-1895)
José Olympio da Silva (1855-1965)
José Olympio de Azevêdo (1843-1920)
José Pedro de Souza Braga (1845-1898)
José Rodrigues da Costa Dória (1859-1938)
Josino Correia Cotias (1850-1929)
Juliano Moreira
Júlio Sérgio Palma (1852-1920)
Leôncio Pinto (1889-1945)
Luiz Anselmo da Fonseca (1842-1929)
Luiz Pinto de Carvalho (1877-1965)
Manoel Augusto Pirajá da Silva (1873-1964)
Manoel Dantas (1852-1893)
Manoel de Assis Souza (1856-1902)
Manoel José de Araújo (1851-1912)
Manoel Victorino Pereira (1853-1902)
Mário Andréa dos Santos (1884-1960)
Mário Carvalho da Silva Leal (1878-1954)
Menandro dos Reis Meirelles Filho (1876-1947)
Octávio Torres (1885-1963)
Oscar Freire de Carvalho (1882-1922)
Pedro da Luz Carrascosa (1859-1914)
Pedro Luis Celestino (1854-1922)
Raphael de Menezes Silva (1901-1982)
Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906)
Rosendo Aprigio Pereira Guimarães (1826-1907)
Sabino Lobo da Silva (1892-1946)
Virgílio Climaco Damazio (1838-1913)

Faculdade de Medicina da Bahia (República / 1942-1995)



Adriano de Azevedo Pondé (1901-1987)
Alexandre Leal Costa (1907)
Alicio Peltier de Queiroz (1906)
Almir de Sá Cardoso de Oliveira (1887-1949)
Aluizio Rosa Prata (1920)
Álvaro Campos de Carvalho (1891-1943)
Álvaro Rabello Alves Jr. (1934)
Álvaro Rubim de Pinho (1922-1994)
Antonio Ignácio de Menezes (1878-1961)
Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque de Barros
Barreto (1892-1954)
Aristides Novis (1885-1953)
Armênio Costa Guimarães (1933)
Arudy Penna Costa (1927)
Audemário Guimarães (1900-1970)
Augusto da Silveira Mascarenhas (1916-1997)
Benjamin da Rocha Salles (1903-1976)
Carlos Geraldo de Oliveira (1916)
Carlos Rodrigues de Moraes (1906-1961)
César Augusto de Araújo (1898-1969)
Durval Tavares da Gama (1886-1946)
Edgard Pires da Veiga (1909)
Edgard Rêgo dos Santos (1894-1962)
Edistio Pondé (1900-1971)
Eduardo de Sá Oliveira (1897-1982)
Eduardo Diniz Gonçalves (1878-1955)
Eduardo Lins Ferreira de Araújo (1890-1970)
Eliane Elisa de Souza e Azevedo (1936)
Elsimar Metzker Coutinho (1930)
Estácio Luiz Valente de Lima (1897-1984)
Euvaldo Diniz Gonçalves (1887-1958)
Fernando Freire de Carvalho Luz (1916-1995)



Fernando José de São Paulo (1887-1973)
Fernando Luz (1886-1942)
Fernando Visco Didier (1925)
Flaviano Inocência da Silva (1880-1956)
Flávio de Araújo Faria (1900-1978)
Francisco Peixoto de Magalhães Netto (1897-1969)
Geraldo de Sá Milton da Silveira (1925)
Heitor da Costa Pinto Marback (1910-1988)
Heitor Prager Fróes (1900-1987)
Hélio Ramos (1927)
Heonir de Jesus Pereira da Rocha (1930)
Hosannah de Oliveira (1902-1997)
Itazil Benício dos Santos (1917)
João José de Almeida Seabra (1910-1995)
Joaquim Martagão Gesteira (1884-1954)
Jorge Augusto Novis (1919-1987)
Jorge Valente (1905-1969)
José Adeodato de Souza Filho (1907-1984)
José Duarte de Araújo (1934)
José Maria de Magalhães Netto (1924)
José Olympio da Silva (1885-1965)
José Silveira (1904)
José Simões da Silva Jr. (1921)
Lafayette Coutinho de Albuquerque (1906-1959)
Leôncio Pinto (1891-1945)
Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa (1925-1984)
Maria Thereza de Medeiros Pacheco (1928)
Mário Andréa dos Santos (1884-1960)
Nelson de Carvalho Assis Barros (1929)
Nelson Soares Pires (1910)
Nelson Pita Martins
Newton Alves Guimarães (1920)
Octávio Torres (1885-1963)

Plinio Garcez de Senna (1926-1989)
Raphael de Menezes Silva (1901-1982)
Remilson Tourinho Domenech (1928)
Renato Tourinho Dantas (1923-1955)
Roberto Figueira Santos (1926)
Rodolfo dos Santos Teixeira (1928)
Rodrigo Bulcão d'Argollo Ferrão (1907-1979)
Sabino Lobo da Silva (1892-1946)
Tripoli Francisco Gaudenzi (1912)
Tulio Miraglia (1926)
Zilton Araújo Andrade (1924)





Anexo 4 Memorialistas 1854-1942

- 1854 – Prof. Malaquias Álvares dos Santos
1855 – Prof. Manoel Ladislau Aranha Dantas
1856 – Prof. João Antunes de Azevêdo Chaves
1857 – Prof. Antônio José Alves
1858 – Prof. José de Góes Siqueira
1859 – Prof. Antônio Januário de Faria
1860 – Prof. Antônio Mariano do Bonfim
1861 – Prof. Francisco Rodrigues da Silva
1862 – Prof. Domingos Rodrigues Seixas
1863 – Prof. José Antônio de Freitas
1864 – Prof. Antônio de Cerqueira Pinto
1865 – Prof. Jerônimo Sodré Pereira
1866 – Prof. Antônio José Osório
1867 – Prof. Mathias Moreira Sampaio
1868 – Prof. Adriano Alves de Lima Gordilho
1869 – Prof. Salustiano Ferreira Souto
1870 – Prof. Demétrio Cyríaco Tourinho
1871 – Prof. Elias José Pedrosa
1872 – Prof. Rozendo Aprigio Pereira Guimarães
1873 – Prof. José Affonso de Moura
1874 – Prof. Domingos Carlos da Silva
1875 – Prof. Pedro Ribeiro de Araújo
1876 – Prof. Luiz Álvares dos Santos
1877 – Prof. Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão
1878 – Prof. Ramiro Affonso Monteiro
1879 – Prof. José Alves de Mello

- 1880 – Prof. Virgílio Clímaco Damazio
1881 – Prof. Claudemiro Augusto de Moraes Caldas
1882 – Prof. Antônio Pacífico Pereira
1883 – Prof. José Olympio de Azevêdo
1884 – Prof. José Affonso de Carvalho
1885 – Prof. Manoel Joaquim Saraiva
1886 – Prof. José Pedro de Souza Braga
1887 – Prof. Climério Cardoso de Oliveira
1888 – Prof. Augusto Freire Maia Bittencourt
1889 – Prof. José Luiz de Almeida Couto
1890 – Prof. Manoel Victorino Pereira
1891 – Prof. Luiz Anselmo da Fonseca
1892 – Prof. Frederico de Castro Rebello
1893 – Prof. Manoel José de Araújo
1894 – Prof. João Evangelista de Castro Cerqueira
1895 – Prof. José Rodrigues da Costa Dórea
1896 – Prof. Raymundo Nina Rodrigues
1897 – Prof. Francisco dos Santos Pereira
1898 – Prof. Guilherme Pereira Rebello
1899 – Prof. Francisco Bráulio Pereira
1900 – Prof. Alfredo Britto
1901 – Prof. Deocleciano Ramos
1902 – Prof. Anísio Circundes de Carvalho
1903 – Prof. João Tillemont Fontes
1904 – Prof. Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira
1905 – Prof. José Carneiro de Campos
1906 – Prof. Carlos Freitas
1907 – Prof. Antônio Pacheco Mendes
1908 – Prof. Augusto César Vianna
1909 – Prof. José Eduardo Freire de Carvalho Filho
1910 – Prof. Aurélio Rodrigues Vianna
1911 – Prof. Fortunato Augusto da Silva
1912 – Prof. Alfredo Ferreira de Magalhães
1913 – Prof. Antônio do Prado Valladares





- 1914 – Prof. Caio Octávio Ferreira de Moura
- 1915 – Prof. João Américo Garcez Fróes
- 1924 – Prof. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão
- 1942 – Prof. Eduardo Sá de Oliveira
- 1995 – Prof. Rodolfo dos Santos Teixeira

PROF. CLEMENTINO FRAGA FILHO

Rio, 11 de julho, 99

Meu caro Rudolf :

Não quero retardar meu entusiasmo
abraçar de parabens pela Memória Histórica
da Faculdade de Medicina, que você teve a gran-
deza de me enviar, com generosa dedicatória.
Neste fim de semana, já fiz uma primeira
lectura, de qual vai ilustrar e constatar. Ilu-
strado, porque relembrei velhos cadáveres, perdidos
no tempo, e adquiri novos, que me inspiram.
Constante pelo seu esforço, realmente notável. Desde
a concepção da acção da tarefa, até a equi-
librio e à harmonia com que a realizou.
Certo que o fez com firmeza, e dando o de-
vidor relevo a quem o merecia. Não faltou, também,
o vis interpretativo, à luz dos acontecimentos do
meio e da época. E diga-se que tudo foi trabalhado
em plena actividade clínica e de diagnóstico!

As numerosas referências a Clemente Freije mostram a enorme influência que ele teve na sua Faculdade, no decorrer dos anos que ali permaneceu. Considerado o mais promissor de sua época profissional. "Lobou por muito já se disse, em hora ainda rã e hostil, pelo que significava como paradigma para a Medicina no Brasil".

Ficou-me uma dúvida: não ~~se~~ encontrar referência sobre a 1ª Conferência Nacional de Ensino de Clínica Médica, realizada em Salvador, 1961, sob coordenação de Roberto Santos. Acredito que foi muito importante, a despeito dos demais fatos históricos antecedentes no ensino de Medicina no Brasil.

Você escreveu o livro que me foste a ler escrito, em relação à Faculdade de Rio. Conteúdo-me com outras memórias: A história de implantação do Hospital Universitário e Ensino Médico - Faculdade de uma experiência (este em colaboração com Alice Rose e J. P. Lopes Pontes) Não sei se o mandei a você. Quem sabe o livro, em futuro próximo. Cresce, com o ano, a nostalgia de uma noite ...

Abeto a Livrado, filho, neto.

Mum abraço, com rememoração penitente. Cláudio J. da

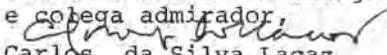
São Paulo, 12 de julho de 1999

Prof. Rodolpho dos Santos Teixeira

Rua Comendador José Alves Ferreira, 172/201 - Garcia
Salvador - Bahia
40100-010

Querido amigo e colega Rodolpho Teixeira

Acabo de receber e já o li, de uma vez só, "Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)". Parabéns, efusivos e sinceros pela publicação desta preciosidade. História, tradição, amor à instituição, tudo isto aparece em seu belo e oportuno livro, falando também do fracasso da reforma universitária que tantos prejuízos causou ao ensino da nossa tão amada profissão. O eminente professor soube retratar em belíssimas páginas a história da escola de Medicina, primaz no Brasil. Minhas felicitações muito sinceras e efusivas de um velho professor que você, ^{com} ^{vô} com tristeza, a falência total do ensino médio em ^{nosso} país. Tristes tempos. Paciência. Vamos avante, pois Camões já dizia: as coisas árduas e lustrosas se alcançam com trabalho e com fadiga. Um grande abraço do velho amigo e colega admirador,


Carlos da Silva Lacaz



Salvador, 17 de janeiro de 2000

**ASSOCIAÇÃO
BAHIANA DE
MEDICINA**

FILIADA À
ASSOCIAÇÃO
MÉDICA BRASILEIRA



Ilmo. Sr.
Professor Dr. Rodolfo Teixeira

Sr. Professor:

As entidades médicas abaixo destacadas, tendo tomado conhecimento da edição pela EDUFBA – editora da Universidade Federal da Bahia – do livro de sua autoria Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro (1943-1995) e observando, por outro lado, o número exíguo de exemplares colocados à disposição das comunidades universitária, médica e civil do nosso ambiente, impossibilitando a inúmeros de seus componentes a fruição do texto largamente exaltado pela excelente contribuição à memória do nosso tempo acadêmico, vêm, através os seus presidentes signatários, solicitar a V.Sa. esforços no sentido de propiciar aos meios intelectuais da Bahia e do Brasil o acesso a uma segunda edição, certamente mais numerosa que a primeira, tão rapidamente esgotada.

Certos do alcance desse pleito e compromissando-se a um relançamento festivo, subscrevem-se,

Atenciosamente

Roque Andrade
Roque Andrade

Presidente da Associação Bahiana de Medicina

Antonio Carlos Aleixo Sepúlveda
Antonio Carlos Aleixo Sepúlveda

Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia

Rua Baependi, 162
Ondina
Tel.: (71) 331-9666
Fax: (71) 245-5889
Salvador - Bahia
[Http://bahia.net.com.br/abm](http://bahia.net.com.br/abm)
CNPJ - 13.548.938/0001-92



**ASSOCIAÇÃO
BAHIANA DE
MEDICINA**

FILIADA À
ASSOCIAÇÃO
MÉDICA BRASILEIRA



Alfredo Boa Sorte Júnior

Presidente do Sindicato dos Médicos do Estado da Bahia

Jadelson Andrade

Vice-Presidente Leste-Nordeste da Associação Médica Brasileira

Walney França Machado

Presidente da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de
Medicina da Bahia

Maria Thérèse de Medeiros Pacheco

Presidente da Academia de Medicina da Bahia

Ildo Simões Ramos

Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

Dr. Raimundo Nonato Gouveia

Presidente do Instituto Brasileiro da História da Medicina

Augusto Holmer

Presidente do Clube dos Médicos

Rua Baependi, 162

Ondina

Tel.: (71) 331-9666

Fax: (71) 245-5889

Salvador - Bahia

[Http://bahia.net.com.br/abm](http://bahia.net.com.br/abm)

CNPJ - 13.548.938/0001-92

Prof. José Newton Alves de Sousa
ALAMEDA CAPIMIRIM, 2 - APT 22 - GRAÇA
TELEFONE: (071) 336-5832
CEP 40.150-070 - SALVADOR - BAHIA - BRASIL

Salvador, 22 de Agosto de 2000

Prezado Dr. Rodolfo Teixeira

Conclui ontem a leitura da "Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)" *

Asseguro-lhe, prezado Dr. Rodolfo Teixeira, que tive, ao longo da leitura, momentos fortes de aprendizado e admiração, os primeiros devidos aos ensinamentos contidos nas quatro dezenas de páginas, os segundos devidos ao fato de constatar uma qualidade, hoje rara : uma apreciável cultura geral a emoldurar, dignificando-a, a competência profissional do autor.

Vão-se desdobrando, historicamente, os capítulos, linguagem fluente e estilo equilibrado e sóbrio. Conceitos de sabedoria, que ultrapassa, aprofunda e sobredoiira o simples conhecimento científico. O discernimento. A crítica pertinente e justa. O registro fiel de fatos, episódios e pessoas.

Destaco a vocação docente do autor: autêntica e pura, vocação que se concretizou no exercício correto e perseverante, próprio de uma vida exemplar.

Destaco, ainda, entre outros pontos merecedores de atenção, seu amor à Casa do Terreiro de Jesus. Chamo-a assim de propósito, e quase diria "lar", pois o Dr. Rodolfo Teixeira, como estudante, médico e professor, "habitou" o antigo prédio da Faculdade, e o fez como espaço afetivo e efetivo de vivência acadêmica, fato reiterada e vigorosamente assinalado nesta notável memória histórica. Lamenta o autor, com fundadas razões, o "deslocamento" da Faculdade de Medicina para outros sítios; lamenta o descaso e o abandono relativamente ao antigo prédio, sem perder, porém, a esperança da competente recuperação e adequado aproveitamento.

Gostaria de, valendo-me do ensejo, narrar-lhe o seguinte :

1ª) Os médicos que, em meu tempo de estudante em minha cidade natal, exerciam sua nobre missão, particularmente em Crato e Barbalha, haviam-se formado na veneranda Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus e, com justificado orgulho e devotamento, transmitiram às comunidades a que

• EDUFBA - Salvador - Bahia - 1999



Prof. José Newton Alves de Sousa

ALAMEDA CAPIRIMIM, 2 - APT 22 - GRAÇA
TELEFONE: (071) 336-5832
CEP 40.150-070 - SALVADOR - BAHIA - BRASIL

serviram os conhecimentos adquiridos durante os anos acadêmicos. Brotava-lhes dos lábios, espontâneo, o louvor dos mestres e da própria instituição, fazendo calar fundo no seio das famílias e, de modo muito particular, no ânimo da juventude ginasiana, certo amor e admiração à própria Faculdade e seus professores.

2º) De minha parte, achava que minha vocação seria a Medicina, tanto que, concluído, em 1941, o curso ginasial, então de cinco anos, vali-me do prestígio do meu padrinho de crisma, o Senhor Bispo do Crato, D. Francisco de Assis Pires, tio do Dr. Pires da Veiga, no sentido de conseguir-me um emprego em Salvador, com o objetivo de facilitar-me o estudo da Medicina. O emprego foi conseguido no Ginásio Dom Macedo Costa.

3º) Consegui, logo em 1942, matricular-me no 1º ano pré-médico, do naquele tempo denominado Ginásio da Bahia, tendo como colegas, entre outros, Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa e Geraldo Milton de Oliveira. No final do primeiro ano, porém, descobri minha verdadeira vocação, que era e é o magistério. Trancando minha matrícula, passei a cuidar do exame vestibular ao Curso de Ciências Sociais da recém-criada Faculdade de Filosofia da Bahia, onde, em 1945, concluí o bacharelado e, em 1946, a licenciatura, como de regra no tempo. Faculdade nova, prescindia, então do curso preparatório de dois anos exigido noutras áreas.

4º) Convidado pelo Magnífico Reitor da Universidade do Ceará, Prof. Dr. Antônio Martins Filho, para a fundação e direção da Faculdade de Filosofia do Crato (agregada à Universidade do Ceará), fui, com a família, em 1960, residir em Crato, onde passei cerca de onze anos ininterruptos, sendo que, em julho de 1971, de licença prêmio, voltei para Salvador.

5º) Ora, sob a clarividência do saudoso Joaquim Batista Neves, criar-se-ia, na UFBA, o Departamento de Estudo de Problemas Brasileiros. Aberto concurso para o mesmo, candidatei-me e fui aprovado. Em 1992, ao completar 70 anos, atingiu-me a compulsória. Mas, tanto o concurso como os primeiros semestres do magistério, vivi-os em dependências da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus.



Prof. José Newton Alves de Sousa
ALAMEDA CAPIMIRIM, 2 - APT 22 - GRAÇA
TELEFONE: (071) 336-5832
CEP 40.150-070 - SALVADOR - BAHIA - BRASIL

Lendo, agora, "Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus" (1943-1995), pude avaliar, de algum modo, como foram e são profundas, fortes e legítimas as emoções do autor, ao rememorar pouco mais de meio século de história daquela veneranda instituição, patrimônio inegociável da Bahia e do Brasil.

Acredito que seu livro, Dr. Rodolfo Teixeira, é mais do que uma simples memória histórica. Sendo isto, sem dúvida, é, também, um testemunho de valor, de competência e dignidade.

*Com elevada estima e
cordial atenção,
José*

pontos de vista

Dois livros ao som da Bahia

Antônio Cestivo

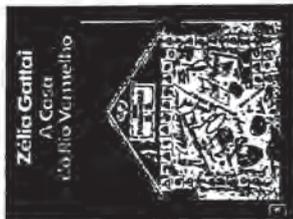
LAVROS vindos de longe oferecidos por amigos, são como abraços dados de bem perto, pois trazem a mesma carga de emoção, e o calor da amizade que deles irradia aquece da mesma forma e conforta como se a própria voz lhes batesse os sinos da amizade. Eu acho que, mesmo querendo dizer o contrário, todo o livro é um sinal de amor. É difícil para eu continuar afirmando que todos que os amam e são por eles amados, é absolutamente indispensável, sabermos tão bem ou melhor do que eu. Eles são a sua música, quem os escreve — ou quando não, os porta vozes dos que se encontram neles — e quando são amados, eles também são amados.

É dentro de que mais recentemente recebi, quando fui ao meu pequeno mar de quaver bem, "A Casa do Rio Vermelho" (editora Record), de autoria de Zélia Gattai, e "Memória da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus" (editora SPM), de autoria de Rodolfo Teixeira, um e outro bem mais do que o que Borges achou por completo.

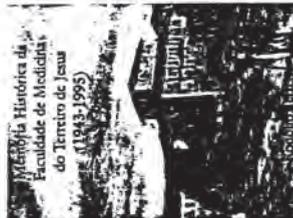
Bom, sobre o livro de Zélia, sobe o muito que dele poderia escrever, sobre o seu poder evocativo, sobre as personagens que nele vivem a viver, sobre o perfume, ou perfume, que dá suas faixas se ouve, sim, porque certos perfumes ou versos, por tudo o que nele se vê muito, escrito ou até lido, pois não passado é também som e memória. É o melhor forma de o somar, por tantas pessoas que no meio do livro param para nos falar e quando damos por ela também estamos parados a ouvir, e aí entra

mas... É o tombo bruto que nasceu antes e morreu depois, que se não vive. Pois o livro de Zélia, amoroso, barbaço, mais refinado do que escrito, mais fluído do que lido, mais vivo do que pensado, mais real ainda do que o que aconteceu, pois está lá se foi e o que está nas memórias pintadas ao vivo pela autora, tem a mais o selo de verdade e do amor, sem o qual, aquela não serve para nada. Talvez não escrevendo mais nada, eu possa dizer tudo...

Mas, ainda sobre o livro de amor, mas do amor que nasce da saudade e da gratidão, da inteligência dada à cultura, da bondade dada à dedicação, do respeito dado à educação, do carinho dado a toda uma vida de trabalho e intrinsecamente pelo outro, qualquer que eles sejam, contêm a fidelidade aos valores com que amou e sua vida de médico e professor. Então, de extraordinário profissionalismo que tirou dos imutáveis valores da amizade e respeito pelo ser humano, da ciência posta a bem dos que sofrem, do tudo que uma sociedade lhe deve para sua formação linguística de ser, de compreender, de aceitar, de envolver com que o clássico chamou o poeta da bondade humana e que ele temperou com o indispensável sai da ciência de saber, um outro livro comovedor também me veio ao bar em cheio no gosto de gostar. O título é um pouco hierático de mais para um fã de Zélia de quem de compreensão e de contato em que um homem notável se abra no seu cosmos de universalidade, no mais nobre e lato sentido da palavra, não se chamasse ele Rodolfo Teixeira e o livro a memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus. Parece incongruência que, de muito longe, cita



A Casa do Rio Vermelho (Zélia Gattai) e Memória da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (Rodolfo Teixeira)



um nome que, ainda que fustre, se move dentro de uma esfera que se nunca quis ver mais dilatada. Mas como também já é conhecedor desta cidade e casa velha do São João de sei e por muitos já conhecido e admirado, citar-lhe o nome luteiro é também homenageá-lo, mesmo contra vontade, eu sei, ainda que para isso saiba que mais vale para nós, do que para ele, a citação.

É este livro uma maneira de trazer do seu acervo aproximadamente setenta e cinco apontamentos e artigos, como educação universitária e correções, uma forma literária agradável e com a abrangência original de uma vida de abrangente originalidade. É um grande médico a posteriori, pois não o autor imprime em cima de algumas palavras palavras sobre o fim, a delicadeza de uma personalidade invulgar e um caráter moldado em uma dessa personalidades. Médico notável, revela-se um escritor de superior qualidade como alguns seletos para quem o clássico escreveu e que não fazem mais as ruas

dos doutores... Mas se Craxiano Barros se revelou escritor por via de um simples relatório sobre uma Prefeitura do Interior, porque não esperar que da aparência, da vivência e da nunca humanizada deste médico, e das as qualidades de analista de almas de cujos corpos também cuidou, não poderemos esperar mais um dos grandes das nossas letras? A lista dos que o anteceram nessa orção, é incomensurável... E os outros humanos são sempre a eterna tarefa que os médicos a vida reservada para a sua tarefa ingente de transformar em doçura e paz, e dor e o sofrimento.

É tão livros, como estes dois, que nos confirmam que para escrever são essenciais haver gosto, alma e espírito. Poderá ser escritor quem os não tem?

TERRAS DE LANHOSO

MEMSÁRIO

Terreiro de Jesus, vol. 10, 1977-78

COLOFÃO

Formato 17 x 24cm
Tipografia Galliard desenhada por Matthew Carter
Papeis Alcalino 75 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300 g/m² (capa)
Impressão miolo Edufba
Impressão capa e acabamento Cian Gráfica
Tiragem 400 exemplares



ISBN 85-232-0240-4



9 788523 202408